

Star Books Digital

HEX

HALL

VOL. I • SORTILÉGIO



RACHEL  
HAWKINS



HAWKINS  
RACHEL  
VOL. I • SORTILÉGIO

HEX

HALL

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

RACHEL HAWKINS

# HEX HALL

VOL. I • SORTILÉGIO

**Star Books Digital**

The logo graphic for Star Books Digital features a stylized teal bookshelf or wave shape under the 'r' in 'Digital', followed by three small squares in purple, pink, and red.

## Créditos

A presente obra é disponibilizada por [Star Books Digital](#), com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Digitalização

**Star Books Digital**

The logo for Star Books Digital features the text "Star Books Digital" in a bold, black, serif font. Below the text, there is a stylized graphic element consisting of a teal-colored bracket-like shape that curves upwards at both ends, and two small squares, one purple and one pink, positioned to the right of the teal shape.

*Para mamãe e papai*  
*Para Jonh e Will,*  
*Por tudo...*

*Mamãe diz que devo evitar  
Perto do espelho passar;  
Ela teme que eu veja lá escondida  
Uma Bruxinhas comigo parecida  
De batom vermelho a sussurrar  
Exatamente o que não devo escutar!*

*– Sarah Morgan Bryan Piatt*

## PRÓLOGO



Felícia Miller estava chorando no banheiro. De novo.

Eu sabia que era ela porque havia três meses que eu tinha ido para o Green Mountain High e eu já tinha visto Felícia chorando no banheiro duas vezes. Ela soluçava de um jeito único, rapidamente e meio que entrecortado, como uma criança pequena, embora Felícia tivesse dezoito anos e fosse dois anos mais velha do que eu.

Nas outras vezes, eu a tinha deixado sozinha, imaginando que toda garota tinha o direito de chorar no banheiro público algumas vezes.

Mas esta noite, era a noite do baile e era realmente deprimente ficar soluçando com roupas de festa. Além disso, eu tinha certa admiração por Felícia. Sempre tinha uma garota como ela nas escolas em que já estive (já foram 19 e continuo contando). Por um tempo, eu fui uma esquisita, as pessoas não me davam atenção, a maioria delas realmente me ignorava. Felícia, ao contrário, era a miss popularidade. Para ela, a escola não tinha sido nada mais que um desfile constante de roubar dinheiro de almoço e comentários maldosos.

Eu espiei pela fresta debaixo da porta e vi um par de pés numa sandália amarela de tiras. — Felícia? —, eu disse, batendo levemente na porta. — O que há de errado?

Ela abriu a porta e olhou pra mim com raiva, olhos vermelhos. — O que há de errado? Bem, vamos ver Sophie, é a noite do baile do meu último ano e por uma acaso você está vendo algum cara perto de mim?

— Hmm... não. Mas você está no banheiro feminino, sendo assim, eu pensei...

— O quê? — Ela perguntou enquanto se levantava e secava o nariz com um enorme chumaço de papel. — O meu par está lá fora esperando por mim? — Ela bufou. — Eu menti para os meus pais e disse que eu tinha um par. Então, eles compraram esse vestido pra mim... — Ela bateu no tafetá<sup>{1}</sup> amarelo como se houvesse um besouro nele e ela estivesse tentando matá-lo. — E eu disse a eles que meu par iria me encontrar aqui, então eles me deixaram vir. É que eu... eu não podia dizer a eles que não tinha sido convidada pro baile. Isso iria desapontá-los. — Ela revirou os olhos. — O quão patético isso soa?

— Isso não é tão patético assim. — eu disse. — Um monte de garotas vem pro baile sozinhas.

Ela sorriu pra mim. — Você tem um par?

Eu tinha um par. É claro, era Ryan Hellerman, que provavelmente era a única pessoa no Green Mountain High menos popular que eu, mas ainda assim, era um par. E minha mãe tinha ficado tão feliz por alguém ter me convidado. Ela via isso como um grande feito para tentar me encaixar.

E - me encaixar- era muito importante para minha mãe.

Eu olhei para Felicia, parada ali no seu vestido amarelo, com o nariz molhado e, antes que eu pudesse me conter, eu disse algo realmente idiota: — Eu posso ajudar. Felícia olhou pra mim, com os olhos inchados. — Como?

Eu coloquei meu braço no dela, fazendo-a mexer os pés. — Nós temos que ir lá fora.

Nós saímos do banheiro e atravessamos o ginásio lotado. Felícia parecia receosa enquanto eu a fazia passar por uma grande porta dupla e sair em direção ao estacionamento cheio de carros.

— Se isso for algum tipo de brincadeira, eu tenho um spray de pimenta na minha bolsa. — ela disse, segurando a pequena nécessaire contra o peito.

— Relaxe. — Eu olhei em volta para ter certeza de que não havia ninguém no estacionamento.

Mesmo sendo quase fim de abril, havia uma friagem no ar e nós duas estávamos congelando em nossos vestidos. — Ok— Eu disse, me virando para ela. — Se você pudesse escolher qualquer cara como par, quem seria?

— Você está querendo me torturar? — Ela perguntou.

— Só responda a pergunta.

Olhando para seus sapatos amarelos, ela murmurou. — Kevin Bridges?

Eu não me surpreendi. Presidente do conselho estudantil, capitão de futebol, totalmente sexy.. Kevin Bridges era o cara que praticamente qualquer garota gostaria de ter como par.

— Ok, Kevin então. — Eu murmurei comigo mesma. Ergui minhas mãos pro céu, fechei meus olhos e imaginei Felícia nos braços de Kevin, ela no seu brilhante vestido amarelo e ele num terno. Apenas alguns segundos depois de me concentrar naquela imagem eu comecei a sentir um leve tremor sob meus pés e senti como se água estivesse correndo em direção às palmas de minhas mãos. Meu cabelo começou a flutuar ao redor dos meus ombros e então eu ouvi Felícia ofegar.

Quando eu abri meus olhos, vi exatamente o que esperava. Totalmente carregada, a enorme nuvem escura estava girando, feixes de luz púrpura brilhavam de dentro dela. Eu mantive a concentração e quando eu fiz isso, a nuvem girou ainda mais rápido até que se transformou num círculo perfeito com uma abertura no centro.

A Rosquinha Mágica foi como eu a batizei na primeira vez em que eu criei uma no meu aniversário de doze anos.

Felícia se agachou entre dois carros, com as mãos por sobre a cabeça. Mas era muito tarde pra desistir.

O buraco no centro da nuvem foi preenchido por uma luz verde brilhante. Concentrando-me na luz e na imagem de Kevin e Felícia eu cruzei os dedos e observei enquanto uma luz esverdeada em forma de parafuso subiu em direção ao céu e desapareceu atrás de algumas árvores.

A nuvem desapareceu e Felícia surgiu tremendo nas bases. — O que foi aquilo? — Ela virou pra mim com os olhos arregalados. — Você é uma bruxa ou algo do tipo?

Eu dei os ombros, ainda sentindo um agradável torpor devido ao poder, que me deixava meio aérea. Ressaca mágica. Era como minha mãe chamava. — Não foi nada. — eu disse. — Agora, vamos entrar.

Ryan estava andando de um lado pro outro ao redor da mesa do ponche quando eu entrei.

— O que houve? — ele perguntou, fazendo um gesto com a cabeça em direção a Felícia. Ela pareceu desnorreada enquanto ela ficava na ponta dos pés, observando a pista de dança.

— Ah, ela só precisava tomar um pouquinho de ar— eu disse, pegando um copo de ponche. Meu coração ainda estava acelerado e minhas mãos estavam tremendo.

— Legal— Ryan disse, balançando a cabeça no ritmo da música. — Quer dançar?

Antes que eu pudesse responder, Felícia correu e agarrou meu braço. — Ele ainda não está aqui— ela disse. — Aquilo não... aquela coisa que você fez realmente faz dele meu par no baile?

— Shh! Sim, faz, mas você terá de ser paciente. Assim que Kevin chegar aqui, ele irá atrás de você, pode confiar em mim.

Nós não tivemos que esperar muito.

Ryan e eu estávamos apenas na metade da nossa primeira dança quando um barulho ensurdecedor ecoou através do ginásio.

Houve uma rápida sucessão de estalos ruidosos, parecendo tiros, o que fez com que todo mundo gritasse e começasse a se esconder debaixo da mesa de frescos. Eu vi a bacia de ponche se espatifar no chão, espalhando o líquido vermelho em todo lugar.

Mas não foi uma arma a causa do barulho, foram balões. Centenas deles. O que quer que tivesse acontecido tinha feito o enorme arco de

balões se chocarem contra o chão. Eu observei como um balão branco escapou do massacre e subiu no teto do ginásio.

Eu olhei em volta e vi vários professores correndo em direção às portas.

Que não estavam mais lá.

Isso porque uma Land Rover prateada bateu neles.

Kevin Bridges se levantou do banco do motorista. Ele tinha cortado tanto a testa quanto a mão e estava sangrando sobre um taco brilhante enquanto berrava. — Felícia! FELÍCIA!

— Puta merda. — Ryan murmurou.

O par de Kevin, Caroline Reed saltou do lado do passageiro. Ela estava soluçando. — Ele ficou doido. — ela gritou. — Ele estava bem e então surgiu uma luz e... e... — Ela ficou ainda mais histérica e eu senti um frio no estômago.

— FELÍCIA— Kevin continuou a gritar, procurando ela pelo ginásio. Eu olhei ao redor e vi Felícia se escondendo embaixo de uma das mesas com os olhos arregalados.

Eu fui cuidadosa dessa vez, eu pensei. Eu fiz melhor dessa vez.

Kevin encontrou Felícia e arrancou ela de debaixo da mesa. — Felícia — Ele abriu um grande sorriso, seu rosto totalmente iluminado, o qual, com todo aquele sangue e tudo mais, estava assustador. Eu não podia culpar Felícia por gritar até não poder mais.

Um dos que estava observando, o treinador Henry, veio ajudar, agarrando o braço de Kevin.

Mas Kevin se virou, com uma mão ainda segurando Felícia, e deu um soco no treinador Henry. O treinador que era bem mais alto e com certeza mais pesado que ele foi arremessado para trás.

E aí o bicho pegou.

As pessoas foram se empurrando em direção às portas, mais professores tentavam conter Kevin e os gritos de Felícia tornaram-se desesperadores ao extremo. Apenas Ryan não parecia alterado.

— Irado— ele exclamou enquanto duas garotas saltavam na Land Rover e 2 saíam do ginásio. — Um baile de Terror.

Kevin ainda estava segurando uma das mãos de Felícia, mas agora ele estava de joelhos. Eu não tenho certeza, por causa de toda aquela gritaria, mas eu tive a impressão de que ele estava cantando para ela.

Felícia não estava mais prestando atenção, mas procurando algo na bolsa.

— Ah não— Eu gemi. Eu comecei a correr em direção a eles, mas eu escorreguei e cai no ponche.

Felícia tirou um pequeno frasco vermelho e lançou o conteúdo no rosto de Kevin.

A canção dele terminou num grito de dor. Ele largou a mão dela e pressionou os olhos, e Felícia correu.

— Tudo bem, baby! — ele gritou pra ela. — Eu não preciso de olhos pra ver você. Eu te vejo com os olhos do meu coração, Felícia. Meu CORAÇÃO!

Ótimo. Não tinha sido apenas um feitiço muito forte, mas também COXO.

Eu me sentei na piscina de ponche enquanto o caos que eu tinha criado reinava ao meu redor. Um solitário balão branco passou ao redor do meu cotovelo e a Sra. Davinson, minha professora de álgebra passou tropeçando, gritando ao celular.

— Eu disse Green Mountain High! Hmm... Eu não sei, uma ambulância? Uma equipe da Swat? Só mande alguém.

E então eu ouvi um grito. — Foi ela! Sophie Mercer!

Felícia estava apontando pra mim, o corpo dela estava tremendo.

Mesmo com todo aquele barulho, as palavras de Felícia ecoaram pelo ginásio.

— Ela é... Ela é uma bruxa!

Eu suspirei. — De novo não.

# CAPÍTULO 1



— Tudo bem?

Eu saí do carro em direção a quente névoa seca de Agosto na Geórgia.

— Fantástico. — eu murmurei, deslizando meus óculos de sol do topo da minha cabeça. Graças à umidade, meu cabelo parecia ter triplicado de tamanho. Eu podia senti-lo tentando devorar meus óculos de sol como um tipo de planta carnívora selvagem. — Eu sempre imaginei como seria viver na boca de alguém.

Na minha frente, o gigantesco Hecate Hall, o qual, de acordo com o panfleto que estava em minhas mãos suadas, era — o primeiro instituto reformatório para crianças prodígios.

Prodígio. Apenas um sofisticado vocábulo latino para monstros. E era isso o que todo mundo em Hecate era.

Era o que eu era.

Eu já tinha lido o panfleto quatro vezes durante o voo de Vermont para a Geórgia, duas vezes durante a viagem de balsa com destino a ilha Graymalkin, uma região litorânea distante (onde, eu sabia, Hecate havia sido construída em 1854), e uma vez enquanto nosso carro alugado zunia sobre as conchas e o cascalho da estrada particular que ligava a costa ao estacionamento lotado da escola. Sendo assim, eu já deveria ter decorado, todavia eu continuava segurando ele e lendo-o compulsivamente, como se ele fosse meu maridinho ou algo do tipo.

O objetivo do Hecate Hall é proteger e ensinar metamorfos, bruxas e as crianças que correram o risco de revelar suas habilidades e, conseqüentemente, por em risco a sociedade de prodígios como um todo.

— Eu ainda não entendo como ajudar uma garota a arranjar um encontro pode pôr em risco outras bruxas. — eu disse, revirando os olhos pra minha mãe enquanto nós pegávamos um carrinho de bagagens. Este pensamento estava me incomodando desde a primeira vez que li o folheto, mas eu ainda não tinha tido a chance de falar sobre isso. Minha mãe tinha passado a maior parte do voo fingindo estar dormindo, provavelmente para evitar olhar pra minha dura expressão.

— Não foi só uma garota, Soph, e você sabe disso. Teve aquele garoto com o braço quebrado em Delaware, aquele professor que você tentou fazer esquecer sobre a prova no Arizona...

— Ele recuperou a memória pouco tempo depois. — eu disse. — Bem, a maior parte dela pelo menos.

Minha mãe apenas assentiu e puxou o pesado baú que nós tínhamos comprado do Exército da Salvação. — Seu pai e eu te avisamos que o uso dos seus poderes traria consequências. Eu não gosto dessa situação tanto quanto você, mas ao menos aqui você estará com... com outros garotos iguais a você.

— Você quer dizer totalmente pirados? — Eu joguei minha sacola por sobre o ombro.

Mamãe tirou os óculos de sol e olhou pra mim. Ela parecia cansada e tinha linhas marcantes ao redor da boca, rugas que eu nunca tinha visto antes. Minha mãe tinha quase quarenta anos, mas ela aparentava ser uns dez anos mais jovem.

— Você não é pirada, Sophie — Nós levantamos o baú e dividimos o peso entre nós duas. — Você apenas cometeu alguns erros.

E como. Ser uma bruxa definitivamente não tinha sido tão fantástico quanto eu esperava que fosse. E mais uma coisa, eu não podia voar por ai em cima de uma vassoura. (Eu perguntei isso pra minha mãe assim que eu soube dos meus poderes e ela respondeu que não e que eu teria que pegar ônibus como todo mundo.) Eu não tenho um livro de feitiços ou um gato falante (Sou alérgica), e eu também não saberia como fazer pra conseguir enxergar no escuro.

Mas eu podia fazer mágica. Eu podia fazer isso desde que eu tinha doze anos, que, de acordo com o panfleto encharcado de suor, é a época em que todos os prodígios descobrem seus poderes. Alguma coisa a ver com a puberdade, eu suponho.

— Além disso, esta é uma boa escola. — minha mãe disse enquanto nós nos aproximávamos do prédio.

Mas ele não se parecia com uma escola. Ele parecia com algo entre um antigo filme de terror e uma mansão mal assombrada da Disney. Pra início de conversa, era óbvio que ele tinha quase uns duzentos anos. Tinha três amplos andares e a forma do terceiro andar lembrava a cobertura de um bolo de casamento. O casarão podia até ter sido branco um dia, mas agora ele estava meio cinza desbotado, quase a mesma cor da estrada de conchas e cascalho, o que fazia com que ele se parecesse menos com uma casa e mais como algum tipo de afloramento natural da ilha.

— Humm— minha mãe disse. Nós abaixamos o baú, e ela andou pela lateral do prédio. — Já viu aquilo?

Eu segui seu olhar e imediatamente vi o que ela me mostrava. O panfleto dizia que o Hecate tinha feito — várias reformas na estrutura original ao longo dos anos.

Acontece que, parecia que eles tinham demolido a parte de trás do casarão e colocado outra no lugar. A madeira acinzentada terminava depois de mais ou menos dois metros e dava lugar a uma estrutura rosa que se estendia ao longo da madeira. Aquilo era algo que certamente tinha sido criado com magia – não havia emenda onde as duas casas se encontravam, nenhuma marca de cimento – você poderia até pensar que isto tornava o local mais elegante. Mas ao invés disso, era como se duas casas tivessem sido coladas uma ao lado da outra por algum doido.

Um doido com muito mau gosto.

Dos enormes carvalhos na parte da frente do jardim pendiam musgos espanhóis, escondendo a casa. Na realidade, parecia que havia plantas em todo lugar. Havia duas samambaias em vasos sujos emoldurando a entrada principal, parecendo com grandes aranhas esverdeadas, e algum tipo de

videira com flores roxas que preenchiam toda a parede. Era como se o casarão estivesse sendo lentamente absorvido pela floresta ao redor.

Eu puxei a barra do meu uniforme novinho em folha – uma saia xadrez azulada - imaginando por que uma escola no meio de Deep South teria um uniforme de lã. Ainda assim, enquanto eu olhava fixamente para a escola, eu tentei conter um arrepio. Eu me perguntei como algum indivíduo poderia olhar para este lugar e não suspeitar que os alunos fossem um bando de aberrações.

— É legal. — minha mãe disse na sua melhor voz. — Vamos nos animar e ver o lado bom das coisas.

Eu, entretanto, não estava me sentindo nada animada. — É, é bonito. Pra uma prisão.

Minha mãe balançou a cabeça. — Esqueça essa coisa de rebeldia adolescente, Soph. Isso não é uma prisão.

— Mas é como eu me sinto.

— Este é realmente o melhor lugar pra você. — ela disse enquanto nós pegávamos o baú.

— Imagino que sim — eu murmurei.

É para seu próprio bem parecia ser o mantra no que se referia a mim e ao Hecate. Dois dias depois do baile, nós recebemos um e-mail do meu pai que praticamente disse que eu havia destruído todas as minhas chances, e que o Conselho estava me sentenciando a ficar em Hecate até meu aniversário de dezoito anos.

O Conselho era aquele grupo de pessoas velhas que criavam todas as leis para os Prodígios.

Eu sei, um conselho que chama a si mesmo de — o Conselho — Tão original. De qualquer forma, meu pai trabalhava pra eles, logo eles deixaram meu pai a par das más notícias.

— Felizmente — ele disse no e-mail — isto irá te ensinar a usar seus poderes com um pouco mais de discrição.

E-mails e ligações esporádicas eram o único contato que eu tinha com o meu pai. Ele e minha mãe se separaram antes de eu nascer. Ao que parece ele não tinha contado pra minha mãe sobre ele ser um feiticeiro (o termo mais utilizado para bruxos do sexo masculino) até eles estarem juntos por quase um ano. Minha mãe não levou a notícia numa boa. Ela escreveu terminando com ele e voltou correndo pra família dela. Mas então ela descobriu que estava grávida de mim, e adquiriu uma cópia da — Enciclopédia de bruxaria — juntamente com todos aqueles livros sobre bebês, só por garantia. Quando eu nasci, ela já era praticamente uma expert nesses assuntos que tem a ver com magia. Mas quando eu descobri meus poderes no meu aniversário de doze anos que ela foi obrigada a voltar a falar com meu pai. Mas ela ainda o tratava com indiferença.

No mês em que meu pai me contou que eu estava indo para Hecate, eu tentei me acostumar com a ideia. Sério mesmo. Eu disse a mim mesma que eu finalmente estaria com pessoas que eram iguais a mim, pessoas das quais eu não teria que esconder quem eu realmente era. E talvez até aprendesse alguns feitiços legais. Estas eram todas as vantagens. Mas assim que minha mãe e eu embarcamos na balsa que nos levaria até o outro lado da ilha isolada, eu comecei a me sentir mal do estômago. E acredite em mim, não era enjoo por causa do mar.

De acordo com o panfleto, a Ilha de Graymalkin tinha sido escolhida como sede de Hecate devido à localização remota, o que facilitava mantê-la em segredo. O local passava a ideia de ser um exclusivo super internato. Mas quando a balsa se aproximou da densa floresta e desembarcamos naquela que seria minha casa pelos próximos dois anos, o que ficou foi a segunda impressão.

Parecia como se os estudantes estivessem se espremendo ao redor do gramado, mas apenas um punhado deles parecia ser novato, assim como eu. Todos estavam descarregando malas e sacolas de mão. Alguns deles tinham malas pesadas assim como eu, mas eu também vi algumas malas Louis Vuitton<sup>{2}</sup>. Uma garota, morena com um nariz levemente empinado, parecia ter minha idade, enquanto todos os outros novatos pareciam jovens.

Eu não poderia dizer o que a maioria era, embora eles fossem bruxas e feiticeiros ou metamorfos. Já que todos nós parecíamos com pessoas comuns, não tinha como discernir.

As fadas, por outro lado, eram muito fáceis de reconhecer. Elas eram mais rápidas que a média e muito bonitas. Cada uma delas tinha um cabelo liso e brilhante, de vários tipos de cores diferentes, desde o dourado claro até o brilhante violeta.

E elas tinham asas.

De acordo com minha mãe, as fadas costumavam usar encantos para se misturar aos humanos. Era um feitiço bem complexo que envolvia a alteração da mente de todos que as viam, o que significava que os humanos somente veriam as fadas como pessoas comuns ao invés de criaturas brilhantes, coloridas, aladas... Eu me perguntei se as fadas irem pra Hecate não seria um tipo de alívio. Devia ser difícil, fazer um feitiço grande desses toda hora.

Eu parei para ajeitar a minha sacola no meu ombro.

— Finalmente um local seguro. — minha mãe disse. — Isso já é alguma coisa, né? Eu não terei que ficar constantemente preocupada com você.

Eu sabia que minha mãe estava ansiosa por eu estar tão longe de casa, mas ela também estava feliz por eu estar em um lugar onde não era um risco se eu fosse descoberta. Passar todo o tempo lendo livros sobre como as pessoas tem matado as bruxas ao longo dos anos, contribui para te deixar um tanto paranoica. Enquanto nós andávamos em direção a escola, eu podia sentir o suor surgindo em lugares estranhos onde eu tinha certeza que eu nunca tinha suado antes. Como as orelhas podem suar? Minha mãe, como sempre, parecia não se afetar com a umidade. Era como se houvesse uma lei natural na qual minha mãe nunca se parecia com nada menos que extraordinariamente linda. Mesmo que ela estivesse usando apenas jeans e camiseta, as cabeças se viravam para olhá-la.

Ou talvez eles estivessem olhando para mim enquanto eu tentava discretamente enxugar o suor entre os meus seios sem parecer que eu

estava me debruçando. Difícil dizer.

Todos a minha volta eram alguma coisa sobre a qual eu já tinha lido nos livros. A minha esquerda, uma fada com cabelo azulado com asas arroxeadas estava soluçando enquanto ela acenava para seus parentes alados, cujos pés pairavam uns dez centímetros acima do chão. Enquanto eu observava, lágrimas cristalinas caíam não dos olhos da garota, mas das asas dela, deixando os sapatos dela balançando sobre uma poça de azul royal.

Nós caminhamos em direção a sombra das velhas árvores – o que significa que o calor diminuiu cerca de meio grau. Assim que nós nos aproximamos da escada principal, um uivo sobrenatural ecoou no ar pesado.

Minha mãe e eu nos viramos para ver esta... coisa rosnando para dois adultos que pareciam chocados. Eles não pareciam amedrontados, apenas levemente aborrecidos.

Um lobisomem.

Não importa quantas vezes você já tenha lido sobre lobisomens, ver um bem na sua frente é uma experiência totalmente nova.

Detalhe, ele não se parece muito com um lobo. Ou com uma pessoa. Parece mais como um cachorro realmente grande. Sua pelagem era curta e castanha clara, e mesmo com a distância eu podia ver o amarelo dos olhos dele. E era bem menor do que eu pensei que seria. Na verdade, ele não chegava nem perto da altura do cara pra quem ele estava rosnando.

— Pare com isso, Justin — o homem disse. A mulher, cujo cabelo, eu percebi, tinha o mesmo tom castanho claro do lobisomem, colocou uma mão no braço do homem.

— Amor — ela disse com uma voz doce com sotaque sulista, — escute seu pai. Isto é tolice.

Por um segundo o lobisomem, quer dizer, Justin, parou sua cabeça virada pro lado, fazendo-o parecer menos como uma besta sanguinária e mais como um cachorro alvoroçado.

O pensamento me fez rir.

E de repente aqueles olhos amarelos se focaram em mim.

Ele uivou outra vez, e antes que eu pudesse pensar, ele me atacou.

## CAPÍTULO 2



Eu ouvi o homem e a mulher gritarem pra me alertar enquanto eu freneticamente vasculhava meu cérebro em busca de algum tipo de feitiço reparador de garganta, o qual eu estava certa de que precisaria. É claro que as únicas palavras que eu consegui berrar pro lobisomem enquanto ele corria em minha direção foi, — CACHORRO MAU!

Então, pelo canto do olho, eu vislumbrei um flash de luz azul à minha esquerda. De repente, o lobisomem pareceu se estatelar contra uma parede invisível bem na hora em que ele estava a apenas alguns centímetros de mim. Dando um latido de lamento, ele caiu no chão. Sua pelagem e pele começaram a ondular e desaparecer até darem lugar a um garoto normal trajando um blazer azul e caqui, lamuriando-se lamentavelmente. Os pais dele o alcançaram ao mesmo tempo em que minha mãe correu até mim, arrastando meu baú atrás dela.

— Oh meu Deus! — ela exalou. — Querida, você está bem?

— Estou — eu disse, tirando a grama da minha roupa.

— Sabe — alguém disse a minha esquerda. — eu normalmente procuro um feitiço de bloqueio, o que é bem mais eficaz do que gritar ‘cachorro mau’, mas isso era o que eu faria.

Eu me virei. Apoiando-se contra uma árvore, com o colarinho desabotoado e solto, estava um garoto rindo desdenhosamente. O blazer do colégio estava dobrado sobre o antebraço.

— Você é uma bruxa, né? — ele continuou. Ele se desencostou da árvore e passou a mão pelo cabelo preto ondulado. Enquanto ele se aproximava, eu percebi que ele era esbelto, praticamente magricela, e que

ele era vários centímetros mais alto do que eu. — Talvez na próxima — ele disse, — você poderia se esforçar mais e não agir como um fracasso total.

E dito isso, ele deu as costas e saiu.

Depois de praticamente ser atacada pelo Justin, o garoto cara de cachorro, e um desconhecido que não era lá essas coisas me dizer que eu era uma droga de bruxa, eu agora estava puta da vida.

Eu me certifiquei se minha mãe estava olhando, mas ela estava perguntando aos pais de Justin algo que parecia — Ele ia mordê-la?!

— Então, eu sou uma péssima bruxa, né? — eu disse baixinho enquanto eu me concentrava nas costas do garoto.

Eu levantei minhas mãos e pensei num feitiço horrórico, que poderia incluir pus, falta de ar e vários problemas genitais.

Mas nada aconteceu.

Não houve aquela sensação de água correndo pelos meus dedos, nem coração batendo rápido e nem o cabelo flutuando ao meu redor.

E eu ainda estava parada lá como uma idiota, apontando todos os meus dedos pra ele.

Que inferno! Eu nunca tinha tido problemas pra lançar um feitiço antes.

E então eu ouvi uma voz que soava como uma magnólia se arrastando pelo mel dizendo, — Basta, minha querida.

Eu me virei pra varanda, onde havia uma mulher de idade em um terno azul-marinho parada no meio das samambaias horrorosas. Ela estava sorrindo, um daqueles sorrisos assustadores de boneca. Ela apontava um longo dedo pra mim.

— Nós não usamos nossos poderes contra outros Prodígios aqui, não importa o quanto eles nos provoquem. — ela disse sua voz suave, etérea e musical. Na verdade, se a casa pudesse ter falado, eu imaginava que soasse exatamente como a mulher.

— Talvez eu deva acrescentar Archer, — a mulher continuou, se virando para o garoto de cabelo preto. — que embora esta jovem seja nova

em Hecate, você sabe muito bem sobre não atacar outros estudantes.

Ele bufou. — Então eu deveria deixá-lo comer ela?

— A magia não é a solução para tudo. — ela respondeu.

— Archer? — Eu indaguei, levantando meus olhos castanhos. Hey, ele podia ser capaz de zombar dos meus poderes, mas a força do sarcasmo ainda estava a minha disposição. — Seu último nome é Newport ou Vanderbilt? Talvez seja seguido de alguns números? Oh! — eu disse, arregalando meus olhos, — ou talvez seja Esquire! — Eu esperava ter magoado seus sentimentos ou, no mínimo, irritá-lo, mas ele apenas continuou sorrindo pra mim. — Na verdade, é Archer Cross, e eu sou único. Agora e você? — ele revirou os olhos. — Vamos ver... cabelo castanho, sardas, pouca coragem... Allie? Lacie? Com certeza algo fofinho terminado em ie.

Sabe aquelas vezes quando sua boca se mexe, mas nenhum som parece sair? Pois é, foi exatamente isso o que aconteceu. E então, é claro, minha mãe aproveitou a oportunidade para encerrar a conversa com os pais de Justin e chamar. — Sophie! Espera aí.

— Eu sabia. — Archer sorriu. — A gente se vê por aí, Sophie. — ele disse por sobre o ombro enquanto desaparecia em direção à casa.

Eu voltei minha atenção para a mulher. Ela tinha quase cinquenta anos, cabelo louro escuro, o qual estava trançado e preso formando um penteado complicado. Pela sua postura elegante e pelo terno azul com o símbolo de Hecate, eu supus que ela fosse a diretora do colégio, a senhora Anastasia Casnoff. Eu não precisava olhar o panfleto para me lembrar. Um nome como Anastasia Casnoff a gente não costuma esquecer.

A mulher loira, na verdade, se encaixava muito bem na função de diretora do Hecate Hall. Minha mãe apertou a mão dela. — Grace Mercer. E esta é Sophie.

— Soh-fee-yuh. — a senhora Casnoff disse naquele sotaque sulista, transformando um nome relativamente simples em algo que soava como um aperitivo exótico de um restaurante chinês.

— Eu atendo por Sophie. — eu disse rapidamente, esperando evitar ser conhecida por Sohfeeyuh para sempre.

— Bem, vocês não são daqui, estou certa? — A senhora Casnoff continuou enquanto nós andávamos em direção à escola.

— Não. — minha mãe respondeu, colocando a minha bolsa no outro ombro, o baú ainda entre nós. — Minha mãe é do Tennessee, mas a Georgia é apenas um dos poucos estados em que nós ainda não moramos. Nós costumamos nos mudar um pouco.

Um pouco é modo de dizer.

Dezenove estados no decorrer desses meus dezesseis anos. O maior tempo que nós já ficamos em algum lugar foi Indiana, quando eu tinha oito anos. Ficamos lá por quatro anos. O menor tempo que a gente morou em um lugar foi em Montana há três anos. Foram duas semanas.

— Entendo. — a senhora Casnoff disse. — E o que você faz senhora Mercer?

— Senhorita. — Minha mãe disse automaticamente, um pouco alto demais. Ela mordeu o lábio inferior e colocou uma mecha de cabelo imaginária detrás da orelha. — Sou professora. Ensino religioso. Mais especificamente mitologia e folclore.

Eu as segui enquanto nós subíamos a imponente escada e entrávamos em Hecate Hall.

Era bem arejado, como se eles tivessem algum tipo de feitiço ar-condicionado funcionando. Ela também cheirava como qualquer casa velha, um estranho cheiro que mesclava mobília polida, madeira velha e aquele cheiro característico de papel antigo, como em uma biblioteca.

Eu imaginei que o interior daquela casa esquisita seria igual ao exterior, mas todas as paredes estavam cobertas com um papel de parede Borgonha, tornando impossível ver onde a madeira acabava e a outra estrutura começava.

Logo após a porta principal, o grande saguão era substituído por uma escadaria mogno em espiral de três andares, aparentemente se sustentando

em nada. Atrás da escadaria havia uma janela de vidro embaçada que começava no chão do segundo andar e seguia até o teto. O sol de fim de tarde brilhava através dela, preenchendo o saguão com padrões geométricos de coloridas luzes reluzentes.

— Impressionante, né? — a senhora Casnoff disse com um sorriso. — Ela retrata a origem dos Prodígios.

A janela mostrava um anjo com o rosto zangado de pé em frente aos portões dourados. Em uma das mãos o anjo segurava uma espada preta. A outra mão estava apontando, claramente sinalizando que as outras três figuras em frente aos portões deviam voltar pro inferno. Claro, de forma angelical.

As três figuras também eram anjos. Todos eles pareciam bem sujos. O anjo da direita era uma mulher com um cabelo comprido e vermelho, embora ela estivesse com o rosto entre as mãos. Em volta do pescoço dela havia uma pesada corrente dourada, que eu percebi que era na verdade formada por uma série de criaturas de mãos dadas. O anjo na esquerda estava usando uma coroa de folhas e olhava por sobre o ombro. E no meio, o anjo mais alto vigiava a frente, sua cabeça erguida e os ombros para trás.

— É... legal. — eu disse finalmente.

— Você conhece a história, Sophie? — A senhora Casnoff perguntou.

Quando eu balancei a cabeça, ela sorriu e gesticulou em direção ao anjo medonho atrás das grades. — Depois da Grande Guerra entre Deus e Lúcifer, os anjos que se recusaram a assumir um lado foram expulsos do céu. Um grupo — ela apontou para o anjo alto no centro — escolheu se esconder sob as colinas e no fundo das florestas. Eles se tornaram fadas e elfos. Outro grupo escolheu viver entre os animais e se tornaram metamorfos. E aqueles que escolheram viver entre os humanos viraram bruxas.

— Wow. — eu ouvi minha mãe dizer e me virei pra ela com um sorriso.

— Boa sorte em explicar a Deus que você costuma dar palmadas em um dos seres celestiais dele.

Minha mãe deu um sorriso surpreso. — Sophie!

— O que foi? É verdade. Eu espero que você goste de calor, mãe, é tudo o que eu estou dizendo.

Minha mãe sorriu de novo, embora eu possa dizer que ela estava tentando não sorrir. A senhora Casnoff deu sinais de desaprovação antes de limpar a garganta e continuar com o tour. — Os estudantes em Hecate têm entre doze e dezessete anos. Uma vez que um estudante tenha sido mandado pro Hecate, ele ou ela não poderá sair até o aniversário de dezoito anos.

— Então alguns garotos podem ficar aqui por, por exemplo, seis meses, e outros podem ficar aqui por seis anos? — Eu perguntei.

— Exatamente. A maioria de nossos estudantes é mandada pra cá depois de eles descobrirem os poderes. Mas sempre há exceções, como você, por exemplo.

— Lá vou eu de novo. — eu murmurei.

— Como as turmas são aqui? — Minha mãe perguntou me dando aquele olhar.

— As turmas em Hecate são formadas de acordo com Prentiss, Mayfair e Gervaudan.

Minha mãe e eu balançamos a cabeça como se nós soubéssemos o que aquelas palavras significavam. Eu creio que nós não a enganamos, porque a senhora Casnoff disse. — O melhor internato para bruxas, fadas e metamorfos, respectivamente. As turmas são formadas com base tanto na idade dos alunos como na dificuldade que eles tenham para se misturar ao mundo dos humanos.

Ela deu um leve sorriso. — O currículo pode ser desafiador, mas eu não tenho dúvidas de que a Sophie se sairá muito bem.

Nunca um encorajamento soou tanto como uma ameaça.

— O dormitório das garotas ficam no terceiro andar. — a senhora Casnoff disse, apontando em direção à escada. — O dos garotos fica no segundo andar. As aulas acontecem tanto no primeiro andar quanto ao ar livre. — Ela apontou para a esquerda e para a direita da escadaria onde uma longa passagem estreita se dividia a partir do saguão. Naquela posição e com aquela roupa, ela me lembrou um bombeiro. Eu esperei ela me dizer que no caso de uma emergência, meu Blazer do Hecate novinho em folha poderia ser usado como um dispositivo de fuga.

— Certo, e os estudantes são separados por... um... — Minha mãe balançou a mão.

A senhora Casnoff sorriu, mas eu não podia evitar perceber que o sorriso era forçado.

— Pelas habilidades? Não, claro que não. Um dos princípios básicos do Hecate é ensinar aos alunos como coexistirem com todas as raças de prodígios.

A senhora Casnoff continuou a nos conduzir para o outro lado do saguão. Aqui, três enormes janelas se erguiam em direção ao terceiro andar. Além delas havia uma espécie de quintal, onde os garotos já estavam começando a se aglomerar nos bancos de pedra embaixo dos grandes carvalhos. Eu disse garotos. Eu creio que todos eles eram coisas, assim como eu, mas você não poderia saber. Eles pareciam apenas como um bando de alunos comuns. Bem, com exceção das fadas.

Eu observei uma garota sorrir enquanto ela oferecia um vidro de gloss pros lábios à outra e alguma coisa me fez corar um pouquinho.

Eu senti algo frio alisando meu braço e eu dei um salto pra trás, surpresa, quando uma mulher pálida de azul passou por mim.

— Ah, sim. — a senhora Casnoff disse com um pequeno sorriso. — Isabelle Fortenay, um de nossos espíritos residentes. Conforme eu creio que você já tenha lido, Hecate é o lar de muitos espíritos, todos eles são fantasmas de Prodígios. Eles são totalmente inofensivos, totalmente não-corpóreos. Isto quer dizer que eles não são capazes de tocar em você ou

qualquer coisa do tipo. Eles podem te assustar agora, mas isso é tudo o que eles podem fazer.

— Ótimo. — eu disse enquanto eu observava Isabelle desaparecer em uma parede.

No momento em que ela fez isso, eu vislumbrei um movimento pelo canto do olho e me virei para ver outro espírito parado nas escadas. Ela tinha por volta da minha idade e trajava um cardigã verde por cima de um curto vestido florido. Diferentemente de Isabelle, que não parecia ter me notado, a garota estava olhando diretamente pra mim. Eu abri minha boca para perguntar à senhora Carnoff quem ela era, mas a diretora já estava prestando atenção em alguém do outro lado do saguão.

— Senhorita Talbot! — ela chamou. Eu estava impressionada com a forma como a voz dela atravessou o enorme salão sem nem remotamente se parecer com um grito.

Uma garota pequena, que devia ter um metro e sessenta no máximo, apareceu. A pele dela era perto do branco neve, assim como o cabelo dela, com exceção de uma mecha rosa choque ao longo da franja. Ela usava uns grossos óculos escuros e, embora ela estivesse sorrindo, eu poderia dizer que era apenas por causa da senhora Casnoff. Ela parecia totalmente entediada.

— Esta é Jennifer Talbot. Eu acredito que vocês serão colegas de quarto esse semestre, senhorita Mercer. Jennifer, esta é Sohfee-yuh.

— Só Sophie tá legal. — eu corrigi, bem na hora que Jennifer disse, — Jenna.

A senhora Casnoff sorriu tensamente, como se houvessem parafusos em cada um dos lados da boca dela. — Que graça. Eu não sei o que acontece com esses garotos de hoje, senhorita Mercer. A gente dá nomes totalmente adoráveis pra eles e eles distorcem e mudam o nome na primeira oportunidade. Em todo caso, senhorita Mercer, a senhorita Talbot é, assim como você, praticamente uma caloura. Ela se juntou a nós somente no ano passado.

Minha mãe sorriu e apertou a mão de Jenna. — Prazer em conhecer você. Você é, hum... você é uma bruxa que nem a Sophie?

— Mamãe. — eu sussurrei, mas Jenna balançou a cabeça e disse:

— Não senhora. Vampira

Eu pude sentir minha mãe ficar tensa ao meu lado, e eu sabia que Jenna também percebeu. Embora eu estivesse envergonhada por ela, eu entendia o medo da minha mãe. Bruxas, metamorfos e fadas são uma coisa. Vampiros são monstros pura e simplesmente. Toda aquela coisa de Garota da Noite sensível era pura conversa fiada.

— Oh, okay. — minha mãe disse, tentando se recompor. — Eu... uh, eu não sabia que vampiros vinham pra Hecate.

— Faz parte do novo programa. — disse a senhora Casnoff, passando a mão pelo cabelo de Jenna. Jenna agiu educadamente, mas foi como se ela empalidcesse ainda mais e eu a vi tremer levemente. — Todo ano — a senhora Casnoff continuou. — Hecate aceita um jovem vampiro e dá a ele ou a ela a oportunidade de estudar com outros Prodígios na esperança de que possamos eventualmente contornar sua situação.

Eu olhei de relance para a Jenna, tipo... contornar sua situação? Ai!

— Infelizmente, a senhorita Talbot é a única aluna vampira que nós temos atualmente, embora um de nossos professores também seja um vampiro. — a senhora Casnoff disse. Jenna apenas sorriu daquela forma sem jeito de novo, e todos nós ficamos naquele silêncio desajeitado até minha mãe dizer, — Querida, por que você não deixa... — Ela olhou sem escapatória para minha nova colega de quarto.

— Jenna.

— Certo, certo. Por que você não deixa a Jenna mostrar a você o seu novo quarto? Ainda tem algumas coisinhas que eu quero discutir com a senhora Casnoff, e depois eu vou lá pra me despedir de você, okay?

Eu olhei pra Jenna, que ainda estava sorrindo, embora seus olhos parecessem perdidos.

Eu peguei minha sacola de novo e estava indo segurar o baú que estava com minha mãe, mas Jenna pegou antes de mim.

— Você não precisa ajudar — eu comecei, mas ela balançou a mão.

— Sem problemas. A parte boa de ser uma aberração sugadora de sangue e a super força.

Eu não soube o que dizer então eu lamentavelmente respondi, — Oh. — Ela pegou um lado e eu agarrei o outro.

— Sem chance de ter um elevador, eu suponho? — Eu estava apenas fazendo uma leve piada.

Jenna bufou. — Que nada, isso seria confortável demais.

— Por que eles não apenas fazem um feitiço pra isso ou algo do gênero?

— A senhora Casnoff é bem clara quanto a não usar magia por causa de preguiça. Aparentemente, carregar pesadas malas escada acima se enquadra no perfil.

— Certo. — eu disse enquanto nós nos esforçávamos pra passar do segundo andar.

— Então, o que você acha dela? — Jenna perguntou.

— Da senhora Casnoff?

— É.

— O cabelo dela é realmente impressionante. — O sorriso de desdém de Jenna confirmou que eu tinha dito a coisa certa.

— Eu sei, sabe? Eu juro por Deus que o penteado dela é praticamente épico.

— Ainda tem aquela voz doce com sotaque sulista. Isso ai é legal.

— Falando de penteados — eu arrisquei, — como você conseguiu essa mecha?

Jenna alisou a mecha rosa com a mão livre.

— Oh, eles não ligam realmente para pobres alunos vampiros. Eu imagino que enquanto eu ficar na minha, estou livre pra ter a cor de

cabelo que quiser.

Quando nós chegamos ao terceiro andar, ela me olhou com atenção.  
— Eu poderia fazer isso com você se você quiser. Não rosa, é claro. Isso é uma coisa minha. Talvez roxo?

— Hmm... talvez.

Nós paramos em frente ao quarto 312. Jenna colocou o baú no chão e pegou as chaves. O chaveiro dela era amarelo brilhante e tinha o nome dela gravado em letras rosa choque.

— É aqui!

Ela destrancou a porta e a abriu. — Bem vinda à área Crepúsculo!

## CAPÍTULO 3



A área — Puta-merda-é-muito-rosa — teria sido uma descrição mais exata.

Eu não sei como esperava que fosse o quarto de um vampiro. Talvez um monte de preto, vários livros de Camus<sup>{3}</sup>... Oh, e um retrato sensível do único humano que o vampiro já amou, que sem dúvida morreu de algo bonito e trágico, e assim condenou o vampiro para uma eternidade de depressão e suspiros românticos.

O que posso dizer? Eu leio muitos livros.

Mas esse quarto parecia que tinha sido decorado por uma criança do amor profano da Barbie e Moranguinho. Era maior do que eu esperava, mas ainda era pequeno. Tinha espaço suficiente para duas camas, duas escrivaninhas, duas cômodas e um futon maltratado. As cortinas eram longas e beges, mas Jenna tinha entrelaçado um xale rosa na barra do cortinado. Entre as duas escrivaninhas estava uma daquelas telas chinesas velhas, mas mesmo assim com a marca da Jenna, como a madeira tinha sido pintada — adivinha com que cor: rosa. No alto da tela estavam presas umas luzes de natal cor de rosa. A cama de Jenna estava coberta com o que parecia ser pêlo de Muppet de um profundo rosa.

Jenna me pegou olhando para isto. — Legal, né?

— Eu... eu não sabia que existia rosa desse tom em particular.

Chutando seus mocassins, Jenna jogou-se na cama, perturbando dois travesseiros e um emburrado leão. — É chamado de ‘Framboesa elétrica’...

— É o nome perfeito para isso. — Sorri enquanto colocava meu baú em cima da minha cama, que parecia tão simples quanto... Bem, quanto eu próxima a Jenna.

— Então, sua antiga colega de dormitório também gostava de rosa?

O rosto de Jenna congelou por um instante. Então o estranho olhar se foi, e ela se inclinou para fora da cama para recolher seus travesseiros e o leão. — Nah, Holly apenas se contentava com as coisas azuis que eles dão para você se você não traz as suas próprias. Você trouxe as suas certo?

Abri meu baú e retirei do canto minha colcha verde hortelã. Jenna pareceu um pouco desapontada, mas assentiu. — Bom, é melhor do que os azuis comuns. Então, — se jogou de novo na cama e começou a mexer em sua mesa de cabeceira. — O que traz você a Hex Hall, Sophie Mercer?

— Hex Hall? — repeti.

— Hecate é meio que muita coisa. — Jenna explicou. — A maioria das pessoas apenas dizem Hex Hall, parece mais apropriado.

— Oh.

— Então o que foi que aconteceu? — ela perguntou de novo. — Você fez chover sapos, ou transformou algum garoto em tritão?

Me inclinei na minha cama, tentando imitar o ar despreocupado de Jenna, mas foi mesmo difícil de fazer isso em um colchão descoberto, então eu sentei e comecei a tirar as coisas do baú. — Eu fiz um feitiço de amor para uma garota na minha turma. Mas me saí mal.

— Não funcionou?

— Funcionou bem demais. — Eu dei a ela uma curta versão do episódio de Kevin/Felicia.

— Que dia- hum. — ela disse, balançando a cabeça. — Isso é barra pesada.

— Aparentemente. — eu disse. — Então você é... uh, você é uma vampira. Como exatamente isso aconteceu?

Os olhos dela não encontraram o meu, mas seu tom era casual. — Do mesmo jeito que acontece com todo mundo: encontrei um vampiro, fui mordida. Não tão interessante assim.

Eu não pude culpá-la por não querer compartilhar a história toda com alguém que conhecia apenas há 15 minutos.

— Então sua mãe é normal, hum? — ela perguntou.

Hmm. Não era exatamente uma coisa que eu quisesse falar logo no primeiro dia, mas ei, isso era o que Se Encaixar significava, certo? Compartilhar maquiagem, roupas e segredos obscuros com sua colega de quarto.

Limpei minha garganta. — Sim, meu pai é um bruxo, mas eles não estão mais juntos ou algo do tipo.

— Oh. — Jenna disse conscientemente. — Não fale mais nada. Muitos adolescentes aqui vêm de família divorciada. Mesmo mágica não garante um casamento feliz, aparentemente.

— Seus pais são divorciados?

Ela finalmente encontrou a base de unhas que estava procurando. — Não, eles ainda permanecem nojentamente felizes. Ou, quero dizer... acho que sim. Não os vejo desde que eu, uh, mudei, ou qualquer coisa.

— Oh, uau. — eu respondi. — Isso é um saco.

— Sem intenção de trocadilho<sup>{4}</sup>? — ela perguntou.

— Certo. — Eu terminei de colocar os lençóis na minha cama. — Então se você é uma vampira, eu tenho que ser cuidadosa de não abrir as cortinas de manhã?

— Não. Vê isso? — ela puxou uma corrente de prata em volta do pescoço e sustentou um pequeno pingente. Isso tinha o tamanho e a forma de um feijão de geleia, e era vermelho escuro. Qualquer um podia confundir aquilo com um rubi, mas eu já tinha visto fotos de algo parecido com isso em algum dos livros de minha mãe.

— Uma pedra de sangue? — Pedras de sangue eram claras, pedras ocas que poderiam ser preenchidas com o poderoso sangue de uma bruxa ou um feiticeiro. A pedra agia como uma proteção contra diferentes coisas. Acho que no caso de Jenna isso anulava todas as questões vampirescas, o que era um alívio. Pelo menos agora eu sabia que poderia comer alho na frente dela.

Jenna começou a pintar sua mão esquerda. — Então e a respeito do sangue? — eu perguntei.

Ela soltou um enorme suspiro. — Isso é completamente embaraçoso. Tenho que ir a enfermaria. Eles têm um mini refrigerador lá com um monte de sacos de sangue, como a Cruz vermelha ou algo assim.

Eu reprimi um tremor com a imagem. Sangue é tão nojento para mim. Eu estava contente de ouvir que Jenna não estaria se alimentando em nosso quarto. Eu jamais namoraria um vampiro. Só o pensamento do cheiro de sangue... ugh.

Então notei que Jenna estava me olhando. Droga. Meu desgosto apareceu escrito na minha cara? Para disfarçar, eu fingi um sorriso e disse — Legal. Como um Tanguê (suco) de sangue.

Jenna sorriu. — Essa foi boa.

Nos sentamos em um silêncio companheiro por um momento antes que Jenna perguntasse, — Então, a separação dos seus pais foi feia?

— Aparentemente sim, — respondi. — Isso aconteceu antes de eu nascer.

Ela olhou para suas unhas. — Uou.

Caminhei até a minha escrivaninha. Alguém, Sr. Casnoff, suponho, tinha deixado o horário das minhas aulas lá. Pareceu como um horário normal, mas tinha coisas como — M-F, 9:15 - 10:00, Evolução da mágica, Sala amarela.

— É. Minha mãe não fala muito sobre isso, mas o que quer que tenha acontecido foi ruim o suficiente que ela não me deixa encontrar com ele.

— Então você nunca conheceu seu pai?

— Eu tenho uma foto. E falo com ele por telefone e e-mail.

— Droga. Me pergunto o que ele fez. Ele, tipo, bateu nela ou algo assim?

— Eu não sei! — Essa saiu mais duro do que eu esperava.

— Sinto muito. — ela murmurou.

Eu me virei para a cama e comecei a alisar meu edredom. Depois de ter arrumado cinco amassados imaginários (e Jenna ter pintado um unha três vezes), eu me virei e disse, — Eu não quis...

— Não, tudo bem. Isso não é da minha conta de qualquer jeito.

Aquele sentimento aconchegante de camaradagem tinha ido embora.

— É só que... na minha vida, em toda minha vida, tenho vivido somente com minha mãe, e eu não estou acostumada a toda essa coisa de conte-sua-vida ainda. Acho que temos sempre sido muito reservadas.

Jenna assentiu, mas ela ainda não olhava para mim.

— Acho que você e sua antiga colega de quarto contavam tudo uma para a outra, certo?

Aquele sombrio olhar veio ao seu rosto novamente. Ela abruptamente guardou seu vidro de esmalte. — Não. — ela disse suavemente. — Não tudo.

Ela arremessou o esmalte dentro da gaveta e pulou para fora da cama. — Te vejo no jantar.

Enquanto ela saía rapidamente, ela esbarrou com minha mãe, murmurando um pedido de desculpas ela fugiu.

— Soph. — Minha mãe disse, caindo na minha cama. — Não me diga que você já brigou com sua colega de quarto.

Ela era irritantemente boa em ler meu humor. — Eu não. Acho que sou mesmo ruim com esse negócio de garota, sabe? Quer dizer, a última amiga que eu tive foi na sexta série. Não é como se você pudesse encontrar uma melhor amiga quando o máximo que você fica em um lugar são seis meses, então acho... Oh, Mãe, eu não queria fazer você se sentir mal.

Ela balançou a cabeça e limpou algumas lágrimas. — Não, não, querida, está tudo bem. Eu só... eu apenas queria ter te dado uma infância normal.

Sentei e cruzei meus braços ao redor dela. — Não diga isso. Eu tive uma ótima infância. Quer dizer, quantas pessoas já viveram em 19 estados?

Pense em tudo que eu vi!

Foi a coisa errada a se dizer. De tudo, minha mãe apenas pareceu mais triste.

— E esse lugar é ótimo! Quer dizer, tem esse quarto legal e extremamente rosa, e Jenna e eu parecemos ter nos dado bem o suficiente para brigarmos, o que é uma parte muito importante nessa coisa de amigas, certo?

Missão completa. Mamãe estava sorrindo. — Tem certeza querida? Se você não gosta daqui, não precisa ficar. Tenho certeza que há outra coisa que poderíamos fazer para tirar você daqui.

Por um segundo estive prestes a dizer, — Sim, por favor, vamos pegar a próxima balsa para fora desse show de horrores.

Ao invés disso, o que eu disse foi: — Olha, não é para sempre, certo? Só dois anos, e eu vou ter os natais e verão de folga. Como uma escola normal. Vou ficar bem. Agora vá antes que me faça chorar como uma grande bobona.

Os olhos da minha mãe se encheram de lágrimas novamente, mas ela me deu um enorme abraço. — Eu te amo, Soph.

— Te amo também. — eu disse minha garganta apertada.

Então, depois de me fazer prometer que ligaria pelo menos três vezes na semana, minha mãe se foi.

E eu deitei na minha cama não-rosa e chorei como uma grande bobona.

## CAPÍTULO 4



Depois que me aliviei com o choro, ainda tinha uma hora até o jantar. Decidi explorar um pouco. Abri as duas pequenas portas do nosso quarto, torcendo em vão por banheiros particulares, mas não. Apenas armários.

O único banheiro em todo o andar era no lado oposto do corredor, e isso, como o resto da casa, era fantasmagórico. A única luz vinha de poucas lâmpadas de baixa voltagem que cercavam um grande espelho sobre várias pias. Isso significava que o box do chuveiro na parte de trás do banheiro estava encoberto por escuridão. Dando uma olhada mais de perto nos chuveiros, me ocorreu que eu nunca tinha tido uma real razão para usar as palavras — frio e úmido — antes. Eu sabia que devia ter trazido chinelos.

Somado aos chuveiros, tinha também várias banheiras contra uma das paredes, separadas por partições a altura da cintura. Me perguntei quem iria querer tomar banho na frente de um monte de gente?

Arriscando todas as possibilidades de doenças contagiosas, eu fui até umas das pias e joguei água no rosto. Me olhando no espelho, vi que a água não tinha realmente ajudado. Meu rosto ainda estava vermelho do choro, o que tinha um efeito charmoso de fazer minhas sardas se sobressaírem ainda mais.

Sacudi a cabeça, como se isso fosse melhorar o que eu estava vendo. Mas não mudou. Então com um suspiro saí para investigar o restante de Hecate Hall.

Não tinha muita coisa acontecendo no andar, apenas o usual caos que ocorre quando você esbarra com 50 garotas juntas. Existiam quatro corredores no terceiro andar, dois a esquerda da escadaria, dois à direita. O salão era grande, então tinha sido convertido em uma sala de espera. Tinha

dois sofás e várias cadeiras, mas nenhum dos móveis combinava, e tudo parecia um pouco pior de se usar. Já que todos os assentos estavam ocupados, eu parei perto da escadaria.

A fada que eu tinha visto antes, aquela com as lágrimas azuis, tinha aparentemente se recuperado. Ela estava largada em um sofá chartreuse<sup>{5}</sup>, rindo com outra fada. Essa outra tinha asas verde claras que batiam suavemente contra as costas do sofá. Eu sempre pensei que asas de fadas seriam como as de borboletas, mas elas eram mais finas e mais translúcidas. Você podia ver veias correndo dentro delas.

Só tinha fadas no aposento. O outro sofá estava ocupado por um grupo de garotas que pareciam ter 12 anos. Elas cochichavam nervosamente umas com as outras, e eu me perguntei se elas eram bruxas ou metamorfás.

A garota de cabelo preto que eu tinha visto no gramado, sentada numa cadeira de marfim, casualmente mudava de canais na televisão minúscula colocada no alto de uma pequena estante.

— Você poderia, por favor, desligar isso? — a fada de asas verdes disse, se virando para brilhar para a garota na cadeira. — Algumas de nós estão tentando conversar, garota cachorro.

Nenhuma das garotas de 12 anos reagiu a isso, então eu imaginei que todas eram bruxas. Certamente uma metamorfa pareceria mais ofendida.

A fada azul riu enquanto a garota de cabelo preto se levantou e desligou a televisão. — Meu nome é Taylor, — ela disse, jogando o controle na fada verde. — Taylor. E eu me transformo em um leão da montanha, não num cachorro. Se vamos viver juntas pelos próximos anos, você deve querer se lembrar disso, Nausicaa.

Nausicaa revirou os olhos, suas asas verdes batendo suavemente. — Oh, não vamos viver juntas por muito tempo, eu te asseguro. Meu tio é o rei do Tribunal de Seelie, e assim que eu disser a ele que estou dividindo o quarto com uma metamorfa... bem, vamos apenas dizer que espero uns arranjos para minha mudança.

— Sim, bem, não parece que seu tio poderia manter você fora desse lugar. — Taylor atirou de volta. O rosto de Nausicaa ainda estava vazio, mas suas asas batiam mais rápidas.

— Não vou morar com uma metamorfa. — ela disse a Taylor. — Eu certamente não quero lidar com sua caixa de areia.

A fada azul riu novamente, e Taylor ficou muito vermelha. Mesmo de uma certa distância eu pude ver seus olhos castanhos se tornarem dourados. Ela estava respirando com dificuldade quando disse — Cala a boca! Por que você não vai abraçar uma árvore ou algo assim fada maluca?

Suas palavras soaram alteradas, como se ela tivesse falando com a boca cheia de mármore. Então percebi que ela resmungava com a boca cheia de presas.

Nausicaa teve o bom senso de parecer um pouco assustada. Ela se virou para a fada azul e disse, — Vamos, Siobhan. Vamos deixar esse animal controlar-se.

As duas se levantaram. Elas passaram deslizando por escada abaixo. Olhei para Taylor, que ainda arquejava, seus olhos fechados apertados. Depois de um tempo, ela tremeu, e quando abriu os olhos, eles estavam castanhos de novo. Então ela me pegou olhando para ela.

— Fadas. — ela disse com uma risada nervosa.

— Certo. — eu disse. Como se já tivesse visto uma fada antes.

— Esse é o seu primeiro dia também? — ela perguntou.

Quando eu assenti, ela disse, — Sou Taylor. Metamorfa, obviamente.

— Sophie. Bruxa.

— Legal. — Ela se ajoelhou no sofá de onde as fadas tinham saído, dobrando seus braços nas costas e me olhando com aqueles olhos escuros. — Então o que você fez para vir parar aqui?

Dei uma olhada em volta. Ninguém estava prestando atenção na gente.

Mesmo assim mantive minha voz muito quieta. — Feitiço amoroso que deu errado.

Taylor assentiu. — Tem um monte de bruxas aqui por coisas como essa.

— E você? — eu me aventurei.

Ela tirou o cabelo dos olhos e disse, — Mais ou menos o que você viu. Perdi meu temperamento com algumas garotas no treino da banda de música, me tornei um leão. Mas isso não é nada comparado com a droga que algumas garotas aqui fizeram. — Ela se inclinou para frente e sua voz se aproximou um de sussurro. — Essa lobisomem, Beth? Ouvi que ela na verdade comeu uma garota. Mesmo assim, — ela suspirou, seu olhar na escada atrás de mim, — eu preferiria ter alguém assim como colega de quarto do que uma fada pretensiosa.

Ela olhou para trás de mim. — Com o que você está dividindo o quarto?

Eu não gostei do jeito que ela disse — O que, então meu tom foi um pouco agudo quando eu disse — Jenna Talbot.

Os olhos dela se alargaram. — Cara. A vampira? — Ela riu discretamente. — Esquece. Eu pego a fada vadia de qualquer jeito.

— Ela não é tão ruim. — eu disse automaticamente.

Taylor encolheu e pegou o controle remoto que tinha jogado em Nausicaa. — Se você diz. — ela murmurou, ligando a TV.

Aparentemente a conversa tinha terminado, então eu me dirigi ao segundo andar. Aquele era o mundo dos garotos, então eu não podia fazer uma exploração de verdade. A fachada era idêntica ao do terceiro andar, mas a sala de espera parecia muito mais maneira do que a nossa. Coisas caíam de um dos sofás, e uma mesa de cartas estava encostada em um canto. Não havia ninguém lá, mas eu dei uma olhada em um dos corredores. Vi Justin tentando manobrar um grande baú em o que achei que fosse seu quarto. Ele parou, e seus ombros perderam a firmeza. Senti um pouco de pena dele. Assistir ele tentar levantar um baú que era tão alto quanto ele me lembrou que, lobisomem malicioso ou não, ele era apenas um garoto. Então ele se virou, me viu, e, garoto ou não, ele rosnou.

Me apressei em descer as escadas e ir ao primeiro andar. Estava quieto lá embaixo. Vi somente umas poucas pessoas andando por aí, incluindo um rapaz alto descolado todo de brim e flanela. Me perguntei se ele era irmão mais velho de alguém, já que ele parecia velho para estar em Hecate, e vestia jeans ao invés de cáqui.

Meus passos foram abafados por um tapete oriental grosso em um turbilhão de tons de vermelho e dourado quando me virei em um dos saguões fora do saguão principal.

Eu dei uma olhada no primeiro andar que vim. Fui até lá. Parecia como se antes tivesse sido uma sala de jantar, ou talvez uma sala de visitas grande. Diretamente em frente à porta, numa parede nada tinha além de janelas, finalmente me permitindo ter uma boa visão do chão. Essa sala tinha uma vista para uma lagoa pequena com um cais e uma cabana deteriorada bonita. Mas o que realmente me afligiu foi todo aquele verde. A grama, as árvores, a camada fina de algas na lagoa, onde eu realmente, realmente esperava que nós não fizéssemos canoagem ou algo assim... De tudo isso foi aquele brilhoso verde machuca-seus-olhos que era como algo que eu nunca tinha visto antes. Até as pesadas nuvens que estavam começando a inchar com ameaça de um temporal da tarde parecia pintado à mão.

O carpete nessa sala também era verde, e parecia macio quase sentimental embaixo dos pés, me fazendo pensar em musgo ou fungos. Pinturas cobriam as outras três paredes. Todas mostravam a mesma coisa: um grupo de Prodígios reunidos no alpendre da frente. Eu não sabia se eram bruxas ou metamorfos, mas não eram fadas. Uma pequena placa dourada na base de cada quadro dizia o ano, começando em 1903 e terminando com a pintura do último ano, bem a direita da porta.

Tinham somente seis adultos na pintura mais velha, e todos eles pareciam muito sérios, como se eles provavelmente tivessem chutado gatinhos por diversão. Prodígios mais jovens não começaram a aparecer até 1967. Me perguntei se foi no primeiro ano em que Hecate tinha se tornado uma escola. E se foi, o que tinha sido antes?

No ano passado eles estavam perto de cem crianças, e todos pareciam muito mais relaxados. Eu notei Jenna na frente, próxima a uma garota mais alta. Elas tinham seus braços cruzados uma no ombro da outra, e me perguntei se essa era a misteriosa Holly.

Para ser honesta, senti um pouco de ciúmes. Eu não podia nunca me imaginar ser tão próxima a uma pessoa o suficiente para casualmente colocar meu braço em volta dela em uma foto. Em todas as minhas antigas fotos de escola eu sempre era aquela sozinha no fundo com o cabelo no rosto.

Era por isso que Jenna parecia tão estranha quando mencionei sobre sua antiga colega de quarto? Elas tinham sido melhores amigas, e agora eu era a intrusa tentando tomar o lugar de Holly? Ótimo.

— Sophie?

Assustada, eu me virei.

As três garotas mais bonitas que eu já tinha visto na vida estavam atrás de mim.

Então eu pisquei.

Não, elas não eram todas lindas de morrer. Era só a do meio. Ela tinha cabelo castanho avermelhado que caía em cachos macios perto da cintura. Ela provavelmente nunca tinha que usar um difusor. Aposto que ela acordava com seu cabelo parecendo como algo saído do comercial da Pantene enquanto pequenos pássaros azuis circulavam em volta de sua cabeça, e guaxinins traziam seu café da manhã ou algo assim.

Eu também não pude evitar notar que ela não tinha nenhuma sarda, o que era o bastante para me fazer odiá-la momentaneamente.

A garota a sua direita era loira, e mesmo tendo aquele ar de garota da Califórnia — cabelo liso, bronzado na pele, profundos olhos azuis — seus olhos eram muito juntos, e quando ela sorriu para mim, notei que ela tinha arcada dentária muito ruim.

Fora do trio estava uma garota áfrico-americana que era mais baixa que eu. Ela era mais bonita do que a loira, mas nem mesmo tão adorável

como a deusa ruiva do meio. Mesmo assim, um simples olhar para as três, era como se meu cérebro quisesse que elas fossem bonitas. Meus olhos queriam escapar de todas as suas imperfeições.

Um encanto. Era a única explicação, mas eu nunca tinha ouvido falar de bruxas usando isso. Essa era uma mágica muito séria.

Eu devia ter estado olhando para elas como se estivesse mentalmente prejudicada ou algo, porque a loira abafou o riso e disse — Sophia Mercer, certo?

Eu estava prestes a responder quando percebi que minha boca estava literalmente aberta. Fechei-a muito rápido, isso fez um barulho que foi alto na sala quieta.

— Sim, sou Sophie.

— Ótimo! — disse a garota baixa. — Estávamos procurando por você. Eu sou Anna Gilroy. Essa é Chaston Burnett — ela indicou a loira. — E essa é Elodie Parris.

— Oh — eu disse, sorrindo para a ruiva. — É lindo. Como ‘Melody’ sem o ‘M’. Ela sorriu afetadamente. — Não, como Elodie.

— Seja legal. — Anna advertiu antes de virar para mim. — Chaston, Elodie, e eu somos meio que o comitê de boas-vindas para novas bruxas. Então... bem vinda!

Ela estendeu sua mão, e eu brevemente me perguntei se eu devia beijá-la, antes eu voltei a mim e apertei a mão.

— Vocês três são bruxas?

— Isso foi o que dissemos. — Elodie replicou, ganhando outro olhar agudo de Anna.

— Sinto muito. — eu disse. — É só que eu nunca tinha conhecido outras bruxas antes.

— Sério? — Chaston perguntou. — Tipo, nunca conheceu nenhuma outra bruxa, ou nunca conheceu nenhuma outra bruxa negra antes?

— Como?

— Bruxas negras. — Elodie repetiu, competindo com Nausicaa pelo título de tom mais pretencioso.

— Eu... hum... eu não sabia que existiam tipos de bruxas.

Agora todas elas olhavam para mim como se eu tivesse falado em uma língua estrangeira. — Sim, mas você é uma bruxa negra? — Anna perguntou, tirando um pedaço do papel do seu blazer. Era algum tipo de lista, e ela olhou para aquilo intensamente. — Vamos ver Lassiter, Mendelson... aqui, Mercer, Sophia. Bruxa negra. É você.

Ela me estendeu a lista, que tinha o título de — Novos estudantes. — Tinham quase 30 nomes, todos com classificações em parênteses. — Metamorfo — Fada e — Bruxa branca. A minha era a única que dizia — Bruxa negra.

— Negra e branca? O que, somos como carne de galinha?

Elodie me encarou.

— Você não sabe mesmo? — Anna perguntou gentilmente.

— Não sei mesmo. — eu disse casualmente, mas por dentro eu estava meio que aborrecida. Quero dizer, alô, qual a graça de ter uma mãe que deveria supostamente ser uma expert em bruxa se ela não sabe as coisas que realmente são importantes?

Entendo que não é sua culpa, e que a maioria das informações de feitiçaria moderna são altamente secretas já que eles são tão preocupados em ser descobertos...

Mas droga, isso estava ficando embaraçoso.

— Bruxa branca — Anna começou, mas Elodie a cortou.

— Bruxas brancas fazem feitiços pequenininhos. Feitiços de amor, leitura do destino, feitiços de localização, e... eu não sei, fazem coelhos e gatinhos e arco-íris aparecerem ou algo assim. — ela disse, balançando suas mãos com menosprezo.

— Oh. — eu disse, pensando em Felicia e Kevin. — Sim, feitiços pequenininhos.

— Bruxas negras fazem as coisas maiores. — Chaston disse. — E nossos poderes são muito fortes. Nós podemos fazer feitiços de proteção, e se formos mesmo boas, controlar o tempo. Também somos necromantes se

— Uou! — eu levantei minha mão. — Necromantes? Tipo, poder sobre as coisas mortas?

Todas as três garotas assentiram animadamente, como se eu tivesse sugerido ir ao shopping ao invés de criar zumbis.

— Eca! — eu exclamei sem pensar.

Um erro. Simultaneamente, seus sorrisos desapareceram, e um distinto gelo encheu a sala.

— Eca? — Elodie zombou. — Deus, quantos anos você tem? Poder sobre os mortos é o poder mais cobiçado que existe, e você está com nojo disso? Eu juro, — ela disse, se virando para as outras duas — vocês estão falando sério de querer ela no coven?

Eu tinha ouvido sobre os covens, mas mamãe sempre dizia que eles tinham se extinguido nos últimos cinquenta anos ou mais. Atualmente, era mais como cada bruxa por si mesma.

— Espera aí, — eu comecei, mas Anna me cortou como se eu não tivesse falado.

— Ela é a única outra bruxa negra que tem aqui, e você sabe que precisamos de quatro.

— E eu tenho o poder da invisibilidade, aparentemente. — eu murmurei, mas elas me ignoraram.

— Ela é pior que a Holly. — Elodie disse. — E Holly era a desculpa mais esfarrapada de uma bruxa negra de todas.

— Elodie! — Chaston chiou.

— Holly? — eu perguntei. — Tipo, a Holly que costumava dividir o quarto com Jenna Talbot?

Anna, Chaston e Elodie me deram uma olhada, o que não era uma façanha fácil.

— Sim. — Anna disse. — Como você sabe a respeito da Holly?

— Estou dividindo o quarto com a Jenna, e ela mencionou. Então ela é uma bruxa negra também? Ela se graduou ou algo, ou apenas se mudou?

Agora todas as três me olhavam genuinamente chocadas. Até mesmo o jeito sarcástico de Elodie estava substituído pelo ar de choque.

— Você está no quarto com Jenna Talbot? — ela perguntou.

— É isso que acabei de dizer. — eu vociferei, mas Elodie parecia totalmente não perturbada com minha tentativa de cachorrice.

— Escute, — ela disse, tocando meu braço. — Holly não se graduou ou se mudou. Ela morreu.

Anna foi até o meu outro lado, seus olhos largos e amedrontados. — E Jenna Talbot a matou.

## CAPÍTULO 5



Quando uma pessoa lhe diz que alguém foi assassinada, rir provavelmente não é a melhor resposta. Você sabe, para referência futura.

Mas dar risada foi exatamente o que eu fiz.

— Jenna? Jenna Talbot a matou? O que ela fez, asfixiou-a com uma coisa cor de rosa ou algo assim?

— Você acha isso engraçado? — Anna perguntou com um ligeiro engasgar.

Chaston e Elodie estavam me olhando, e eu achei que o meu convite temporário para ser membro do clube estava prestes a ser revogado.

— Bem, sim, um pouco. — Eu amenizei rapidamente, com medo de que fumaça começasse a sair da orelha de Elodie — Não que alguém tenha morrido. Isto é horrível, por que... você sabe, morte.

— Sim, nós sabemos. 'Ew, — Elodie disse Rolando seus olhos.

— Mas a ideia de que Jenna pudesse matar alguém é apenas... engraçada, — eu finalizei. De novo, as três me encarando. Sério, elas praticaram na frente do espelho?

— Ela é uma vampira. — Chaston insistiu. — Você pode imaginar outra maneira que a Holly terminasse com dois furos no pescoço?

Todas as três se reuniram em torno de mim agora, como se estivéssemos amontoadas. Lá fora, o sol da tarde finalmente desapareceu detrás de nuvens pesadas, fazendo o ambiente ainda mais sombrio e claustrofóbico. Trovão começou a rressonar, e eu podia sentir o cheiro daquele aroma metálico fraco que sempre vem antes de uma tempestade.

— Quando a Holly chegou há dois anos, nós formamos um coven. — Anna começou.

— Nós quatro éramos as únicas bruxas negras aqui e você precisa de quatro pessoas para um coven ser bem forte, então parecia natural nos tornarmos amigas. Mas depois Jenna apareceu no começo do ano passado, e ela e Holly se tornaram colegas de dormitório.

— A próxima coisa que sabemos — Chaston exclamou — Holly não saia mais conosco. Ela começou a passar todo o tempo com a Jenna, totalmente nos ignorando. Quando nós perguntamos a ela o porquê, ela disse que era porque a Jenna era divertida. Tipo, mais divertida do que nós.

Ela me deu um olhar que claramente dizia que alguém ser mais divertida do que elas três era impossível.

— Uau. — eu disse baixinho.

— Então, um dia em março, eu encontro a Holly na biblioteca chorando. — Elodie disse. — Tudo o que ela me disse era que se tratava da Jenna, mas não me falou o quê.

— Dois dias depois, Holly estava morta. — Chaston disse, sua voz sombria e escura. Eu esperei por outro trovão rressonar, pensando que um certamente deveria acompanhar uma declaração como essa. Mas o único barulho que havia era o leve silenciar da chuva.

— Eles a encontraram no banheiro lá de cima. — A voz de Elodie era quase um suspiro. — Ela estava na banheira, com dois buracos em sua garganta, e quase sem sangue algum no corpo.

Neste momento, meu estômago estava em algum lugar próximo ao meu joelho, e eu podia realmente sentir meu coração batendo forte nos meus ouvidos. Não me admira que a Jenna tenha se assustado quando eu mencionei sua colega de dormitório. — Isso é horrível.

— Sim. Foi sim. - Chaston assentiu.

— Mas

— Mas o quê? — Os olhos de Elodie se estreitaram.

— Se todo mundo tem tanta certeza que foi a Jenna, por que ela ainda está aqui? Não teria o Conselho dado uma estacada nela ou algo assim?

— Eles enviaram alguém. — Chaston disse, colocando seu cabelo atrás da orelha. — Mas o cara disse que os ferimentos da Holly não podiam ter sido feitos por presas. Eles estavam muito... limpos.

Eu engoli. — Limpos?

— Vampiros são comedores desordenados. — Anna respondeu.

Eu tentei arduamente manter meu rosto indiferente quando disse — Bem, se o conselho disse que não foi a Jenna, então não foi ela. Tenho certeza que os caras não deixariam um vampiro raivoso vir para a escola de Prodígios.

Elodie foi a única a me encarar. — O Conselho estava errado. — ela disse secamente. — Holly estava vivendo com um vampiro e ela foi morta por alguém drenando seu sangue pelo pescoço. O que mais poderia ter acontecido? — Chaston e Anna ainda não estavam olhando para mim. Algo estava definitivamente estranho por aqui. Eu não sabia do por que estas garotas queriam me fazer acreditar que Jenna era uma assassina, mas eu não estava acreditando. Além do que, a última coisa que eu queria no meu primeiro dia era ficar presa em algum tipo de guerra entre bruxa/vampiro.

— Olhe, eu ainda tenho que desempacotar algumas coisas — eu comecei a dizer, mas Anna decidiu mudar de tática.

— Esqueça sobre a vampira por um instante, Sophie. Nos escute. — Sua voz deslizou para um lamento. — Nós precisamos de uma quarta para o nosso coven.

— Certo. — Chaston adicionou. — E nós poderíamos te ensinar muito sobre ser uma bruxa negra. Não se ofenda, mas você parece precisar de um pouco de ajuda.

— Eu vou, hum, pensar sobre isso, certo?

Eu me virei para sair, mas a porta se fechou a centímetros do meu rosto.

De repente, o vento parecia soprar através da sala, as imagens das paredes sacudiram. Quando eu me virei para as meninas, todas as três sorriam para mim, seus cabelos ondulando ao redor de seus rostos como se estivessem debaixo d'água. A única lâmpada da sala piscou e depois se apagou. Eu só pude ver traços prateados de luz que passavam sob a pele das meninas, como mercúrio. Até seus olhos brilhavam. Elas começaram a levitar, mal tocando no tapete de musgo. Agora elas não eram as rainhas de recepção ou supermodelos – elas eram bruxas, e muito perigosas nisso.

Mesmo eu lutando contra a vontade de cair de joelhos e jogar minhas mãos pela cabeça, eu me perguntava, eu era capaz disto? Se eu não estivesse ocupada fazendo 'feitiços tolos' como o de Felicia, eu me pareceria com isso, minha pele se acendendo com prata e meus olhos em fogo? O poder que senti surgir nelas me fez sentir como se estivesse na sala com um tornado, como se eu estivesse prestes a ser soprada pela janela para dentro daquela lagoa imprestável.

Como estava a energia, era suficiente para mover o vidro estilhaçado de três molduras das fotografias. Um pequeno estilhaço cortou meu antebraço, mas eu quase nem senti.

Então, tão rápido quanto começou, o vento morreu e os quadros se acalmaram. As três garotas na minha frente não mais pareciam deusas antigas. Pareciam normais, mais atordoante, adolescentes novamente.

— Viu? — Anna disse ansiosamente. — Isso é o que podemos fazer com apenas três. Imagine o que poderíamos realizar com quatro.

Eu olhei para elas. Este era o discurso de venda? Olhe! Nós somos realmente assustadoras! Venha, seja assustadora também!

— Uau. — eu finalmente disse. — Isto foi... bem. Realmente algo.

— Então, você está dentro? — Chaston perguntou.

Ela e Anna ainda sorriam para mim, mas Elodie estava olhando para o lado, entediada.

— Posso te dar um retorno? — eu perguntei.

Os sorrisos de Chaston e Anna desapareceram. — Eu disse. — Elodie falou.

Então. Como se eu repentinamente deixasse de existir, elas se foram.

Eu caí em uma das poltronas, meus joelhos sob meu queixo, observando a chuva passar.

Ali foi onde Jenna me encontrou uma hora depois, logo após o sino do jantar soar.

— Sophie? — ela perguntou, espiando com a cabeça.

— Ei. — Eu tentei um sorriso. Que deveria ser muito patético, porque Jenna imediatamente franziu as sobrancelhas.

— O que está acontecendo? — Mas antes que eu pudesse explicar sobre as bruxas modelos, Jenna se apressou suas palavras saindo tão rápido que praticamente podia vê-las caindo de sua boca. — Olhe, eu sinto muito pelo ocorrido mais cedo. Nada daquilo é assunto meu.

— Não, não. — eu disse me levantando. — Jenna, não é você. Sério. Nós estamos bem.

Alívio evidenciou-se em seu rosto. Então ela olhou para baixo. Aconteceu tão rápido que eu não pude ter certeza, mas eu estava certa que vi os olhos dela escurecerem por um instante.

Certo. Eu tinha esquecido daquilo. Foi mais profundo do que eu pensei. Agora, enquanto olhei para baixo, eu pude ver manchas do meu sangue manchando o tapete. Eu olhei para Jenna, que obviamente estava tentando não encarar meu braço. Uma sensação de formigamento desconfortável rastejou sobre a parte de trás do meu pescoço.

— Oh, isso. — Eu disse cobrindo a ferida. — Bem, eu estava olhando as fotos e um par delas caiu. O vidro quebrou e eu me cortei. Eu sou realmente desastrada.

Mas Jenna já tinha se virado para a parede percebendo que nenhum dos quadros tinha caído; que apenas três tinham se despedaçado. — Deixe-me adivinhar. — ela disse calmamente. — Você teve um encontro com a Trindade.

— Quem? — eu disse, forçando um riso. — Eu nem sei

— Elodie, Anna e Chaston. E pelo fato de você não querer me contar sobre isso significa que elas te disseram sobre a Holly.

Ótimo. Minha única chance de amizade aqui estava destinada a ser frustrada toda hora?

— Jenna, — eu comecei, mas sabia que era a vez dela de me cortar.

— Elas disseram que eu matei a Holly?

Quando eu não respondi, ela fez este som que eu acho que deveria ser um sorriso sarcástico, mas foi ela claramente segurando as lágrimas.

— Certo, porque eu sou um monstro que não pode se controlar e comeria a sua... sua melhor amiga. — Os cantos de sua boca começaram a tremer um pouco. — São elas que se metem em coisas perigosas, mas eu sou o monstro. — ela continuou.

— O que você quer dizer?

Ela olhou para mim por um segundo antes de se virar novamente. — Eu não sei. — ela murmurou. — Só algumas coisas que Holly disse. Algum tipo de mágica que elas estavam tentando fazer para conseguir mais poder ou algo assim.

Eu pensei nelas pairando sobre o tapete, pele em chamas. O que quer que elas tenham tentado claramente funcionou.

Jenna começou a fungar. Eu senti pena dela, mas eu não conseguia parar de pensar sobre aquele olhar que eu vi em seu rosto antes.

Era fome.

Eu afastei o pensamento para longe e fui para perto dela. — Elas que se fodam. — Só que eu não disse 'fodam'. Há certos momentos que só realmente palavrões funcionam, e este era um deles. Os olhos de Jenna se arregalaram, alívio visivelmente fluía através dela. — Que se danem mesmo. — Ela concordou assentindo tão forte que ambas caímos em risos.

Enquanto íamos para o refeitório, que agora estava tagarelando sobre uma maravilhosa torta de nozes. Eu pensei sobre estas três garotas, quão

erradas elas estavam; não havia chance da Jenna poder machucar alguém.

Mas mesmo quando eu ri de sua descrição arrebatadora da torta, eu senti um pequeno arrepio na base da minha espinha, pensando em seus olhos quando ela viu meu sangue escorrer pelo tapete.

## CAPÍTULO 6



O refeitório era totalmente bizarro. Depois de ouvir que era um salão convertido, eu esperava algo extravagante: lustres de cristal, brilhantes pisos de madeira escura, parede de espelhos... O descrito em todo conto de fadas.

Ao invés disso, ele tinha o mesmo tema decadente do resto da casa. Oh claro, havia lustres, mas eles estavam cobertos com o que parecia ser grandes sacos de lixo. E havia uma parede de espelhos, mas estava coberta do chão ao teto em uma grande folha de lona.

O refeitório era um amontoado de mesas de todos os tamanhos empurradas dentro da enorme sala. Havia uma enorme mesa de carvalho oval próximo a uma de aço com acabamento de fórmica que parecia ter sido roubada de uma lanchonete. Eu até pensei que avistei um banco de piquenique. Não era esta uma escola liderada por uma bruxa? Não havia tipo, algum feitiço de criação de mobília ou qualquer coisa?

Mas depois eu vi uma longa mesa em que toda a comida estava: grande e muitas taças de prata com camarão, panelas aquecidas cheias de frango assado, cubas de macarrão com queijo.

Eu estava boquiaberta com a torre de bolo de chocolate que tinha facilmente três pés de altura, coberta com um creme gelado escuro e pontilhada com grandes morangos vermelhos.

— Este é um benefício somente da primeira noite. — Jenna me avisou.

Uma vez que eu havia colocado no meu prato uma torre de comida, Jenna e eu procuramos um lugar para nos sentarmos. Eu vi Elodie, Chaston e Anna sentadas numa mesa de vidro alta perto do fim da sala,

então eu imediatamente comecei a procurar uma mesa o mais longe possível delas. Havia um par de lugares vagos em quase todas as mesas, e eu podia ouvir minha mãe dizer — Agora Sophie, por favor, faça um esforço para conhecer pessoas novas.

Mas minha mãe não estava aqui, e eu podia ver que Jenna não estava realmente no humor de se socializar também. Então eu vi uma pequena mesa branca próxima à porta e apontei para Jenna.

Parecia que a mesa foi usada para uma festa do chá de garotinhas, mas era a única mesa para duas pessoas, então, você sabe, nem sempre podemos nos dar ao luxo. Eu me sentei em uma das pequenas cadeiras brancas. Meus joelhos bateram forte na borda da mesa, fazendo Jenna bufar em risos.

Enquanto eu devorava a deliciosa comida no meu prato, eu perguntei a Jenna sobre várias pessoas do refeitório. Eu comecei com a enorme mesa de ébano que estava sob uma plataforma erguida numa das extremidades da sala. Era claramente a mesa dos professores, sendo não apenas a melhor como a maior. Além da Sra. Casnoff escolhendo sua salada na cabeceira da mesa, havia outras cinco pessoas – dois homens e três mulheres. A professora fada foi fácil de identificar, com aquelas asas, e Jenna me disse que o grande homem próximo a ela era o Sr. Ferguson, um metamorfo.

À sua direita estava uma mulher jovem com cabelo brilhante, quase roxo e óculos de armação grossa como o de Jenna. Ela tinha uma pele tão clara, que eu presumi que ela era a vampira que a Sra. Casnoff mencionou mais cedo, mas Jenna disse que ela era na verdade a Sra. East, uma bruxa branca.

— O cara ao lado dela, ele é o vampiro. — Jenna disse com a boca cheia de bolo. Ela apontou para um rapaz muito bonito, na casa dos trinta com o cabelo preto e encaracolado. — Lord Byron.<sup>{6}</sup>

Eu bufei. — Oh Deus, quão angustiado você pode estar, para se nomear um poeta morto?

Mas Jenna apenas olhou para mim. — Não, ele é o verdadeiro Lord Byron.

Agora era a minha vez de encarar. — Sem chance! Tipo, 'She Walks in Beauty'<sup>{7}</sup> e tudo isso? — Ele é um vampiro?

— Sim. — Jenna confirmou. — Um deles o transformou enquanto ele estava morrendo na Grécia. O Conselho, na verdade o manteve prisioneiro durante um longo tempo, pois ele é um pouco conspícuo. Queria voltar para a Inglaterra e transformar todo mundo em vampiros. Quando eles abriram este lugar, o sentenciaram a ser professor aqui.

— Uau. — eu respirei baixinho, olhando o cara de quem eu tinha escrito um trabalho ano passado olhando corajosamente para todos nós. — Quão ruim seria ser imortal e ter que passar a eternidade aqui?

Depois eu me lembrei com quem estava falando. — Desculpe. — eu disse olhando para minha comida.

— Não se desculpe. — Jenna disse, empurrando uma garfada de bolo em sua boca. — Eu não planejo passar o resto da minha muito longa vida em Hecate, acredite. — Eu queria perguntar a Jenna sobre como era saber que se viveria para sempre. Eu digo, vampiros são os únicos Prodígios que fazem isso. Até as fadas piscarão mortas eventualmente, e as bruxas e metamorfos não vivem mais do que as pessoas normais.

Ao invés disso eu apontei para uma mulher alta com cabelos castanhos encaracolados, que estava sentada na mesa da Sra. Casnoff.

— Quem é aquela?

Jenna revirou os olhos e gemeu. — Ugh. A Srta Vanderlyden. Ou Vandy como a chamamos. Não olhe na cara dela. — Ela acrescentou rapidamente. — Faça isso e você nunca mais sairá da detenção. Ela é uma bruxa negra, ou pelo menos era. O Conselho a destituiu de seus poderes anos atrás. Agora ela é tipo a responsável pelo nosso dormitório ou algo assim, e ela ensina Educação Física, ou o que se aproxima disso em Hex. Ela é responsável por nos fazer obedecer às regras e outras coisas. Ela também é totalmente do mal.

— Ela está usando um laço de cabelo. — eu disse. Eu tinha usado alguns no passado, mas isso foi quando eu tinha tipo, sete anos. O pensamento de usar um em uma pessoa crescida era desagradável.

— Eu sei. — Jenna sacudiu a cabeça. — Nós temos esta teoria de que é o portal portátil dela para o inferno. Você sabe, ela apenas o alarga e entra dentro dele toda vez que ela precisa recarregar sua maldade.

Eu ri, mesmo tentando adivinhar se Jenna estava falando a sério.

— Há também um jardineiro. — Jenna adicionou. — Callahan, mas todos o chamam de Cal. Eu não o vejo aqui esta noite.

Nós passamos para os alunos. Eu percebi que Archer estava sentado em uma mesa junto com um bando de outros garotos. Eles estavam rindo de algo que Archer estava dizendo. Eu realmente esperava que não fosse sobre a história do — Cachorro malvado. — E quanto aquele garoto? — Eu perguntei forçando descontração.

— Archer Cross, residente bad boy e galã total. Feiticeiro. Toda menina aqui é pelo menos meio apaixonada por ele. Queda por Archer Cross poderia muito bem ser uma aula.

— E quanto a você? — Eu perguntei. — Você tem uma queda por ele?

Jenna me estudou um momento antes de dizer. — Ele não é realmente o meu tipo.

— O que, você não gosta de alto, com cabelos escuros e bonitos?

— Não. — ela disse levemente. — Eu não gosto de caras.

— Ah. — foi tudo o que eu pude dizer sobre isso. Eu nunca tive uma amiga lésbica. Mas novamente, eu nunca tive muitos amigos.

Ainda olhando para Archer, eu disse — Então, bem, eu tentei matá-lo mais cedo.

Depois que Jenna se recuperou do chá que quase saiu pelo seu nariz, eu a inteirei do ocorrido.

— A Sra. Casnoff não pareceu muito impressionada com ele. — Eu disse.

— Ela não ficaria. Archer estava em constante problema ano passado. Então ele se foi no meio do ano escolar por quase um mês, e havia todos estes rumores sobre ele. As pessoas achavam que ele foi para Londres.

— Por quê? Para que ele pudesse andar em algum daqueles ônibus de dois andares?

Jenna me deu um olhar engraçado. — Não, é em Londres que fica a sede do Conselho. Todos pensavam que ele tinha passado pela Remoção.

Eu li algo sobre isso em um dos livros da minha mãe. Era esse intenso ritual que removia os poderes mágicos de alguém. Mas apenas sobrevivia um em tipo cem Prodígios. Eu nunca ouvi sobre alguém passar por isso voluntariamente.

— Por que ele faria isso?

Ela empurrou a comida pelo prato. — Ele e Holly estavam... realmente próximos, e ele estava num momento ruim depois que ela morreu. Um par de pessoas disse que o ouviu dizer para a Casnoff que ele odiava ser o que era e queria ser normal, coisa deste tipo.

— Hum. — eu disse. — Então ele e a Holly eram um casal?

— Pode-se dizer que sim.

Eu claramente não conseguiria mais informações de Jenna quanto a isto, então eu disse — Bem, aparentemente ele não passou pela Remoção. Ele ainda possui poderes.

— Sim poderes sobre a tua calça. — Jenna disse com uma risadinha.

Eu joguei um pão nela, mas antes que ela pudesse revidar a Sra. Casnoff chamou atenção sobre seu assento. Ela levantou suas mãos e o ambiente ficou quieto tão rapidamente, que você pensaria que ela lançou um feitiço de silenciar.

— Alunos. — ela pronunciou lentamente. — O jantar está agora terminado. Se esta não for sua primeira noite em Hécate, por favor, deixe o refeitório. O restante de vocês permaneça sentado.

Jenna me lançou um olhar solidário e limpou nossos pratos vazios.

— Sinto muito em antecedência pelo que você está prestes a ver.

— O que? — Eu perguntei enquanto o refeitório começou a ficar vazio. — O que vai acontecer?

Jenna sacudiu a cabeça. — Vamos apenas dizer que você talvez se arrependa da segunda fatia de bolo.

Oh meu Deus. Me arrepender do bolo? O que quer que esteja prestes a acontecer, deve ser verdadeiramente mal.

Todos estavam saindo quando a voz da Sra. Casnoff se fez presente. — Sr. Cross? Onde você está indo?

Archer estava apenas a poucos metros de mim e quase fora do refeitório. Eu também notei que ele estava de mãos dadas com a Elodie. Interessante. Claro que fazia total sentido que duas pessoas que não pareciam gostar de mim, estivessem namorando.

Archer olhou para o comprimento do salão até a Sra. Casnoff. — Este não é o meu primeiro ano. — ele disse. A linha fora do salão tinha congelado, todos os rostos curiosos se voltaram a Archer. A Elodie colocou sua outra mão - a que não estava segurando Archer como se ele fosse um prêmio que ela ganhou em uma feira - nos ombros dele.

— Eu já vi esta porcaria antes. — ele insistiu.

O professor metamorfo, Sr. Ferguson, se levantou. — Modos! — Ele berrou.

Mas os olhos de Archer estavam nos da Sra. Casnoff, que parecia calma e tranquila.

— E mesmo assim, eu não acredito que você tenha assimilado. — ela disse a Archer. Ela apontou para a agora vazia cadeira da Jenna. — Por favor, sente-se. Eu tenho certeza que ele murmurou uma sequência ainda pior de palavras quando ele agarrou a cadeira a minha frente.

— Ei você, Sophie.

Trinquei meus dentes.

— Oi. Então o que é isso?

Archer sentou em seu lugar, um olhar triste em seu rosto. — Oh, você verá.

E então tudo ficou escuro.

## CAPÍTULO 7



Tão breve quanto às luzes se foram, eu esperei aquela coisa comum que acontece quando um professor apaga as luzes: risadas, ooohs, e o farfalhar de roupas e rangidos de cadeiras que lhe diz que pessoas estão se aproximando de repente, provavelmente para dar uns amassos. Em vez disso, a sala estava silenciosa. Claro, havia apenas cerca de vinte de nós ali.

Perto de mim, ouvi Archer suspirar. Sempre soa esquisito sentar perto de um cara no escuro, mesmo se fosse um cara de quem eu não gostava. Porque eu não poderia vê-lo, eu estava muito atenta à sua respiração, se mexendo em sua cadeira, até mesmo o modo como cheirava (que, reconhecidamente, era limpo e ensaboado).

Eu estava perto de perguntá-lo novamente em que eu estava envolvida quando um pequeno quadrado de luz apareceu na frente da sala, ao lado da Sra. Casnoff. O quadrado ficou maior e maior até que estava aproximadamente do tamanho de uma tela de cinema. Pairou ali, branco e brilhoso, até, muito vagarosamente, uma imagem começou a aparecer, como uma revelação de foto. Era uma foto preta e branca de um grupo de homens com cara de severos usando ternos pretos e grandes chapéus de puritanos.

— Em 1692, duas bruxas em Salem, Massachusetts, usaram seus poderes e criaram um pânico que deixou dezoito humanos inocentes mortos. — Sra. Casnoff começou. — Um grupo de feiticeiros perto de Boston escreveram para os feiticeiros e bruxas de Londres e criaram o Conselho. Era esperado que com estrutura e recursos, o Conselho poderia controlar melhor as atividades mágicas e prevenir outras tragédias como esta de ocorrerem.

A foto desvaneceu e se transformou em um retrato de uma mulher de cabelos vermelhos em um vestido de cetim verde com uma creolina enorme.

— Esta é Jessica Prentiss. — Sra. Casnoff prosseguiu, sua voz enchendo a sala enorme. — Ela era uma bruxa branca poderosíssima de New Orleans. Em 1876, após sua irmã mais nova, Margaret, perecer enquanto estava tendo seus poderes arrancados pelo Conselho, Senhorita Prentiss propôs a ideia de uma casa de segurança de espécies, um lugar onde bruxas cujos poderes eram potencialmente nocivos poderiam viver em paz.

O retrato desvaneceu e a velha fotografia que eu tinha visto mais cedo, aquela da escola em 1903, apareceu.

— Levou quase trinta anos, mas seu sonho fora realizado em 1903. — Sra. Casnoff continuou. — Em 1923, o Conselho admitiu metamorfos e os deu o direito de vir à Hecate também.

Nenhuma menção de vampiros, lógico.

— Isso não é tão ruim. — eu sussurrei à Archer. — Apenas uma palestra de história.

Ele balançou a cabeça levemente.

— Só espere.

— Em 1967, o Conselho percebeu que precisava de um lugar para treinar e formar jovens prodígios que estavam usando seus poderes sem o nível adequado de discricção. Uma escola onde eles poderiam aprender mais sobre a história do prodígio, e das terríveis consequências de expor suas habilidades para os humanos. E assim nasceu Hecate Hall.

— Reformatório para monstros. — eu murmurei por baixo de minha respiração, ganhando uma risada baixa de Archer.

— Senhorita Mercer. — Sra. Casnoff disse, me fazendo pular. Eu estava com medo de que ela fosse me expulsar por conversar, mas ao invés disto ela perguntou, — Você pode nos dizer quem é Hecate?

— Hm, sim. Ela é a Deusa grega da feitiçaria.

Sra. Casnoff assentiu.

— De fato. Mas ela também é a deusa das encruzilhadas. E isto é onde todas vocês crianças se encontram agora. E agora — a voz da Sra. Casnoff ecoou. — uma demonstração.

— Aqui vamos nós. — Archer murmurou.

Uma vez novamente, um cisco minúsculo de luz brilhou na frente da sala, mas dessa vez, nenhuma tela apareceu. Do contrário, a luz tomou a forma de um homem velho, talvez perto dos setenta. Ele teria aparecido completamente se não tivesse sido pela leve luz difusa que se agarrou a ele, o fazendo brilhar na sala escura. Ele estava vestindo macacão e uma camisa xadrez, e um chapéu marrom estava puxado abaixo de seus olhos. Uma gadanha<sup>{8}</sup> balançou de sua mão direita. Por um momento ele estava totalmente sem movimentos, mas depois ele virou e começou a balançar a gadanha perto do chão, como se estivesse cortando a grama que não existia por ali. Isto era... Estranho. Era como se estivéssemos assistindo um filme, mas a ação estava acontecendo ao vivo.

— Este é Charles Walton. — Sra. Casnoff anunciou. — Ele era um feiticeiro branco de uma aldeia na Inglaterra chamada Lower Quinton. Ele guardou para si mesmo, ganhando um deplorável xelim por hora como um cortador de cerca viva para um fazendeiro local. Em adição a isso, ele realizou feitiços simples para o povo de Lower Quinton: poções para gota, o feitiço ocasional do amor... simples coisas inofensivas. Mas então, em 1945, a aldeia teve uma má colheita. — Enquanto ela falou mais figuras começaram a se materializar atrás do homem. Havia quatro deles ao todo: pessoas que pareciam normais em cardigãs e sapatos razoáveis. Dois deles estavam de costas para mim, mas eu pude ver uma pequena mulher atarracada com um rosto rosado e cabelos cinza ferro, e um cara magro usando um chapéu de um profundo borgonha com protetores de orelhas.

Eles pareciam que deveriam estar em um caixa de biscoito amanteigado. Ambos também eram hirtos, expressões assustadoras em seus rostos, e o cara magro estava segurando um forçado<sup>{9}</sup>.

— As pessoas de Lower Quinton decidiram que Charles devia ter sido culpado por suas falhas colheitas, e bem... vocês podem ver o resto.

O homem com o forçado se lançou para frente e segurou o velho homem nos ombros, o girando em torno dele. O velho homem parecia aterrorizado, e mesmo embora eu soubesse o que estava por vir, não pude me virar. Em vez disso eu assisti quando três pessoas, pessoas que pareciam que deveriam estar preparando tortas ou tomando chá, forçaram o velho homem ao chão, e o cara magro dirigiu o forçado através de seu pescoço.

Eu achei que com certeza alguém iria gritar: que alguém na sala choraria ou até mesmo desmaiaria. Mas parecia que cada um estava tão congelado quanto eu. Até mesmo Archer tinha parado de se remexer em sua cadeira. Agora ele estava se movendo para frente, seus cotovelos em suas coxas, mãos fechadas.

A doce mulher que parecia uma vovó se ajoelhou próxima ao corpo e pegou a gadanha, e bem quando eu estava achando que eu realmente ressentiria àquele bolo, a cena diante de nós dissolveu e desapareceu.

Sra. Casnoff nos inteirou no que não tivemos visto.

— Após o apunhalar, os moradores começaram a esculpir símbolos no corpo do Sr. Walton, o que eles esperavam repelir sua magia ‘má’. Depois de cinco décadas tentando ajudar seus moradores companheiros, este foi o modo como Charlie Walton fora recompensado pelos humanos.

E de repente a sala estava cheia de imagens e sons. Bem atrás da Sra. Casnoff, uma família de vampiros foi empalada por um grupo de homens de terno preto. Na verdade eu podia ouvir o terrível som molhado, quase como um enorme beijo, enquanto as estacas de madeira atravessavam seus peitos.

Da esquerda eu ouvi o estrondo agudo de uma arma de fogo, e eu instintivamente me abaixei enquanto um lobisomem caiu crivado com balas de prata atiradas por uma velha mulher em, de todas as coisas, uma camisola rosa.

Era como estar dentro de um filme de terror, e estava em todo lugar. No centro da sala, eu via agora duas fadas, ambas com asas cinza translúcidas, forçadas a ficarem de joelhos por três homens em vestias marrons. Enquanto as fadas gritavam, seus pulsos eram presos ao ferro que imediatamente cauterizavam suas peles, enchendo a sala com um cheiro que era perturbadoramente parecido com churrasco.

Minha boca ficou tão seca que eu podia sentir meus lábios se colando aos dentes. Foi por isso que eu nem pude arfar quando forças cheias de bruxas penduradas brotaram bem perto de mim.

Ao invés de desaparecer como as outras fotos tinham feito, esta se lançou direto do chão como um Jack-in-the-box<sup>{10}</sup>★. Seus corpos na verdade sacudiam e começavam a girar em seus laços, seus rostos roxos, línguas salientando dos lábios inchados. Eu podia ouvir gritos fracos, mas eu não tinha certeza se era dos meus colegas ou das próprias imagens. Eu queria cobrir o meu rosto, mas minhas mãos pareciam pesadas e úmidas, meu coração preso em minha garganta.

Alguma coisa quente se fixou nas costas da minha mão. Eu arranquei meus olhos daqueles corpos suspensos e vi que Archer tinha coberto minha mão com a sua. Ele estava olhando direto para as bruxas, e eu percebi que elas não eram somente mulheres. Havia feiticeiros suspensos também. Sem nem mesmo pensar, eu curvei meu dedos aos dele.

E então, justo quanto eu tinha certeza que iria ficar doente, as imagens desapareceram e as luzes da sala de jantar acenderam.

Sra. Casnoff estava de pé na frente da sala, sorrindo serenamente, mas quando ela falou, sua voz era fria e dura.

— Este é o porquê de todos vocês estarem aqui. Isto é ao que vocês se arriscam quando usam seus poderes imprudentemente na presença dos humanos. E para quê? — Ela olhou em volta da sala. — Para ganhar aceitação? Para se mostrar? — Seus olhos caíram em mim por um segundo antes dela continuar. — Nós temos sido perseguidos até a morte por humanos que iriam alegremente usar seus poderes se isso os fosse conveniente. E o que vocês acabaram de ver — ela varreu as mãos em

volta, e eu podia quase ver aquelas bruxas penduradas novamente, seus olhos embaçados, seus lábios azuis — é apenas o que humanos normais têm feito. Isto não é nada comparado ao que foi feito por aqueles que têm feito disto o seu trabalho para eliminar nossa espécie.

Meu coração ainda estava socando, mas meu estômago não estava mais ameaçando se revoltar. Perto de mim, Archer tinha retornado a se mexer, então eu acho que eu estava me sentindo melhor também.

Sra. Casnoff oscilou sua mão de novo, e como antes, imagens se lançaram atrás dela, mas desta vez elas ainda eram fotos ao invés de filmes do inferno.

— Há um grupo que chama a si próprios de A Aliança. — Ela disse, parecendo quase entediada enquanto ela gesticulava para um grupo de homens com aparência branda e mulheres em ternos. Eu achei que seu tom era terrivelmente desconsiderado para uma senhora que trabalhava para um conselho chamado ‘O Conselho’, mas eu tinha que concordar que essa ‘A Aliança’ era muito coxa.

— A Aliança é composta por agentes de diversas agências governamentais diferentes de diversos governos diferentes. Felizmente, eles ficam tão enalhados com papeladas que eles raramente são uma verdadeira ameaça.

Esta foto desapareceu enquanto um trio de mulheres com os cabelos vermelhos mais brilhantes que eu já tinha visto apareceram.

— E, claro, as Brannicks, uma família antiga da Irlanda que tem estado lutando com os ‘monstros’, como eles nos chamam, desde a época de São Patrício. Estes são os atuais membros da chama, Aislinn Brannick, e suas duas filhas, Finley e Isolde. Elas tendem a ser um pouco mais perigosas, enquanto seus ancestrais eram Maeve Brannick, uma incrivelmente poderosa bruxa branca que renunciou sua raça para se juntar à igreja. Eles são, portanto, impregnados com mais poder do que um humano regular.

Ela mexeu a mão de novo, e as mulheres desapareceram.

— E então este é o nosso inimigo mais forte. — Sra. Casnoff continuou. Enquanto ela falou, uma imagem negra se formou sobre sua

cabeça. Me levou um minuto para descobrir que aquilo era um olho. Mas não um olho de verdade - mais como uma tatuagem estilizada toda esboçada em preto, exceto pela íris, que era de um dourado intenso.

— L'Occhio di Dio. O Olho de Deus. — ela disse. Eu ouvi a sala mergulhar em um resfolego coletivo.

— O quê é isso? — eu murmurei à Archer.

Ele virou. Aquele sorriso sarcástico estava pairando em volta dos seus lábios novamente, então descobri que nossa camaradagem mais cedo era bem maior. Ele confirmou isto dizendo,

— Não pode fazer um feitiço de bloqueio, e você nunca ouviu falar do L'Occhio? Cara, que tipo de bruxa é você?

Eu tive uma inacreditável resposta desagradável disposta que envolvia sua mãe e a Marinha dos Estados Unidos, mas antes de eu poder falar, Sra. Casnoff disse, — L'Occhio di Dio é a maior ameaça para qualquer prodígio. Eles são um grupo com base em Roma, e sua finalidade expressa é limpar nossa espécie sobre face da Terra. Eles se veem como cavaleiros abençoados, enquanto nós somos o mal que deve ser purgado. Ano passado só este grupo fora responsável pelas mortes de mais de mil prodígios.

Eu olhei para O Olho e senti o cabelo da minha nuca ficar em pé. Agora eu lembrei porque isso parecia tão familiar. Eu o tinha visto uma vez nos livros da mamãe. Eu tinha uns treze, apenas ociosamente observando através das páginas, admirando as fotos lustrosas de bruxas famosas. E depois eu tinha virado para uma foto de uma execução de bruxas na Escócia, talvez por volta dos 1600 ou mais. A imagem era tão macabra que eu não tive capacidade de não parar de olhar. Eu ainda podia ver a bruxa deitada em suas costas, amarrada a uma tábua de madeira. Seu cabelo loiro se espalhava pelo chão, um olhar de puro terror em seu rosto. Sobre ela estava um homem de cabelo escuro segurando uma faca de prata. Ele não estava usando uma camisa, e exatamente acima de seu coração estava uma tatuagem – um olho negro com uma íris dourada.

— No passado, nós tivemos mais que realizar nossa própria luta contra estes três grupos, mas isso quando eles estavam separados e em desacordo. Agora nós temos recebido palavras de que eles podem estar forjando um tipo de paz. Se isso acontecer... — ela suspirou. — Bem, vamos dizer que nós não podemos deixar isto acontecer.

O Olho desapareceu, e Sra. Casnoff juntou suas mãos.

— Agora chega disso. Todos vocês têm uma manhã grande amanhã, então vocês estão dispensados. As luzes se apagam em meia hora.

Ela soou tão clara e tão eficiente que eu me perguntei se tinha alucinado a parte onde ela basicamente nos disse que todos nós iríamos morrer. Mas um olhar em volta da sala e eu sabia que meus colegas de classe estavam apenas tão chocados e confusos quanto eu.

— Bem, — Archer disse, dando uma palmada em suas coxas. — Essa foi nova.

Antes que eu pudesse perguntar o que ele quis dizer, ele se levantou da cadeira e desapareceu no meio da multidão de estudantes.

## CAPÍTULO 8



Graças aos seus longos passos com suas longas pernas, eu quase tive que correr para alcançar Archer.

No momento que eu o alcancei, ele estava na metade das escadas acima.

— Cross! — eu chamei. Eu apenas não podia me fazer dizer ‘Archer’ em voz alta. Eu teria me sentido como se estivesse em um episódio de Masterpiece Theatre<sup>{11}</sup>: — Archer! Vamos buscar uma xícara de chá, garoto!

Ele paralisou na escada e virou seu rosto para mim. Chocantemente, ele não estava sorrindo maliciosamente.

— Mercer. — ele respondeu, me fazendo revirar os olhos.

— Olha, o quê você quis dizer com ‘essa foi nova’? Eu pensei que você tinha visto tudo isso antes.

Ele desceu alguns degraus.

— Eu vi. — ele respondeu quando estava a apenas dois degraus acima de mim. — Três anos atrás, quando tinha catorze. Meu primeiro ano aqui. Mas foi diferente.

— Diferente como?

Ele deu de ombros em seu blazer, rolando seus ombros como se a jaqueta tivesse estado pesada.

— Eles ainda mostram a coisa do Charlie Walton; que parece ser o favorito. E tinha um lobisomem levando um tiro, e talvez uma ou duas fadas pegando fogo. Mas não tinha muitas imagens. E não eram todas de uma vez como isso. — Ele me olhou como se estivesse me avaliando. —

Nenhuma bruxa pendurada e nem feiticeiros. Tenho de dizer, estou um pouco impressionado.

Eu cruzei minhas mãos sobre meu peito e obscureci. Eu não gostei do jeito que ele estava olhando para mim.

— Impressionado pelo quê?

— Quando vi esse show há três anos, eu tive que correr para aquele pequeno banheiro logo ali, — ele apontou para uma pequena porta através da sala de estar — e vomitei até minhas tripas. O que vimos esta noite foi bem pior, e você nem mesmo empalideceu. Você é mais durona do que eu pensei.

Eu lutei contra a vontade de rir. Meu rosto pode ter parecido calmo, mas meu estômago ainda parecia uma pista de show de rock. Brevemente divertida pela imagem do meu organismo usando delineador e jeans rasgado, eu dei a Archer o que esperei ser um olhar de fria indiferença.

— Eu só não acredito em tudo isto.

Ele levantou uma sobrancelha, o que me deixou com ciúmes. Eu nunca consegui fazer isso. Eu sempre acabo levantando ambas e parecendo surpresa ou assustada ao invés de sarcástica.

— Não acredita em tudo o quê?

— Toda essa coisa sobre os humanos querendo nos matar de vários jeitos perversos.

— Eu acho que a história suporta muito bem esta hipótese, Mercer. Infernos, humanos têm destruído milhares de sua própria espécie tentando nos pegar.

— Sim, mas isso foi no passado. — eu argumentei — Também quando eles achavam que cavando um buraco em sua cabeça, ou drenando o seu sangue curariam você de uma doença. Humanos são muito mais pensantes agora.

— É um fato? — ele estava sorrindo afetadamente de novo. Eu imaginava se seu rosto machucaria se ele ficasse um longo tempo sem fazer isso.

— Olha, — eu disse — Minha mãe é humana, tá? E ela ama prodígios. Ela nunca faria nada para machucar ninguém. Ela tem até uma...

— Filha bruxa.

— O quê?

Ele deu um suspiro e jogou sua jaqueta sobre um ombro, segurando com a ponta do dedo indicador. Eu achei que somente modelos da GQ faziam isso.

— Sua mãe deve ser uma ótima pessoa, mas você honestamente acredita que ela se sentiria totalmente animada sobre bruxas se ela não estivesse criando uma?

Eu queria responder sim. Eu realmente queria. Mas ele tinha um ponto. Mamãe podia ter se tornado uma perita em monstros por mim, mas ela não correu do meu pai no minuto que ele a disse o quê ele era?

— Você está certa. — Archer disse seu tom se suavizando um pouco.

—

— Humanos não são mais como costumavam ser. Mas todas essas imagens eram reais, Mercer. Humanos sempre vão ter medo de nós. Eles sempre terão inveja de nossos poderes, e suspeitas de nossos motivos.

— Nem todos, — eu disse, mas minha voz soou fraca, e eu estava pensando em Felicia, histérica e gritando, — Foi ela! Ela é uma bruxa!

Archer deu de ombros de novo.

— Talvez não. Mas você esteve vivendo com um pé em cada mundo, e você não pode fazer isso mais. Você está com Hecate agora.

Suas palavras bateram forte. Nunca ocorreu a mim que eu era diferente, que a maioria dos prodígios crescia em famílias que ambos os pais eram como eles. E algumas das crianças aqui tinham tido dificilmente alguma interação com humanos uma vez que eles tenham adquirido seus poderes. Apesar da dúvida que estava se arrastando pela minha pele como insetos, eu disse.

— Sim, mas...

— Arch!

Elodie estava no topo da escada, acima de nós, uma mão em seu praticamente inexistente quadril. Normalmente quando coisas deste tipo acontecem em filmes, à namorada fica olhando para a outra garota com um brilho verde invejoso, mas desde que Elodie era uma deusa, e eu era, bem, não, ela não parecia nem mesmo um pouquinho ameaçada. Mais entediada, na verdade.

— Já vou aí, El. — Archer falou para ela. Ela executou aquela combinação rolar de olhos/sacudida de cabelo/aceno de mão que apenas garotas bonitas irritadas com seus namorados pode fazer, e andou até o terceiro andar. Eu acho que ela pôs balanço demais em seus quadris enquanto ia, mas, hey, questão de opinião.

— ‘Arch’? — eu perguntei uma vez que ela se foi, tentando fazer a coisa da sobancelha levantada. Como sempre, não funcionou então eu provavelmente só parecia chocada.

— Até mais, Mercer. — foi tudo o que respondeu. Mas enquanto ele se virava para subir, não pude deixar de escapar.

— Você acha que eles podiam ter uma razão algumas vezes?

Ele virou de volta para mim.

— Quem?

Eu olhei em volta, mas a sala estava vazia.

— Aquelas pessoas. A Aliança e aquelas garotas irlandesas. O Olho. — eu respondi. — Quero dizer, o que nós vimos foi horrível, mas lá não é perigoso para os prodígios também?

Por um momento seguramos o olhar um do outro. Primeiro eu pensei que ele estava bravo comigo, mas então eu percebi que o olhar em seus olhos não era raivoso. Era mais como ele estivesse... eu não sei... me estudando ou outra coisa.

Eu senti um estranho tipo de calor viajar do meu estômago para as minhas bochechas. Eu não sei se ele notou isso, mas ele sorriu para mim, um sorriso de verdade desta vez, e eu na verdade senti minha respiração

segurar o meu peito. Era a mesma sensação que eu tive na quarta série quando Suzie Strelzyck me desafiou a tocar o fundo da piscina do YMCA. Eu o fiz, mas voltando para a superfície, meu peito parecia ter sido colocado em um compactador de lixo, e eu estava tonta pelo tempo que eu fiquei nadando pela água.

Era assim que eu me sentia agora, encarando os olhos de Archer Cross.

Ele desceu os dois degraus entre nós até que ele estava no mesmo degrau que eu. Eu ainda tinha que olhar para cima, mas pelo menos não fazia mais o meu pescoço doer. Ele se inclinou próximo, e eu senti o limpo cheiro ensaboado.

— Eu não diria esse tipo de coisa por aqui se fosse você, Mercer. — ele murmurou. Eu pude sentir sua respiração quente contra minha bochecha, e embora eu não pudesse jurar a isso, eu acho que os meus olhos podiam ter vacilado.

Mas só um pouco.

Enquanto eu o via galopar escada acima, rangi meus dentes e repeti um mantra em minha cabeça:

*Não vou ter uma queda por Archer Cross, não vou ter uma queda por Archer Cross, eu não vou...*

Quando voltei ao meu quarto, Jenna estava sentada com as pernas cruzadas em sua cama, lendo um livro.

Dei um suspiro e me encostei na porta, empurrando-a para fechar com um clique alto.

— O quê foi? O show de imagens te afetou? — Jenna perguntou sem olhar para cima.

— Não. Quer dizer, sim, claro. Essa coisa foi esquisita.

— Mm-hmm, — Jenna concordou. — Algo mais?

— Eu tenho uma queda por Archer Cross.

Jenna riu.

— Que original de você.

Eu me enterrei em minha cama.

— Por quê? — Gemi em meu travesseiro. Eu virei e encarei o teto. — Está bem, então ele é fofo. Grande coisa. Muitos caras são fofos.

Era evidente que minha lamentação sobre um garoto de que eu gostava estava interferindo na leitura de Jenna, porque ela descruzou suas pernas e veio se empoleirar na beirada de sua mesa.

— Archer não é fofo. — ela alterou. — Filhotes são fofos. Bebês são fofos. Eu sou fofa. Archer Cross é gostoso. E eu nem mesmo estou por dentro do assunto dos caras gostosos.

Ok, então Jenna não iria ser de muita ajuda em acabar com a quedinha.

— Ele é um idiota. — eu apontei. — Se lembra de toda aquela coisa de lobisomem desta manhã?

— Sim. — Jenna disse secamente. — Salvando você de um lobisomem. Que ferramenta.

Eu gemi. — Você não está ajudando.

— Desculpa.

Ficamos sentadas em silêncio por um momento, eu olhando para uma mancha de bolor suspeita no teto, e Jenna se inclinando em seus cotovelos, tamborilando seus pés contra as gavetas da mesa. De fora, eu podia ouvir barulho. Era lua cheia, então os metamorfos podem correr livremente pelo terreno. Eu imaginei se Taylor estava lá fora.

— Ooh. — Jenna disse de repente, se sentando tão rápido que derrubou seu porta-caneta. — Ele tem uma namorada completamente vadia!

— Sim! — eu disse, me sentando e apontando para ela. — Obrigada! Uma namorada malévola que já me odeia nada menos. E qualquer cara que gasta de bom grado seu tempo com Elodie não é um cara que valha a pena gostar.

— Verdade. — Jenna disse com um aceno categórico.

Me sentido melhor, me virei de barriga para pegar um livro do lado da cama.

— Embora seja esquisito. — Jenna disse.

— O quê?

— Archer e Elodie. Ela esteve atrás dele todos estes anos, mas ele nunca quis ter nada com ela. Tipo, nunca. Então ele volta de seja lá de onde estava, e bam! De repente é um casal. Isso é estranho.

— Não tão estranho. — eu contei. — Quero dizer, ela é incrivelmente bonita. Talvez os hormônios finalmente tenham pego o melhor dele.

— Talvez. — Jenna disse, descansando o queixo em sua mão. — Mesmo assim. Archer é inteligente e divertido além da gostosura. Elodie é burra e antipática.

— E linda. — eu acrescentei. — E até mesmo garotos inteligentes são idiotas quando se trata de garotas bonitas.

— Verdade. — Jenna concordou.

Eu estava perto de trazer o assunto de Holly novamente quando a voz de Casnoff se espalhou pelo quarto, quase como se ela estivesse em um sistema de amplificação eletrônica. Eu achei que era algum tipo de feitiço de amplificação de voz.

— Senhoras e senhores, a título da agenda cheia de amanhã, espera-se que vocês se deem mais cedo esta noite. Luzes apagadas em dez minutos.

Eu olhei para o meu relógio.

— São oito horas. — eu disse incredulamente. — Ela quer que nos deitemos na cama às oito?

Suspirando, Jenna foi até seu armário e tirou seu pijama.

— Bem vinda à vida com Hecate, Sophie.

Houve uma corrida maluca para o banheiro para escovar os dentes, mas era somente de metamorfos e bruxas. Eu acho que fadas têm os dentes naturalmente limpos. Uma vez que voltei para o quarto, eu só

tinha três minutos para colocar meu pijama e mergulhar na cama. Às 8:10 em ponto, as luzes se apagaram.

Minha mente estava girando, e eu não sabia como poderia pegar no sono.

— É estranho para você, — eu perguntei à Jenna. — Ir para cama à noite? Quero dizer, vampiros supostamente não dormem durante o dia?

— Sim. — ela replicou. — Mas enquanto estiver aqui, tenho de seguir o itinerário de Hecate. Vai ser um porre quando eu sair daqui.

Eu não perguntei à Jenna quando ela partiria. Todo mundo estava livre de Hecate aos dezoito, mas o resto de nós agia como humanos. Jenna sempre teria quinze anos.

Me aconcheguei na cama e tentei ter pensamentos sonolentos. Parecia que eu apenas tinha acabado de fechar os olhos quando ouvi a porta ranger se abrindo.

Em pânico, me sentei, coração pulando. O relógio perto da minha cama marcava poucos minutos depois da meia noite.

Uma figura negra entrou no quarto. Eu arfei.

— Relaxe. — Jenna murmurou de sua cama. — Provavelmente é um dos fantasmas. Eles fazem isso às vezes.

Então houve um suave ruído seco de uma luz sendo acesa, e um pequeno charco de luz iluminou a figura.

Elodie.

Ela estava vestindo um pijama roxo de seda, uma vela negra embalada em suas mãos. Duas outras velas brilharam em vida, e eu vi Chaston e Anna, também com camisolas, atrás de Elodie.

— Sophie Mercer. — entoou Elodie. — Nós viemos para iniciar você à nossa irmandade. Diga as cinco palavras para iniciar o ritual.

Eu pisquei para ela.

— Você está tirando onda comigo?

Anna deu um suspiro exasperado.

— Não, as cinco palavras são ‘eu aceito sua oferta, irmãs.’

Eu tirei o cabelo do meu rosto e disse.

— Eu te avisei antes, eu não estou certa se quero me juntar ao seu coven. Não estou dizendo nenhuma palavra para começar o ritual.

— Dizendo as cinco palavras não significa que está automaticamente dentro. — disse Chaston, caminhando para frente. — Apenas quer dizer que o ritual de aceitação pode começar. Você pode desistir a qualquer momento.

— Oh, apenas vá com elas. — Jenna disse. Pude ver ela pelas luzes das velas, sentada em sua cama, seus olhos escuros cautelosos. — Elas não irão te deixar em paz até você ouvi-las.

A boca de Elodie se apertou, mas ela não disse nada.

— Tá bem. — eu disse, empurrando minhas cobertas de lado e levantando, — Eu... eu aceito sua oferta, irmãs.

## CAPÍTULO 9



As três me levaram ao quarto de Elodie e Anna.

— Como vocês duas conseguiram ficar no mesmo quarto? — Eu murmurei. — Eu pensei que o lance aqui do Hecate fosse aprender a conviver com outros Prodígios.

Elodie estava procurando algo na escrivaninha e não mostrou sinais de me ouvir, então Chaston disse, — As bruxas às vezes têm que dividir o quarto já que há mais de nós do que fadas ou metamorfos.

— E por que é assim? — Eu perguntei.

Anna respondeu enquanto acendia algumas velas, banhando o quarto numa luz suave. — Fadas e metamorfos não se arriscam a andar no mundo humano tanto quanto as bruxas se arriscam. Logo, menos chances de eles serem enviados pra este lugar.

Elodie encontrou um pedaço de giz na escrivaninha e estava ocupada desenhando um grande pentagrama no chão de madeira. Depois de terminar, ela desenhou um círculo ao redor dele.

— Normalmente nós fazemos este ritual ao ar livre, preferencialmente em meio às árvores, — ela disse, se sentando no topo do pentagrama. Chaston e Anna se sentaram à direita e à esquerda dela, então eu assumi meu lugar na outra extremidade. — Mas não nos é permitido ir até o bosque. A senhora Casnoff é, digamos, bastante rigorosa a esse respeito.

Nós quatro estávamos sentadas em volta do pentagrama de mãos dadas. Eu me perguntei se nós iríamos começar a cantar Kumbaya<sup>{12}</sup>.

— Sophie, qual foi a primeira magia que você colocou no universo? — Elodie perguntou.

— O quê?

— O primeiro feitiço que você lançou. — Chaston disse, inclinándose pra frente, seu cabelo loiro se espalhando pelos ombros. — Isso é algo sagrado para uma bruxa, o primeiro feitiço. Quando eu tinha doze anos, eu criei uma tempestade que durou três dias. E Anna congelou o tempo por... quanto tempo mesmo?

— Dez horas. — Anna respondeu.

Eu olhei através do círculo para Elodie. A luz das velas tremeluzindo nos olhos dela.

— E você? — Eu perguntei pra ela. — Eu transformei o dia em noite.

— Oh.

— E você, Sophie? — Chaston perguntou avidamente.

Eu considerei mentir. Eu podia dizer que eu tinha transformado alguém em pedra ou algo do tipo. Mas talvez elas soubessem a merda de bruxa que eu era, elas poderiam me tirar dessa história de coven.

— Eu fiz meu cabelo ficar roxo.

Eu me deparei com três rostos idênticos me encarando.

— Roxo? — Anna perguntou.

— Não era esse o objetivo nem nada disso. — eu disse. — Eu estava tentando deixar ele liso permanentemente, mas imagino que algo deu errado, porque ao invés disso ele ficou roxo. Mas só por três semanas. Sendo assim... é, essa foi a primeira magia que eu fiz.

Elas ficaram mudas. Anna e Chaston trocaram olhares através do círculo.

— Talvez eu devesse ir embora. — eu disse.

— Não! — Chaston disse apertando minha mão.

— É não vá. — Anna adicionou. — Então sua primeira magia foi... bem, um tanto idiota. Você fez feitiços melhores que esse desde então, certo? — Ela balançou a cabeça me encorajando.

— Que feitiço trouxe você pra cá? — Elodie perguntou. Ela estava sentada perfeitamente imóvel, seus olhos reluzindo. — Com certeza foi alguma coisa grande.

— Eu encontrei o olhar dela através do círculo. — Eu fiz um feitiço de amor.

Anna e Chaston esboçaram reações idênticas e soltaram minhas mãos.

— Um feitiço de amor? — Elodie zombou.

— E vocês? — Eu olhei pra elas ao longo do círculo. — O que vocês fizeram para serem enviadas para o Hecate?

Anna falou primeiro. — Eu transformei um garoto da minha turma de inglês em um rato.

Chaston deu os ombros. — Eu te disse. Eu fiz chover por três dias.

Elodie encarou o chão por um segundo. Eu não podia afirmar, mas eu tive a impressão de vê-la respirando profundamente. Quando ela levantou a cabeça, ela parecia calma.

Relaxada, até. — Eu fiz uma garota desaparecer.

Eu engoli em seco. — Por quanto tempo?

— Para sempre.

Aí fui eu quem respirou profundamente. — Então vocês três fizeram feitiços que machucaram pessoas.

— Não. — Anna respondeu. — Nós fizemos feitiços poderosos que funcionaram. Os humanos apenas... estavam no caminho.

Isso era tudo que eu tinha que ouvir. Eu me levantei. — Okay, bem, obrigada pela oferta, mas... Eu não acho que isso vai dar certo.

Chaston ficou de pé e agarrou minha mão de novo. — Não, não vá. — ela disse. Os olhos dela estavam enormes e brilhando sob a luz das velas.

— Ah, deixa ela. — Elodie disse com uma voz revoltada. — De qualquer forma, ela claramente pensa que é melhor que nós.

— Ei, não foi isso que eu disse

— Mas nós precisamos da quarta. — Chaston interrompeu.

— Não se a quarta for um peso morto. — Elodie replicou.

— Ela é a outra única bruxa negra aqui. Nós precisamos dela. — Anna disse em voz baixa. — Sem a quarta, nós não seremos fortes o bastante pra conseguir.

— Conseguir o que? — Eu perguntei, mas na mesma hora, Elodie sibilou, — Cala a boca, Anna.

— Isso não ia funcionar mesmo. — Chaston disse deprimida.

— É sério, vocês estão falando em código ou algo parecido? — Eu perguntei.

— Não. — Elodie disse, se levantando. — Elas estavam falando sobre coisas relacionadas ao coven. Coisas que não dizem respeito a você.

Eu não creio que alguém já tenha olhado para mim com tanta raiva. Eu meio que fiquei desconcertada por isso. Quero dizer, é claro que eu tinha recusado o convite para me juntar ao coven, mas não era como se eu tivesse esbofeteado elas ou algo parecido.

— Eu sinto muito se eu magoei vocês, — eu disse, — mas... hmm, não são vocês, sou eu?

Nossa essa foi original, Sophie.

Anna e Chaston estavam ambas de pé agora. Anna estava franzindo o cenho para mim, mas Chaston ainda parecia preocupada.

— Você também precisa de nós Sophie. — Chaston disse. — Não será fácil pra você sem suas irmãs pra te proteger.

— Me proteger do que?

— Você realmente pensa que as pessoas aqui vão te aceitar de braços abertos? — Elodie perguntou. — Tirando aquela sanguessuga do seu quarto e seu pai, você parecerá uma verdadeira pária sem nós.

Meu estômago deu um nó. — O que tem meu pai?

As três olharam uma pra outra.

— Ela não sabe. — Elodie murmurou.

— Sei o quê?

Chaston abriu a boca pra responder, mas Elodie a interrompeu. — Deixe-a descobrir isso sozinha. — Ela abriu a porta. — Boa sorte em sobreviver no Hecate, Sophie. Você vai precisar.

Se aquilo não era uma dispensa, eu não sei mais o que era. Eu estava tão distraída pensando no meu pai que eu caminhei bem pelo meio do círculo, batendo nas velas. Eu chiei quando a cera quente tocou meu pé descalço. Eu podia jurar ter ouvido Anna sorrir. Eu manquei até a porta. Antes de sair, eu me virei pra Elodie. Ela estava me olhando friamente.

— Desculpe. — eu disse novamente. — Mas eu não acredito que recusar participação num coven seja tão ruim assim.

Por um segundo eu achei que ela não fosse responder. Então, ela voltou a ter voz e disse, — Eu passei anos no mundo humano sendo observada como se eu fosse um monstro. Ninguém mais se atreve a olhar pra mim dessa forma. — Seus olhos verdes e apertados. — E com certeza não uma droga de bruxa como você.

Então, ela fechou a porta na minha cara.

Eu fiquei lá parada no corredor, ouvindo o meu coração batendo acelerado. Eu tinha olhado pra ela como se ela fosse um monstro? Eu me lembrei de como eu me senti quando ela disse que fez uma pobre garota desaparecer. É. Eu provavelmente tinha olhado pra ela dessa forma.

— Ok, chega! — alguém gritou.

Uma porta abriu rapidamente no corredor, e Taylor saiu que nem um furacão do quarto dela. Ela estava usando uma camisola grande, e o cabelo dela estava todo emaranhado em volta do rosto. Novamente pendiam presas da boca dela.

— Saia daqui. — ela gritou, apontando para o fim do corredor. Através da porta aberta eu consegui ver Nausicaa e Siobhan e mais uma porção de outras fadas, sentadas de pernas-cruzadas no chão. Uma luz verde reluzia do centro do círculo, mas eu não tinha certeza do que era.

O grupo se levantou. — Você não pode me impedir de participar dos rituais do meu povo, — Nausicaa disse.

Taylor tirou o cabelo do rosto. — Não, mas eu posso contar à senhora Casnoff que vocês quatro estão tentando se comunicar com Seelie Court com esse negócio de espelho.

Nausicaa franziu a testa e se curvou para pegar um brilhante círculo de vidro verde. — Isso não é um ‘negócio de espelho’. É um reservatório de orvalho coletado diretamente da flor-da-noite, flor esta que só é encontrada na mais alta montanha da...

— QUE SEJA — Taylor esbravejou. — Eu tenho que estar na Classificação de Metamorfos às 8h, e eu não consigo dormir com esse seu negócio de espelho idiota brilhando no meu rosto.

Siobhan debruçou-se sobre Nausicaa, seu cabelo azul encobrindo o rosto e cochichou alguma coisa no ouvido de Nausicaa.

Concordando, Nausicaa gesticulou para as outras fadas. — Venham. Nós podemos continuar em algum lugar menos... primitivo.

Taylor revirou os olhos.

As fadas passaram voando por mim. Siobhan me lançou um olhar desdenhoso e então elas se transformaram em círculos de luz, mais ou menos do tamanho de uma bola de tênis e saíram deslizando pelo corredor.

— Que alívio. — Taylor disse num sussurro antes de se virar pra mim com um sorriso radiante. Suas presas tinham praticamente desaparecido, mas seus olhos ainda estavam dourados. — Oi de novo!

— Oi. — eu disse de forma fraca, acenando com a mão.

— Então, o que você estava fazendo?

Eu fiz um sinal com a cabeça em direção ao quarto da Elodie. — Apenas, você sabe, me socializando. Você não deveria estar lá fora, correndo pelo bosque ou sei lá o que?

Taylor pareceu sem entender. — Não, isso é só pros lobisomens.

— E tem diferença?

Toda a amabilidade dela se esvaiu do rosto. — Tem — ela frisou. — Eu sou uma metamorfa. Isso quer dizer que eu posso me transformar num animal. Lobisomens são algo entre animal e ser humano. — Ela disse com desdenho. — Aberrações.

— Não dê ouvidos a ela. — disse uma voz atrás de mim.

A lobisomem era maior do que o Justin e sua pele era vermelha ao invés de dourada. Ela estava parada bem do outro lado do corredor, perto das escadas.

— Os metamorfos só tem inveja porque nós somos muito mais poderosos do que eles. — ela continuou, se debruçando contra a parede. Era uma postura muito comum, o que fez com que ela parecesse muito mais assustadora.

Eu engoli em seco e recuei até a porta do quarto da Elodie. Taylor não parecia assustada, apenas aborrecida. — Vai sonhando, Beth. — Para mim ela disse, — Vejo você amanhã, Sophie. Até mais.

A lobisomem estava lá parada no fim do corredor, com a língua pra fora e os olhos brilhantes. Eu teria que passar por ela para chegar ao meu quarto. Eu lutei pra manter meu rosto impassível enquanto caminhava em direção a ela. Meu pé ainda estava ardendo por causa da cera, mas eu não estava mais mancando. Quando eu cheguei até ela, ela me surpreendeu esticando uma mão imensa, que mais parecia uma garra da morte. Por um segundo eu pensei que ela fosse tentar me estripar. Mas então ela disse, — Eu sou Beth. — e eu acredito que supostamente deveria apertar sua pata.

E foi o que eu fiz, cautelosamente. — Sophie.

Ela sorriu. Foi aterrorizante, mas não era culpa dela.

— Prazer conhecer você. — ela disse com a voz grossa.

Okay, isso não era tão ruim. Eu podia lidar com isso. Ela já tinha comido alguém. Ela não parecia querer me...

Ela colocou o focinho no meu cabelo e inspirou profundamente. Uma baba quente caiu da boca aberta dela sobre meu ombro nu.

Eu me forcei ficar calma e depois de um momento, ela me libertou.

Dando os ombros descontraidamente, ela disse, — Desculpe, é coisa de lobisomem.

— Ah, sem problema. — eu disse, embora tudo o que eu podia pensar era, Baba! Baba de lobisomem! Na minha pele!

— Vejo você por ai! — ela disse pra mim enquanto eu passava por ela.

— Sim, com certeza! — eu disse por sobre o ombro.

Quando eu cheguei ao meu quarto, eu liguei a lâmpada e sai que nem uma doida em busca de um pedaço de tecido bem grosso. — Eca, eca, eca! — eu murmurei, esfregando o meu ombro. Depois que eu estava desbabada eu liguei a minha lâmpada para procurar alguma coisa pra me desinfetar.

Eu me lembrei de Jenna e me virei pra olhar pra cama dela. — Oh, desc...

Jenna estava sentada na cama, com uma bolsa de sangue pressionada contra a boca. Seus olhos estavam vermelhos e brilhantes.

— Desculpe. — eu conclui em uma voz fraca. — Pela claridade.

Jenna abaixou a bolsa, uma mancha de sangue no queixo. — Lanchinho da noite. Eu... eu pensei que você não fosse voltar agora. — ela disse suavemente. O vermelho levemente desaparecendo dos olhos dela.

— Tudo bem. — eu disse, me sentando na cadeira da minha escrivaninha. Meu estômago estava embrulhando, mas eu não iria deixar Jenna perceber isso. Eu me lembrei das palavras do Archer: Você está em Hecate agora.

E cara, essa noite me conscientizou disso.

— acredite ou não, essa não foi a coisa mais esquisita que eu vi esta noite.

Ela limpou a bochecha com a costa da mão, ainda evitando me olhar.

— E então, você se juntou ao coven?

— Oh, que inferno, não. — eu disse.

Ela olhou para mim então, obviamente surpresa. — Por que não?

Eu revirei os olhos. Eu de repente fiquei realmente cansada. — Isso só não era pra mim.

— Provavelmente porque você não é uma diva do mal.

— É, eu acho que a minha falta de glamour foi o golpe de misericórdia. E depois, eu presenciei uma metamorfa brigar com algumas fadas. Ah, a propósito, o que diabos é Seelie?

— O Seelie Court? É um grupo de fadas do bem que usam magia branca.

— Então eu não iria gostar de ver as más. — eu murmurei.

Jenna fez um gesto com a cabeça em direção ao tecido que eu tinha nas mãos. — E quanto a isso aí, o que houve?

— Hein? Ah, isso. Depois da briga com as fadas, uma lobisomem cheirou meu cabelo e babou em mim. Essa foi uma noite ruim.

— E então você voltou pro seu quarto pra ver uma vampira tomando sangue goela a baixo. — Jenna disse. Seu tom era normal, mas ela estava enrolando o edredom cor framboesa berrante nas mãos.

— Não se preocupe com isso. — eu disse. — Olha só, os lobisomens babam, os vampiros tem que se alimentar...

Ela sorriu antes de pegar a bolsa com sangue e perguntar timidamente, — Você se importa se eu...

Meu estômago revirou de novo, mas eu forcei um sorriso e disse, — Manda ver.

Eu caí de costas na cama. — Elas forçaram a barra comigo.

Jenna parou de tomar o sangue. — Quem?

— O coven. Elas disseram que eu precisava da proteção delas contra a decadência social por causa de, hmm...

— Por eu ser sua colega de quarto?

Eu me sentei. — Bem, por isso também. Mas elas também insinuaram algo sobre o meu pai.

— Hmm. — Jenna disse atentamente. — Quem é seu pai?

Eu me deitei, colocando meu travesseiro debaixo da cabeça.

— Apenas um feiticeiro comum, pelo que eu saiba. James Atherton.

— Nunca ouvi falar dele — Jenna disse. — Mas eu normalmente fico por fora das fofocas. E aí, você acredita que a Elodie e as outras garotas estão com raiva de você?

Eu me lembrei do olhar afiado da Elodie. — Ah sim — eu disse suavemente.

De repente, Jenna caiu na gargalhada.

— Que foi?

Ela abanou a cabeça, a mecha rosa caindo na frente do olho. — Pense. Caramba, Sophie, é apenas seu primeiro dia e você já se aliou à pária da escola, irritou as garotas mais populares de Hecate e desenvolveu uma paixão platônica por um cara super gostoso. Se você se meter numa detenção amanhã, você será tipo, lendária.

## CAPÍTULO 10



Pela definição de Jenna, levou uma semana e meia pra eu me tornar lendária. A primeira semana passou muito rápido, tendo-se em vista tudo que aconteceu. Por um lado, as aulas eram ridiculamente fáceis. Em sua maioria, elas pareciam ser desculpas para os nossos professores falarem sobre morte pra gente. Até mesmo Lord Byron, de quem as aulas eu realmente estava empolgada pra assistir acabou se tornando a hora do sono. Quando ele não estava declamando seus próprios poemas, ele ficava emburrado atrás da mesa nos mandando calar a boca – embora alguns dias atrás ele tenha nos deixado fazer caminhadas em volta do lago para — entrar em comunhão com a natureza. — Muito divertido.

Eu estava ansiosa pela aula de como lançar feitiços, mas de acordo com Jenna, essas aulas só eram dadas numa — verdadeira — escola de Prodígios, locais chiques pra onde os prodígios poderosos mandavam os filhos. Já que Hecate era tecnicamente um reformatório, nós tínhamos um estudo ultrapassado sobre assombrações do século XVI e coisas do tipo. Que lixo.

Ao menos Jenna estava em quase todas as minhas aulas.

— Eles não tem nenhuma classe especial pra vampiros. — ela explicou. — Então, ano passado eles apenas me deram a mesma grade que Holly. Acho que decidiram fazer a mesma coisa esse ano.

A única aula que Jenna não tinha comigo era P.E., ou como eles a chamavam em Hecate, — Defesa. — Eu tinha essa aula a cada duas semanas, então como só tinha uma semana e meia que eu estava em Hecate, ainda faltava meia semana pra eu ter esta aula.

— Por que ela só é a cada duas semanas? Eu perguntei pra Jenna hoje de manhã. — Todas as nossas outras aulas acontecem todo dia.

Eu estava vestindo meu totalmente abominável uniforme Azul-Hecate de Defesa, o qual consistia em uma calça brilhante de algodão azul e uma camiseta um pouco-apertada-demais-*pra-ser-confortável* com um — HH — impresso em espiral num certificado branco bem acima do meu seio esquerdo.

— Porque — Jenna respondeu, — se você tivesse Defesa todo dia, ou toda semana, você iria viver no hospital.

Depois de uma dessas, eu meio que perdi parte da minha autoconfiança enquanto eu concordava com a cabeça e comecei a me dirigir a uma casa verde que mais parecia uma academia. Ela ficava a mais ou menos meio quilômetro da casa principal, mas foi mal eu começar a andar uns dois metros e eu já estava encharcada de suor. Eu não era idiota: Eu sabia que a Georgia era quente, e eu já tinha morado em lugares quentes antes. Mas nos outros lugares, como o Arizona e o Texas, não tinha esse tipo de calor, um tipo que parecia sugar toda a minha força vital. Esse era um tipo de calor pegajoso que fazia você se sentir como se mofo estivesse crescendo sobre a sua pele.

— Sophie!

Eu me virei e vi Chaston, Anna e Elodie caminhando em minha direção. Elas pareciam perfeitas naqueles ridículos uniformes de ginástica. Incrível.

Entretanto, quando elas se aproximaram, eu vi que elas também estavam suando, o que fez eu me sentir melhor. As três estavam na maioria das minhas aulas, mas não tinham falado comigo desde a primeira noite. Eu me perguntei o que teria acontecido com elas desde então.

— Hey. — eu disse casualmente quando elas chegaram até mim. — Que foi agora? Vieram me avisar da minha morte inevitável pelas mãos de um coelho fofo? Ou talvez atirar raios de luz em mim?

Chaston sorriu e, pra minha maior surpresa, enlaçou o braço no meu. — Olha, Sophie, nós discutimos e nos sentimos muito mal pela outra

noite. Então, você não quer se juntar ao nosso coven. Grande coisa!

— É— Anna adicionou, ficando do meu outro lado. — Nós exageramos.

— Vocês acham? — Eu disse.

— Nós estamos tentando nos desculpar. — Elodie adicionou, reduzindo o passo a nossa frente. Eu realmente, realmente torcia pra ela dar de cara numa árvore.

— Eu estava falando com o Archer, e ele disse que você estava bem.

— Sério? — Eu perguntei antes de conseguir me conter.

Ótimo Sophie, eu pensei. Muito legal da sua parte.

— É, e ele me disse que você não sabia nada sobre Prodígios. Disse que você era praticamente patética, na verdade.

Eu tentei sorrir, mas havia algo negro e afiado se revirando no meu estômago que dificultou um pouco as coisas. — Huh.

— É, Chaston disse. — E então nós achamos que provavelmente a gente fez você pirar.

— Pode-se dizer que sim. — Eu podia ver a casa verde agora. Ela era uma enorme construção clara de madeira e vidro, com janelas que captavam a luz do sol de manhã e brilhavam tão fortemente que feriam os meus olhos. Diferentemente do resto de Hecate, ela parecia bem alegre. Havia um bando de estudantes se espremendo ao redor como mirtilo.<sup>{13}</sup>

— E nós estamos arrependidas. — Anna disse. Eu pensei que elas tivessem ensaiado esta coisa estranha de conversa a três, pelo jeito como a conversa estava acontecendo. Eu as imaginei sentadas num círculo no dormitório, penteando o cabelo e dizendo, — Okay, então eu vou dizer que nos sentimos mal, e então você irá dizer que o seu namorado gostoso acha ela patética.

— Então, podemos começar de novo? — Chaston perguntou. — Amigas?

Elas sorriram esperançosamente pra mim, até mesmo Elodie. Eu deveria ter percebido que aquilo simplesmente não poderia acabar bem,

mas eu estupidamente sorri de volta e disse, — É. Amigas.

— Ótimo! — Chaston e Anna disseram juntas. Elodie meio que apenas murmurou alguma coisa um segundo depois.

— Okay — Chaston disse enquanto nós nos aproximávamos da casa verde. — Então, como suas amigas, nós achamos que devemos lhe dar umas dicas sobre Defesa.

— A professora é a Vandy e ela é terrível. — Elodie disse.

— Certo, uma dama scrunchie.

Elas reviraram os olhos ao mesmo tempo. Será que elas faziam nado sincronizado no tempo livre?

— É Anna suspirou. — Aquele estúpido scrunchie.

— Jen... hmm..., Eu ouvi alguém chamar de portal portátil pro inferno.

Elas sorriram. — Bem que ela queria. — Anna bufou.

— Vandy era uma ótima bruxa negra, — Elodie explicou, — mas ela ficou um pouco grande para suas calças, como dizem por aqui. Ela trabalhou para o Conselho. Arquitetou um plano pra assumir Hecate, e... bem, é uma longa história. Mas terminou com ela sendo enviada ao Conselho para Remoção.

— E, Anna complementou num sussurro conspiratório, — parte da punição dela era ter que voltar ao Hecate não como diretora. Apenas como uma professora comum. Ela supostamente deveria ser um exemplo para os outros. É por isso que ela é tão vaca.

— Ela com certeza vai pegar no seu pé porque você é novata. — Chaston disse.

— Mas, Elodie interrompeu, — ela é super vaidosa. Sendo assim, se você ficar em apuros a elogie ou as tatuagens dela.

— Tatuagens? — Eu perguntei. De perto, a casa verde era ainda maior do que eu tinha imaginado. O que diabos eles teriam usado pra construí-la? Sequoias Canadenses?

— Ela tem umas tatuagens roxas ao longo dos braços. Elas são símbolos mágicos de algum tipo, como runas ou algo parecido. — Elodie continuou. — Ela tem muito orgulho delas. Diga que você gosta delas e você estará feita na vida com a Vandy.

Nós passamos pela porta da frente da casa verde. O braço da Chaston ainda estava no meu. O salão era imenso e parecia especialmente grande porque tinha umas cinquenta pessoas lá. Defesa não era dividida por idade por algum motivo, de forma que eu reparei num grupo de garotos de mais ou menos doze anos bastante nervosos. Estava claro, mas não quente. Havia uma brisa fresca ao meu redor, logo, eu concluí que esta construção tinha o mesmo feitiço que tinha na casa principal.

Ela realmente se parecia com um ginásio do segundo grau: piso de madeira, tapetes de ginástica azuis, pesos. Mas eu não podia deixar de perceber que algumas coisas realmente não eram nada normais.

Parecia que várias algemas de ferro estavam parafusadas na parede. E uma força enorme erguida no fundo da sala.

Elodie foi imediatamente atrás de Archer, quem, eu logo percebi, não era assim tão magricela como eu pensei que fosse. Os uniformes dos garotos eram praticamente os mesmos que os das garotas, e a camiseta azul dele colava a um tórax muito mais definido do que eu supus. Eu tentei não olhar e definitivamente tentei não aparentar o leve ciúme que tomou conta de mim quando ele uniu os lábios aos de Elodie para um beijo rápido.

Uma cabeça ruiva alta acenou pra mim. — Oi, Sophie!

Eu acenei de volta, me perguntando quem diabos... Ah, tá. Cabelo vermelho. Beth, a lobisomem. Eu gostava muito mais dela quando ela não estava babando em mim. Ela fez um sinal para que eu me juntasse a ela, mas antes que eu pudesse, uma baixa voz nasal acabou com as conversas.

— Tudo bem, turma!

Vandy apareceu em meio à multidão, trajando o mesmo uniforme que nós. Eu imediatamente notei as tatuagens. Elas eram de um profundo

púrpura brilhante que parecia ainda mais brilhante perante a pele flácida dela.

O sempre presente scrunchie mantinha o cabelo castanho dela preso pra trás. Ela tinha pequenos olhos escuros que observavam atentamente a turma, e mesmo à distância, eu pude perceber um olhar aguçado bem estranho no rosto dela. Era como se ela estivesse achando que alguém a atacaria para que então ela pudesse esmagá-lo como um inseto.

Pra resumir, ela me assombrava pra caramba.

— Escutem! — Ela rosnou numa voz fraca. Assim como a senhora Casnoff, ela tinha um sotaque sulista, mas ele parecia áspero ao invés de suave e melódico. — Eu estou certa que seus outros professores lhes dirão que suas aulas de História da Magia ou Classificação de Vampiros, ou que, Cuidado de lobisomens — eu percebi que alguns garotos, incluindo o Justin, ficaram de pêlos arrepiados, mas a Vandy continuou — são mais importantes do que a minha. Mas me respondam: O quanto que essas outras aulas irão ajudá-los quando estiverem sobre o ataque de um humano? Ou Brannick? Ou, o pior de todos, o Olho? Vocês pensam que seus livros vão salvá-los quando L’Occhio di Dio vier?

Eu acredito que nós não parecíamos suficientemente impressionados, porque ela parecia explodir de raiva. O dedo dela praticamente furou a prancheta quando ela apontava pra alguma coisa.

— Mercer! Sophie! — ela gritou.

Eu exclamei um xingamento disfarçadamente, mas levantei a minha mão. — Hmm... aqui. Eu.

— Venha à frente!

Eu fui. Ela me puxou pelo braço até eu ficar parada próximo a ela.

— Agora, senhorita Mercer, aqui diz que esse é o seu primeiro ano em Hecate, correto?

— Sim.

— Sim o que?

— Hmm... Sim senhora.

— Então aparentemente você fez um feitiço de amor que te trouxe até Hecate. Foi pra você ou você só estava tentando tornar algum humano em seu amigo, senhorita Mercer?

Eu ouvi risinhos vindos da turma, e eu sabia que meu rosto estava super corado. Pele pálida idiota.

Aparentemente, essa era uma questão de praxe, porque a Vandy não esperou uma resposta. Ela se virou e se ajoelhou diante de uma mochila de lona.

Quando ela se levantou, ela estava segurando uma estaca de madeira.

— Como você se defenderia contra isso, senhorita Mercer?

— Eu sou uma bruxa. — eu disse automaticamente e, novamente, eu ouvi a turma murmurar e sorrir disfarçadamente. Eu me perguntei se Archer estaria sorrindo, mas então eu percebi que eu realmente não queria saber.

— Você é uma bruxa? — a Vandy repetiu. — E daí? Por um acaso uma estaca de madeira pontuda direto no seu coração não iria te matar?

Idiota, idiota, idiota. — Eu, hmm... Eu imagino que iria sim.

A Vandy sorriu, e esse foi um dos sorrisos mais loucos que eu já vi. Com certeza eu era o inseto do dia.

Dando-me as costas, ela olhou pra turma até ela ver alguém que fez os olhos dela se estreitarem. — Senhor Cross!

Oh meu deus, eu pensei fracamente. Oh, por favor, por favor, não...

Archer foi pra frente e parou do outro lado da Vandy, com os braços cruzados ao peito. A luz do sol que entrava pela janela cintilou no cabelo dele, o qual não era totalmente preto, mas tinha o mesmo tom castanho escuro dos olhos dele.

Então a Vandy se virou pra mim e colocou a estaca em minhas mãos.

Eu não sei que tipo de estaca os caçadores de vampiros normalmente usam, mas esta era um lixo. Ela era feita de alguma madeira amarelada barata que espetava a minha mão. Isso dificultou e muito pra eu conseguir segurá-la da maneira correta, de forma que eu meio que a deixei pendendo

ao meu lado. Mas a Vandy agarrou meu cotovelo e posicionou meu braço de forma a me fazer segurá-la erguida como se eu fosse atravessá-la no peito do Archer.

Eu o observei e vi que ele estava fazendo força pra não sorrir. Seus olhos estavam ficando levemente marejados e seus lábios estavam contraídos.

Minha mão pressionou a estaca. Talvez enfiá-la no peito dele não fosse assim tão má ideia.

— Senhor Cross — Vandy disse, ainda sorrindo docemente, — tente meio que desarmar a senhorita Mercer usando a Habilidade Nove.

Repentinamente, toda a despreocupação se esvaiu do rosto dele. — Você só pode estar de brincadeira.

— Ou você faz isso ou eu farei.

# CAPÍTULO 11



Por um momento eu pensei que ele ainda se recusaria, mas depois ele olhou de volta para mim e murmurou: — Tudo bem.

— Excelente! — Vandy disse animadamente. — Agora, Srta. Mercer ataque o Sr. Cross.

Olhei para ela. Eu nunca tinha machucado uma mosca na minha vida, e aquela mulher esperava que eu simplesmente estocasse um cara com uma madeira pontiaguda?

O sorriso de Vandy endureceu. — A qualquer momento agora.

Eu gostaria de poder dizer que eu de repente descobri minha princesa guerreira interior e habilmente saltei em Archer, com a arma içada, mostrando os dentes. Teria sido legal. Em vez disso, levantei a estaca na altura do meu ombro e dei dois, talvez três passos para frente, hesitando.

Em seguida, os dedos cerrados apertavam a minha garganta, e a estaca foi arrancada da minha mão, e uma dor aguda surgiu na minha coxa direita, enquanto eu aterrissava no chão com um baque que me tirou a respiração.

E como se isso não fosse suficiente, uma vez que eu estava caída, algo duro e pesado — o joelho dele, eu pensei — bateu-me bem no esterno. Você sabe, apenas em caso de haver um último suspiro deixado em meus pulmões. A ponta da estaca raspou a pele sensível sob o meu queixo. Olhei para cima, ofegante, no rosto do Archer.

Ele estava longe de mim num piscar de olhos, mas tudo que eu podia fazer era rolar para o meu lado, e juntar meus joelhos até meu peito, e esperar o oxigênio entrar novamente no meu corpo.

— Muito bom! — Eu ouvi Vandy dizer de algum lugar distante. Eu estava literalmente vendo estrelas, e cada respiração irregular, parecia como se eu estivesse tentando respirar através de um vidro quebrado.

O lado positivo, é que a minha paixão por Archer foi totalmente apagada. Acabada. Uma vez que um menino bateu seu joelho em sua caixa torácica, eu acho que qualquer sentimento romântico deve, naturalmente, seguir o caminho da extinção.

Então eu senti mãos debaixo dos braços, erguendo-me de pé. — Sinto muito. — Archer murmurou, mas eu só olhei para ele. Minha garganta ainda parecia grossa e inchada, e eu não queria tentar empurrar todas as palavras por ela. Muito menos todas as palavras que eu queria dizer a ele.

— Agora, — Vandy disse brilhantemente, — O Sr. Cross mostrou excelente técnica, embora eu tivesse ficado definitivamente mais tempo no peito do oponente.

Archer assentiu com a cabeça ligeiramente para mim quando ela disse isso, e eu me perguntava se ele estava tentando dizer que é porque ele fez isso, teria sido pior se tivesse sido a Vandy. Eu realmente não me importei. Eu ainda estava chateada.

— E agora, Sr. Cross, Lição número quatro. — Vandy disse.

Mas desta vez Archer sacudiu a cabeça. — Não.

— Sr. Cross. — disse Vandy agudamente, mas Archer apenas jogou a estaca a seus pés. Esperei o desentranhamento ou a surra ou, no mínimo, a descrição, mas mais uma vez, a Vandy apenas sorriu seu sorriso apertado. Ela pegou a estaca e me entregou.

Eu tinha certeza que ia vomitar. Não haveria algum outro novato que ela poderia torturar? Olhei ao redor e peguei alguns olhares simpáticos, mas toda a gente parecia aliviada que não eram eles que seriam esmagados.

— Muito bem. Vejam e aprendam pessoal. Lição quatro. Venha para mim, Srta. Mercer.

Eu só fiquei lá olhando para ela.

Ela apertou os lábios em irritação e, em seguida, sem aviso, a mão dela me agarrou. Mas eu estava preparada desta vez, e com raiva e mágoa. Sem pensar, eu puxei a minha perna para cima e chutei. Forte.

Eu vi meu pé de tênis bater em seu peito, como se esse pé pertencesse à outra pessoa. Não poderia ter sido o meu. Eu nunca tinha chutado ninguém na minha vida, eu certamente não iria chutar uma professora.

Mas eu tinha. Eu tinha chutado Vandy no peito, e ela foi se alastrando sobre o tapete azul, não muito longe do lugar onde eu tinha caído mais cedo.

Eu ouvi os outros alunos liberarem uma respiração coletiva. Quero dizer, realmente. Todos os cinquenta deles pareciam ter suspirado, ao mesmo tempo.

Foi então que o conhecimento sobre a enormidade do que eu tinha feito me atingiu.

Ajoelhei-me e lhe ofereci a minha mão. — Oh meu Deus! Eu... Eu não tive a intenção...

Ela afastou a minha mão e se levantou, irada. Eu estava muito, muito ferrada.

— Srta Mercer, — ela disse ofegante, me fazendo pensar em um touro. — Há alguma razão que você possa imaginar, para que eu não lhe dê uma detenção pelo próximo mês?

Minha boca se moveu, mas nada saiu.

Então, como uma dádiva de Deus, lembrei-me do conselho Elodie. — Eu gosto das suas tatuagens! — Eu disparei.

Eu apenas pensei que se a classe tinha engasgado antes. Agora, o som que eles fizeram era como o ar escapando de um balão.

A Vandy inclinou a cabeça para mim e apertou os olhos pequenos. — Você o quê?

— Eu... Eu gosto de suas tatuagens. Da sua tinta. Suas, um, tattoos. Elas são realmente legais.

Eu nunca vi ninguém ter um aneurisma antes, mas eu tinha medo de que era exatamente o que a Vandy estava prestes a ter. Inquietamente, eu olhava para a multidão de alunos até que encontrei os olhos de Elodie. Ela estava sorrindo, e eu percebi que eu tinha cometido apenas um erro verdadeiramente horrível.

— Eu espero que você não esteja pensando em ter algum tempo livre aqui em Hecate, Srta Mercer. — zombou Vandy. — Detenção. Trabalho no porão. Pelo resto do semestre.

Do semestre? Eu balancei minha cabeça. Quem já tinha ouvido falar de uma detenção que duraria dezoito semanas? Isso era uma loucura! E devia ir para o porão? O que era isso?

— Oh, que isso. — eu ouvi alguém dizer, e eu olhei para cima para ver Archer olhando para a Vandy. — Ela não sabia ok? Ela não foi criada como nós.

A Vandy tirou uma mecha de cabelo de sua testa. — Sério Sr. Cross? Então você acha que a punição da Srta Mercer é desleal?

Ele não respondeu, mas ela balançou a cabeça como se tivesse.

— Ótimo. Compartilhe então.

Elodie gritou, e eu fiquei um pouco satisfeita com isso.

— Agora, vocês dois saiam do meu ginásio e informem a Sra. Casnoff. — Vandy disse, esfregando o peito.

Archer estava fora da porta quase no mesmo momento que a Vandy terminou de falar, mas eu ainda estava me sentindo um pouco atordoada, sem falar machucada. Eu rumei em direção à saída, ignorando os olhares de Elodie e Chaston.

Archer já estava muito à frente de mim e andando tão rápido que eu mal podia acompanhar.

— Você gosta da 'tattoo' dela? — ele rosnou quando eu finalmente estava ao seu lado — Como ela não tivesse motivos suficientes para te odiar.

— Me desculpe, mas você está chateado comigo? Comigo? Eu sou a pessoa que teve seu joelho praticamente esmagando minha coluna, amigo, por isso vamos verificar a atitude.

Ele parou tão de repente que eu realmente dei três passos a frente dele e tive que me virar.

— Se a Vandy tivesse executado essa manobra, você estaria na enfermaria agora. Desculpe por tentar salvar a sua pele. Mais uma vez.

— Eu não preciso de alguém salvando a minha pele. — eu respondi meu rosto quente.

— Certo — ele demorou antes de caminhar em direção à casa. Mas, em seguida, algo que ele tinha dito me impressionou.

— O que quer dizer que ela tem motivos de sobra para me odiar?

Ele claramente não ia parar de andar, então eu tive que correr para acompanhá-lo.

— Seu pai é quem lhe deu as 'tattoos'.

Eu agarrei seu cotovelo, com os dedos deslizando na sua pele suada. — Espere. O quê?

— Estas marcas significam que ela passou pela remoção. Eles são um símbolo de seus erros, não um ponto de orgulho para ela. Por que você...

Ele parou de falar, provavelmente porque eu estava olhando para ele.

— Elodie. — ele murmurou.

— Sim. — eu respondi. — A sua namorada e as amigas dela me deram um histórico sobre a Vandy esta manhã.

Ele suspirou e esfregou a nuca, o que fez sua camiseta ficar ainda mais apertada em seu peito. Não que eu me importasse.

— Olha Elodie... ela é...

— Então, não me importo. — eu disse, segurando minha mão. — Agora, o que você quer dizer quando disse que meu pai deu-lhe as tatuagens?

Archer me olhou incrédulo.

— Whoa.

— O quê?

— Você realmente não sabe?

Eu nunca tinha sido capaz de realmente sentir a minha pressão sanguínea subir antes, mas certamente aconteceu agora. Parecia o mesmo sentimento que eu tinha quando usava magia, só que com uma fúria homicida mais latente.

— Não. Sei. O. Quê? — Eu consegui dizer.

— Seu pai é o chefe do Conselho. Como, o cara que enviou a todos nós para cá.

## CAPÍTULO 12



Após essa pequena informação, eu fiz algo que nunca tinha feito em toda minha vida.

Eu tive um colapso de rainha do drama.

Digo, caí em lágrimas. E não tragicamente belas ou elegantes lágrimas. Não, eu estava uma grande bagunça que envolvia um rosto vermelho e meleca.

Eu costumo fazer questão de não chorar na frente das pessoas, especialmente de meninos gostosos por quem eu tinha sido totalmente esmagada antes e que tinha tentado me sufocar.

Mas por alguma razão, sabendo que ainda havia outra coisa que eu não sabia, me deixou a margem de um colapso.

Archer, para seu crédito, não estava exatamente horrorizado com meus soluços, e até chegou a ponto de se aproximar para se apoderar dos meus ombros. Ou possivelmente me bater.

Mas antes que ele pudesse me dar qualquer tipo de conforto ou cometer outros atos de violência sobre a minha pessoa, eu me afastei dele e fiz o meu momento de rainha do drama se completar fugindo dele.

Não foi bonito.

Mas neste momento eu não me importava. Eu corri, meu peito queimava, minha garganta doendo de uma combinação do ataque de Archer e lágrimas.

Meus pés batiam contra a relva espessa, com pancadas maçante, e tudo o que eu podia pensar era que eu era uma idiota.

Não sei sobre feitiços de bloqueio.

Não sei sobre tatuagens.

Não sei sobre o grande, estúpido, Olho malvado italiano.

Não sei sobre meu pai.

Não sei nada sobre ser uma bruxa.

Não sei, não sei, não sei.

Eu não tinha certeza exatamente o quão longe eu tinha corrido, mas quando eu cheguei à lagoa na parte de trás da escola, minhas pernas tremiam e meu lado doía. Eu tive que me sentar. Felizmente, havia um pequeno banco de pedra junto à borda da água. Eu estava tão fora do ar entre a corrida e o choro que eu totalmente tinha ignorado o musgo rastejando sobre o assento e desabei. Estava quente do sol, e eu recuei um pouco.

Me sentei lá, com os meus cotovelos sobre os joelhos e a cabeça em minhas mãos, ouvindo a minha respiração dentro e fora de meus pulmões. O suor pingava da minha testa para minhas coxas, e eu comecei a me sentir um pouco tonta.

Eu estava apenas tão... irritada. Ok, então minha mãe tinha sido assustada pelo papai ser um feiticeiro. É justo. Mas por que ela não podia ter pelo menos me deixado falar com o cara? Teria sido bom ter um pouco de conhecimento sobre a Vandy. Você sabe, só um amistoso — Oh, e por falar nisso, a sua professora de ginástica me odeia muito e, portanto, por extensão, te odeia! Boa sorte!

Eu gemi e me deitei no banco, apenas para me sentar novamente quando a pedra quente tocou meu braço nu.

Sem pensar muito, eu coloquei minha mão sobre a bancada e fiquei confortável.

Uma pequena faísca preta voou para o meu dedo indicador, e imediatamente o banco debaixo de mim começou a esticar até que se transformou em uma bonita, exuberante, chaise lounge coberta de veludo e com listras de zebra rosa. Claramente, Jenna estava me influenciando.

Eu me sentei de volta no meu novo local confortável de descanso, um agradável murmúrio de zumbido ecoou por mim. Eu não tinha feito magia desde que cheguei a Hecate, e eu tinha esquecido como é bom, mesmo o menor ato de magia me fazia sentir. Eu não poderia criar algo do nada - muito poucos bruxos podiam, e os que podiam certamente usavam magia negra de qualquer maneira - mas eu poderia mudar as coisas em diferentes versões de si mesmos.

Então eu coloquei a mão no meu peito e sorri enquanto o meu uniforme de educação física se transformava em uma blusa branca e shorts cáqui. Então eu apontei o dedo na borda da água e observei enquanto um fluxo espiral ascendente partia da superfície do lago, se movendo em um cilindro até que eu tinha um copo de chá gelado flutuando no ar diante de mim.

Eu estava me sentindo muito satisfeita comigo mesma, e mais que um pouco embriagada de magia, enquanto eu encostei-me à chaise e tomei um gole de chá. Eu era uma perdedora, mas hey, pelo menos eu era uma perdedora que pode fazer magia, certo?

Eu sentei lá com o meu braço suado nos meus olhos durante alguns minutos, ouvindo os pássaros, o colo suave da água contra a costa, e por aqueles poucos momentos pude esquecer que eu estaria com alguns problemas graves quando voltasse para a escola.

Baixando o meu braço, virei à cabeça para olhar para a lagoa.

Lá, do outro lado da água, havia uma garota de pé na margem oposta. A lagoa era muito estreita, para que eu pudesse vê-la de forma clara: era o fantasma verde que eu vi no primeiro dia de Hecate. E, assim como no primeiro dia, ela estava olhando diretamente para mim.

Era mais que assustador, para dizer o mínimo. Não sabia o que fazer, eu levantei minha mão e acenei um olá lamentável.

A menina levantou a mão em resposta. E então ela desapareceu. Não houve nenhum desvanecimento gradual, como eu tinha visto o fantasma de Isabelle. Apenas um minuto ela estava lá, então ela se foi.

— Curiosidade e curiosidade. — eu disse minha voz um pouco alta demais na quietude, e me assustando ainda mais.

Meu bom humor começou a desvanecer-se quando o zumbido de magia desapareceu, e eu olhei para baixo para ver a minha roupa descolada e bonita, que já tinha se dissolvido de volta em meu uniforme de ginástica. Isso foi estranho. Meus feitiços geralmente duram muito mais tempo do que isso. A chaise debaixo de mim estava começando a ficar um pouco mais dura também, e eu imaginei que faltava apenas cerca de cinco minutos mais antes que eu estivesse sentada na quente pedra musgosa novamente.

Meus pensamentos voltaram para os meus pais e sua inclinação aparente em serem grandes mentirosos. Mas mesmo que eu tentasse ficar com raiva deles por me envolverem nesta bagunça, eu sabia que não foi isso que tinha me criado problemas na aula de ginástica.

Era esse o meu maior medo, que parecia estar se tornando realidade. É uma coisa ser diferente, em torno de pessoas que você realmente é, bom, diferente. É todo um outro problema ser uma pária em um grupo de párias.

Suspirei e me deitei na chaise, que agora tinha musgo rastejante de um lado.

Fechei os olhos.

— Sophie Alice Mercer, uma aberração entre as aberrações. — murmurei

— Perdão?

Eu abri meus olhos para ver uma figura que pairava acima de mim. O sol estava diretamente atrás dela, transformando-a em uma sombra negra, mas a forma de seu cabelo tornava a Sra. Casnoff facilmente identificável.

— Estou em apuros? — Eu perguntei sem me levantar.

Provavelmente era uma alucinação provocada pelo calor, mas eu estava certa que eu vi o sorriso dela quando ela se inclinou para colocar a

mão sobre o meu ombro e me movendo em uma posição sentada.

— De acordo com o Sr. Cross, vocês têm detenção para o resto do semestre, então sim, eu diria que você tem um grande problema. Mas isso é uma preocupação da Sr. Vanderlyden, não minha.

Ela olhou para a minha poltrona cor de rosa, e com a boca torcida num gesto com pouco de desgosto. Ela colocou a mão no encosto da cadeira e meu feitiço caiu por terra em uma chuva de faíscas cor de rosa até que a minha poltrona se tornou um assento perfeitamente respeitável azul claro coberto de rosas grandes.

— Melhor. — disse ela secamente, sentando ao meu lado

— Agora, Sophie, você se importaria de me dizer por que está aqui na lagoa ao invés de ir para sua próxima aula?

— Estou enfrentando alguma angústia adolescente, Sra. Casnoff. — eu respondi. — Eu precisava tipo, escrever no meu diário ou algo assim.

Ela bufou delicadamente. — O sarcasmo é uma qualidade não atraente em jovens senhoritas, Sophie. Agora, eu não estou aqui para induzir qualquer tipo de pena que você decidiu manter para si mesma, então eu preferia que você me contasse a verdade.

Eu olhei para ela, perfeitamente vestida em seu terno de lã marfim (mais uma vez com a lã no calor! O que havia de errado com essas pessoas?), E suspirei. Minha própria mãe, que era super legal, quase me pegou. De que grande ajuda seria esta roupa se ela continuava com este cabelo estranho?

Mas então eu apenas dei de ombros e disse. — Eu não sei nada sobre ser uma bruxa. Todo mundo aqui cresceu neste mundo, e eu não o fiz, e isso é uma droga.

Sua boca tinha aquela coisa franzida, e eu pensei que ela estava prestes a me passar sermão por dizer — droga — mas ela disse: — Sr. Cross me disse que você não sabia que o seu pai é o atual chefe do Conselho.

— Sim.

Ela pegou um pequeno pedaço de algodão fora de seu terno e disse: — Eu não conheço as razões do seu pai para fazer as coisas assim, mas tenho certeza que ele tinha uma razão para esconder sua posição de você. E, além disso, sua presença aqui é muito... sensível, Sophie.

— O que é que isso quer dizer?

Ela não respondeu por um longo tempo, em vez disso, ela ficou olhando para o lago. Finalmente, ela se virou para mim e cobriu minha mão com a dela. Apesar do calor, senti sua pele fresca e seca, ligeiramente fina como papel, e quando olhei em seu rosto, eu percebi que ela era mais velha do que eu pensava inicialmente, com toneladas de linhas finas irradiando seus olhos.

— Sigam ao meu escritório, Sophie. Existe algumas coisas que precisamos discutir.

## CAPÍTULO 13



Seu escritório era no primeiro andar, fora da sala de estar com as cadeiras espigadas. Eu percebi enquanto andávamos que as cadeiras espigadas foram substituídas por cadeiras mais bonitas, com apoio muito mais resistente e vagamente acolchoado, com estampa num alegre tecido de listras brancas e amarelas.

— Quando você trocou de mobília?

Ela olhou por cima dos ombros. — Não trocamos. É um feitiço de percepção.

— Desculpe?

— É uma ideia de Jessica Prentiss. A decoração da casa reflete a mente do espectador. Dessa forma, podemos avaliar o nível de conforto com a escola pelo que você vê.

— Então eu imaginei um mobiliário rústico.

— De certa forma sim.

— E quanto à parte de fora da casa? Sem ofensa, ou qualquer coisa, mas ainda parece bem exuberante.

A Sra. Casnoff deu uma risada alta. — Não, a magia é usada apenas nos ambientes públicos da escola: as áreas de estar, salas de aula e assim por diante. Hecate deve manter um pouco de seu encanto natural, você não acha?

Eu entrei na porta do escritório da Sra. Casnoff e olhei novamente a área de estar. Agora eu pude ver a forma como os sofás, cadeiras e até a cortina brilhava e levemente alternava como o calor emergindo de uma estrada ascendente. Estranho.

Eu pensei que a Sra. Casnoff teria a maior sala, o ambiente mais grandioso da casa. Você sabe algo cheio de livros antigos, com mobília pesada de carvalho e janelas do chão ao teto.

Pelo contrário, ela me levou para uma pequena sala sem janela. Cheirava fortemente a perfume de lavanda dela e a outro cheiro mais forte, amargo. Depois de um momento que eu percebi que era chá. Uma pequena chaleira elétrica estava borbulhando no canto da mesa, que não era a monstruosidade de madeira que eu tinha imaginado, mas simplesmente uma mesinha.

Havia livros, mas eles estavam amontoados em fileiras verticais em torno de três das quatro paredes. Eu tentei ler os títulos da lateral, mas aqueles que não estavam muito desbotados para ler estavam em línguas que eu não conhecia.

A única coisa no escritório da Sra. Casnoff que era remotamente parecida com o que eu imaginei era a sua cadeira. Não era bem uma cadeira, era mais parecida como um trono: uma cadeira alta e pesada, coberta de veludo roxo.

A cadeira do outro lado da mesa era menor por umas boas cinco polegadas, e quando eu sentei nela, imediatamente me senti como se tivesse cerca de cinco anos de idade. O que eu imaginei, fosse o propósito.

— Chá? — Ela perguntou depois de formalmente se organizar em torno de seu trono púrpura.

— Claro.

Mais alguns momentos se passaram em silêncio enquanto ela me servia uma xícara de chá vermelho e grosso. Sem perguntar, ela acrescentou leite e açúcar.

Eu tomei um gole. O gosto era exatamente como o chá que minha mãe me preparava em dias chuvosos de inverno: os dias que passávamos enroladas nos sofás, lendo ou falando. O gosto familiar era reconfortante e me senti relaxar um pouco. O que novamente, era o provável objetivo.

Eu olhei para ela. — Como é que você

A Sra. Casnoff apenas acenou com as mãos. — Eu sou uma bruxa, Sophie.

Eu fiz uma careta. Ser manipulada é uma das minhas coisas menos favoritas.

Logo ali com cobras. E com a Britney Spears.

— Então você sabe um feitiço que faz chá ter gosto de... chá?

A Sra. Casnoff tomou um gole de sua xícara, e eu tive a impressão que ela estava segurando uma risada. — Na verdade, é um pouco mais que isso. — Ela apontou para a chaleira. — Abra.

Eu me inclinei para frente e fiz exatamente isso.

Estava vazia.

— Sua bebida favorita é o chá irlandês que a tua mãe prepara. Se fosse limonada, seria isso que você encontraria em sua xícara. Se fosse chocolate quente, você teria isso. É uma magia de conforto básico que é muito útil para deixar as pessoas à vontade. Como você estava antes de sua natureza desconfiada dar as caras.

Uau, ela era boa. Eu nunca tinha tentado um feitiço para finalidades diversas antes.

Mas não é como se eu fosse deixá-la saber que eu estava impressionada.

— E se a minha bebida preferida fosse cerveja? Você teria me dado uma caneca gelada?

Ela levantou os ombros num gesto muito elegante para ser chamado de encolher de ombros. — Neste caso, eu ficaria um pouco frustrada. — Puxando uma pasta de couro de uma pilha de pastas sobre a mesa, ela se acomodou em seu trono.

— Diga-me, Sophie. — A Sra. Casnoff disse. — O que exatamente você sabe sobre a sua família?

Ela estava se recostando em sua cadeira, cruzou um tornozelo sobre o outro, olhando o mais casual possível.

— Não muito. — eu disse cautelosamente. — Minha mãe é do Tennessee, e seus pais morreram em um acidente de carro quando ela tinha vinte anos

— Não é a este lado da família que estava me referindo. — A Sra. Casnoff disse. — O que você sabe sobre a sua família paterna?

Agora ela não estava nem mesmo tentando disfarçar sua ansiedade. Eu repentinamente percebi que algo muito importante dependia de minha próxima resposta.

— Tudo o que eu sei é que o meu pai é um feiticeiro chamado James Athertom. Minha mãe o conheceu na Inglaterra, e ele disse que cresceu lá, mas ela não tinha certeza se isso era verdade.

Com um suspiro, a Sra. Casnoff largou o copo e começou a vasculhar a sua pasta de couro. Ela moveu os óculos para baixo de seu lugar habitual, em cima da cabeça enquanto ela murmurava. — Vamos ver, eu vi... Ah sim, aqui está.

Ela colocou a mão dentro da pasta, e então subitamente parou e olhou para mim.

— Sophie, é imperativo que o que discutirmos nesta sala, permaneça nesta sala. Seu pai me pediu para compartilhar isso com você quando eu achasse ser o momento apropriado, e eu sinto que chegou à hora.

Eu apenas assenti. Quero dizer, o que você pode dizer a um discurso como esse?

Aparentemente, aquilo funcionou para ela, e ela entregou-me uma foto em preto-e-branco. Uma jovem olhava para mim. Ela parecia talvez alguns anos mais velha do que eu, e julgando pelas roupas eu poderia dizer que aquela foto foi tirada lá pelos anos 60. Seu vestido era escuro e esvoaçava ao seu redor enquanto uma brisa gentil passava. Seu cabelo era claro, provavelmente loiro ou ruivo.

Logo atrás dela, eu pude ver o alpendre de Hecate Hall. As persianas tinham sido branca naquela época.

Ela estava sorrindo, mas o sorriso parecia apertado, forçado.

Seus olhos. Grandes, espaçados e muito leve.

E muito familiar.

Os outros únicos olhos que eu vi parecidos com este, eram os do meu pai, na única foto que eu tinha dele.

— Quem — Minha voz quebrou um pouco. — Quem é essa?

Eu olhei para a Sra. Casnoff e a encontrei me olhando bem de perto. — Essa, — ela disse servindo-se uma outra xícara de chá. — é a sua avó, Lucy Barrow Atherton.

Minha avó. Por um longo tempo, eu senti como se não pudesse respirar. Eu apenas encarei aquele rosto, tentando desesperadamente me encontrar nele.

Não pude encontrar nada. Suas bochechas eram afiadas e elevadas, e o meu rosto é ligeiramente arredondado. Seu nariz era muito longo para se parecer com o meu e seus lábios muito finos.

Olhei para o rosto dela, que apesar do sorriso, parecia muito triste.

— Ela esteve aqui? — Eu perguntei.

A Sra. Casnoff colocou seus óculos em sua cabeça e confirmou. — Lucy na verdade cresceu aqui em Hecate, antes de ser Hecate, obviamente. Eu acredito que esta foto foi tirada um tempo depois que seu pai nasceu.

— Você... você a conheceu?

A Sra. Casnoff negou com a cabeça. — Temo que isso foi antes do meu tempo. Mas muitos prodígios a conhecem, claro. Sua história é única.

Por dezesseis anos eu questioneei quem eu realmente era e de onde eu vim. E lá estava a resposta diante de mim. — Por quê?

— Eu te contei a história dos primeiros prodígios em seu primeiro dia aqui. Você se lembra?

Foi há duas semanas, eu pensei. Claro que eu me lembro. Mas eu decidi evitar o sarcasmo e disse: — Certo. Anjos. Guerra com Deus.

— Sim. No entanto, no seu caso, sua família não ganhou poderes até 1939, quando sua bisavó Alice tinha dezesseis anos.

— Eu pensei que se nascesse bruxa. Minha mãe disse que apenas vampiros que iniciam sendo humanos.

A Sra. Casnoff assentiu. — Normalmente, este é o caso. Entretanto, sempre existe um estranho humano que tenta mudar seu destino. Eles encontram um livro de feitiços ou um encantamento especial, de alguma forma para se impregnarem com o divino, o místico. Poucos sobrevivem ao processo. Sua bisavó foi uma das poucas.

Sem saber o que dizer, eu tomei um longo gole do meu chá. Estava frio, e o açúcar estava todo no final, o tornado um xarope.

— Como? — Eu finalmente perguntei.

A Sra. Casnoff suspirou. — Isso, infelizmente ninguém sabe. Se Alice alguma vez conversou profundamente com alguém sobre suas experiências, nunca foi registrado. Eu apenas sei o que me informei aqui e ali. Aparentemente ela se aproximou de uma bruxa particularmente desagradável que estava querendo aumentar seu próprio poder com ajuda de magia negra, magia que tinha sido ilegalizada pelo conselho desde o século XVII. Ninguém sabe ao certo como Alice se envolveu com esta mulher – a Sra. Thorne, eu creio que este era o nome dela – ou mesmo se ela soubesse o que ela era. De alguma forma o feitiço que deveria transformar a Sra. Thorne, transformou Alice.

— Espere, mas você disse que a Sra. Thorne estava usando magia negra para este feitiço, certo?

A Sra. Carnoff assentiu. — Sim. Coisas realmente muito ruins. Alice teve muita sorte de não morrer durante a transformação. A Sra. Thorne não teve tanta sorte.

Eu subitamente senti como se tivesse engolido uma bandeja de cubos de gelo, mas mesmo quando o meu estomago congelou, gotas de suor surgiram em minha testa.

— Assim... minha avó se transformou em uma bruxa por magia negra? Sendo este o pior, mais perigoso tipo de mágica que existe?

Novamente, a Sra. Casnoff assentiu. Ela ainda me olhava bem de perto.

— Sua bisavó era uma aberração, Sophie. Sinto Muito. Eu sei que é uma palavra muito feia, mas não há melhor definição.

— Como — minha voz saiu em um coaxar, e eu limpei minha garganta. — O que aconteceu com ela?

A Sra. Casnoff suspirou. — Ela foi encontrada por um membro do Conselho em Londres. Ela havia sido internada em um asilo, discursando e delirando sobre bruxas e demônios. Os membros do Conselho a trouxeram para Hecate junto com sua avó Lucy.

— Minha avó? — Eu olhei para a foto em minhas mãos.

— Sim. Alice estava grávida quando foi encontrada. Eles esperaram até que a sua avó tivesse nascido para trazê-las para cá.

Ela serviu outra xícara de chá. Eu tive o pressentimento de que ela não queria dizer mais nada, mas eu tinha que perguntar. — E o que aconteceu então?

A Sra. Casnoff mexeu o chá com um tipo de concentração normalmente reservada para a cirurgia cerebral. — Alice não se ajustou bem a transformação. — Ela respondeu sem me olhar. — Depois de três meses aqui em Hecate, ela de alguma forma conseguiu escapar. Novamente, ninguém sabe ao certo, mas Alice tinha magia poderosa a sua disposição. E então... — Sra. Casnoff pausou pra tomar um gole de chá.

— E então... — Eu repeti.

Finalmente ela colocou seus olhos nos meus. — Ela foi assassinada. L'Occhio di Dio.

— Como nós sabemos que foi o...

— Eles são muito distintos quanto a nós. — ela respondeu bruscamente. — Em qualquer caso, Lucy que tinha sido deixada para trás, ficou aqui em Hecate, então o Conselho poderia observá-la.

— O que, como uma experiência científica? — Eu não tive a intenção de soar tão irritada, mas eu estava além de apavorada.

— O poder de Alice tinha saído de controle. Ela era literalmente a prodígio mais poderosa de que se tem conhecimento. Era vital que o Conselho soubesse se esse nível de magia tinha sido passado para a filha, que era afinal de contas meio humana.

— Passou?

— Sim. E o poder também passou para o seu pai. — Seus olhos se encontraram com os meus. — E para você.

## CAPÍTULO 14



Depois de nosso pequeno encontro, a Sra. Casnoff me deu o resto da tarde de folga para, como ela disse, — refletir sobre o que eu aprendi. — Entretanto, eu não me sentia muito reflexiva. Eu marchei diretamente para o terceiro andar.

Na pequena alcova fora do meu corredor, havia um banco de telefones vermelhos que os estudantes poderiam usar. Eles estavam empoeirados por falta de uso, pois a maioria dos prodígios em Hecate não precisava de telefone para se comunicar com suas famílias. Vampiros poderiam usar telepatia, mas não era como se Jenna fosse ligar para casa. Os metamorfos tinham algum tipo de mentalidade de bando para se comunicarem e as fadas utilizavam o vento e insetos voadores para entregar mensagens. Eu vi a Nausicca murmurar para uma libélula pela manhã.

Quanto às bruxas e feiticeiros, havia supostamente uma quantidade de diferentes magias que se poderia utilizar para falar com as pessoas — tudo apenas fazendo as palavras aparecerem escritas na parede, e fazer uma conexão no canal de voz.

Mas eu não conhecia nenhum destes feitiços, e mesmo se conhecesse, eram apenas funcionais na comunicação com outras bruxas. Como minha mãe era humana, comunicação humana então.

Eu peguei o telefone, eu fiz uma careta ao me sentir corajosa e ter minhas mãos suadas.

Alguns segundos depois, minha mãe atendeu.

— Meu pai é o Chefe do Conselho. — eu disse antes que ela pudesse terminar o alô.

A ouvi suspirar. — Oh, Sophie, eu queria te dizer.

— Mas não disse. — eu respondi, e estava surpresa ao sentir minha garganta se comprimir.

— Soph...

— Você não me disse nada. — Meus olhos ardiam e minha voz soava grossa. — Você não me disse quem era meu pai, não me disse que aparentemente eu sou a bruxa mais poderosa que se conhece desde sempre. Você não me disse que meu pai é a pessoa que... que me sentenciou a vir aqui.

— Ele não teve escolha. — minha mãe disse, com uma voz cansada. — Se a filha dele fosse isenta de punição, como isso o faria diante dos olhos dos demais Prodígios?

Limpei meu rosto com a parte de trás da minha mão. — Bem, eu certamente não quero que ele pareça ruim. — eu disse.

— Querida, me deixe ligar para o teu pai, e nós podemos...

— Por que você não me disse que pessoas queriam me matar?

Mamãe suspirou um pouco. — Quem te disse isso? — ela perguntou, e agora ela soava mais furiosa do que eu.

— A Sra. Casnoff. — eu respondi. Logo depois que ela jogou a bomba sobre os meus poderes, a Sra. Casnoff me disse a razão para meu pai me enviar para Hecate – para me manter segura.

— Você não pode culpá-lo. — ela disse. — L'Occhio di Dio matou a Lucy também, em 1974, e seu pai tem inúmeros atentados a sua vida. Pelos primeiros quinze anos de sua vida, o seu pai foi capaz de manter a sua existência em segredo. Mas agora... era só uma questão de tempo antes que o L'Occhio di Dio te descobrisse, e você estaria indefesa no mundo convencional.

— E quanto... e quanto aqueles irlandeses? — Eu grunhi.

Os olhos da Sra. Casnoff se deslizaram para longe do meu. — Os Brannicks não são uma preocupação neste momento. — Foi tudo o que

ela disse. Eu sabia que ela estava mentindo, mas eu estava muito chocada para questioná-la sobre o assunto.

— É verdade? — eu perguntei para mamãe agora. — O meu pai me colocou aqui porque eu estou em perigo?

— Eu quero que você coloque a Sra. Casnoff no telefone agora. — Mamãe disse sem responder minha pergunta. Havia muita raiva em sua voz assim como muito medo.

— É verdade? — eu repeti.

Quando ela não respondeu, eu gritei: — É verdade?

Uma porta em algum lugar do corredor se abriu, e eu olhei por cima dos ombros para encontrar a Taylor colocando a cabeça para fora da porta. Quando ela me viu, ela só balançou a cabeça levemente e fechou a porta.

— Soph. — Mamãe estava dizendo. — Olhe, nós... nós conversaremos sobre isso quando você voltar para casa nas férias de inverno, ok? Isso não é algo que quero discutir ao telefone.

— Então é verdade. — eu disse, chorando.

Havia um silêncio tão profundo do outro lado que eu me perguntei se ela tinha desligado. Depois ela deu um longo suspiro e disse. — Nós podemos conversar sobre isso mais tarde.

Eu desliguei o telefone. O telefone fez um ruído alto em protesto.

Eu deslizei da parede para o chão, respirando vagarosamente para dentro e para fora, tentando parar o fluxo constante de lágrimas. Havia uma parte de mim que se sentia estranhamente culpada, como se eu devesse estar super feliz de ser uma super bruxa ou qualquer coisa. Ficaria mais do que feliz em deixar a pele brilhante, o cabelo flutuante e castigar a Elodie e as meninas. Eu poderia apenas ter uma loja de venda de chás ou alguma coisa, onde eu poderia vender livros sobre astrologia ou chacras. Isso seria divertido, eu poderia vestir uma larga e roxa bata.

Eu levantei minha cabeça e cortei minha linha de pensamento. Aquele sentimento estranho estava de volta.

Eu olhei para cima e vi a garota do lago no final do corredor. Olhando melhor, eu percebi que ela tinha quase a minha idade. Ela estava franzindo a testa, e eu notei seu vestido verde bater a sua volta com se houvesse uma corrente de vento.

Antes que eu pudesse abrir a minha boca para perguntar quem ela era, ela virou abruptamente sobre seus calcanhares e saiu. Eu procurei ouvir seus sapatos sobre a madeira, mas não havia som.

Agora as sensações estranhas não estavam apenas em meu pescoço, mas em todo lugar. Provavelmente pareceria estranho frequentar uma escola cheia de monstros e ainda ter medo de fantasmas, mas esta coisa toda estava ficando ridícula. Esta era a terceira vez que eu via esta garota, e toda vez ela parecia estar me estudando. Mas por quê?

Eu lentamente me levantei e andei pelo corredor.

Eu parei antes de virar o corredor, com medo de que ela pudesse estar lá, esperando por mim.

O que ela fará Sophie? Eu pensei. Gritar — Buu? — Andar por você? Ela é um fantasma, pelo amor de Deus.

Mas eu ainda estava prendendo minha respiração enquanto eu passava pelo canto. E eu colidi com algo muito sólido.

Eu tentei gritar, mas pareceu mais com um — Urrrgh!

Mãos se estenderam para me firmar. — Ow. — Jenna disse com uma pequena risada.

— Oh. Oi. — eu disse, sem fôlego pela colisão e cheia de alívio.

— Você está bem? — Ela estudou o meu rosto com um olhar de preocupação.

— Foi um longo dia.

Ela riu um pouco. — Sei. Eu ouvi sobre o que aconteceu com a Vandy.

Eu gemi. Com os segredos de família, assassinos e fantasmas, eu totalmente esqueci sobre o maior perigo iminente.

— A culpa é minha. Eu nunca deveria ter ouvido Elodie.

— Não, você não deveria. — Jenna disse, enrolando sua faixa cor de rosa. — É verdade que você está de detenção pelo resto do semestre?

— Sim. O que é isso afinal?

— É horrível. — ela respondeu sem rodeios. — O Conselho armazena todos os artefatos mágicos aqui, e eles estão todos embaralhados em uma sala. As pessoas que pegam detenção devem tentar catalogar toda aquela bagunça.

— Tentar?

— Bem, é tudo porcaria, mas é porcaria mágica, então ela se move. Catalogar é sem sentido porque não permanece no mesmo lugar.

— Ótimo. — eu murmurei.

— Cuidado, Sophie. A sanguessuga parece estar com fome.

Eu olhei pelo ombro da Jenna e vi Chaston no final do corredor. Eu nunca a vi sem Elodie e Anna, e o efeito foi um pouco chocante.

Chaston zombou de nós, mas parecia mais uma sensação de Elodie do que uma expressão genuína.

— Cala a boca, Chaston. — Eu disse irritada.

— Bruxa para o jantar. — ela disse com uma risada nojenta antes de desaparecer em seu quarto.

Perto de mim Jenna parecia mais pálida do que o normal. Poderia ser um truque de luz, mas apenas por um momento eu pensei que seus olhos estavam vermelhos.

— Sanguessuga. — ela murmurou. — Isso é novidade.

— Ei, — eu disse, agitando-a um pouco. — Não a deixem te afetar. Especialmente ela. Ela não vale à pena.

Jenna acenou. — Você está certa. — ela disse, mas ela ainda olhava para a porta de Chaston. — Então, você virá para as Classificações dos metamorfos?

Eu neguei com a cabeça. — Casnoff me deu o dia de folga. — eu disse.

Felizmente Jenna não perguntou o porquê. — Legal. Te vejo no jantar, então.

Depois que Jenna saiu, eu pensei em ir para o meu quarto ler ou me deitar, mas ao invés disso fui lá para baixo, para a biblioteca. Como o resto da casa, o quarto agora parecia muito menos gasto para mim. As cadeiras pareciam com menos fungos dispostos a me comerem, e mais confortáveis.

Eu tive apenas que procurar nas prateleiras um pouco antes de encontrar o que procurava.

O livro era preto, com uma lombada quebrada. Não havia título, mas um olho grande de ouro estava marcado na frente.

Eu me sentei em uma das cadeiras e coloquei minhas pernas debaixo de mim, abrindo o livro ao meio. Havia várias páginas brilhantes de fotos, a maioria delas reproduções de pinturas, entretanto havia algumas fotos acinzentadas de um castelo em ruínas na Itália que supostamente seria a sede do L'Occhio di Dio. Eu folheei as páginas parando quando vi a mesma foto que tinha no livro da mamãe. Era tão horrível quanto eu me lembrava: a bruxa de costas, seus olhos selvagens temerosos e o homem de cabelos escuros sobre ela segurando uma faca de prata. O Olho tatuado sobre o peito dele.

Eu me afastei das fotos para verificar levemente o texto.

Formada em 1129, a sociedade começou na França como um desdobramento dos Cavaleiros Templários. Originalmente um grupo de cavaleiros encarregados de libertar o mundo dos demônios, o grupo logo se mudou para a Itália, onde assumiu o título oficial de L'Occhio di Dio— O Olho de Deus. O grupo logo ficou conhecido por seus ataques brutais contra todos os tipos de prodígios, mas também eram conhecidos por atacarem quais quer seres humanos que ajudassem os prodígios. Com o tempo, migraram de guerreiros sagrados para algo mais parecido com uma organização terrorista. Altamente secreta, L'Occhio di Dio é um grupo de

elite de assassinos, com um único objetivo — a destruição de todos os Prodígios.

— Bem, isso é ótimo. — eu murmurei para mim.

Folheei mais páginas. O resto do livro parecia ser uma história dos líderes do grupo e suas vítimas Prodígios mais notáveis. Eu verifiquei a lista de nomes, mas não vi Alice Barrow lá. Talvez a Sra. Casnoff estivesse errada e ela não fosse grande coisa. Eu estava prestes a devolver o livro quando uma ilustração em preto-e-branco chamou minha atenção e me enviou arrepios. Mostrava uma bruxa deitada na cama, com a cabeça reclinada para o lado, seus olhos em branco. Havia dois homens sombrios de preto em pé atrás dela, olhando para o corpo. Suas camisas abertas apenas o suficiente para que eu pudesse ver as tatuagens sobre seus corações. Um estava segurando uma vara longa e com uma ponta afiada, quase como um picador de gelo. O outro homem segurava um frasco suspeito com um líquido preto.

Mesmo a remoção de o coração ser o meio mais comum de execução empregado pelo Olho, o grupo é conhecido por drenar sangue dos Prodígios. Se isso é feito para implicar vampiros ou alguma outra razão, não se tem conhecimento.

Eu tremia enquanto olhava para aquela bruxa de olhar vazio. Não havia furos em seu pescoço como encontraram em Holly, mas o homem claramente drenou seu sangue de alguma forma.

Mas era impossível. Nós estávamos numa ilha, e havia mais magia de proteção neste lugar do que eu poderia contar. Claramente não havia forma que algum membro do Olho entrar sem ser detectado.

Eu olhei pelo livro, procurando qualquer capítulo sobre O Olho ultrapassar barreiras de feitiço, mas tudo o que eu lia dizia que O Olho não usava mágica e sim força bruta.

Mais tarde, depois de eu ter escapado com o livro para o meu quarto, eu mostrei a foto para a Jenna.

Eu pensei que ela se interessaria, mas ela mal olhou para o livro antes de se afastar e subir em sua cama. — L'Occhio di Dio não mata desse jeito.

— Ela disse enquanto apagava as luzes. — Eles não omitem, ou qualquer coisa. Eles querem que as pessoas saibam que foram eles.

— Como você sabe disso? — Eu perguntei.

Ela só ficou deitada lá, eu pensei que ela não me responderia. Depois, do nada, ela disse. — Porque eu já os vi.

## CAPÍTULO 15



Dois dias depois eu comecei a trabalhar na adega.

Para começar eu deveria dizer que eu nunca tinha estado em uma adega em toda a minha vida. Na verdade, eu não vejo razão do por que alguém deveria mesmo ir para uma adega a não ser que tenha vinho envolvido.

Essa adega parecia particularmente mal acolhida. Para começar, o chão estava repleto de sujeira, o que era... eca. O ar era frio apesar do calor lá fora, e cheirava a bolor e umidade. Adicione a isso o teto alto com suas lâmpadas nuas, a única pequena janela que dava para a pilhagem de com postagem atrás da escola, e as prateleiras sem fim de sucatas empoeiradas, e de repente entendi porque um semestre repleto de trabalho na adega soava tão ruim. Não somente isto, mas Vandy tinha decidido ser especialmente malévola e nos dar três noites da semana, bem após o jantar. Então enquanto cada um passava o tempo em seus quartos, ou trabalhando em um ensaio épico de Lord Byron, Archer e eu estaríamos catalogando um monte de porcarias que o Conselho achava que era muito importante para jogar fora, mas não importante o suficiente para guardar na sede do Conselho em Londres. Jenna havia tentado me animar esta manhã, dizendo,

— Pelo menos você fará isso com um cara gostoso.

— Archer não é mais gostoso. — Eu atirei de volta. — Ele tentou me matar, e sua namorada é o Satã.

Mas eu tinha que admitir que enquanto ficávamos lado a lado nos degraus da adega e ouvíamos Vandy divagar sobre o que nós supostamente deveríamos fazer ali embaixo, eu não poderia fazer nada além de dar

olhares furtivos para o lado dele e observar que, tendências homicidas e namoradas satânicas de lado, ele ainda era gostoso. Como sempre, sua gravata estava perdida e as mangas da camisa todas enroladas. Ele estava observando Vandy com seu tedioso, vagamente divertido olhar, braços cruzados sobre seu peito.

Essa pose fazia as coisas mais excelentes para seu peito e braços. Como era injusto que Elodie, de todas as pessoas, tinha ele como namorado? Quero dizer, onde há justiça quando...

— Senhorita Mercer! — Vandy ladrou, e eu pulei alto o bastante para quase perder meu equilíbrio.

Eu agarrei o balaústre próximo a mim, e Archer segurou meu outro cotovelo.

Então ele piscou os olhos, e eu imediatamente voltei minha atenção à Vandy como se ela fosse a pessoa mais fascinante que eu já tinha visto.

— Você precisa que eu repita alguma coisa, Srta. Mercer? — ela zombou.

— N-não, eu entendi. — Eu balbuciei.

Ela me encarou por um minuto. Eu acho que ela estava tentando chegar a uma espirituosa chateação. Mas Vandy, como a maioria das pessoas malvadas, era burra, então no final, ela apenas deu um tipo de grunhido e impulsionou entre eu e Archer para descermos as escadas.

— Uma hora! — ela disse por sobre os ombros.

A porta antiga não fazia tantos rangidos quanto um grito de dor ao fechá-la.

Para o meu horror, ouvi um clique alto.

— Ela nos trancou aqui dentro? — eu perguntei à Archer, minha voz soando um pouco mais alta do que eu tinha pretendido.

— É. — Ele respondeu, descendo os degraus para pegar uma das pranchetas que Vandy havia deixado precariamente empoleirada em uma fileira de frascos.

— Mas isso... isso não é ilegal?

Ele sorriu, mas não levantou os olhos de sua prancheta.

— Você realmente precisa abandonar as encantadoras questões humanas como legalidade, Mercer. — ele levantou o olhar de repente, seus olhos arregalados.

— Ah! Acabei de me lembrar de uma coisa.

Ele largou a prancheta e apalpou seu bolso por um segundo.

— Aqui. — ele disse, andando em minha direção e pressionando algo leve em minha mão aberta.

Eu olhei para baixo. Era um chumaço de lenço de papel.

— Você é um idiota. — joguei o papel em seus pés e passei por ele pisando duro. Meu rosto estava queimando.

— Nem imagino porque Elodie é sua namorada. — Eu murmurei enquanto pegava a prancheta. Eu fiz um grande show ao folhear as páginas. Havia vinte no total, com cerca de cinquenta itens listados em cada uma. Meus olhos deslizaram sobre alguns deles, observando coisas como: — Armadilha: Enfermeira Rebecca — e — Mão cortada: A. Voldari.

Eu arranquei as dez primeiras páginas e as segurei para Archer junto de uma caneta.

— Você fica com essa metade. — eu disse, não encontrando seus olhos. Então caminhei até a estante mais distante dele, uma bem abaixo da janelinha.

Ele não se moveu por um momento, e eu poderia dizer que havia algo que ele queria dizer, mas no fim ele apenas suspirou e caminhou até o lado oposto da sala.

Por cerca de quinze minutos nós trabalhamos em silêncio total. Mesmo embora Vandy tenha gastado forças nos explicando, era bem fácil na verdade, senão ridiculamente tedioso trabalho. Nós tínhamos de olhar os itens das prateleiras e depois encontrá-los nas folhas de papéis e anotar em qual prateleira eles estavam e em qual fenda da prateleira ele estava. A única coisa que eu tive dificuldade era que nenhum dos itens estavam

etiquetados, então às vezes era difícil descobrir o que eles eram. Como, na prateleira G, fenda 5, havia um pedaço de tecido vermelho que poderia ter sido ‘Pedaço de Bainha, Grimoire: C. Catellan’ ou ‘Fragmento de Robe Cerimonial: S. Cristakos.’

Ou poderia ter sido nenhuma das duas coisas e alguma coisa da lista de Archer. Teria sido mais rápido se tivéssemos trabalhado juntos, mas eu continuava enfurecida sobre a coisa do lenço.

Eu me abaixei e peguei um tambor de couro esfarrapado. Meus olhos escanearam a lista, mas eu realmente não estava vendo nada. Eu sabia que não deveria ter chorado na frente dele, mas eu não poderia acreditar que ele tinha sido suficientemente idiota para fazer brincadeira disso. Não que fôssemos melhores amigos, mas naquela noite senti que havíamos nos ligado um pouco.

Aparentemente não.

— Foi uma brincadeira. — ele disse de repente. Eu me virei para encontrá-lo agachado atrás de mim.

— Tanto faz. — Me virei para a prateleira.

— O quê você quis dizer sobre eu e Elodie? — ele perguntou.

Rolei meus olhos enquanto ficava de pé e caminhei até a prateleira H.

— É mesmo tão difícil de descobrir? Quero dizer, ela deu uma risada bem alta às minhas custas no outro dia, então é apenas apropriado que você, como seu namorado, deveria também adorar zombar de mim. É tão fofo quando casais podem compartilhar seus hobbies.

— Hey, — ele crepitou. — A pequena façanha de Elodie me trouxe para cá também. Tentei te ajudar a sair.

— Eu não te pedi para fazer isso. — eu respondi, fingindo intencionalmente estudar o que primeiro me pareceu um bando de folhas flutuando em uma jarra com líquido âmbar.

Então eu percebi que não eram folhas, mas pequenos corpos de fadas.

Suprimindo a urgência de tirar aquilo de perto de mim e fazer algo como o som de ‘EEEEEEEEEECAAAAAA’, eu tateei pelas minhas

páginas, procurando por algo que se lesse ‘Pequenas Fadas Mortas’.

— Bem, não se preocupe. — Archer rompeu, folheando suas próprias páginas. — Não irá acontecer novamente.

Ficamos quietos por um momento, ambos olhando suas listas.

— Você viu alguma coisa que poderia ser parte de uma tolha de altar? — ele perguntou, afinal.

— Veja a prateleira G, fenda 5. — eu respondi.

Então do nada, ele disse.

— Ela não é tão má assim, sabe. Elodie. Você apenas tem de conhecê-la.

— Foi isso que aconteceu com vocês dois?

— O quê?

Eu engoli repentinamente nervosa. Eu realmente não queria ouvir a cera poética de Archer sobre Elodie, mas eu também estava genuinamente curiosa.

— Jenna disse que você costumava ser como o membro principal do clube ‘Nós odiamos Elodie’. O que aconteceu?

Ele desviou o olhar e começou a pegar coisas alternadamente sem nem mesmo olhá-las.

— Ela mudou. — ele disse quietamente. — Após a morte de Holly — você sabe sobre a Holly?

Eu afirmei.

— Colega de quarto da Jenna. Elodie, Chaston e Anna me falaram disso.

Ele correu uma mão pelos seus cabelos escuros.

— É. Elas ainda continuam culpando Jenna. De qualquer modo, Elodie e Holly tinham sido muito próximas quando ficaram por aqui, e Holly e eu tínhamos sido noivos...

— Espere ai, — eu disse, levantando uma mão. — Noivos?

Ele parecia confuso.

— É. Todas as bruxas são noivas de um feiticeiro disponível em seu aniversário de treze anos. Um ano depois de elas desenvolverem seus poderes.

Ele franziu a testa.

— Você está bem? — ele perguntou.

Eu tenho certeza de que estava fazendo uma cara muito esquisita. Aos treze eu estava pensando em permitir a língua de um garoto dentro da minha boca. Ficar noiva deveria ter sido bem além de mim.

— Ótima. — eu murmurei. — Só é estranho de se pensar. É tão... Jane Austen.

— Não é tão ruim assim.

— Certo. Casamentos arranjados para adolescentes são uma coisa muito boa.

Ele balançou a cabeça.

— Nós não nos casamos quando adolescentes, apenas noivamos. E a bruxa sempre tem o direito de recusar ou aceitar o noivado e mudar de ideia depois. Mas a combinação é geralmente boa, baseado em poderes complementares, personalidades. Coisas desse tipo.

— Que seja. Eu não consigo nem mesmo me imaginar tendo um noivo.

— Você provavelmente tem um, sabe.

Eu o encarei.

— Como é?

— Seu pai é um cara muito importante. Tenho certeza de que ele tenha feito uma combinação para você quando tinha treze anos.

Eu nem mesmo queria continuar com isso. O pensamento de que havia algum feiticeiro lá fora que estava planejando me fazer sua esposa um dia era muito para aguentar. E se ele estivesse em Hecate? E se eu

conhecesse o cara? Ai Deus, e se fosse aquele garoto com mau hálito que senta bem atrás de mim na aula de Evolução da Mágica?

Eu fiz uma nota mental para perguntar para minha mãe sobre tudo isso tão em breve quanto eu decidisse falar com ela novamente.

— Está bem, — eu disse à Archer. — Apenas... continue com a sua história.

— Eu não acho que alguém tenha percebido o quanto a morte de Holly afetou Elodie. Então nós começamos a nos falar no verão, sobre Hecate e Holly, e uma coisa levou a outra...

— E você pode me poupar dos detalhes sórdidos. — Eu disse com um sorriso mesmo quando algo doloroso se retorceu um pouco em meu peito. Então ele gostava dela mesmo. Eu tenho estado nutrindo esta fantasia secreta de que ele estava apenas fingindo gostar dela então assim ele poderia publicamente dar um chute nela do jeito mais embaraçoso possível, preferivelmente em rede nacional.

— Olha, — ele disse. — Eu deixarei Elodie e suas amigas longe de você, está bem? E francamente, tente dar a ela outra chance. Eu juro que ela tem profundezas ocultas.

Sem nem mesmo pensar, atirei de volta.

— Eu disse para me poupar dos detalhes sórdidos.

Por um segundo eu não tive certeza de que eu tivesse percebido o que tinha acabado de dizer. E então a ficha caiu e eu amaldiçoei minha boca sarcástica direto para o inferno. Com o rosto em fogo, joguei uma olhadela para Archer.

Ele estava olhando para mim em choque.

Então ele se explodiu em risadas.

Eu comecei a rir também, e em pouco tempo estávamos ambos sentados no chão sujo secando as lágrimas dos nossos olhos. Tinha sido há bastante tempo que eu realmente tinha rido com alguém, ou feito uma piada suja, por essa questão, eu não podia acreditar no quanto isso era

bom. Por muito pouco eu me esqueci que eu era aparentemente feita do mal, e que eu estava sendo perseguida por um fantasma.

Isso era bom.

— Eu sabia que gostava de você, Mercer. — ele disse quando finalmente paramos de rir, e estava feliz de que eu poderia culpar minhas repentinas bochechas rosadas pelas risadas.

— Mas espere. — eu disse, me encostando em uma das estantes, tentando conseguir ar. — Se todos se noivam aos treze, ela já não está prometida a se casar com outra pessoa?

Ele afirmou.

— Mas eu te disse, é uma coisa voluntária. Um noivado pode ser sempre renegociado. Quero dizer, eu sou considerado uma espécie de bom partido.

— E é tão modesto também. — Eu repliquei, jogando minha caneta nele.

Ele a pegou facilmente.

Por cima de nós, a porta deu seu grito de morte, e ambos nos colocamos de pé culposamente.

De repente a imagem de eu e Archer nos beijando contra uma das estantes fluiu em meu cérebro. Sem querer, olhei aos seus lábios. Quando levantei meus olhos para os dele, estava olhando para mim com uma expressão que era totalmente incompreensível. Mas bem como o olhar que me dera nas escadas na primeira noite, esta me deixou sem ar. Eu estava feliz de verdade quando Vandy gritou.

— Mercer! Cross!

Sua voz áspera irritante era o equivalente auditivo de uma ducha fria, e a tensão do momento desapareceu. Meus pensamentos luxuriosos estavam muito longe quando saímos da adega.

— Mesma hora, mesmo lugar, quarta-feira. — Vandy disse enquanto praticamente nós corríamos para a escadaria principal.

Naturalmente, Elodie estava esperando por Archer no salão do segundo andar. Ela estava sentada no sofá azul desmazelado. Uma lâmpada próxima dava um brilho dourado suave em sua pele empalidecida, e reforçava as luzes vermelhas de seu cabelo.

Me virei para Archer, mas ele estava olhando para Elodie como... bem, como eu estava olhando para ele.

Nem mesmo me incomodei em dar boa noite. Apenas subi as escadas para o meu quarto.

Jenna não estava lá, e depois de toda aquela adega grosseira, eu precisava definitivamente de um banho. Peguei uma toalha do meu baú, uma regata e calças de pijama do meu guarda-roupa.

Nosso andar estava bastante deserto. Garotos e garotas não tinham de se separar até as nove, e agora apenas eram sete, então eu descobri que todos estavam na sala de estar do andar de baixo.

Minha mente continuava em Archer (e a chatice geral de ter uma queda não correspondida por alguém que está namorando uma deusa), caminhei para o banheiro e abri a porta. O banheiro estava coberto por um vapor pesado, e eu mal podia ver à minha frente. Enquanto eu andava, água quente esparrinhava aos meus pés. Eu podia ouvir o som de água na banheira.

— Olá? — eu chamei.

Não houve resposta, então o meu primeiro pensamento era de que alguém tinha deixado a torneira aberta de brincadeira. Sra. Casnoff não ficaria divertida. Água quente não é bom para chãos de 200 anos.

Então o vapor começou a ceder, escorregando pela porta aberta atrás de mim.

E eu vi o porquê da torneira continuar aberta.

Levou um tempo para os meus olhos aceitarem o que estavam vendo. Primeiro eu pensei que talvez Chaston estivesse apenas adormecida na banheira e que a água estava colorida de rosa dos sais de banho ou outra

coisa. Depois eu percebi que seus olhos não estavam fechados, mas meio fechados, quase como se estivesse bêbada. E a água rosa era do seu sangue.

## CAPÍTULO 16



Observei a pequena perfuração logo abaixo de sua mandíbula, e mais, cortes de aparência viciosa em ambos os pulsos, que estavam jogando sangue no chão.

Sem nem mesmo pensar, corri para o seu lado, murmurando um feitiço de cura. Não era um muito bom, eu sabia. O mais perto que eu já estive de fazer isso foi curar um joelho ralado, mas pensei que valeria a pena tentar. Enquanto eu assistia, os pequenos buracos em seu pescoço pareciam se contrair brevemente, apenas para cederem abertos. Eu fiz um som de soluço. Deus, por que minha mágica era tão ruim?

Os olhos de Chaston palpitararam por um momento, e ela abriu sua boca como se estivesse tentando dizer alguma coisa.

Corri para o vão da porta.

— Sra. Casnoff? Alguém! Ajude!

Várias cabeças apareceram nos vãos das portas.

— Ai Deus. — ouvi alguém lamuriar. — De novo não.

Sra. Casnoff apareceu no topo da escada em um robe, seus cabelos em uma longa trança atrás de suas costas. Tão breve quanto ela viu onde eu estava seu rosto empalideceu. E por alguma razão, vendo-a parecer tão assustada foi o que me apavorou. Meus joelhos começaram a tremelicar e eu senti minha garganta se apertar com lágrimas.

— É... é Chaston, — eu tratei de sair. — Ela... há sangue...

Sra. Casnoff me agarrou e olhou dentro do banheiro. Suas mãos se apertaram em meus ombros. Ela se inclinou e encarou meu rosto.

— Sophie, preciso que vá buscar Cal o mais rápido possível. Sabe onde é seu alojamento?

Meu cérebro parecia um ovo mexido, como naqueles comerciais antigos de remédios. — O jardineiro? — eu perguntei estupidamente. O quê Sra. Casnoff poderia querer com ele? Ele era como um Paramédico ou algo parecido?

Sra. Casnoff concordou, suas mãos ainda apertadas em meus ombros.

— Isso, Cal. — ela repetiu. — Ele fica perto da lagoa. Busque-o e lhe diga o que aconteceu.

Me virei e corri para a escada. Enquanto corria, vi Jenna saindo do nosso quarto. Achei tê-la ouvido chamando meu nome, mas eu já estava fora da porta da frente e dentro da noite.

Embora o dia tenha sido quente, agora era frio o bastante para dar arrepios em meus braços. A única luz vinha da escola atrás de mim, aquelas janelas enormes fazendo retângulos de luz cada vez maiores no gramado. Sabendo que o lago era a minha esquerda, me virei para aquele lado e continuei correndo, o ar gelado entrando e saindo dos meus pulmões como facas. Eu podia apenas distinguir uma forma grumosa escura que eu realmente, realmente esperava ser a casa de Cal, e não, tipo, um barracão de armazenamento ou algo do tipo. Ainda que eu estivesse tentando empurrar o pânico para longe, tudo o que podia ver era Chaston sangrando até a morte naqueles ladrilhos pretos e brancos.

Quando cheguei mais perto, vi que era definitivamente uma casa. Pude ouvir uma música fraca vindo de dentro, e havia um pouco de luz na janela.

Por agora eu estava respirando tão forte que eu não tinha certeza se seria capaz de colocar alguma palavra para fora.

Eu só tive que dar uma pancada na porta por três segundos antes dela se abrir, e Cal aparecer em frente na minha frente.

Assumi que ele deveria ser velho e corpulento com uma ordem lateral de excentricidade, então eu estava realmente chocada ao me encontrar encarando o cara do jockey que eu tinha visto no primeiro dia, aquele que

eu pensei que poderia ter sido o irmão mais velho de alguém. Ele não poderia ter mais de dezenove anos, e sua única concessão a corpulência era uma camisa de flanela e sua expressão vagamente aborrecida.

— Não são permitidos estudantes... — ele começou, mas eu o cortei.

— Sra. Casnoff me mandou buscá-lo. É Chaston. Ela está ferida.

Tão breve quanto pronunciei — Sra. Casnoff — ele fechou a porta atrás de si. Então ele estava passando por mim e correndo através do gramado em direção a casa. Dizimada pela correria de mais cedo, me arrastei atrás.

Quando nós voltamos a Chaston, ela tinha sido tirada da banheira e enrolada em uma toalha. Bandagens cobriam as feridas em seu pescoço, e estavam amarradas firmemente em seus pulsos. Mas ela ainda parecia bastante pálida, e seus olhos estavam fechados.

Elodie e Anna estavam abraçadas contra a pia em seus pijamas, se aninhando uma à outra e suspirando. Sra. Casnoff estava agachada em baixo da cabeça de Chaston, murmurando algo. Se era conforto ou mágica, eu não sabia.

Ela levantou o olhar quando Cal entrou, e seu rosto pareceu ceder ao alívio, fazendo-a parecer mais como a avó preocupada de alguém do que uma formidável diretora. — Graças, — ela disse suavemente. Quando ela ficou em pé, reparei que seu pesado robe de seda estava ensopado nos joelhos e provavelmente arruinado. Ela não pareceu ter reparado.

— Meu escritório. — ela disse para Cal enquanto ele se ajoelhava e colocava Chaston em seus braços. Sra. Chaston se moveu para o corredor, esticando os braços para afastar a multidão de estudantes que se reuniu fora do banheiro.

— Para trás, crianças, nos dê algum espaço. Eu asseguro Srta. Burnett ficará bem. Apenas um pequeno acidente.

Todos recuaram, e o jardineiro emergiu, com Chaston em seus braços. Seu rosto descansava no peito dele, e vi que seus lábios estavam arroxeados.

Enquanto os três desapareciam escada abaixo, ouvi alguém atrás de mim suspirar. — Uau.

Me virei e notei Siobhan se recostando contra a moldura da porta do banheiro.

— O quê? — Ela disse. — Vai me dizer que você não teria arrancado um pouco de sangue para ser carregado por aquilo?

Siobhan se afastou quando Elodie e Anna saíram do banheiro parecendo pálidas e trêmulas. Então os olhos de Elodie se fixaram em algo atrás de mim e entrecerraram-se.

— Foi você. — ela cuspiu. Me virei e vi Jenna fora de nosso quarto. — Você fez isso. — Elodie continuou, avançando devagar em direção a Jenna, que, provando-se corajosa ou completamente insana, aguentou firme e continuou a encarar Elodie.

Todo o clima do corredor mudou. Eu acho que apesar de preocupadas sobre Chaston, nós todas estávamos meio que antecipando um confronto entre Elodie e Jenna, talvez para desligar nossas mentes do sangue que ainda estava espalhado no chão do banheiro, talvez porque garotas adolescentes sejam criaturas horríveis que gostam de assistir outras garotas brigarem. Quem sabe?

O olhar frio de Jenna vacilou por apenas um segundo, e olhou para os seus pés. Quando levantou sua cabeça, entretanto, aquele mesmo entediado, lânguido olhar estava em seus olhos.

— Não sei do que você está falando.

— Mentirosa! — Elodie chorou, e lágrimas se espalharam por suas bochechas. — Vocês são todos assassinos, todos vocês, vampiros. Vocês não pertencem a este lugar.

— Ela está certa. — alguém saltou, e eu vi Nausicaa tomar seu caminho através da multidão. Suas asas estavam batendo colericamente, agitando o ar em volta dela. Taylor estava bem atrás dela, com olhos escuros arregalados.

Jenna riu, mas soou forçado. Eu olhei em volta e percebi que a multidão tinha se apertado em volta dela, fazendo-a parecer muito pequena e sozinha.

— E o quê? — ela perguntou sua voz tremendo um pouco. — Ninguém da sua espécie já matou? Nenhuma de vocês bruxas ou metamorfos ou fadas? Vampiros são os únicos que já mataram?

Todos os olhares estavam em Elodie, e eu acho que nós esperávamos que ela pulasse no pescoço de Jenna ou outra coisa. Mas ela tinha o poder e sabia. Seus olhos verdes estavam brilhando positivamente enquanto zombava.

— O quê você sabe sobre alguma coisa? Você nem mesmo é uma prodígio de verdade.

O ar que cada uma tinha estado segurando pareceu sair de uma vez. Ela disse isso. Aquilo que todos pensaram, mas nunca reconhecerem em voz alta.

— Os poderes de nossas famílias são antigos. — Elodie continuou, seu rosto pálido, exceto pelas duas manchas rosa em suas maçãs. — Nós somos descendentes de anjos. E o quê você é? Uma pequena humana patética que foi alimentada por um parasita; um monstro.

Jenna estava tremendo agora. — Então eu sou o monstro? Que tal você, Elodie? Holly me contou sobre o que você e suas amiguinhas estavam tentando fazer.

Esprei Elodie jogar de volta com algo, mas em vez disso ela ficou muito pálida. Anna tinha parado de chorar e estava apertando os ombros de Elodie.

— Vamos. — ela implorou com a voz alta.

— Eu não sei do que você está falando. — Elodie disse, mas parecia assustada.

— O inferno que não sabe. Seu pequeno coven estava tentando levantar um demônio.

Você deve ter pensado que a multidão deveria ter arfado. Acho que eu arfei. Mas o resto do corredor estava quieto.

Elodie apenas encarou Jenna, mas achei ter ouvido Anna soluçar. Em face do olhar, Jenna começou a balbuciar. — Ela disse que você queria mais poder, e que você queria fazer um ritual de convocação, e você precisava de um sacrifício para fazer isso. V-você tinha de deixar o demônio se alimentar... de alguém... então...

Elodie tinha reganhado sua compostura. — Um demônio? Acha que poderíamos levantar um demônio aqui e não termos a Sra. Casnoff e Vandy e o Conselho em nossos calcanhares? Por favor.

Alguém da multidão gargalhou, e a tensão quebrou. Uma pessoa rindo dá permissão a qualquer um para rir, e foi isso que elas fizeram. Jenna ficou ali ouvindo aquelas risadas chatas em muito mais tempo do que eu teria. Então ela passou por mim e caminhou corredor abaixo e para dentro de nosso quarto. Ela bateu a porta atrás dela.

Uma vez que ela se foi, o murmurinho começou.

Nausicaa estava conversando com Siobhan. — Qual de nós será o próximo?

As asas azuis de Siobhan estremeeceram enquanto replicava. — Tudo que fiz foi voar para pegar o ônibus! Eu não mereço ficar trancada aqui com assassinos.

— Jenna não é uma assassina. — eu disse, mas percebi que não tinha certeza disto. Ela era um vampiro. Vampiros se alimentam de humanos.

E talvez bruxas.

Não. Empurrei este pensamento para longe mesmo enquanto me lembrava de Jenna tentando tão duramente não olhar para o meu sangue naquele primeiro dia.

Para a minha surpresa, fora Taylor que silvou depois, dizendo, — Sophie está certa. Não há provas de que Jenna tenha matado alguém.

Eu não fazia ideia se ela dissera isso porque acreditava, ou se apenas queria irritar Nausicaa, mas estava agradecida de qualquer modo.

— Obrigada. — eu disse, mas Beth se meteu entre eu e Taylor.

— Eu não ouviria nada do que Sophie Mercer tem a dizer Taylor.

Encarei Beth. O quê aconteceu com todo nosso momento unido de lamentos?

— Estava conversando com uma das outras lobisomens, e ela disse que o pai de Sophie é líder do Conselho.

Ouvi alguns sussurros sobre isso, algumas das garotas mais velhas olharam para mim. As mais jovens apenas pareciam confusas.

Droga.

— O pai dela é aquele que deixou vampiros entrarem na Hex. — Beth disse. Ela olhou de volta para mim, e vislumbrei suas presas enquanto saíam de sua gengiva. — Claro que ela irá dizer que Jenna é inocente. Do contrário, o emprego do seu pai estaria fora de questão.

Eu não tinha tempo para isso. — Eu nunca nem mesmo vi meu pai, e eu certamente não estou aqui para expandir sua agenda política ou outra coisa. Quebrei as regras fui sentenciada a Hex. Apenas como todo mundo.

Taylor entrecerrou seus olhos.

— Seu pai é líder do Conselho?

Antes que eu pudesse responder, Sra. Casnoff apareceu ao topo das escadas. Ela ainda estava em seu robe molhado, e ela parecia principalmente estressada, mas não estava tão pálida, então levei isso como um bom sinal.

— Atenção, garota. — ela disse em uma voz que tratou de ser poderosa sem na verdade gritar. — Graças aos esforços de Cal, Srta. Burnett reganhou a consciência e parece estar se recuperando.

O suspiro coletivo de alívio e seguintes murmúrios me cobriram inclinando contra Anna e sussurrando, — O quê ela quer dizer sobre esse tal de Cal?

Eu esperei uma resposta irritada sobre como eu era estúpida, mas Anna estava aparentemente muito aliviada por Chaston para ser uma vadia.

— Ele é um feiticeiro branco. — replicou. — Um super poderoso. Ele pode curar outras bruxas e feiticeiros não podem.

— Por que ele não curou Holly, então? — eu perguntei, e isso me deu um olhar irritado. Bom saber que Anna estava de volta ao normal.

— Holly já estava morta quando a encontraram, graças à sua amiguinha. Cal pode apenas curar os vivos; não pode reviver os mortos. Ninguém pode.

— Ah. — eu disse falhamente, mas ela já estava falando com Elodie.

— Seus pais virão ver ela amanhã. — Sra. Casnoff continuou. — E eu espero que ela seja capaz de voltar a se juntar a nós após as férias de inverno.

— Ela disse alguma coisa? — Elodie perguntou. — Ela disse quem fez isso?

Sra. Casnoff franziu levemente.

— Não neste momento. E eu incentivo todas vocês a usar seu melhor antes de espalhar rumores sobre o incidente. Nós estamos obviamente levando isso muito a sério, e a última coisa de que precisamos é pânico.

Elodie abriu a boca, mas um olhar da Sra. Casnoff freou qualquer coisa mesquinha que ela estava prestes a dizer.

— Tudo bem. — Sra. Casnoff disse com um bater de palmas. — Todos para a cama agora. Nós podemos discutir mais sobre isso de manhã.

## CAPÍTULO 17



Quando eu voltei pro meu quarto, Jenna estava lá dentro, sentada na cômoda próxima à janela. A testa dela estava sobre os joelhos.

— Jenna?

Ela não olhou pra mim. — Está acontecendo de novo. — Ela disse em uma voz fraca.

— Exatamente como a Holly.

Ela teve um calafrio, respirou profundamente e disse, — Quando eu vi eles levando a Chaston pra fora... foi exatamente igual. Os buracos no pescoço dela, os cortes nos pulsos. A única diferença é que Chaston estava pálida. Holly e-estava praticamente... praticamente cinza quando eles a tiraram de lá... — A voz dela morreu.

Eu sentei na minha cama e coloquei a mão no joelho dela. — Ei— eu disse suavemente, — aquilo não foi sua culpa.

Ela me olhou, os olhos vermelhos de raiva. — É, mas não é isso que todo mundo acha, né? Todos eles não acham que eu sou uma ‘aberração sugadora de sangue’?

Ela saltou da cômoda. — Como se eu tivesse pedido por isso. — ela murmurou em uma voz baixa, tirando as roupas do armário e as arremessando na cama.

— Como se eu quisesse ter vindo pra esse maldito colégio.

— Jen, — eu comecei a falar, mas ela girou ao meu redor.

— Eu odeio isso aqui! — ela gritou. — Eu... eu odeio ter aulas estúpidas como A história das bruxas do século XIX. Meu deus, eu somente queria ter álgebra ou algo do tipo. Eu queria poder almoçar -

almoçar de verdade – numa cafeteria e ter um trabalho depois da escola e ir ao baile.

Com um soluço, ela sentou na cama, como se toda a raiva que ela sentia tivesse evaporado. — Eu não quero ser uma vampira. — ela sussurrou e então ela desabou a chorar, escondendo o rosto na camiseta preta que ela estava segurando.

Eu olhei em volta do quarto, e pela primeira vez todo aquele rosa não me pareceu animador; apenas triste, como se Jenna estivesse tentando preservar um pouco do que a vida dela tinha sido antes.

Há momentos em que ficar calado é o melhor a fazer, e eu percebi que esse era um desses momentos. Então, eu atravessei o quarto e sentei na cama dela, afagando o cabelo dela como minha mãe fez comigo na noite em que eu soube que viria pro Hecate.

Depois de um tempinho, Jenna se encostou nos travesseiros e começou a falar.

— Ela foi tão legal comigo, — ela disse suavemente. — Amanda.

Eu não precisei perguntar quem era Amanda. Eu sabia que finalmente ela iria me contar a história de como ela se transformou numa vampira.

— Essa era a melhor parte. Não que ela não fosse bonita, ou inteligente, ou engraçada. Ela era tudo isso também, mas foi a amabilidade dela que me conquistou. Ninguém tinha prestado tanta atenção em mim antes. Quando ela me contou o que ela era e que ela queria que eu ficasse com ela pra sempre, eu não acreditei realmente. Eu não acreditava até sentir os dentes dela no meu pescoço.

Ela deu uma pausa e não houve nenhum som no quarto além do suave uivo da brisa nos carvalhos do lado de fora.

— Quando a mudança aconteceu, foi... incrível. Eu me senti mais forte e realmente bem, você sabia? Como se o resto da minha vida tivesse sido um sonho. As primeiras duas noites com ela foram as melhores noites de toda a minha vida. E então, eles a mataram.

— Eles?

Os olhos dela encontraram os meus. Meu diminuto reflexo nos olhos dela pareceu pálido demais. — O Olho. — ela respondeu, e um arrepio involuntário percorreu meu corpo. — Foram dois deles. Eles destruíram o motel onde nós estávamos nos escondendo e enfiaram uma estaca nela enquanto ela dormia. Mas aí ela acordou e começou... ela começou a gritar e isso fez com que os dois a agarrassem. Então, eu passei correndo pela porta e apenas continuei correndo. Por três dias eu me escondi no telhado de alguém. Eu só saí de lá porque eu estava faminta. Sendo assim, eu roubei comida de uma loja de conveniência.

— Assim que eu coloquei o primeiro Twinkie<sup>{14}</sup>★ na minha boca, eu pensei que fosse morrer. Eu acho que mastiguei umas duas vezes antes de cuspir. O — Ela fechou os olhos e respirou profundamente. — O gerente da loja apareceu e me encontrou ajoelhada no estacionamento lotado. Ele viu o pacote e começou a esbravejar dizendo que ia chamar os policiais e eu...

Ela parou de falar e desviou o olhar. Eu coloquei minha mão no ombro dela, tentando consolá-la e fazê-la perceber que eu não ligava por ela ter tomado o sangue de alguém, mas eu não consegui olhar no rosto dela.

— Depois... depois daquilo, eu me senti melhor. Eu peguei um ônibus de volta pra cidade e encontrei os pais de Amanda. Eles também eram vampiros. O pai da Amanda tinha sido mordido alguns anos atrás e tinha transformado o resto da família. Aí, eles entraram em contato com o Conselho e eles me mandaram pra cá.

Ela olhou pra mim de novo. — Eu não achei que seria assim. — ela disse. — Eu não quero ser assim se eu não tenho a Amanda. Eu só queria ser vampira se nós pudéssemos ficar juntas pra sempre. Ela prometeu. — Lágrimas embaçaram os olhos dela.

— Nossa. — eu disse. — Quem iria imaginar que garotas seriam tão complicadas quanto os homens?

Ela suspirou e inclinou a cabeça contra a cabeceira da cama, os olhos fechados. — Eles vão me colocar para fora.

— Por quê?

Ela pareceu incrédula. — Um... alô? Eles já vão colocar a culpa em mim. Holly foi uma coisa, mas duas garotas num semestre?

Ela balançou a cabeça. — Alguém terá que ser punido por isso e pode apostar que serei eu.

— Por quê? — eu repeti. Jenna era a única pessoa em Hecate que eu considerava como amiga. Bem, Archer e eu éramos amigos agora, mas ainda havia aquela coisa de possivelmente-eu-ainda-estar-um-pouco-apaixonada-por-ele, o que o colocava fora da área amigo. Se eu perdesse Jenna eu ficaria a mercê da Elodie e da Anna.

Sem chance.

— Eu não sei se eles vão expulsar você. Talvez a Chaston se lembre do que aconteceu com ela. Apenas espere e converse com a senhora Casnoff, tá? Quem sabe amanhã todo mundo já esteja mais calmo sobre isso.

A bufada sarcástica dela deixou claro pra mim o que ela achava dessa possibilidade.

Após um momento ela começou a colocar as roupas dela de volta no armário. Eu me levantei e comecei a ajudá-la.

— E aí, como foi na adega hoje?

— Adeguinífico.

— E sua enorme atração inútil pelo Archer Cross?

— Ainda enorme. E ainda inútil.

Ela balançou a cabeça enquanto pegava um dos inúmeros blazers do Hecate.

— Bom saber.

Nós continuamos em absoluto silêncio.

— O que você quis dizer sobre Elodie e o coven dela tentarem erguer um demônio?

— Isso foi o que a Holly me disse que elas estavam fazendo. — ela disse enquanto fechava o armário. — A senhora Casnoff foi realmente

exagerada com aquela história do L'Occchio di Dio nos matar e tudo mais e aí o coven pirou. Holly disse que elas pensavam que se elas erguessem um demônio, isso daria a elas mais poder e as deixariam a salvo se algo desse errado.

— E elas conseguiram?

Ela balançou a cabeça. — Eu não sei.

As luzes piscaram e apagaram, nos deixando no escuro. Eu ouvi alguns suspiros assustados vindos do andar de baixo, mas então a voz da senhora Casnoff ecoou. — Hora de desligar as luzes. Vão para a cama crianças.

Jenna suspirou. — Você vai amar Hex Hall.

Colidindo com os móveis e murmurando alguns palavrões, nós fomos pra nossas camas.

Eu me deitei com um gemido baixo. Eu não tinha percebido como eu estava cansada até sentir meu amado travesseiro sob minha cabeça. Eu já estava praticamente adormecida quando ouvi Jenna murmurar. — Obrigada.

— Pelo que?

— Por ser minha amiga.

— Nossa— eu respondi. — Essa foi a coisa mais cafona que alguém já me disse.

Ela meio que deu um grito como que se sentindo insultada e um segundo depois um dos vários travesseiros dela acertou meu rosto.

— Eu estava tentando ser legal. — ela insistiu, mas eu podia sentir o humor na voz dela.

— Não seja. Eu gosto de amigos ruins e odiosos.

— Que seja. — ela respondeu e alguns minutos depois nós duas estávamos dormindo.

Eu acordei com Jenna gritando e com o cheiro da fumaça.

Confusa, eu me sentei. A luz do sol estava entrando no quarto bem em cima da cama da Jenna. Levou um tempinho até eu me tocar de onde a

fumaça estava vindo.

Da cama de Jenna. Jenna.

Ela estava tentando freneticamente se levantar, mas ela estava enrolada no lençol, e o pânico deixava ela ainda mais enrolada.

Meus pés mal tocaram o chão quando eu pulei da minha cama e joguei meu edredom em cima dela. Quando fiz isso, eu vi o aspecto da mão dela. O aspecto pálido de sempre dava lugar a um vermelho brilhante e havia bolhas em alguns lugares.

Sem pensar, eu a coloquei dentro do armário.

Depois de ela já estar lá dentro, eu agarrei um dos lençóis e coloquei na fenda abaixo da porta. Jenna estava chorando, mas não estava mais fazendo aquele som agonizante de dor.

— O que houve? — Eu gritei contra a madeira.

— Minha pedra de sangue— ela soluçou. — Sumiu.

Eu corri até a cama dela e me agachei pra ver se estava debaixo da cama.

Talvez tenha apenas caído. Eu disse a mim mesma. Talvez o fecho tenha quebrado ou ficou preso no travesseiro.

Eu desejava que fosse apenas isso.

Eu tirei tudo de cima da cama até mesmo o colchão de molas, mas a pedra sangue de Jenna não estava em lugar nenhum.

De repente, me senti furiosa.

— Espere aqui— eu gritei pra Jenna.

— Como se eu pudesse ir a algum lugar! — ela respondeu quando eu já estava quase passado pela porta.

Havia algumas garotas no corredor. Eu reconheci uma delas, Laura Harris, da aula de Evolução Mágica. Os olhos dela se arregalaram quando ela me viu.

Eu corri até o quarto da Elodie e esmurrei a porta.

Ela abriu e eu praticamente atropeliei ela e entrei no quarto.

— Onde está?

— Onde está o que? — Ela perguntou. Havia manchas escuras sob os olhos dela.

— A pedra de sangue de Jenna. Eu sei que você a pegou, agora me diga, onde ela está?

Os olhos de Elodie brilharam. — Eu não peguei aquela pedra estúpida. Todavia, se eu tivesse feito isso, seria perfeitamente compreensível depois do que ela fez com a Chaston na outra noite.

— Ela não fez nada com a Chaston e você poderia tê-la matado. — Eu gritei.

— Se não foi ela quem atacou a Chaston, então quem foi? — Elodie perguntou, levantando a voz. Pequenas teias de luz estavam correndo pela pele dela e o cabelo dela começou a crepitar. Eu podia sentir meu próprio poder pulsando como uma batida de coração.

— Talvez o demônio que vocês estavam tentando trazer a vida. — Eu repliquei.

Elodie fez um som de desaprovação. — Como eu disse noite passada, se tivesse um demônio a senhora Casnoff saberia. Nós todos saberíamos.

— O que está havendo?

Nós duas nos viramos para ver Anna parada no corredor, com o cabelo molhado e uma toalha nas mãos.

— Sophie acha que nós pegamos aquela estúpida pedra de sangue de vampiro. — Elodie disse a ela.

— O que? Isso é ridículo. — Anna disse, mas sua voz estava vacilante.

Eu fechei meus olhos tentando controlar meu temperamento e minha magia.

Então, imaginando o colar de Jenna, eu murmurei. — Pedra de sangue.

Elodie revirou os olhos, mas houve um som esquisito, como se um dos vestidos da Anna tivesse se rasgado. A pedra-sangue surgiu debaixo de

uma pilha de roupas, com seu centro vermelho brilhando. Ela flutuou até minha mão e eu fechei meus dedos nela.

Surpresa passou pelo rosto de Elodie por um momento. Mas então desapareceu.

— Você conseguiu o que queria, sendo assim, cai fora daqui.

Anna estava olhando pro chão. Eu queria dizer algo que a fizesse sentir vergonha do que fez, mas no fim percebi que não valia à pena.

Quando eu voltei pro quarto, os soluços da Jenna se reduziram a um chorinho baixo. Eu abri a porta do armário e dei a ela a pedra de sangue. Uma vez de volta no pescoço dela, ela saiu do armário e sentou na cama, alisando a mão queimada.

Eu me sentei ao lado dela. — Você deveria guardar isso melhor. — Ela balançou a cabeça. Os olhos dela ainda estavam vermelhos e marejados.

— Foi a Elodie e a Anna? — ela perguntou.

— É. Bem, foi a Anna. Eu não acho que a Elodie sabia, mas também não é provável que ela tenha desaprovado.

Jenna expirou profundamente. Eu a toquei e afastei a mecha rosa dos olhos dela. — Você precisa contar à senhora Casnoff o que elas fizeram.

— Não. — ela disse. — Sem chance.

— Jenna, elas poderiam ter te matado. — Eu insisti.

Ela se levantou, puxando o meu edredom em volta dela. — Isso só iria piorar as coisas. — Ela disse. — Lembre-se que os vampiros são diferentes do resto de vocês. Que eu não pertenço a este lugar.

— Jenna, — eu comecei.

— Eu disse pra esquecer isso, Sophie! — ela exclamou, dando as costas pra mim.

— Mas você está machucada...

Nessa hora, ela se virou pra mim, seus olhos vermelhos como o sangue, o rosto contorcido de raiva. As presas à mostra. Ela agarrou meus ombros com um grunhindo.

Não havia nada da minha amiga nela.

Apenas um monstro.

Eu fiz um barulho surpreso de medo e dor e ela me soltou rapidamente.

Minhas pernas cederam e eu caí no chão.

E lá estava ela novamente, minha amiga Jenna, com os olhos azuis e cheios de arrependimento. — Oh meu deus, Soph, me desculpa! Você está bem? Às vezes quando eu fico irritada... — Lágrimas caíam sobre as bochechas dela. — Eu nunca machucaria você. — ela disse com os olhos suplicantes.

Eu não confiei em mim mesma pra falar, então eu apenas fiz que sim com a cabeça.

— Garotas, está tudo bem?

Jenna olhou por sobre o ombro. A senhora Casnoff estava parada à nossa porta com a expressão indecifrável.

— Nós estamos bem. — eu disse me levantando. — Eu apenas escorreguei e Jenna estava hmm, me ajudando a levantar.

— Entendo — A senhora Casnoff disse. Ela olhou novamente pra mim e pra Jenna antes de dizer, — Jenna, se você não se importa eu gostaria de falar com você um pouquinho.

— Claro. — Jenna respondeu com uma voz que podia ser tudo, menos confiante.

Eu as observei deixar o quarto e então sentei na cama da Jenna. Meus ombros estavam doloridos e os dedos de Jenna deixaram marca.

Eu sentei distraidamente passando a mão pelos meus braços, o cheiro da pele queimada de Jenna inundando minhas narinas.

E comecei a pensar.

## CAPÍTULO 18



Uma semana depois, as coisas ainda estavam na mesma. Ninguém ficou sabendo nada da Chaston, sendo assim, a Jenna continuava sendo a suspeita número um.

Depois do jantar, eu fui pra adega com o Archer de novo. Era a quarta vez que a gente ia pra lá e nós já estávamos trabalhando numa espécie de rotina.

Durante os primeiros vinte minutos mais ou menos nós trabalhávamos nas prateleiras. Metade das coisas que a gente já tinha catalogado estava fora do lugar, de maneira que a gente passava um bom tempo tentando pôr ordem naquela bagunça. Uma vez terminado essa parte do trabalho, a gente dava uma pausa pra conversar. Nossos diálogos não tinham ido muito além de uma pequena conversa sobre nossos parentes e insultos ocasionais, o que já era de se esperar. Além do mais, além do fato de sermos adolescentes, Archer e eu não tínhamos mais nada em comum. Ele é super rico e cresceu numa casa enorme na costa de Maine. Eu morei com a minha mãe em tudo quanto é lugar, desde uma casa de campo em Vernont até em um quarto no albergue Ramada por seis semanas. Mas mesmo assim eu ainda me pegava ansiando por nossas conversas. Na verdade, eu estava começando a ter receio dos dias em que a gente não tivesse mais que trabalhar na adega, o que conseguia ser ainda mais patético.

Archer sentou em seu lugar de sempre sobre as escadas enquanto eu sentava sobre uma parte vazia da prateleira M.

Ele apontou pra uma pilha de jarros vazios cobertos de poeira. Dois dos jarros flutuaram e se transformaram em latas de soda. Ele balançou a

mão em minha direção e um deles foi voando direto na minha direção. Eu o peguei e me surpreendi como quanto estava gelado.

— Estou impressionada. — eu disse e ele balançou a cabeça em agradecimento.

— É, transformação de jarros em limonada. Vou fazer o mundo tremer ante meu poder.

— Bem, ao menos isso prova que você ainda tem poderes.

Ele me olhou. — O que você quer dizer?

Merda. — Eu, humm, eu apenas... é que algumas pessoas disseram que você sumiu ano passado pra se livrar dos poderes.

Eu achei que ele já soubesse desses rumores, mas ele parecia verdadeiramente surpreso. — Então é isso que todo mundo pensa. Humm.

— Eles sabem que não é verdade. — eu respondi apressadamente. — Um monte de gente viu você colocar o Justin pra correr no primeiro dia.

Um sorriso convencido tomou conta dos lábios dele. Ele olhou pra mim.

— Cachorro mau.

Eu revirei os olhos, mas não pude evitar sorrir. — Cala a boca. E aí, onde é que você foi?

Ele encolheu os ombros e apoiou os cotovelos sobre os joelhos. — Eu só precisava dar um tempo. Mas não foi pelo motivo que todo mundo acha. O Conselho age como se nunca fosse deixar ninguém sair de Hecate, mas eles deixam você tirar uma espécie de folga se você fizer um requerimento pra eles. Eu creio que eles imaginaram que eu precisava de um tempo, principalmente depois da Holly.

— Certo. — eu disse, embora a menção à Holly tivesse feito me lembrar de Chaston de novo. Os pais dela tinham vindo buscá-la pra uma folguinha depois do ocorrido. Eles ficaram no escritório da senhora Casnoff por umas duas horas antes da senhora Casnoff vir falar com a Jenna.

Quando a Jenna voltou pro quarto, ela não disse uma palavra, apenas se deitou na cama e ficou olhando pro teto.

A repentina mudança do meu humor devia estar estampada na minha cara, porque Archer perguntou, — Jenna está bem? Eu notei que ela não foi jantar ontem.

Eu confirmei e disse: — Não muito bem. — eu disse a ele. — Ela não vai às aulas ou ao refeitório. Ela mal sai da cama. Eu não tenho ideia do que eles disseram pra ela naquele encontro, mas o fato de eles a terem chamado prova que pra eles ela é a culpada.

Ele balançou a cabeça. — É, a Elodie também está mal.

— Que coisa, hein? Só espero que ela não fique com rugas por causa disso.

— Não aja assim.

— Olha só, sinto muito que sua namorada esteja chateada, mas a única amiga que eu tenho está sendo acusada de algo que ela não fez e a Elodie é quem está liderando a acusação. Sendo assim, eu não sinto muito por ela, ok?

Eu esperei ele retrucar, mas aparentemente ele decidiu deixar pra lá. Ele saiu das escadas e voltou à prancheta.

— Você viu alguma coisa parecida com um ‘Instrumento para possessão demoníaca: J. Mompesson’?

— Acho que sim. — Eu saltei de cima da prateleira e me dirigi até o local vazio onde antes tinha um tambor, mas é claro que ele não estava mais lá. Na hora em que nós o encontramos (ele tinha se escondido detrás de uma pilha de livros que se desintegraram quando a gente tocou neles. — Torça pra eles não serem importantes. — foi o único comentário de Archer) nosso tempo acabou.

Eu ouvi a fechadura sendo aberta. A Vandy tinha parado de vir até aqui embaixo na adega pra tirar a gente de lá; ela apenas destrancava a porta.

Nós jogamos nossas pranchetas no chão e fomos em direção às escadas.

Quando nós estávamos subindo, eu poderia jurar ter visto um flash de luz verde pelo canto do olho, mas quando eu me virei pra olhar, não havia nada. Os pêlos da minha nuca se eriçaram e sem perceber eu passei minha mão neles.

— Você está bem? — Archer perguntou enquanto ele abria a porta.

— Sim. — eu disse, embora eu estivesse assustada. — É que... Posso te perguntar uma coisa realmente estranha?

— Essas são minhas perguntas favoritas.

— Você acha que alguém por aqui que poderia erguer um demônio?

Eu pensei que ele fosse sorrir ou fazer algum tipo de comentário sarcástico, mas ao invés disso, ele parou do lado de fora da porta e olhou pra mim daquela forma intensa.

— Por que você quer saber?

— Foi algo que a Jenna disse outra noite. Ela acha que a Holly pode ter sido morta porque, hmm, algumas pessoas ergueram um demônio.

Archer levou um segundo antes de balançar a cabeça e dizer, — Não, sem chance. A senhora Casnoff saberia se houvesse um demônio no campus. Eles são facilmente notados.

— Por quê? Eles são verdes e tem chifres? — Eu desejei que meu rubor fosse embora e disse, — Quero dizer, eles devem ter chifres ou algo do tipo.

— Não necessariamente. Eles podem se parecer com humanos, como você e eu. Alguns deles até mesmo usam seres humanos.

— Você já viu algum?

Ele olhou pra mim com incredulidade. — Hmm, não. Graças a Deus. Eu prefiro minha cabeça onde ela está e não comida por alguma coisa.

— Com certeza. — eu disse enquanto nós chegávamos à escada principal. — Mas você é um feiticeiro. Acha que não daria conta de um demônio?

— Não se eu não tiver aquilo — ele disse apontando pro anjo no vitral acima das escadas. — Vê aquela espada? Damonglass<sup>{15}</sup>. A única coisa que realmente pode matar demônios.

— É realmente um nome muito original. — eu comentei, fazendo-o sorrir.

— Pode zombar, — ele disse, — mas essa coisa é da pesada. O único lugar no qual você consegue achar isso é no inferno, ou seja, é meio difícil de achar.

— Nossa. — eu disse, olhando pra janela com uma nova visão.

— Archer! — Eu ouvi Elodie esgoelar de algum lugar da escada. Eu passei por ele. — Bem, obrigada. A gente se vê.

— Mercer.

Eu me virei.

Ele estava parado na parte de baixo da escada, e sob as luzes ele ainda parecia mais bonito, tanto que fez meu peito doer. Era fácil esquecer o quanto ele era irritante quando ele ficava tão bonito assim. — O que? — Eu perguntei na voz mais despretensiosa que consegui.

— Arch!

Elodie passou rebolando por mim e os olhos de Archer foram de mim pra ela.

Eu me virei e corri escada acima antes de vê-la nos braços dele.

## CAPÍTULO 19



No início de outubro, Chaston tinha enviado um depoimento escrito para o Conselho, afirmando que ela não conseguia se lembrar de nada sobre o ataque, então Jenna tinha permissão para ficar. Eu pensei que as notícias poderiam fazer algo para remover as sombras sob seus olhos, mas isso não aconteceu. Ela quase não falava com ninguém além de mim, e mesmo assim ela mal sorria, e ela nunca ria.

Quanto a mim, comecei a me sentir como se eu pudesse realmente estar pegando o jeito de vida em Hecate. Minhas aulas estavam indo bem. Elodie e Anna tinham estado abaladas por cerca de duas semanas após Chaston e temporariamente perdido seus desejos sádicos de me torturar. Em vez disso elas praticamente me ignoraram. Mas pelo meio de outubro, elas estavam de volta ao normal, o que para elas significava fazer comentários maldosos e falar sobre roupas.

Eu evitava problemas com Vandy mesmo que ela tenha feito Archer meu parceiro permanente de Defesa, provavelmente na esperança de que ele inadvertidamente me matasse. Mas mesmo isso não estava indo tão mal, apesar de ser forçada a passar mais tempo próxima a ele fosse seu próprio tipo de tortura. De fato, quanto mais tempo nós passávamos catalogando na adega ou bloqueando o golpe um do outro em Defesa, mais eu comecei a suspeitar que a minha queda poderia estar se aprofundando em outra coisa, algo em que eu realmente não queria colocar um nome. Não era apenas que ele era quente - muito embora, acredite em mim, isso era definitivamente parte disso - era a maneira como ele corria os dedos pelos seus cabelos. A maneira como ele me olhava como se eu fosse realmente interessante para conversar. A forma

como seus olhos se iluminavam quando ele ria das minhas piadas. Inferno, o fato de que ele ria das minhas piadas.

E quanto mais eu conhecia ele, mais errado seu namoro com Elodie parecia. Ele tinha jurado que havia mais em Elodie do que os olhos viam, mas nos dois meses que eu tinha estado em Hecate, praticamente as únicas coisas sobre as quais eu a ouvi falar foram feitiços para fazer seu cabelo mais brilhante ou sardas desaparecerem. Ela tinha olhado para mim quando tinha mencionado este último. Mesmo o ensaio dela para a aula de Lord Byron era sobre que a beleza física aumentava o poder de uma bruxa, supostamente porque lhe dava um acesso mais fácil aos seres humanos. Isso era ridículo. Agora, sentada atrás dela na aula de Evolução Mágica da Sra. East, eu não podia me impedir de revirar os olhos enquanto ela balbuciava para Anna sobre o vestido que ela estava planejando conjurar para o Baile de Halloween anual da escola em duas semanas.

— A maioria das pessoas acham que ruivas não podem usar rosa, — ela estava dizendo, — mas depende totalmente do tom de rosa. Ou realmente rosa claro ou rosa escuro funcionam melhor. E rosa shock, claro, é apenas lixo.

Esta última frase foi pronunciada em voz alta para o benefício de Jenna. Ela estava sentada ao meu lado, e mesmo ela fingindo ignorá-las, eu vi os dedos dela se agitarem até sua faixa rosa poucos minutos depois.

Cutuquei seu braço. — Não as ouça. Eles são totais cadelas.

— Desculpe-me, Srta. Mercer?

Eu olhei para cima para ver a Sra. East de pé ao lado da minha mesa, uma mão em seu quadril. Sra. East parecia que ia ser uma das melhores professoras de Hecate. Jenna e eu, em particular, brincávamos dizendo que seu olhar era dominatrix-chic. Ela era magra e sempre usava o cabelo castanho escuro puxado para trás em um coque. Fator em seu guarda-roupa todo preto e sapatos de saltos alto, e ela parecia como se pudesse estar facilmente caminhando pelas passarelas em Paris. Mas como todos os professores em Hecate, Sra. East parecia ter nascido com sua glândula de senso de humor completamente ausente.

Agora eu sorri fracamente para ela e disse: — Hum... há bruxas<sup>{16}</sup>?  
Nessa classe?

A classe explodiu em gargalhadas, exceto por Elodie e Anna, que tinham provavelmente adivinhado o que eu realmente tinha dito, e estavam olhando para mim.

Os cantos da boca da Sr. East se viraram para baixo em uma fração de uma polegada, o que era quase tão perto de uma carranca que ela tinha. Eu acho que ela estava com medo de vincar seu rosto perfeitamente liso.

— Que observação emocionante, Srta. Mercer. No entanto, você sabe que eu não tolero interrupções na minha aula

— Eu não estava interrompendo, — eu interrompi, e a boca da Sra. East se inclinou mais ainda para baixo, o que significava que eu tinha acabado de cruzar para a terra da Totalmente Ferrada.

— Desde que você tem tanto a dizer, talvez você goste de escrever um ensaio sobre as diferentes classes de bruxas? Duas mil palavras, vamos dizer? Para amanhã.

Como de costume, abri minha boca antes que meu cérebro tivesse a chance de pará-la, e eu gritei, — O quê? Isso é totalmente injusto!

— E agora você pode sair da minha classe. Quando você voltar, por favor tenha seu ensaio e um pedido de desculpas na mão.

Mordi uma réplica e juntei minhas coisas sob o simpático olhar de Jenna e sorrisos de Elodie e Anna. Levou um monte de autocontrole, mas eu não bati a porta quando saí.

Olhei para o relógio e vi que eu tinha quarenta minutos para matar até minha próxima aula, então eu corri para cima e derrubei meus livros antes de me dirigir para fora por um pouco de ar fresco.

Era um daqueles dias insanamente lindos que só outubro parecia capaz de produzir. O céu estava um azul profundamente claro. As árvores ainda estavam na maior parte verde, com alguns folhas laranjas e douradas brotando aqui e ali. Havia uma espécie de brisa agradável com cheiro de fumaça soprando, que parecia fazer frio o suficiente para me fazer feliz por

eu estar vestindo meu blazer. Assim, mesmo que uma parte de mim ainda estivesse fervendo com a injustiça de ser expulsa da classe, eu estava muito feliz por ter ganhado um inesperado período livre, mesmo que eu devesse estar usando-o para escrever o estúpido ensaio.

Pouco antes de eu poder fazer algo super manco como espalhar meu braços e explodir no refrão de — Colors of the Wind<sup>{17}</sup> — ouvi uma voz dizer: — Por que você não está na sala de aula?

Eu me virei para ver o jardineiro, Cal, em pé atrás de mim. Como de costume, ele estava arrasando em seu estilo lenhador - todo de flanela e jeans. E desta vez ele até tinha um adereço: um machado gigante, que ele segurava em sua mão esquerda, a reluzente cabeça letal devidamente contra sua bota.

Eu não sei qual era a expressão no meu rosto quando eu olhei para aquele machado, mas eu imaginei que deveria ter parecido com Hortelino Troca-Letras quando Pernalonga tinha se vestido como uma menina - olhos arregalados, queixo caído ao chão.

Parece que não foi muito longe disso, porque Cal pareceu sufocar uma risada quando ele levantou o machado e pousou em seu ombro.

— Relaxe. Eu não sou um psicopata.

— Eu sei, — eu respondi. — Você é o cara curador zelador.

— Jardineiro.

— Não é como um zelador?

— Não, é como um jardineiro.

Das duas interações que tive com ele, eu tinha assumido que Cal era alguma espécie de atleta Neandertal. Por um lado, ele era super musculoso, e seu cabelo era loiro escuro, fazendo-o parecer exatamente como o quarterback de sua escola. Além disso, eu quase nunca o ouvi falar mais do que três palavras de uma vez. Mas talvez houvesse mais do que os olhos viam.

— Então, se você pode curar com o seu toque, por que você está trabalhando aqui como, tipo, Hagrid, ou que seja?

Ele sorriu, e eu observei que seus dentes eram muito brancos e muito certos. Qual era desse lugar? Mesmo a equipe parecia com modelos Abercrombie & Fitch.

— Você não deveria estar lá fora, curando pessoas realmente importantes em vez de aqui, tirando as ervas daninhas e remendando adolescentes?

Ele deu de ombros. — Quando fui libertado da Hecate ano passado, eu ofereci meus serviços para o Conselho. Eles decidiram que meus talentos eram mais úteis aqui, protegendo os seus tesouros mais preciosos. Você.

Havia algo tão... Eu não sei, íntimo, da maneira como ele disse isso que eu senti que eu poderia estourar em risos e começar a corar. Então eu me controlei. Eu já tinha uma paixão idiota. Eu não estava prestes a começar a cobiçar o zelador, pelo amor de Deus.

Talvez ele tenha percebido que o jeito que ele tinha falado era muito estranho, porque ele rapidamente limpou a garganta. — Quero dizer, todos vocês. Você sabe, suas crianças.

— Certo.

— Enfim, agora volte para Retratos de Fadas no Século XVIII da França, ou qualquer outra classe idiota que você estiver matando.

Eu cruzei meus braços, tanto porque eu estava ficando um pouco chateada e também porque o vento sobre o lago estava ficando frio. — Na verdade, eu fui chutada para fora da classe da Sra. East. Evolução Mágica.

Ele bufou. — Cara. Trabalho no porão por um semestre, chutada para fora da classe...

— Me fale sobre isso, — eu respondi. — Aparentemente há algo sobre mim que irrita todos os professores nesta escola.

Para minha surpresa, Cal balançou a cabeça. — Eu não acho que é isso.

Vagamente à distância, ouvi o sino que sinalizava mudança de aula. Eu sabia que eu deveria correr de volta para a classe de Byron, mas eu queria

ouvir o que Cal tinha a dizer.

— O que você quer dizer?

— Olhe para isso pelo ponto de vista deles, Sophie. Seu pai é a cabeça do Conselho. Todo mundo em Hecate está se curvando para trás para não mostrar favoritismo para você. Então, talvez eles estejam indo um pouco ao extremo na direção oposta, sabe?

Eu apenas assenti. Por que não me surpreendi ao descobrir que outra coisa era culpa do meu pai?

— Você está bem? — Cal perguntou, sua cabeça um pouco inclinada.

— Sim, — eu respondi de maneira muito animada. Eu parecia uma líder de torcida em um Kool-Aid. — Sim, — eu repeti, muito mais normalmente desta vez. — Eu tenho que ir. Não quero me atrasar!

Corri por ele, quase colidindo com um de seus ombros.

Deus, o cara era construído como um carvalho assustador, pensei quando eu peguei meu ritmo.

No final, eu ainda estava atrasada para a aula de Byron. O que significava que não só gritaram comigo - em pentâmetro iâmbico, nada menos - mas eu também tinha que escrever um ensaio de cinco páginas sobre o meu — crônico e notório atraso.

— Acho que eu preciso encontrar um feitiço para dever de casa. — eu sussurrei para Jenna quando eu deslizei para meu lugar.

Ela apenas deu um desanimado encolher de ombros e voltou a desenhar rostos em seu caderno.

Rostos, eu não pude deixar de notar, que se pareciam muito com Holly e Chaston.

## CAPÍTULO 20



Mais tarde naquela noite eu trabalhei no ensaio da Sra. East, enquanto Archer catalogava; eu já tinha escrito o de Byron na minha última aula do dia, Classificações da Shapeshifters. Nosso professor, o Sr. Ferguson, estava apaixonado pelo som de sua própria voz, então ele raramente prestava atenção ao que estávamos fazendo em nossas mesas. Jenna e eu costumávamos passar notas o tempo todo, mas nesses dias ela costuma passar o período rabiscando em seu caderno e tentando se encolher dentro de si mesma.

Archer e eu tínhamos chegado ao ponto onde mal catalogávamos mais de dez coisas durante nossa hora no porão. Vandy não tinha dito nada, o que só confirmou a minha suspeita de que o verdadeiro ponto do trabalho no porão era ser presa lá por uma hora, três noites por semana. Afinal de contas, fazer o trabalho era inútil, pois tudo o que catalogávamos estaria em um lugar diferente da próxima vez em que chegássemos. Passamos a maior parte do tempo conversando. Desde que Jenna começou a nadar na parte funda da piscina de pena, Archer era praticamente o único amigo que eu tinha. Elodie e Anna tinham completamente desistido da minha união ao coven, e pelo que eu ouvi, elas estavam à procura de bruxas brancas agora, um sinal certo de que eu tinha caído abaixo do desprezo delas. Tentei dizer a mim mesma que isso não importava, mas a verdade era que a vida em Hecate tinha ficado muito solitária.

— Você acha que os professores são duros comigo por causa do meu pai? — Eu perguntei a Archer, olhando acima do livro espalhado em meu colo.

— Provavelmente. — Ele ergueu-se em uma prateleira vazia. — Prodígios têm muito grandes egos. Nem todos eles são os maiores fãs de

seu pai, e Casnoff não iria querer que os outros pais pensassem que você está recebendo um tratamento especial apenas porque seu pai é praticamente rei deles.

Ele levantou uma sobrancelha. — O que faz de você princesa.

Revirei os olhos. — Ah, sim. Deixe-me polir minha tiara e estarei pronta.

— Ah, vamos lá, Mercer. Eu acho que você iria fazer uma boa rainha. Você definitivamente tem a parte arrogante baixa.

— Eu não sou arrogante! — Eu quase gritei.

Ele recostou-se nos cotovelos, um sorriso malicioso no rosto. — Por favor. O primeiro dia que eu te conheci, você tinha praticamente uma camada de permafrost<sup>{18}</sup> te cobrindo.

— Só porque você foi um idiota, — eu respondi. — Você me disse que eu era uma droga sendo bruxa.

— Você é. — ele disse com uma risada.

E então, no que estava se tornando uma piada, dissemos em uníssono, — Cachorro mau! — e sorrimos um para o outro.

— Você apenas não está acostumado em encontrar mulheres que não caem sobre sua bunda como se você estivesse em uma boy band ou algo assim, — eu disse quando o nosso riso tinha diminuído um pouco.

Voltei para minha redação, então eu tive que olhar para cima quando eu percebi que ele não tinha me respondido.

Ele estava olhando para mim com um pequeno sorriso, um brilho estranho em seus olhos. — Então por que não você?

— Desculpe?

— Bem, de acordo com você, as mulheres estão sempre caindo sobre mim. Então, por que não você? Não sou seu tipo?

Tomei um longo folego e esperei que ele não tivesse percebido. Estranhos pequenos momentos como esse estavam se tornando comuns com Archer e eu. Talvez fosse todo o tempo que passamos juntos sozinhos

no porão, ou quão familiar nos tornamos enquanto nos chutávamos em Defesa, mas eu estava começando a notar uma sutil mudança no nosso relacionamento. Eu não estava delirante o suficiente para acreditar que ele realmente gostava de mim nem nada, mas flertar tinha definitivamente entrado em cena. Isso me deixou sentindo estranha e totalmente insegura de mim mesma em momentos como estes.

— Não, — eu finalmente disse, esforçando-me por um tom claro. — Eu sempre tive uma coisa com o tipo nerd. Garotos bonitos e arrogantes realmente não tocam meu sino.

— Então você acha que eu sou bonito?

— Cale a boca.

Eu precisava mudar de assunto. — E a sua família? — Eu perguntei.

Ele olhou para cima, assustado. — O quê?

— Sua família. Eles gostam do meu pai?

Ele desviou o olhar rapidamente e deu de ombros, mas eu podia ver que algo estava errado. — Minha família quase fica de fora da política. — Ele disse. Então ele levantou sua lista. — Você viu Vampire Fang: D. Frocelli?

Eu balancei minha cabeça.

Quando voltei para o meu ensaio eu me perguntei o que diabos eu tinha dito para perturbar Archer. Ocorreu-me que nas seis semanas que tínhamos trabalhados juntos, Archer não tinha falado muito sobre sua família. Isso nunca tinha me incomodado antes, mas claro que agora que eu sabia que ele não queria falar sobre isso, eu estava consumida pela curiosidade.

Me perguntei se Jenna saberia algo sobre o passado de Archer, mas então eu rapidamente apaguei a ideia. Jenna mal estava falando com ninguém e estava claramente passando por alguma merda maior. A última coisa que ela precisava era de mim importunando-a sobre minha paixão.

Até o momento que Vandy veio por nós, eu já tinha terminado a maioria dos meus ensaios, e eu decidi que faria o resto de manhã, antes da

aula.

Voltei para meu quarto, mas quando estava indo, passei pela porta aberta de Elodie e ouvi a macia, entonada voz de Anna dizer, — Bem, eu ficaria de olho se fosse o meu namorado.

Parei apenas fora da porta e ouvi a resposta de Elodie, — Eu estaria se ela não fosse tamanha aberração. Confie em mim, se Archer tinha de ser preso no porão com alguma menina na escola, eu estou positivamente emocionada por ser Sophie Mercer. Archer não olharia para ela duas vezes.

É engraçado. Eu sabia que Archer não estava interessado em mim, mas realmente ouvir isso de outra pessoa, era realmente horrível.

— Ela tem grandes seios. — Anna meditou.

Elodie apenas bufou para isso. — Por favor, Anna. Seios grandes não são suficientes para compensar ser baixa e lisa. E aquele cabelo! — Mesmo que eu não pudesse vê-la, imaginei Elodie dando um encolher de ombros para aquilo. Eu, entretanto, estava começando a sentir-me vagamente enjoada. Eu sabia que deveria ir embora, mas eu não conseguia parar de ouvir. Pergunto-me por que é que sempre queremos ouvir as pessoas falar sobre nós, mesmo quando a coisa é horrível. E, você sabe, não é como se Elodie estivesse dizendo qualquer coisa que eu não soubesse. Eu era pequena e lisa, e eu tinha um cabelo maluco. Eu tinha dito estas coisas sobre mim mesma muitas vezes. Então, por que lágrimas quentes estavam picando meus olhos?

— Sim, mas Archer é estranho. — disse Anna. — Lembra-se o quão medíocre ele foi para você no primeiro ano? Tipo, ele não te chamou de loira burra lisa, ou alguma coisa assim? Ou estúpida.

— Isso está no passado agora, Anna. — Elodie disse duramente, e eu tive que suprimir uma risada. Então, aparentemente, Archer tinha sido sensato uma vez. O que teria mudado? Será que Elodie realmente tinha alguma profundidade, como ele tinha dito? Porque eu tenho certeza de que não estava ouvindo nada mais profundo do que uma comadre.

— De qualquer forma, mesmo se Archer fosse louco o suficiente para ter uma coisa por Sophie, depois do Baile de Halloween, ele não vai nem pensar em olhar para outra garota.

— Por quê?

— Eu decidi dar-me a ele.

Oh, nojento. Quem diz coisas assim? Por que ela não disse simplesmente — delicada flor— ou — tesouro carnal— ou algo igualmente estúpido?

Mas Anna, é claro, gritou. — Ohmeudeus, isso é tão romântico!

Elodie riu, que era um som estranho vindo dela. Meninas como Elodie deveriam cacarejar. — Eu sei, né?

Eu definitivamente tinha ouvido o suficiente, então eu, na ponta dos pés, fui para longe e suavemente abri a porta do meu quarto.

Jenna estava, como de costume, enrolada em sua cama, um de seus cobertores rosa puxado sobre ela. Ela estava fazendo muito isso agora, fingindo estar dormindo para que eu não falasse com ela. Normalmente eu só daria a ela o que ela queria e não tentaria uma conversa. Mas hoje a noite eu me sentei na beira da cama dela com força suficiente para fazê-la saltar um pouco. — Adivinha o que eu acabei ouvir? — Eu cantei.

Ela puxou uma ponta do cobertor, e piscou um olho para mim. — O quê?

Eu repeti a conversa entre Anna e Elodie, terminando com, — Você pode acreditar nisso? ‘Dar-me a ele’? Ugh. O que há de errado com apenas dizer sexo, sabe?

Eu fui recompensada com um sorriso tímido. — Isso é bastante estúpido, — disse Jenna.

— Totalmente estúpido, — eu concordei.

— Elas disseram alguma coisa sobre Chaston?

Surpresa, eu disse: — Uh... Não. Não que eu tenha ouvido, pelo menos. Mas você ouviu o que a Sra. Casnoff disse no jantar algumas

noites atrás. Chaston está bem e em repouso na Riviera ou algum outro lugar fascinante com seus pais. Ela vai voltar no próximo ano.

— Eu simplesmente não posso acreditar que elas estão fofocando sobre meninos quando um de seus coven está morto, e outro quase morreu apenas a três semanas atrás.

— Sim, bem, são umas idiotas rasas. Nada exatamente novo.

— Sim.

Eu retirei minhas roupas e coloquei um top de Hecate azul e um par de calças de pijama que minha mãe tinha me enviado na semana passada. Elas eram de algodão branco coberto com pequenas bruxas azuis andando em vassouras. Eu acho que era a maneira dela dizer que sentia muito pela briga; Estava arrependida também, e tinha ligado para dizer isso a ela. Era agradável estar em bons termos com ela novamente.

— Uau, eu realmente machuquei seus ombros. — Jenna disse, sentando-se.

Olhei para baixo. — Ah... Certo. Não é grande coisa. Eles nem sequer doem.

Eles ainda doíam um pouco.

Os olhos de Jenna estavam brilhantes, e eu acho que ela estava tentando não chorar. — Eu ainda estou muito arrependida por isso, Soph. Eu estava tão assustada e machucada, e... e às vezes eu perco o controle.

Medo gelado percorreu minha espinha, mas eu tentei ignorá-lo. Jenna era minha amiga. Sim, ela deu uma de vampira sobre mim, mas ela saiu disso imediatamente.

Mas você é amiga dela. Chaston definitivamente não era. E quem sabe sobre Holly?

Não. Sem ir para lá.

Em vez disso eu disse com confusão simulada, — Perder o controle de quê? Sua bexiga? Porque você pode querer checá-la. Estou, portanto, não emprestando nenhum lençol.

— Você é uma aberração. — Ela deu uma risadinha.

— Tem que ser um para conhecer um!

Pelo próximo par de horas, nós conversamos e tentamos estudar para Evolução Mágica. Ao apagar das luzes, Jenna parecia quase como a sua antiga eu novamente.

— Noite, Jenna. — eu disse quando as luzes finalmente piscaram e apagaram.

— Noite, Soph.

Olhei para o teto inclinado, minha cabeça cheia de pensamentos: Archer, Elodie e Anna, Jenna, aquela conversa com Cal na lagoa. Adormeci me perguntando se Archer sabia que ele estava prestes a se tornar o orgulhoso recipiente da virgindade de Elodie.

Eu não sabia que hora era quando eu acordei para encontrar a garota de verde ao pé da minha cama. Meu coração em minha boca, eu tinha certeza de que tinha de estar sonhando, que não havia nenhuma maneira de isso ser real.

Então ela deu um suspiro exasperado e, em um sotaque britânico, disse, — Sophie Mercer. Que problemas você tem sido.

## CAPÍTULO 21



Eu me sentei na cama, piscando.

Era a garota que eu tenho visto desde que comecei em Hecate, mas ela não se parecia em nada com um fantasma; ela parecia em carne e osso.

— Bem? — ela perguntou, levantando uma sobrancelha. — Você vem ou não?

Eu olhei para a Jenna. Tudo o que eu podia ver era uma sombra escura. Pelo som constante que eu ouvia até mesmo o respirar, eu sabia que ela estava dormindo.

A garota seguiu o meu olhar. — Oh, não se preocupe com ela. — ela disse com um aceno. — ela não vai acordar e soar o alarme. Ninguém irá, eu tomei conta disso.

Antes que eu pudesse perguntar o que ela queria dizer, ela se virou e saiu pela porta. Eu me sentei congelada, até que ela reapareceu na porta e disse, — Oh, pelo amor de Deus, Sophie, vamos!

Agora eu sabia que seguir o fantasma era uma ideia ruim. Tudo em meu corpo dizia isso. Minha pele estava pegajosa e meu estômago em nós. Mas eu me encontrei empurrando os cobertores, pegando meu blazer do uniforme de Hecate do apoio da cadeira e a alcançando no topo da escadaria.

— Ótimo. — ela disse. — Temos muito trabalho a fazer e não muito tempo.

— Quem é você? — Eu sussurrei.

Ela me direcionou um olhar irritado novamente. — Eu te disse, você não tem que sussurrar. Ninguém pode nos ouvir.

Ela parou nas escadas e jogou a cabeça para trás gritando:

— Casnoff! Vandy! Sophie Mercer está fora da cama sendo travessa junto a um fantaaaaaaasma.

Eu instintivamente me agachei. — Shhhh!

Mas assim como ela tinha prometido, não havia sinal de que alguém a tivesse ouvido. O único som era o do tique-taque abafado do velho relógio no salão principal e minha própria respiração difícil.

— Viu? — disse ela se virando para mim com um sorriso brilhante. — Cuidei disso. Agora venha.

Ela correu pelos últimos degraus e, antes que eu pudesse perceber, nós estávamos fora, sobre o gramado da frente. A noite estava fria e úmida, e a grama molhava desagradavelmente meus pés. Eu olhei para baixo para me certificar de que eu estava apenas de pé na grama e percebi que meus pés tinham um tom estranho de verde. E então eu percebi que poderia ver a minha sombra, mesmo não tendo lua. Eu me virei para olhar Hecate e ofeguei. A casa inteira estava envolvida em uma bolha enorme opalescente que brilhava com uma luz verde opaca. Eu nunca tinha visto algo como aquilo; nem nunca li sobre um feitiço assim.

— Impressionante, não é? — a menina disse presunçosamente. — É um feitiço básico para dormir que torna as vítimas totalmente insensíveis ao mundo, pelo menos, por quatro horas. Eu só... aumentei isso.

Eu não gostei da maneira como ela disse — vítimas.

— Eles estão... Eles estão bem?

— Oh, perfeitamente seguros. — respondeu ela. — Apenas dormindo. Como em um conto de fadas.

— Mas... A Sra. Casnoff tem magias em todo o lugar. Ninguém poderia apenas entrar e fazer um feitiço tão grande.

— Eu posso! — disse a menina. Então ela pegou minha mão. A dela era tão sólida e real quanto a minha. Eu tinha certeza de que a Sra. Casnoff disse que fantasmas não podia nos tocar.

Mas antes que eu pudesse perguntar, a menina começou a me puxar para longe da casa.

— Espere. Eu não posso ir a qualquer lugar com você até que eu saiba quem você é e o que está fazendo aqui. Por que você tem me seguido?

Ela suspirou. — Oh, Sophie, eu esperava que você fosse um pouco mais perceptiva. Não é óbvio quem eu sou?

Estudei o comprimento de seu vestido florido e o casaco verde brilhante. Seu cabelo estava na altura dos ombros, cacheados, e era mantido afastado de seu rosto por grampos. Olhando para baixo, vi que ela estava usando sapatos marrons hediondos. Me senti um pouco triste por ela: fantasma ou não, ninguém deveria ter que passar a eternidade em sapatos feios.

Mas então eu olhei nos olhos dela. Eles eram grandes e separados, e mesmo que luz verde estivesse refletindo neles, eu poderia dizer que eles eram azuis.

Meus olhos.

Britânica, da década de quarenta, e tinha meus olhos.

— Alice? — Eu perguntei com meu coração em minha garganta.

Ela sorriu largamente. — Excelente! Agora, apenas venha comigo e...

— Espere, espere, espere. — eu disse, segurando a mão na minha cabeça. — Você está me dizendo que você é o fantasma da minha bisavó?

Aquele olhar irritado novamente. — Sim.

— Então o que você está fazendo aqui? Por que você tem me seguido? — Eu não tenho seguido você. — ela respondeu calorosamente. — Eu tenho aparecido para você. Você não estava pronta para mim antes, mas agora você está. Eu trabalhei muito para chegar até você, Sophie. Agora, por favor, vamos parar essa conversa e começar a trabalhar?

Deixei que ela me arrastasse para longe, principalmente porque eu estava com medo que ela poderia me apagar se não o fizesse, mas também porque eu estava realmente curiosa. Quantas pessoas são puxadas para fora

da cama pela bisavó? Nós andamos para longe de Hecate e descemos uma colina íngreme em direção a estufa. Gostaria de saber se ela estava me levando lá para treinar, mas quando nós chegamos, ela se desviou para a esquerda e me puxou para dentro da floresta.

Eu nunca tinha estado na floresta que cercava Hecate, e por um bom motivo: era assustador como o inferno. E, claro, era duplamente assustador durante a noite. Eu pisei em uma pedra com meus pés descalços e estremeci. Quando algo macio passou por minha bochecha, eu dei um gritinho.

Ouvi Alice soprar poucas palavras, e de repente uma grande esfera de luz apareceu na nossa frente, brilhante o suficiente para que eu tivesse que cobrir meus olhos. Alice murmurou sob sua respiração, e surgiu uma esfera celeste sobre nós, como se alguém tivesse a segurando em uma corda. A esfera flutuou para longe, até que estivesse cerca de dez metros acima de nossas cabeças, lançando luz em todas as direções.

Você pensaria que a luz faria a floresta menos assustadora, mas na verdade, era pior. Agora sombras atravessaram o solo, e eu olhava ocasionais flashes de relâmpagos dos olhos dos animais. Nós fomos em direção a um riacho seco, e para a minha surpresa, Alice saltou agilmente nele. A segui, muito menos graciosa, tropeçando em terra solta e amaldiçoando.

Se eu pensei que a floresta era assustadora, ela não era nada comparada com o riacho seco. Pedras eram afiadas contra meus pés descalços, e parecia que toda a parte que eu olhava, havia buracos negros e raízes expostas que pareciam ser entranhas de algum animal gigante. No final, eu apenas peguei a mão de Alice e mantive meus olhos fechados até que houve uma parada abrupta.

Abri os olhos e imediatamente desejei não tê-lo feito.

Diante de mim estava uma pequena cerca de ferro forjado salpicado de ferrugem.

Atrás da cerca havia seis túmulos. Quatro estavam um pouco tortos e cobertos de musgos, mas os outros dois tinham permanecidos retos e

eram tão brancos quanto ossos.

As lápides eram suficientemente inquietantes, mas havia outra coisa neste pequeno cemitério que fez meu coração ir parar no meu estômago, e o gosto metálico do medo em minha boca.

A estátua tinha cerca de oito metros de altura, talvez um pouco mais alta. Era de um anjo esculpido em pedra cinza claro, com suas asas abertas. Ele era tão finamente esculpido que você poderia ver cada pena. Da mesma forma, as vestes do anjo pareciam flutuar na ondulação de um vento inexistente. Em uma mão ele segurava uma espada. O cabo tinha sido esculpido no mesmo material da estátua, mas a lâmina era algum tipo de vidro escuro que brilhava a luz da esfera. A outra mão do anjo mantinha a palma para frente como se fosse um aviso para os outros não se aproximarem. O olhar em seu rosto era de tal autoridade que teria feito o olhar da Sra. Casnoff passar vergonha.

O anjo era muito familiar para mim, e eu percebi que era o mesmo desenhado na janela de vidro em Hecate. O anjo que tinha banido os Prodígios.

— Que... — eu rompi e clareei a minha garganta. — Que lugar é esse?

Alice estava olhando para o anjo com um sorriso. — Um segredo. — ela respondeu.

Eu tremia e puxei meu blazer mais apertado em torno de mim. Eu queria lhe perguntar o que ela quis dizer com isso, mas havia um olhar de aço em seu rosto que me disse que eu provavelmente não receberia uma resposta. A apostila de Hecate não dizia que a regra mais importante era não entrar na floresta? Eu apenas assumi que era perigoso ou qualquer coisa.

Mas talvez tivesse sido mais do que isso.

O vento aumentou, agitando as folhas e fazendo meus dentes baterem.

Por que não pensei em pegar os sapatos, eu me perguntava enquanto eu esfregava um pé dormente em cima do outro.

— Aqui, — Alice disse, apontando para os meus pés. Eles coçaram por um momento, e enquanto eu observava, de repente, meus pés estavam cobertos primeiro por meias brancas e depois pelo meu par de chinelos vermelhos felpudo favoritos. Chinelos que pelo o que eu sabia ainda estavam no fundo do meu armário em Vermont.

— Como você fez isso?

Mas Alice apenas riu misteriosamente.

E então, sem aviso prévio chicoteou a mão através do ar.

Senti um golpe pesado no meu peito que me derrubou. Eu bati no chão com um assustado, — Oomph!

Sentada, eu olhava para ela. — O que foi isso?

— Isso, — disse ela bruscamente — foi uma magia ridiculamente simples que você deveria ter sido capaz de bloquear.

Olhei para ela em estado de choque. Era uma coisa apanhar do Archer nas aulas de Defesa, mas ser atacada do nada por minha bisavó era simplesmente constrangedor.

— Como eu poderia ter bloqueado quando eu não tinha ideia de que você faria isso? — eu respondi.

Alice se aproximou de mim e ofereceu sua mão para me levantar. Eu não aceitei, principalmente porque eu estava chateada, mas também porque Alice parecia que pesava cerca de quarenta quilos, e eu pensei que provavelmente acabaria puxando-a comigo.

— Você deveria ter sido capaz de perceber que eu ia fazer isso, Sophie. Alguém com um poder tão grande quanto o seu pode sempre antecipar um ataque.

— O que é isso? — Eu perguntei, espanando a poeira e agulhas de pinheiro do meu agora dolorido bumbum. — Uma coisa Star Wars? Eu deveria sentir uma perturbação da Força?

Agora foi a vez de Alice a piscar em confusão.

— Esqueça isso. — eu murmurei. — De qualquer forma, se você esteve me analisando nas últimas seis semanas, você provavelmente percebeu o fato de que eu não tenho nenhum 'grande poder'. Eu sou tipo a bruxa menos poderosa daqui. Claramente, o maravilhoso superpoder da família pulou esta garota aqui.

Alice balançou a cabeça. — Não, não pulou. Eu posso sentir. Seus poderes são tão grandes quanto o meu. Você simplesmente não sabe como usá-los ainda. É por isso que estou aqui. Para ajudar você a afiar e moldá-los. Para prepará-lo para a função que deve desempenhar.

Eu olhei para ela. — Então você é como meu próprio Sr. Miyagi<sup>{19}</sup>?

— Eu não tenho nenhuma ideia o que isso significa.

— Desculpe, desculpe. Vou tentar parar com as referências da cultura pop. O que você quer dizer com o papel que devo desempenhar?

Alice olhou para mim como se eu fosse estúpida. E em defesa dela, eu me senti muito estúpida.

— Chefe do Conselho.

## CAPÍTULO 22



— Certo, por que eu iria querer isso? — Perguntei com uma pequena risada. — Eu não sei nada sobre Prodígios e sou uma bruxa de merda.

O vento pegou meu cabelo, soprando-o em minha boca e olhos. Através das vertentes cobrindo meu rosto, eu vi Alice movimentando sua mão em minha direção. Meu cabelo saiu do meu rosto e se reuniu em um coque no topo da minha cabeça. Estava tão apertado que meus olhos marejaram.

— Sophie, — disse Alice em tom usado para aplacar uma birra de criança, — você só pensa que é uma bruxa de merda.

A palavra — merda— soava ridiculamente elegante com o sotaque de Alice, e eu tive que sorrir um pouco. Acho que ela viu isso como um bom sinal, porque ela pegou a minha mão. Sua pele era macia e gelada ao toque.

— Sophie, — ela disse em uma voz suave, — você é incrivelmente poderosa. Você só está em desvantagem, porque você foi criada por um humano. Com a formação e orientação, você pode colocar aquelas outras garotas – como é que você e aquele sua amiga meia-raça as chamam? As bruxas de Noxema<sup>{20}</sup>?

— Jenna não é uma meia-raça. — eu disse rapidamente, mas ela me ignorou. — Você poderia ser muito, muito mais poderosa do que qualquer um deles. E eu posso mostrar-lhe como.

— Mas por quê? — Eu perguntei.

Ela sorriu de forma enigmática mais uma vez e deu um tapinha no meu braço.

Mesmo sabendo que Alice morreu aos dezoito anos, o que a tornava dois anos mais velha do que eu, havia algo muito de avó em seu toque. E depois de uma vida tendo apenas uma mãe de família, isso era bom.

— Porque você é meu sangue. — respondeu ela. — Porque você merece ser melhor. Para se tornar o que você está destinada a ser.

Eu não sabia o que dizer sobre isso. Ser a Chefe do Conselho era o que eu estava destinada a ser? Pensei numa fantasia que tive uma vez de ser proprietária de uma loja de livros New Age<sup>{21}</sup>, lendo as palmas das mãos e vestindo uma túnica roxa grande. Isso parecia muito distante agora e, honestamente, bastante estúpido.

E então eu pensei em Elodie, Chaston e Anna brilhantes e levitando na biblioteca.

Elas tinham parecido como deusas, e mesmo eu tendo medo, eu as tinha invejado. Seria realmente possível eu me tornar melhor do que elas?

Alice riu. — Oh, você vai ser muito melhor que aquelas garotas

Grande, ela podia ler minha mente.

— Venha, não temos muito tempo.

Passamos o cemitério e dentro uma clareira cercada por árvores de carvalho. — Este é o lugar aonde vamos nos encontrar. — disse Alice. — Este é o lugar onde eu vou treiná-la para ser a bruxa que deveria ser.

— Você sabe que eu tenho aula, certo? Eu não posso ficar acordada a noite toda.

Alice se abaixou e tirou um colar de seu pescoço. Suas mãos brilhavam com uma luz mais brilhante do que a esfera ainda flutuando acima de nós. Em seguida, a luz se apagou abruptamente e ela entregou o colar para mim. Era quase quente demais para tocar. Apenas uma simples corrente de prata com um pingente quadrado do tamanho de um selo postal. No centro havia uma pedra em forma de lágrima negra.

— Aí. Relíquia de família. — disse ela. — Contanto que você esteja usando, você nunca vai ficar muito cansada.

Olhei para o colar com apreço. — Será que vou aprender esse feitiço?

E pela primeira vez, Alice deu um sorriso real, um tão amplo que iluminou seu rosto inteiro e fez seus traços planos ligeiramente belos.

Ela se inclinou e pegou minhas mãos nas dela, me puxando para perto até que nossos rostos estavam polegadas de distância. — Tudo isso e muito mais. — ela sussurrou. E quando ela estourou em risos, eu estava rindo também.

Várias horas depois, eu não estava rindo. Eu não estava sequer esboçar um sorriso.

— Mais! — Alice latiu. Como é que uma menina tão pequena tem uma voz tão alta? Eu suspirei e rolei os meus ombros. Concentrei-me tão arduamente quanto eu poderia sobre o vazio espaço em frente a mim, querendo com todas as minhas forças que um lápis surgisse. Durante a primeira hora, tínhamos apenas trabalhado em feitiços de bloqueio. Eu tinha bloqueado muito bem as magias de ataque de Alice, apesar de eu não ter sido capaz de senti-las vir.

Mas nas últimas horas estávamos trabalhando em fazer algo aparecer do nada. Nós começamos pequeno, daí um lápis, e Alice alegou que era apenas uma questão de concentração.

Mas eu tinha me concentrado tanto que agora eu tinha medo de ver um lápis amarelo brilhante número 2 cada vez que eu fechasse os olhos. Eu fiz a grama vibrar, e depois de um momento particularmente frustrante, eu tinha enviado uma pedra voando em direção a Alice, mas não lápis.

— Devemos iniciar ainda menor? — Alice perguntou. — Um clipe de papel, talvez? Uma formiga?

Eu olhei para ela e dei outro suspiro profundo. Lápis, lápis, lápis, pensei. Lápis amarelo brilhante e macio de borracha cor de rosa, vestibular, por favor, por favor...

E então eu senti. Esse sentimento, como a água correndo para cima da sola dos meus pés e na ponta dos meus dedos. Mas este não era apenas

água. Este era um rio.

Tudo dentro de mim parecia estar vibrando. Senti uma sensação de queimadura por trás dos meus olhos, mas era um tipo bom de calor, a maneira como um assento de carro aquecido se sente em sua volta em um dia frio. Meu rosto doía, e eu percebi que era porque eu estava sorrindo.

O lápis desvaneceu-se lentamente, parecendo um fantasma de si mesmo em primeiro lugar, antes de finalmente tornar-se sólido. Eu mantive minhas mãos, a magia ainda pulsando através de mim, e olhei para Alice para dizer algo além de — Neener Neener<sup>{22}</sup>!

Mas depois vi que ela não estava olhando para mim. Ela estava olhando um pouco mais longe, onde o lápis estava. Virei para trás e suspirei.

Agora não era apenas um lápis em frente de mim. Havia uma pilha de talvez trinta derramados uns sobre os outros, e outros foram aparecendo. Eu deixei as minhas mãos caírem e senti a magia parar instantaneamente, como se uma ligação fosse cortada.

— Merda! — Exclamei baixinho.

— Meu, meu, — foi o único comentário de Alice.

— Eu... — Eu olhei para a pilha. — Eu fiz isso. — eu finalmente disse, mesmo que mentalmente eu me repreendi por soar tão estúpida.

— Na verdade você fez, — Alice disse, balançando a cabeça um pouco. Então, ela sorriu. — Eu avisei.

Eu ri, mas um pensamento me ocorreu. — Espere. Você disse que seu feitiço do sono dura apenas quatro horas. — Eu olhei para o relógio. — Já foram quase quatro horas agora, e nos levou pelo menos meia hora para chegar aqui. Como é que vamos voltar a tempo?

Alice sorriu, e com um estalar de dedos, duas vassouras de repente se materializaram ao lado dela.

— Você está brincando. — eu disse.

O sorriso se alargou, e ela jogou uma perna sobre uma vassoura e voou para o céu. Ela voltou para baixo e ficou a poucos metros acima da

minha cabeça, e seu riso ecoou por todo o bosque. — Venha, Sophie! — ela chamou. — Seja tradicional por uma vez! — Me levantei do chão, agarrei o pescoço delgado da vassoura. — Essa coisa vai me aguentar? Perguntei para ela. — Nem todas compramos roupas na loja Gap para bebês!

Desta vez, ela não se preocupou em perguntar do que eu estava falando. Ela apenas riu e disse: — Eu me apressaria se fosse você! Quinze minutos a separam da detenção pelo ano todo!

Então, eu cavalguei na vassoura. Eu não era tão elegante quanto Alice, mas quando a vassoura de repente levantou no ar, eu não me importei com o quanto indigna eu parecia.

Eu agarrei o cabo bem apertado e dei um grito assustado enquanto o ar da noite passava sobre mim. E então eu estava no céu.

Eu tinha assumido a vassoura tinha partido apressadamente e que eu estaria pairando sobre a minha querida vida, mas ao invés ela voava de forma planada, e eu segurei minha respiração, não por medo, mas por um sentimento de pura euforia. O ar estava frio, mas suave ao meu redor, e enquanto eu seguia Alice de volta para a escola, reuni a coragem de olhar para as árvores abaixo de mim. Alice tinha extinguido a esfera, para tudo que eu podia realmente visualizar eram borrões escuros, mas eu não me importei. Eu estava voando - realmente honestamente voando.

As estrelas no céu pareciam suficientemente perto para tocar e meu coração parecia que estava flutuando livremente no meu peito. À distância eu podia ver o brilho verde da bolha em torno de Hecate, e eu esperava nunca chegar, eu poderia apenas continuar sentindo esta luz, esta liberdade para sempre.

Muito rápido, pousamos em frente da varanda. Minhas bochechas pareciam rachadas e minhas mãos estavam dormentes, mas eu estava sorrindo como uma lunática. — Isso, — Eu pronunciei — foi a coisa mais impressionante que eu fiz. Porque todas as bruxas não fazem isso?

Alice riu enquanto descia. — Eu suponho que é visto como um clichê.

— Bem, que se dane, — disse. — Quando eu for a Chefe do Conselho, esta será a única maneira de viajar.

Alice riu de novo. — Fico feliz em ouvir isso.

Enquanto olhávamos, a bolha ao redor de Hecate começou a escurecer. — Acho que isso significa que eu devo entrar. — eu disse. — Então, mesma hora, mesmo lugar amanhã?

Alice balançou a cabeça e, em seguida, enfiou a mão no bolso do vestido e puxou uma pequena bolsa. — Leve isso com você.

O saco era suave na minha mão, e eu podia sentir o seu conteúdo mudar. — O que é isso?

— O pó da minha sepultura. Se você precisar de energia extra para uma magia basta pegar um pouco em sua mão e isso resolverá.

— Tudo bem. Hm, obrigada. — Seria bom ter um pouco de talismã de magia extra, mas por dentro, tudo que eu conseguia pensar era, pó de sepultura? Nojento.

— E, Sophie, — acrescentou Alice quando eu me virei para ir embora.

— Sim?

Ela andou até a mim e pegou meu ombro, puxando minha cabeça para baixo em direção a sua boca. Por um segundo eu pensei que ela ia me beijar na bochecha ou algo assim, mas, em seguida, ela sussurrou: — Cuidado. O Olho vê, mesmo aqui.

Eu me empurrei para trás, meu coração batendo forte e minha boca seca, mas antes que eu pudesse responder, Alice deu um sorriso triste e desapareceu.

## CAPÍTULO 23



— Então, — eu perguntei sem fôlego para Archer, uma semana depois, — você já escolheu o tom perfeito de rosa para seu smoking?

Estávamos em Defesa, e eu estava sem fôlego porque eu tinha acabado de dar um golpe que tinha enviado Archer para o tapete, pela quinta vez naquele dia. Minha falta de oxigênio não tinha nada a ver com o quão bom ele parecia em sua camiseta apertada. Eu não podia acreditar que eu o derrubei tantas vezes. Ou ele estava piorando, ou eu estava ficando muito melhor. Quer dizer, eu nunca ia ser um American Gladiators, mas eu não estava ruim. E eu tinha estado fora a noite toda.

Meu colar colidiu contra o meu peito enquanto eu inclinei para oferecer uma mão a Archer. O encanto de Alice tinha funcionado como um... bem, você entendeu. Eu só tinha conseguido cerca de duas horas de sono nas três primeiras noites, e ainda assim eu acordava me sentindo bem. A primeira manhã, eu vivi com medo que a Sra. Casnoff ia puxar-me em seu escritório e perguntar se eu sabia alguma coisa sobre um feitiço do sono que alguém tinha colocado sobre a escola, mas quando isso não tinha acontecido, eu comecei a relaxar um pouco. Agora eu nem me incomodava em dormir. Eu ficava deitada ali no escuro, sentindo tão ansiosa como uma criança na véspera de Natal até que eu via o suave derramamento de brilho verde através das minhas janelas. Então eu me apressava, pulava em minha vassoura e voava através do céu noturno até chegar ao cemitério.

Eu sabia que o que eu estava fazendo era perigoso e talvez um pouco estúpido. Mas quando eu andava pelo céu ou fazia magias tão poderosas que eu nunca sonhei que existia, era difícil de lembrar isso.

Archer sorriu enquanto eu o ajudei a ficar sobre seus pés.

— Não, sério. — eu disse. — Elodie estava dizendo antes que vocês dois estavam indo combinando. Então que ton é? 'Tickled Pink'? 'Rambling Rose', talvez? Ooh, ooh, eu sei! 'Virgin's Blush'!

O Baile de Halloween era apenas em uma semana, e parecia que isso era tudo o que qualquer um estava falando. Mesmo na aula de Byron nossa missão tinha sido compor um soneto sobre a roupa que íamos usar. Eu ainda não tive nenhuma ideia do que eu estaria vestindo. Sra. East foi responsável por nos ensinar o feitiço de transformação que iria criar nossos vestidos e smokings. Ainda ontem ela tinha dado a cada um, um manequim vestido com algo que parecia uma fronha com cavas. Eu não sei porque não poderíamos apenas transformar roupas que já possuíamos, mas achei que era apenas mais uma das regras estúpidas de Hecate.

Os metamorfos e fadas tinham que ter sua própria roupa, o que significa que as caixas estiveram chegando sem parar durante os últimos dias.

E então havia Jenna. Eu tinha me oferecido para fazer um vestido, mas ela me olhou como se eu fosse completamente idiota e disse que não havia jeito de que ela fosse a esse — baile idiota.

Nós estávamos trabalhando no feitiço todo dia na sala de aula da Sra. East, mas até agora tudo o que eu tinha tentado tinha saído um pouco puff. Sra. East disse que era só porque eu estava muito animada, mas eu realmente não acreditava nisso. Não havia nada de tão interessante sobre baile para mim. Eu não estava — me dando — a ninguém.

— Cale a boca. — Archer disse bem-humorado, levantando os braços acima da cabeça para alongar. — Para sua informação, só a minha gravata borboleta será rosa, e eu pretendo arrasar, muito obrigado.

Eu tentei sorrir de volta, mas eu estava tentando não olhar para a faixa de pele que foi exibido abaixo de sua camiseta quando ele se inclinou.

Como de costume, fiquei com a boca um pouco seca e minha respiração acelerou, e esse sentimento estranho, quase triste estabelecido no meu estômago.

Eu nunca pensei que ficaria feliz em ouvir a voz irritante de Vandy, mas quando ela gritou: — Tudo bem! É isso por hoje! — Eu podia tê-la beijado.

Hum, pensando bem, não. Talvez um firme aperto de mão.

— Santo inferno. — eu murmurei uma hora depois.

Eu estava olhando para minha última tentativa de um vestido de baile. Pelo menos este tinha evitado um caso grave de puff, mas era também uma sombra nociva de verde-amarelo geralmente encontrado em fraldas ou perto de catástrofes nucleares.

— Bem, senhorita Mercer. É... Uma melhora, eu suponho. — disse a Sra. East. Os lábios dela estavam tão firmemente franzidos, era uma maravilha que qualquer palavra tenha saído. — Certo. — disse Jenna. Ela estava sentada em uma mesa perto de mim. Ela passou a maior parte da aula lendo os mangás que ela tanto gostava. — Você está ficando melhor. — disse ela animadamente, mas ela franziu a testa enquanto olhava a minha última criação.

— Sim, pelo menos este não bate em mais de três mesas. — Elodie zombou do meu lado.

Seu vestido, claro, era lindo.

Eu tinha assumido que o baile era como a versão monstro de baile de formatura, e que os vestidos seriam semelhante a qualquer coisa que você veria em uma escola secundária normal. Sim, nem tanto. Os vestidos que a maioria das meninas estavam trabalhando pareciam algo saído de um conto de fadas.

Mas o vestido da Elodie era facilmente o mais bonito da classe. Cintura alta com mangas delicadas e saias espumosas, parecia algo que você usaria se estivesse em um livro de Jane Austen. Eu provocava Archer sobre o dele ser rosa, mas até eu tinha que admitir que o tom de rosa era realmente adorável. Longe de — framboesa elétrica, — era mais um rosa pálido que às vezes você encontra dentro das conchas.

Parecia brilhar como uma pérola, e Elodie ia estar devastadoramente bela nele.

Maldição.

Frustrada, voltei para o meu próprio vestido. Coloquei minhas mãos em cada lado da cintura do boneco e pensei - vestido bonito, vestido bonito, algo azul. - tão duramente quanto eu poderia. Era tão chato saber que agora eu poderia fazer algo tão grande como uma cadeira aparecer no ar, mas eu não conseguia fazer um vestido que não fosse completamente hediondo. Ok, então a cadeira que eu conjurei a noite passada era do tamanho de criança, mas ainda assim.

Eu senti o material mudar e deslizar sob minhas mãos. Por favor, eu pensei, meus olhos bem fechados.

Então eu ouvi Elodie e Anna soltarem uma gargalhada.

Droga.

Eu abri meus olhos para olhar para uma monstruosidade azul brilhante com uma saia de tule que batia na metade da coxa. Eu parecia como a real noiva vagabunda de Cookie Monster<sup>{23}</sup>.

Murmurei uma palavra muito ruim sob a minha respiração, que me rendeu um olhar maligno da Sra. East, mas, surpreendentemente, não houve punição. Eu acho que ela realmente não poderia me culpar depois que olhou para o vestido.

— Uau, Sophie, isso é realmente alguma coisa. — Elodie passou por mim, uma mão no quadril. — Eu acho que você tem um futuro real em design de moda.

— Ha-ha— eu murmurei, que na medida do troco, isso era tão legal quanto dizer: — Então, tá.

— Eu não posso acreditar que eu realmente lhe convidei para participar do meu coven. — ela disse virando os brilhantes olhos verdes para mim.

Eu gemi interiormente. Os olhos de Elodie só eram tão brilhante quando ela estava prestes a ter um enorme confronto. A última vez que eu a vi assim foi na noite que ela tinha chamado Jenna de aberração sanguessuga depois de terem encontrado Chaston.

— Aqui está você, a filha do Chefe do Conselho, e você não consegue nem fazer um vestido. Patético.

— Olha, Elodie, eu não quero brigar. Então, basta... Só me deixe sozinha e me deixe trabalhar em meu vestido, ok?

Mas ela não tinha nem remotamente terminado comigo.

— Por que você se importa em fazer um vestido para o baile? Para quem você tem que ficar bonita? Archer?

Eu lutei muito para manter a calma, mesmo quando as minhas mãos apertaram em torno do material na minha frente.

Elodie se inclinou mais perto, então eu duvidava que alguém mais ouviria o que ela sussurrou: — Você acha que eu não vejo a maneira como você olha para ele?

Mantendo meus olhos no boneco, eu disse na voz mais calma e baixa possível, — Pare com isso, Elodie.

— Quero dizer, sua queda por ele é tão fofa. E por dizer fofa, é claro que quero dizer trágica. — ela continuou. Do canto do meu olho, eu pude ver que quase todos tinham parado de trabalhar e estavam nos observando. Sra. East fingia nos ignorar, então eu sabia que estava sendo jogada às feras nessa.

Eu respirei fundo e virei-me para enfrentar Elodie, que estava sorrindo para mim em triunfo.

— Oh, Elodie. — eu disse com uma voz que era tão doce que praticamente pingava calda, — Não se preocupe comigo e Archer. Afinal, não sou eu que planeja fazer sexo com ele no baile.

A classe explodiu em gargalhadas, e Elodie fez algo que nunca tinha visto ela fazer: ela ficou vermelho brilhante e realmente emitiu faíscas em sua tentativa de dar uma resposta.

Mas Sra. East escolheu aquele momento para gritar: — Srta Mercer! Srta Parris! Voltem ao trabalho!

Sorrindo, voltei ao meu vestido. Mas a sensação de triunfo foi imediatamente reduzida pelo desastre azul brilhante na minha frente.

— Será que a sua magia sumiu ou algo assim? — Jenna perguntou suavemente.

— Não, sinto o mesmo de sempre. Água correndo para cima de meus pés e tudo isso.

— O quê? — Anna zombou, apoiando uma mão em seu quadril. — Como sua mágica parece?

— Uh... Como algo que vem de baixo para cima em mim. — eu disse, correndo para pegar as palavras certas.

— Isso não é como se sente a mágica. — Anna disse.

Olhei em volta e vi que havia algumas outras bruxas olhando para mim em confusão.

— Magica vem de cima. — Anna continuou. — Parece algo caindo sobre você, como...

— Neve. — Elodie terminou.

Meu rosto estava quente quando voltei para meu manequim. — Eu acho que o meu é apenas diferente, então.

Ouvi alguns sussurros, mas eu os ignorei.

— Você vai conseguir. — disse Jenna, atirando a Anna um olhar reprovador.

— Oh, eu sei que vou ficar melhor. — eu disse a ela, passando a mão sobre o alvoroço de tule na parte de trás do vestido. (Alvoroço? Vá se danar, poderes mágicos.) — Este é o vestido que eu estou fazendo para você.

— Oh, sério? — ela perguntou, seu sorriso cada vez maior.

— Sim, nós provavelmente teremos que fazer a barra, no entanto. Não quero arrastar isso no chão.

Ela acariciava alegremente o meu braço com o dorso da mão, e antes que eu percebesse, estávamos rindo.

Passei o resto da aula tentando fazer o vestido mais feio possível, o que só foi engraçado para mim e Jenna. Eu perdi a conta de quantas vezes a

Sra. East ameaçou atirar-nos para fora da classe, e Elodie revirou os olhos tanto que Jenna finalmente perguntou se ela estava tendo uma convulsão. Isso nos fez rir tanto que a Sra. East finalmente nos expulsou, e nos deu um relatório de sete páginas para escrever sobre a história dos feitiços de vestuário.

Eu não me importava. Para ter Jenna rindo de novo, eu teria escrito centenas de páginas.

— Eu não sei o que mudou. — disse a Alice mais tarde naquela noite enquanto nos movíamos através da floresta, colhendo hortelã para algum feitiço que poderia retardar o tempo. — Em um minuto ela era a mesma Jenna emburrada que fora no mês passado, no próximo minuto éramos amigas novamente.

Alice não disse nada, então eu disse: — Não é legal?

— Eu suponho.

— Você supõe? — Eu disse, zombando de seu sotaque.

Ela se endireitou e olhou para mim. — É só que eu não aprovo você ter um vampiro como um companheiro do peito. É inferior a você.

Eu ri. — Oh meu Deus, inferior a mim? Vamos lá.

Alice suspirou quando enfiou outro punhado de folhas dentro do pequeno saco de couro que ela tinha conjurado. — Seus amigos são sua preocupação, Sophie. Vou tentar respeitar isso. Agora diga-me sobre esta festa que você tem que ir.

Abaixei-me para pegar outro punhado de hortelã. — É um baile, na verdade. De Halloween. Deve ser incrível. Especialmente porque eu não consigo fazer um vestido que não é uma completa droga. Oh e - bônus - eu comecei a sofrer por ver uma menina que eu desprezo estar totalmente bonita e seduzir um cara que eu gosto.

Deve ser bons tempos.

— Elodie?

Eu balancei a cabeça.

Alice fez uma careta. — Eu não ligo para aquela garota. Ela tem muito ódio em direção a você. Sem dúvida, porque seus poderes são superiores aos dela. Existem poucas coisas mais abomináveis para mim do que uma bruxa fraca.

— Uau, me diga o que realmente pensa.

Alice piscou para mim. — Eu acabei de fazer.

— Esqueça isso. É tão injusto que ela seja uma pessoa tão odiosa, mas seu vestido de feitiço ficou tão lindo. Ela vai estar maravilhosa.

E ter relações sexuais com Archer, acrescentei em silêncio.

Eu tinha esquecido Alice podia ler minha mente. — Ah. Archer é aquele garoto que você fantasia?

Não havia porque negar que eu — fantasiava— Eu balancei a cabeça.

— Humph. — Alice respondeu. — Por que não usar apenas um encanto de amor nele? Eles são espantosamente simples.

Enfiei um pouco mais de hortelã na minha bolsa. — Porque eu... Olha, isso soa estúpido, mas eu realmente gosto dele, e eu não quero que ele goste de mim de volta se é apenas, tipo, um feitiço.

Eu pensei que Alice fosse argumentar comigo, mas ela apenas encolheu os ombros e disse: — A atração tem sua própria magia, eu suponho.

— Sim, bem, provavelmente não há chance dele nunca estar atraído por mim. Eu pensei que talvez o baile... Mas eu nem mesmo posso fazer um vestido decente.

Eu me virei para Alice. — Porque é que quando eu estou aqui com você, eu posso fazer feitiços completamente de arrasar, mas quando estou na escola, tudo que eu faço explode na minha cara?

— Confiança? — ela sugeriu. — Você se sente insegura de si mesma na escola, e isso é refletido em sua magia.

— Talvez.

Continuamos escolhendo plantas por um tempo até que Alice disse,  
— Você diz que o vestido dessa menina é bonito?

Eu suspirei. — É perfeito.

Alice sorriu, e à luz da lua, eu poderia jurar que os dentes realmente  
brilharam.

— Você gostaria de mudar isso?

## CAPÍTULO 24



As aulas foram canceladas no dia do baile, e desde que esse era mais um daqueles belos, ensolarados dias de outubro, quase todo mundo o gastou passando um tempo lá fora. Todo mundo, menos eu. Bem, eu e Jenna. Mesmo com sua pedra de sangue, ela não era a maior fã do exterior. Ela estava enrolada em seu local habitual, na sua cama, coberta até a garganta, e um mangá na mão.

Sentei-me na minha cama, olhando para meu estúpido manequim, que ainda estava usando a fronha. Eu passei a maior parte da manhã tentando transformá-lo em algo, pelo menos, metade apresentável, e tive absolutamente nenhuma sorte. Eu não conseguia entender, eu sabia que não era a melhor bruxa do mundo, mas uma magia de transformação simplesmente não deveria ter sido tão difícil. É verdade, eu nunca tinha tentado nada tão elaborado antes, mas eu deveria ter, pelo menos, sido capaz de fazer um pequeno vestido preto. Mas mesmo isso acabou disforme, com uma bainha torta para arrancar.

Eu suspirei, e Jenna, exclamou: — Porra, Sophie, eu devo ser a infeliz. Qual é o seu problema?

— Este maldito vestido. — Eu apontei para o ofendido objeto. — Nada que eu faça funciona.

Jenna deu de ombros. — Então não vá.

Eu olhei para ela. Jenna não estava indo para o baile, então ela não entendia por que eu queria tanto ir. Eu realmente não entendo porque eu queria ir também, embora provavelmente tinha muito a ver com Archer em um smoking.

Eu não queria dizer isso para Jenna, no entanto. — Não é o baile, é o princípio da coisa, eu deveria ser capaz de fazer este feitiço. Não é tão difícil assim...

— Talvez alguém amaldiçoou seu manequim. — ela brincou, voltando ao seu mangá.

Minha mão furtivamente foi ao bolso e fechou em torno do pequeno objeto que parecia estar queimando um buraco lá.

Quando Alice sugeriu fazer um feitiço sobre vestido de Elodie, eu tinha dito inicialmente que de jeito nenhum. — Eu poderia ser chutada para fora por fazer magia em outro aluno. — eu disse a ela.

— Mas não seria você. — Alice argumentou. — Seria eu. Você seria apenas o portador, por assim dizer.

Isso fazia sentido, e eu tenho que admitir que senti um pouco tentada quando Alice enfiou a mão em seu bolso e tirou um pequeno osso, provavelmente de um pássaro. Alice ter ossos em seu bolso, provavelmente, deveria ter me assustado, mas àquela altura eu estava acostumada as esquisitices de Alice. Como o colar na primeira noite, o osso brilhava suavemente em suas mãos. Ela sorriu e me deu. — Basta colocar isso na barra do vestido dela.

— Eu preciso dizer algumas palavras especiais ou alguma coisa?

— Não. O osso vai saber o que fazer.

Lembrei-me daquelas palavras agora que eu estava segurando o pequeno e liso osso. Eu tive isso durante uma semana, e eu ainda não tinha usado. Alice havia prometido que o osso só transformaria o vestido de Elodie em alguma cor horrível, quando Elodie o colocasse, e isso não pareceu tão ruim. Ainda assim, fiquei preocupada. Cada magia que eu já tentei fazer em uma outra pessoa tinha ido mal, e mesmo que eu não gostasse de Elodie, eu não queria magoá-la acidentalmente. Então o osso tinha ficado no meu bolso.

Mas se eu não iria usá-lo, porque eu não tinha jogado fora?

Com outro suspiro, eu saí da minha cama e fui para o manequim. Mesmo que ele não tivesse uma cabeça, a sua postura muito parecia estar zombando de mim. — E aí, perdedor? — Eu imaginei isso. — Eu prefiro usar esse travesseiro que qualquer um de seus desenhos feios.

— Cale a boca. — murmurei, quando eu coloquei minhas mãos sobre ele e, mais uma vez, concentrada tão arduamente quanto eu poderia. — Azul, bonito, por favor... — Eu murmurei.

O tecido ondulou e rapidamente se tornou uma calça azul, brilhando com lantejoulas, que parecia um uniforme de majorette.

— Droga, droga, droga! — Eu chorei, batendo no manequim para que ele girasse sobre o seu suporte.

Jenna ergueu os olhos do livro. — Agora, isso é atraente.

— Não é útil. — eu rosnei. Deus, o que havia de errado comigo? Eu tinha feito feitiços mais difíceis do que isso, e eles nunca, nunca saíram assim tão mal.

— Eu estou te dizendo, — Jenna disse, — você tem um manequim ruim. Ninguém parece estar tendo um momento tão ruim com o seus.

— Eu sei. — eu disse, inclinando a cabeça no manequim. — Mesmo Sarah Williams, que é, assim, a pior bruxa de todos os tempo, fez este vestido vermelho muito bonito. Não é tão chique como de Elodie, mas...

Parei, um sentimento de afundamento em meu estômago.

Não fazia sentido para mim estar tendo tanta dificuldade para fazer um vestido. Talvez Jenna estivesse certa: talvez o meu manequim estivesse amaldiçoado.

Eu pressionei minhas mãos na franha novamente, mas desta vez eu não pensei em um vestido. Eu apenas disse: — Confessar.

Por um momento nada aconteceu. Eu não tinha certeza se eu deveria me sentir aliviada ou desapontada.

Então, muito lentamente, duas brilhantes pinceladas ligeiramente borgonha de cor vinho aguado apareceu na frente do vestido.

Alívio percorreu-me, mas que foi rapidamente engolido por uma onda branca e quente de raiva.

— Como você fez isso? — Jenna perguntou atrás de mim. Ela estava de joelhos olhando para as pinceladas.

— É uma revelação mágica. — eu disse através dos dentes cerrados. — Permite saber se um objeto foi mexido com magia.

— Bem, pelo menos você sabe que não é uma porcaria de bruxa.

Eu concordei, mas eu estava quase tremendo de fúria. Aqui estava eu pensando que eu era apenas inútil, e que tinha sido Elodie o tempo todo. Tinha que ser ela. Quem mais queria ter a certeza que eu não poderia ir ao baile? Deus, a coisa toda foi quase tão conto de fadas para segurar.

E a única coisa que realmente me incomodou foi que eu não tinha usado a minha maldição sobre seu vestido. Eu me senti mal em usá-lo.

Bem, fodasse isso.

— Onde está Elodie agora? — Perguntei a Jenna.

Seus olhos estavam arregalados, então eu sabia que deveria ter parecido muito assustadora.

— Hum, eu ouvi dizer que Anna estava indo para a praia com um grupo de pessoas.

— Perfeito.

Fui para a porta, ignorando Jenna enquanto ela me chamava, — O que você vai fazer? — Corri para o quarto de Elodie. Não havia ninguém na sala para me ver enquanto eu entrava.

Meu coração batendo, ambos de medo e raiva, eu andei até a janela, onde os manequins de Anna e Elodie estavam. O vestido de Anna era preto com guarnição roxo. Ela ficaria incrível nele, mas não era nada comparado com o vestido de Elodie.

Eu hesitei por um momento.

Então eu pensei em Elodie rindo de mim na sala de aula quanto eu tentei tão arduamente fazer apenas uma porra de vestido, e meu nervoso

voltou.

Caí de joelhos e peguei em torno das finas camadas de saias até que encontrei uma pequena brecha na bainha. Enfiei o osso minúsculo dentro e dei um tapinha leve. Ele brilhou intensamente dentro do vestido, um maçante vermelho brilhante por todas as camadas de rosa. Eu segurei minha respiração até que o brilho se apagou, então eu corri para a porta.

O corredor estava vazio, então eu fui capaz de voltar invisível e rapidamente ao meu quarto.

Jenna ainda estava sentada na cama quando eu entrei.

— O que você fez?

Fui até minha cama e tirei a pequena bolsa de sujeira que eu tinha escondido ali.

— Vamos apenas dizer que reviravolta é uma jogada justa.

Jenna abriu a boca, mas depois fechou-a novamente enquanto ela me observava despejar um pouco da sujeira em minhas mãos. Ela provavelmente pensou que eu ficaria totalmente rachada até que eu marchei para o meu manequim com as mãos cobertas de sujeira, agarrei-a pela cintura, e fechei os olhos.

Desta vez, eu nem sequer pensei em nada específico. — Vestido. — foi tudo que eu disse. Como de costume, eu podia sentir o vestido escorregar e deslizar sob as minhas mãos, mas foi diferente desta vez. Minhas mãos estavam quentes, e era como se houvesse uma corrente elétrica passando por mim.

Ouvi Jenna suspirar, e quando eu voltei para trás e abri os olhos, suspirei também.

O vestido não era apenas bonito, era deslumbrante.

Era de cetim azul-pavão, e luzes verdes pareciam dançar dentro do tecido. A parte superior parecia um espartilho, sem alças e desossada na frente, e quando eu girei o boneco para trás, vi que ele estava atado com uma fita verde brilhante.

A saia deslizava para fora da fina cintura, e o mais impressionante de tudo, havia um painel real de penas de pavão correndo na frente, começando em um ponto logo abaixo do topo do espartilho e ampliando, uma vez que alcançava o fundo, como um triângulo de cabeça para baixo.

— Uau. — Jenna respirava. — Agora, isso que é um vestido. Sophie, você vai estar maravilhosa.

Ela estava certa, pensei, sentindo-me tonta. Eu ficaria linda.

— O que foi aquilo que você colocou nele?

Eu não estava pronta para dizer a Jenna sobre Alice, e eu tinha uma sensação de que ela não aceitaria bem as palavras areia de túmulo, então eu só encolhei os ombros. — Pó mágico.

Jenna parecia cética, mas antes que pudesse fazer mais perguntas, eu dei-lhe um sorriso brilhante e disse: — Deixe-me fazer-lhe um.

Ela deu uma risada assustada. — Você realmente quer me fazer um vestido?

Eu balancei a cabeça. — Por que não? Vai ser divertido, e você pode vir comigo para o baile.

— Eu não penso assim, Soph. — ela protestou fracamente, mas eu já estava puxando uma de suas camisolas para fora de sua penteadeira. Eu pressionei minhas mãos ainda sujas nela e só pensei, Jenna.

Todos os protestos de Jenna morreu em seus lábios quando ela viu o vestido: cor de rosa, com alças finas e um cinto cintilante na cintura que eu pensei que poderia ser feito de diamantes de verdade. O vestido era perfeito para ela, e em pouco tempo ela estava segurando-o e girando.

— Eu não sei o que é esse seu ‘pó mágico’, e eu não me importo. — ela disse com uma risada. — Este é o vestido mais bonito que eu já vi!

Passamos o resto da tarde transformando nossos sapatos, até que cada uma tinha o par perfeito. Pelo passar do tempo, a noite caiu, estávamos ambas vestidas, e se eu pudesse dizê-lo, estávamos gostosas. Jenna havia acumulado seu cabelo loiro branco em cima de sua cabeça, com sua mecha cor de rosa caindo sobre um olho. Meu cabelo estava realmente se

comportando de uma vez, e eu ia deixar Jenna organizá-lo em um coque baixo na base do meu pescoço, poucos cachos escapam ao redor do meu rosto.

Nós andamos pela escada braço com braço, rindo. Havia uma multidão de pessoas no corredor estreito que levava ao salão de baile. Estiquei o pescoço, procurando Archer e Elodie, na esperança de descobrir que grotesca cor o vestido de Elodie tinha-se tornado, mas eu não podia vê-los.

Eu estava bastante impressionado com Jenna e meus vestidos no nosso quarto, mas agora eu vi que éramos as pessoas mais espetaculares lá. Uma fada alta e loira esbarrou em mim, e seu vestido, uma mistura de brilhos verde-gelo, soou suavemente, como sinos.

Eu também vi um metamorfo, no que parecia ser um vestido feito inteiramente de pele branca.

Os rapazes estavam um pouco mais tranquilo. A maioria deles estavam apenas em smokings, embora alguns tivessem sido mais ousado e usavam longos casacos e calças.

Nós estávamos prestes a entrar no salão, quando senti algo quente pressionando contra minhas costas. Eu pensei que era apenas uma pessoa qualquer colidindo comigo, até que uma voz sussurrou em meu ouvido, suave e baixa: — Eu sabia que era você.

## CAPÍTULO 25



Tentei girar, mas é difícil de fazer quando você está esmagada entre um grupo de pessoas e usando um vestido grande. Eu acabei acidentalmente acotovelando Jenna, que deu um grito assustado, antes que eu pudesse finalmente voltar para encarar Archer.

Ambos arregalamos os olhos e dissemos, — Uau.

Então eu imediatamente corei. Oh meu Deus, eu tinha acabado de olhar para Archer e dito, — Uau?

Mas... espere um minuto. Archer tinha acabado de olhar para mim e disse, — Uau?

Nós só olhamos um para o outro. Archer mais do que merecia o seu — Uau. — Esse era um garoto que fazia um uniforme da escola ter um bom aspecto. O modo que ele aparentava vestindo um traje formal era quase criminoso. Ele havia mentido sobre sua gravata ser rosa. Ele não estava mesmo usando uma gravata borboleta, apenas uma gravata normal, e era toda preta, como todas as outras coisas que ele estava usando.

Mas a melhor parte não era do jeito que aparentava. Era a maneira como ele estava olhando para mim.

— Esse vestido, — disse ele, finalmente, os olhos ainda me analisando — É... uma coisa.

Eu lutei contra o impulso de auto conscientemente disfarçar o decote e apenas sorri. — Obrigada. Eu só, uh, escolhi qualquer coisa.

Ele afirmou com a cabeça, mas ele ainda parecia um pouco chocado, e era tudo que eu precisava para manter um sorriso bobo grande no meu rosto.

Então me lembrei que ele tinha dito. — O que quis dizer com você sabia que era eu?

Ele balançou a cabeça um pouco, como se ele estivesse tentando se concentrar. — Oh, certo. Elodie.

Meu coração parecia gaguejar no meu peito, e eu podia sentir meu rosto pálido.

— É só que eu te vi de costas e disse que tinha de ser você.

— Elodie disse que não havia nenhuma maneira de ser.

— Oh. — Olhei e vi Elodie chegando por trás dele. Ela olhou para mim, e fiquei surpresa ao ver que seu vestido parecia perfeito.

O osso vai saber o que fazer, que tolice, eu pensei, mas estava um pouco aliviada. Minha raiva havia desaparecido uma vez que eu tinha sido capaz de fazer um vestido matador. Eu percebi que era uma vingança melhor do que estragar o vestido dela de qualquer maneira.

— Como, diabos, você conseguiu isso? — Elodie perguntou. Ela tentou manter seu tom doce, mas seus olhos eram frios e com raiva.

Eu apenas sorri e encolhi os ombros. — Foi a coisa mais estranha. Aparentemente tinha um manequim amaldiçoado.

Seus olhos se arregalaram um pouco antes que ela desviasse seu olhar. — Estranho. — ela murmurou.

— Sim, foi sorte, eu fui capaz de acabar com a maldição e, em seguida —Tada! — Eu segurei minha saia com um sorriso brilhante, e fui recompensada com uma careta de Elodie.

— Você não acha que é um pouco... exagerado? — Ela perguntou.

Antes que pudesse responder com ironia ou alguma coisa, Archer se virou para ela.

— Ah, que isso, El. Ela está ótima e você sabe disso.

Isso fez acontecer. O sorriso bobo não podia mais ser contido. Archer sorriu e piscou quando ele e Elodie deslizaram por nós, para o

salão. Me virei para Jenna, que riu e revirou os olhos. — Ah, menina, você esta completamente perdida.

Ela ainda estava rindo, e eu ainda estava sorrindo como louca quando nós entramos no salão. Eu não sei o que eu estava esperando, mas o salão me surpreendeu. Não haviam fitas de papel e balões aqui. Em vez disso, o quarto brilhava com luzes suaves das fadas, em versões menores e mais suaves em globos do tipo que Alice fazia para nós. Cada luz pousou sobre o que parecia uma flor roxa escura. Eles flutuavam no ar, balançando suavemente quando eles eram capturados em uma brisa suave. Os lustres não estavam acesos, mas seus cristais haviam sido transformados em violeta para a ocasião, e as luzes de fadas o fazia brilhar como ametista. Os espelhos foram descobertos também. Eu pensei que poderia irritar a Jenna, mas quando nos olhamos neles e vimos apenas a mim, ela apontou e disse: — Olhe. Na cidade dos espelhos, você ainda é uma maravilha sem fim. — que nos fez rir muito.

O chão já não era a madeira brilhante que normalmente era, mas um profundo e brilhante preto. Eu balancei minha cabeça maravilhada. — Isso é... Uau.

— Eu sei. — disse Jenna. Ela pegou minha mão e apertou-a. — Estou tão feliz que você me fez vir.

Nós pairamos na borda das coisas por um tempo, observando todos dançar. Lembrei-me do baile que eu fui com o Ryan, onde todos tinham dançado como se estivessem fazendo testes para um vídeo de rap. Isso não poderia ter sido mais diferente. As bruxas e metamorfos estavam todos valsando, o que me assustou um pouco. Ninguém havia me dito que aulas de dança de salão eram um pré-requisito para ir à Hécate. As fadas estavam fora de uma extremidade do salão sós, fazendo uma dança elaborada que parecia algo da Inglaterra elisabetana.

Vi Archer e Elodie dançando, e minha respiração ficou presa em quão bela ambos eram: Archer, alto e sombrio, e Elodie com os cabelos brilhantes nas luzes, o vestido flutuando ao seu redor. Mas então eu olhei para o rosto e vi que eles estavam claramente discutindo. Archer estava

franzindo a testa e olhando para algum lugar fixo sobre a cabeça dela, e Elodie parecia estar falando extremamente rápido.

Então, de repente Elodie retirou as mãos de Archer e se curvou.

Um sentimento de pavor lentamente subiu em mim enquanto eu observava Archer levá-la fora da pista de dança. Ela estava tentando sorrir, mas era mais parecido com uma careta. Eu vi sua boca se mover nas palavras — eu estou bem. — Mas então ela engasgou e se curvou novamente. Eu vi Anna empurrá-la no meio da multidão, com a Sra. Casnoff no reboque. Até agora Elodie estava quase completamente em duas.

— Eu me pergunto o que está acontecendo. — disse Jenna.

— Talvez ela tenha um alfinete na roupa.

— Sim. Talvez.

Eu olhei e vi que Jenna estava olhando para mim com uma problemática expressão.

— O quê?

— O que você fez com o vestido de Elodie esta tarde?

— Nada! — Eu insisti, mas eu sou uma péssima mentirosa e eu sabia que estava demonstrando isso em todo o meu rosto.

Jenna apenas balançou a cabeça e voltou-se para assistir a Elodie, que agora estava sendo levado do salão pela Sra. Casnoff e Anna. Archer iria acompanhá-las, mas Elodie se virou e disse algo a ele. Não pude ouvir, obviamente, mas ficou claro pela expressão dela que ela estava chateada.

O que quer que ela tenha dito, Archer retrocedeu alguns passos e levantou as mãos na frente dele. Elodie se voltou para a Sra. Casnoff, e as duas deixaram o salão do baile, Anna e Archer as seguindo.

Archer voltou cerca de vinte minutos depois parecendo afobado e zangado.

Eu podia sentir os olhos de Jenna nas minhas costas enquanto eu atravessava o salão em direção dele.

— O que foi aquilo? — Perguntei-lhe.

Ele ainda estava olhando para a porta que eles tinham saído antes com a Elodie. — Eu não sei. Ela estava bem, então ela começou a dizer seu vestido estava muito apertado, como se estivesse encolhendo ou algo assim. Ele só estava ficando apertado ela disse, e ela estava com dificuldade para respirar. A Sra. Casnoff acha que o vestido estava amaldiçoado. — Fiquei feliz que ele ainda estava longe de mim, para que ele não me visse vacilar.

O osso vai saber o que fazer.

Alice tinha sabido que isto aconteceria, ou eu tinha estragado tudo de alguma forma? Talvez eu deveria usá-lo imediatamente, e a magia nele tinha, eu não sei, azedou, ou algo na semana eu a guardei. Ou que ela sabia, uma voz continuava a sussurrar. Ela nunca quis dizer que o vestido apenas mudaria de cor. Ela quis dizer que ele machucaria a Elodie.

Mas por que Alice queria fazer isso? Eu sabia que ela não gostava de Elodie, mas isso parecia realmente bruto. Não, eu devo ter estragado tudo de alguma forma, como o feitiço de amor em Kevin.

— Hey. — disse Archer.

— Sim. — eu disse fracamente. Então eu sorriu e tentei parecer mais entusiasmada. — Sim, eu estou bem. É só... Você sabe, estranho sobre Elodie.

— Sim— ele concordou, olhando para trás, em direção à porta.

— Ela está com raiva de você ou algo assim? — Eu me aventurei.

Passando a mão em seu cabelo, ele suspirou e disse, — Eu acho. Ela disse que eu deveria estar feliz porque agora eu poderia passar a noite com a pessoa que eu realmente queria.

Ele olhou para mim. — Eu acho que ela quis dizer você.

Havia pessoas à nossa volta, mas de repente eu me senti como se estivéssemos totalmente sozinhos. E naquele momento eu jurei que eu poderia sentir algo mudar entre nós. Alguma faísca queimando que não tinha estado lá antes, pelo menos não da parte dele.

Ele olhou para longe, de volta para a porta, e então sorriu pra mim. — Bem, parece uma pena não mostrar o seu vestido. Quer dançar?

— Claro. — eu disse, com o tom mais casual possível, mas o meu coração batia tão forte que eu estava com medo que ele realmente fosse capaz de vê-lo. Muito dos meus seios estava em exposição, depois de tudo.

Ele me puxou para a pista de dança, uma mão quente na minha cintura, a outra elevada ao nível do ombro. Eu estava morrendo de medo que eu pisasse no meu vestido ou pisasse em seus pés, mas graças a Archer, nós deslizamos pelo salão.

— Você sabe dançar? — Eu perguntei.

Ele olhou para mim com um sorriso. — Alguns anos atrás, Casnoff decidiu dar uma aula de dança formal. O comparecimento era obrigatório.

— Eu poderia ter aprendido isso.

— Não, você está indo bem. Apenas se segure em mim.

Eu nunca tinha tido instruções melhores. Não havia nenhuma banda ou sistema de som que eu pudesse ver, apenas a música de sonho que parecia flutuar de todos os lugares e em lugar nenhum. Meus dedos tocavam de leve no ombro de Archer enquanto girávamos ao redor do salão. Nós dançamos perto do local onde eu tinha deixado Jenna. Eu olhei para ela, mas eu não pude vê-la. Eu me perguntei se ela tinha ido até o quarto, e me senti um pouco culpada. Mas, então, a mão de Archer se apertou na minha cintura, e Jenna saiu completamente da minha mente.

Olhei para cima para vê-lo me estudando intensamente com uma expressão que eu nunca antes tinha visto. Bem, uma que ele nunca tinha dirigido a mim antes.

— Ela estava certa. — ele murmurou.

— Sobre o quê? — Eu disse, e minha voz nem soava como minha. Era mais baixa e soproza.

— Eu queria passar a noite com você.

Eu me senti como se milhares de faíscas tivessem acabado de correr dentro de mim. O sorriso que começou a se espalhar através do meu rosto

realmente fez o meu rosto doer, e pela primeira vez eu não me importei que ele visse.

Eu sabia que não tinha mais uma queda por Archer.

Eu estava apaixonada por ele.

Seu rosto foi se abaixando, e meu coração parou. — Sophie

Mas antes que pudesse terminar, um grito atravessou o ar.

A música parou abruptamente. Quase todo mundo se virou para ver Elodie correndo de volta para o salão de baile, num roupão de seda verde pálido agitando em torno dela pernas, e um olhar de horror em seu rosto.

— É Anna! — ela estava gritando. — Aconteceu de novo! Eu... Oh Deus, eu acho que ela está morta.

## CAPÍTULO 26



Anna não estava morta, graças a Deus. Eles encontraram seu corpo esparramado no corredor em frente do quarto dela. Elodie disse que Anna tinha ido buscar chá para ela na cozinha. Quando ela não tinha voltado, Elodie ficou preocupada e passou a procurar por ela.

Foi quando ela a encontrou de bruços no corredor, numa poça de chá e seu próprio sangue ensopando o tapete grosso cor de creme. Assim como Holly, como Chaston, ela tinha dois pequenos furos no pescoço, mas os pulsos não foram cortados.

Cal a encontrou a tempo, e quando a Sra. Casnoff veio subindo as escadas, Anna estava sentada, sua cabeça pendendo contra o ombro de Cal.

Assim como Chaston, ela não poderia dizer quem a atacou.

Jenna estava de volta em nosso quarto, e parecia totalmente inconsciente do que havia acontecido com Anna.

Mas ela tinha estado bem lá ao fundo do corredor.

Por volta da meia-noite, a Sra. Casnoff tinha vindo buscá-la. Elas não retornaram.

Eu fiquei acordada na minha cama, ainda no meu vestido longo da noite. Por sorte, Alice e eu tínhamos decidido não nos encontrar esta noite, então eu não tinha que me preocupar com seu feitiço do sono de repente funcionando.

Por volta das três, eu finalmente adormeci, mas passei o resto da noite me revirando e tendo pesadelos. Eu vi Jenna, com a boca manchada de sangue, e Anna a seus pés. Eu vi Archer e Elodie dançando, só que Elodie estava pálida, seus lábios e seus olhos azuis me encarando enquanto seu vestido a agarrava como uma cobra. E o mais estranho de tudo, eu vi Alice

no cemitério, segurando a grade de ferro, enquanto três homens de preto estavam sobre ela com facas de prata levantadas.

Acordei quando os primeiros raios de sol varreram o chão.

Eu me senti desorientada. Minha boca estava seca e pegajosa, como se eu tivesse passado a noite comendo fiapos. Havia também um som baixo e oco de toque. No começo eu pensei que era apenas em meus ouvidos. Então eu percebi que era o sino no alto da casa, o sino que, geralmente, nos chamava para as aulas. Por que ele está tocando tão cedo esta manhã?

Então as lembranças da noite anterior voltaram para mim numa corrida. Eu olhei para a cama de Jenna, mas ela ainda estava vazia.

Empurrei-me para fora da cama e enfiei a cabeça para fora da porta. Várias meninas já estavam vestidas e desciam as escadas. Eu vi Nausicaa e gritei para ela: — Ei, o que está acontecendo?

— Assembleia — ela respondeu. — É melhor você se vestir.

Eu fechei a porta e deslizei para fora do meu vestido. Tornou-se uma fronha novamente assim que bateu no chão. Eu defini algum tipo de recorde de velocidade terrestre para me vestir, e decidi apenas deixar meu cabelo no coque que eu tinha usado ontem à noite. Estava muito bagunçado, e metade do cabelo estava caindo em torno da minha cara, mas eu percebi que ninguém se importaria.

Todos nós nos encontramos no salão de baile, que tinha sido transformado de volta para o salão que todos nós conhecíamos, cheio de mesas incompatíveis.

Enquanto eu me sentei em uma mesa perto do fundo, olhei para cima e percebi uma luz solitária de fadas sobre o teto. Ela esbarrou levemente contra um canto, quando ela estava tentando encontrar uma saída.

Todos os professores se reuniram no tablado da frente, com exceção de Byron. Sra. Casnoff parecia cansada e mais velha do que eu jamais vi. Notei com um choque que seu cabelo não estava em seu habitual penteado complicado, mas estava preso em um nó desleixado na parte de trás do pescoço.

Archer e Elodie estavam sentados na frente e à esquerda de mim. Elodie pálida, e ainda havia lágrimas escorrendo pelo rosto. Archer estava com seu braço ao redor dela, seus lábios se movendo no cabelo perto das têmporas dela. Então, quando ele percebeu que eu estava olhando para eles, ele se virou e olhou para mim. Eu fechei meus olhos, meus punhos cerrados na minha saia.

Depois de Anna e Jenna, eu quase esqueci de mim e Archer, mas agora o nosso encontro de ontem à noite veio voando de volta para mim, batendo em meu coração.

Felizmente, a Sra. Casnoff levantou-se e levantou as mãos pedindo silêncio, de modo que eu poderia virar meus olhos para ela e não para Archer.

— Estudantes, — ela começou, — estou certa que vocês sabem que houve outro ataque ontem à noite. A senhorita Gilroy vai ficar bem, mas como este é o terceiro ataque em menos de um ano, nós obviamente tivemos que tomar algumas medidas drásticas. Como eu tenho certeza que todos vocês já notaram, Lord Byron não está aqui. Também não está à senhorita Talbot. Até que o Conselho investigue a fundo estes ataques, os vampiros já não são bem-vindos em Hecate.

Meu coração se afundou quando todos em volta de mim explodiram em aplausos. Pensei em Jenna, como ela tinha estado feliz ontem à noite em seu vestido cor de rosa, e senti lágrimas surgirem em meus olhos. Onde a levaram?

A Sra. Casnoff disse mais algumas coisas, principalmente sobre ser cuidadosos e cientes do nosso ambiente, e que não poderíamos baixar a guarda até que saibamos ao certo o que havia acontecido, mas eu quase não a ouvi. Era verdade que Jenna estava de volta em nosso quarto quando Anna foi atacada, mas eu tinha visto Jenna depois que ela retornou de uma alimentação na enfermaria. Ela sempre ficava desgastada e quase drogada. Ontem à noite, quando a Casnoff veio buscá-la, ela apenas parecia assustada.

Eu não tinha percebido que a assembleia tinha acabado até que um menino metamorfo pisou no meu pé, saindo do seu lugar.

Paralisada, eu fiquei, só para ouvir a Sra. Casnoff dizer, — Sophie, Elodie, por favor, aguarde um momento.

Eu voltei. Elodie parecia tão confusa quanto eu me senti.

— Se as duas amavelmente me acompanhassem para o meu escritório.

Archer deu um aperto rápido no braço de Elodie antes de sair. Seus olhos encontraram os meus enquanto ele me passou. Ele me deu um sorriso, e eu tentei sorrir de volta. O que quer que tenha acontecido entre Archer e eu a noite passada tinha sido um incidente esquisito, que eu sabia que seria simplesmente mais fácil fingir que nunca aconteceu. Ele estava claramente com Elodie, e eu não podia culpá-lo. Não só ela era linda, mas agora todas as suas amigas tinham ido embora. Que tipo de idiota iria romper com uma garota no dia seguinte que a sua melhor amiga teve quase todo o seu sangue drenado?

Não era uma situação que acontecia muitas vezes, eu acho.

Elodie e eu caminhamos para o escritório da Sra. Casnoff, nossos ombros se tocando nos corredores estreitos.

— Eu realmente sinto muito. — eu comecei, mas Elodie me cortou com um olhar glacial.

— O que? Que sua melhor amiga quase matou outra de minhas amigas, ou que você tentou me matar com o meu próprio vestido?

Eu estava cansada demais para sequer tentar mentir com minha péssima habilidade. — O feitiço não era supostamente para te machucar. Era só para transformar o seu vestido de cor quando você o vestisse.

Elodie ficou em silêncio, e quando olhei para ela, eu vi que ela estava me olhando com um olhar avaliador. — Essa foi uma mágica muito poderosa. — disse ela. — E considerando que eu não aprecio ser quase sufocada por uma roupa, pode ser um feitiço interessante de se aprender.

— Eu posso te ensinar, se você me ensinar à maldição que você colocou no meu manequim. — eu ofereci.

Antes que ela pudesse responder a Sra. Casnoff introduziu-nos no seu apertado escritório. — Venham, meninas.

Depois que Elodie e eu estávamos sentadas nas cadeiras minúsculas, a Sra. Casnoff foi para trás de sua mesa. — Tenho certeza que vocês sabem por que eu quero falar com vocês. — Ela suspirou, sentou-se. Se tivesse sido qualquer outra pessoa, eu teria dito que ela se esparramou na cadeira, mas a Sra. Casnoff era muito formal para isso. Foi mais como um colapso gracioso.

— Tenho certeza que vocês perceberam que todos esses ataques têm sido exclusivamente aos membros do seu coven, meninas.

Confusa, eu disse: — Oh, eu não sou um membro do coven.

Agora a Sra. Casnoff parecia intrigada. Ela olhou para Elodie, que eu agora notei estava olhando para qualquer lugar, que não uma de nós.

— Você juntou a Sophie ao seu coven sem o conhecimento dela? — A Sra. Casnoff perguntou.

— O quê? — Eu gemi. — Como isso é possível?

Elodie soltou um longo suspiro, que arrepiou sua franja. — Olha, nós não tivemos escolha. — disse ela, ainda olhando para seu colo. Era estranho ver Elodie tão discreta. Normalmente ela teria revirado os olhos de bocado de vezes e dito algo com desprezo.

Mas agora ela parecia absolutamente culpada.

— Nós precisávamos dela, — disse Elodie a Sra. Casnoff, em seu tom de súplica. — Ela não iria se juntar a nós por vontade própria, por isso fizemos o ritual de união sem ela.

Sra. Casnoff estava olhando para Elodie. — E o que você usou no lugar do seu sangue?

— Eu sorrateiramente entrei em seu quarto e peguei um pouco de cabelo de seu pente, — Elodie murmurou. — Mas não acho que tenha

mesmo funcionado. Houve apenas uma grande baforada de fumaça preta quando joguei seu cabelo no fogo. Isso não deveria acontecer.

— Oh meu Deus! — Eu explodi. — Você não pode simplesmente fazer algo assim! Eu não posso acreditar que eu me senti mal em colocar o osso estúpido em seu vestido.

O olhar da Sra. Casnoff balançou de volta para mim. — Você fez o quê? — ela perguntou em uma voz tão gelada, eu tinha certeza que estava prestes a ser transformada em um mamute pré-histórico congelado.

Elodie viu sua chance. — Isso mesmo! Ela é aquela que quase me matou na noite passada, colocando um osso encantado com o meu vestido!

— Só porque você pôs uma maldição sobre o meu vestido. — eu disparei em seguida.

— Só porque você está tentando roubar o meu namorado!

Isso aparentemente foi à gota d'água para a Sra. Casnoff.

— Garotas! — gritou ela, levantando-se e batendo as duas mãos na mesa. — O momento para contestações sobre vestidos e garotos acabou. Duas de suas irmãs ficaram gravemente feridas, e outra está morta.

— Mas... Você consertou isso. — disse Elodie suavemente. — Você expulsou os vampiros.

Sra. Casnoff sentou na cadeira e passou a mão sobre os olhos. — Nós não podemos ter certeza de que Jenna ou Byron foram responsáveis por isso. Ambos reivindicam sua inocência, e na noite passada não apresentavam sinais de terem se alimentado recentemente.

Pensei na imagem do livro sobre L'Occhio di Dio, o com a bruxa de sangue drenado, e Alice diz que o olho me vê, mesmo aqui.

— Sra. Casnoff, — arrisquei, — você acha que... Você acha que é possível que o L'Occhio di Dio esteja na escola?

— Como você pode pensar nisso? — Elodie perguntou, mas a Sra. Casnoff ergueu a mão.

— É só que eu vi uma imagem de uma bruxa que foi assassinada, e ela tinha dois furos no pescoço e quase não havia sangue, assim como Holly, Chaston e Anna. Quero dizer, talvez seja possível

Sra. Casnoff interrompeu. — Eu também vi a ilustração, Sophie, mas não há como L'Occhio di Dio se infiltrar em Hecate. Há simplesmente muita magia de proteção. E mesmo que pudesse de alguma forma passar por elas, porque ele faria? Se esconder nesta ilha minúscula por meses de espera até que ele pudesse se infiltrar na escola? — Ela balançou a cabeça. — Não faz sentido.

— A menos que eles já estivessem na escola. — eu disse.

Sra. Casnoff ergueu as sobrancelhas. — Como um professor? Ou um aluno? Impossível.

— Mas

A voz da Sra. Casnoff foi gentil, e seus olhos estavam tristes quando ela disse, — Sophie, eu sei que você não quer acreditar que Jenna é responsável por isso. Nenhum de nós quer. Mas temo que, neste momento, é a mais plausível explicação. Jenna está sendo transportada para a sede do Conselho agora, e ela vai ter uma chance de se defender. Mas você tem que aceitar que ela pode ser culpada.

Meu peito apertou com o pensamento de Jenna, assustada e sozinha, em seu caminho de Londres, onde ela provavelmente seria estacada. Talvez até pelo meu próprio pai.

Alcançando através da mesa para dar um tapinha na minha mão, a Sra. Casnoff disse: — Eu sou sinto muito. — Olhou para Elodie. — Sinto muito por vocês duas. Mas talvez isto lhe dê uma oportunidade de colocar de lado suas diferenças por agora. Depois de tudo, vocês são os únicos membros do coven aqui. — Ela olhou para mim e deu um sorriso irônico. — Quer você goste ou não. Agora, estou dispensando as duas das classes hoje. Até termos resultados do Conselho sobre o inquérito, eu quero que vocês mantenham um olhar atento sobre a outra. Entendido?

Nós duas resmungamos sim e, em seguida, nos arrastamos para fora do escritório da Sra. Casnoff.

Passei o resto do meu dia no quarto. Sem Jenna, o quarto era grande e solitário, e era tudo que eu podia fazer para não chorar quando eu olhei para o leão de pelúcia, quem tinha chamado de Bram como uma brincadeira, e todos os seus livros. Eles não tinham a deixado levar nada com ela.

Eu fiquei na cama durante o jantar. Algum tempo depois que a noite tinha caído, eu ouvi uma batida suave na minha porta, e Archer, dizendo: — Sophie? Você está aí?

Mas eu não respondi, e depois de algum tempo, o ouvi ir embora.

Fiquei acordada até meia-noite, quando o suave brilho verde da magia de Alice rastejou através de minhas janelas.

Me apoiando sobre meus cotovelos, eu pulei em pé, ansiosa para sair dessa casa e ir para o céu e dizer tudo o que tinha acontecido para Alice.

Eu não me incomodei mesmo em não fazer barulho na escada enquanto eu caminhava para frente porta. Minha mão tinha acabado de tocar na maçaneta quando ouvi um assobio de voz, — Flagrada!

Meu coração em minha boca, eu me virei e vi a Elodie no pé da escada, com os braços cruzados, e um sorriso no rosto.

## CAPÍTULO 27



— Eu sabia. — ela disse, mais alto agora. — Eu sabia que você estava aprontando alguma. Quando a Sra. Casnoff descobrir que você tem feito um feitiço sobre toda a escola, você vai se juntar a sua pequena amiga sanguessuga, em Londres.

Eu ainda estava congelada na porta, metade da maçaneta girou em minha mão. De todas as pessoas para me pegar me esgueirando, por que tem de ser a pessoa que mais me odeia? Eu fiquei ali pensando em algo para dizer que iria impedi-la de sair correndo para a Sra. Casnoff em seguida.

Então me lembrei do olhar em seu rosto quando ela me perguntou sobre a magia do osso, e uma ideia me ocorreu. Eu só esperava que Alice fosse com ela.

— Okay, você me pegou. — Eu tentei sorrir timidamente, mas provavelmente apenas pareci perturbada, porque Elodie recuou um passo assim que cheguei mais perto.

— Desde que minha magia estava indo tão mal – não graças a você – tenho tido, hmm, aulas particulares de um dos fantasmas daqui.

Elodie revirou os olhos. — Oh, por favor. — ela disse. — Um tutor de magia? Quem vem a ser um fantasma? Você deve pensar que sou completamente um cérebro morto.

Seus olhos se estreitaram. — Quem você realmente está indo encontrar lá fora? Um garoto? Porque se for Archer...

— Não há nada acontecendo entre mim e Archer. — eu disse que não foi tecnicamente uma mentira. Quer dizer, eu tinha certeza que estava apaixonada por ele, e eu acho que ele podia ter me beijado no baile se

Elodie não tivesse atrapalhado, mas não é como se estivéssemos nos encontrando secretamente na floresta. Não importa o quanto eu desejava que pudesse ser verdade.

Agora eu sorria para Elodie e estendi minha mão. — Você quer aprender alguma magia terrível? Venha comigo.

Assim como eu esperava, o pensamento de aprender novas magias era muito sedutor para Elodie deixar passar.

— Tudo bem. — ela disse. — Se isto for algum truque que termina por me matar, eu estou assombrando a sua bunda.

Alice deve ter sabido que Elodie estava chegando, porque havia duas vassouras esperando lá fora.

Os olhos de Elodie se arregalaram como uma criança na manhã de Natal. — Você dirige vassouras?

Eu apenas sorri e pulei em uma. — Vamos lá. — eu disse a ela, repetindo as palavras de Alice para mim. — Seja tradicional pela primeira vez.

Então fomos dirigindo através da noite, o frio, o ar limpo queimando nossos pulmões. Acima, as estrelas brilhavam no céu escuro. Eu podia ouvir Elodie rindo ao meu lado, e eu olhei para ela, nossos olhos se encontraram no primeiro sorriso que já havíamos compartilhado.

Depois que desembarcamos no cemitério, eu apresentei Elodie a Alice, deixando de fora a parte em que Alice foi minha bisavó, e introduzindo Elodie como — um membro do meu coven.

Alice me deu um olhar de lado para isso, mas ela não disse nada.

— Então. Que tipo de magia vocês duas fazem aqui em Creepville<sup>{24}</sup>? — Elodie perguntou.

— Uma série de coisas. — respondeu Alice. No luar, sua pele parecia como porcelana e suas bochechas estavam rosadas. Mesmo seus olhos pareciam mais brilhantes. Eu perguntei se ela tinha algum tipo de feitiço de beleza. Se assim for, eu realmente esperava que nós aprendêssemos na próxima.

— Sophie dominou a convocação de objetos. — continuou Alice, — E ela está atualmente trabalhando em uma magia de transporte.

Elodie virou para mim, surpresa. — Você pode fazer coisas aparecerem do nada?

— Sim. — eu disse, como se não fosse grande coisa, embora eu ainda não pudesse invocar nada maior que uma lâmpada, e isso ainda me fazia suar baldes. Concentrando-me em algo pequeno, que não fosse me deixar sem fôlego, eu acenei minha mão e um broche esmeralda apareceu no ar justamente na frente de Elodie. Sua boca se abriu e eu sorri para Alice.

Elodie estendeu a mão e pegou o broche, girando e girando em suas mãos. — Me ensina.

Ela era uma aprendiz rápida, mais rápida do que eu tinha sido, e dentro de uma hora, ela tinha feito uma caneta e uma pequena borboleta amarela aparecerem. Eu estava um pouco ciumenta; eu nunca tinha conjurado nada que não fosse inanimado. Pelo lado positivo, Alice não parecia muito impressionada com Elodie, e ela não a elogiou tanto quanto a mim.

Enquanto elas trabalhavam com isso, eu trabalhei em me transportar de um lugar para outro, uma magia que eu ainda não conseguia dominar. Alice disse que as melhores bruxas poderiam cruzar oceanos com essa magia, mas até agora eu não conseguia mover um centímetro sequer para a esquerda.

Finalmente, Elodie e eu estávamos exaustas e embriagadas com magia, então nos sentamos na grama, nossas costas contra o muro do cemitério, enquanto Alice inclinou-se em uma árvore, olhando para o espaço.

— Espero que esteja tudo bem em eu estar aqui. — Elodie disse para ela.

— Por que você veio com Sophie esta noite? — Alice perguntou. Ela não parecia zangada, apenas curiosa, então eu respondi, — Elodie me pegou me esgueirando, então eu a convidei para vir junto. Eu pensei que ela gostaria de aprender alguma magia nova, também.

— Sra. Casnoff me disse para ficar de olho em você. — disse Elodie, mas ela estava sorrindo. Eu não tinha certeza se era da magia ou se estava apenas feliz em estar aqui.

— Por quê? — Alice perguntou, e ambas, Elodie e eu nos tornamos mais sérias. Resumidamente eu contei a Alice o que tinha acontecido com Anna, e como Jenna e Byron tinham ido embora.

— Eles têm certeza que foi um vampiro?

— Não. Eles não sabem quem mais poderia ser. — Elodie disse.

— O Olho. — disse Alice, e eu senti Elodie enrijecer ao meu lado.

— Perguntei a eles sobre isso. — eu disse. — Mas a Sra. Casnoff disse que não há nenhuma maneira de chegarem até nós. Existem muitas magias de proteção.

Alice deu uma risada baixa que enviou calafrios até minha espinha. — Sim, isso é o que eles disseram para mim também. Não foi nada para minha magia do sono acabar com suas defesas patéticas. Você realmente acha que O Olho não poderia fazer o mesmo?

— Eles não tem mágica, no entanto. — eu argumentei, mas soava insegura.

Elodie chegou um pouco mais perto de mim.

— Eles não têm? — Alice perguntou. Ela caminhou em nossa direção e agachou-se em minha frente. Eu vi seus longos dedos brancos ir para os botões do seu casaco verde e quando ela se desfez deles, desabotoou o seu vestido.

Sentei-me, congelada de horror, ela puxou o braço para fora do lado esquerdo do seu vestido, e o deslizou para baixo.

Lá, onde deveria ter sido apenas seu coração, havia uma grande ferida aberta.

— Isso é o que O Olho me fez, Sophie. Eles me seguiram me perseguiram até que eu não poderia correr mais longe, e cortaram meu coração. Aqui. Em Hecate.

Tudo que eu podia fazer era olhar fixo para o buraco e sacudir minha cabeça. Eu podia sentir Elodie tremendo ao meu lado.

— Sim, Sophie. — Alice disse baixinho. Eu olhei para o seu rosto e vi que ela me olhava com pena, como se ela estivesse arrependida de ter me dito tudo isso.

— Foi o cabeça do próprio Conselho quem os colocou em mim, quem me enganou em sentir-me segura aqui, e então me ofereceu como um cordeiro para um sacrifício.

— Mas por quê? — Eu perguntei, minha voz não mais que um sussurro tenso.

— Porque eles estavam com medo do meu poder. Porque era maior que o deles.

Minha cabeça girava, e eu senti que poderia vomitar. De alguma forma, todos os horrores que tinham sido mostrados naquela primeira noite de Hecate, não eram nada comparados com esta ferida, com esta única história.

— Seu pai acreditava que estaria segura aqui, porque ele não sabia a história real de como eu morri. Mas Sophie, você tem que acreditar em mim. Você está em perigo muito real aqui. — Ela olhou para Elodie. — Vocês duas estão. Alguém está alvejando bruxas poderosas, e vocês duas são as únicas que sobraram.

Agora era Elodie quem estava sacudindo a cabeça. — Não, não, não tem como. Foi Jenna. Foi um vampiro. Tem... tem que ser.

O rosto de Alice ficou muito calmo, como uma máscara que tinha caído, e seus olhos pareciam estar olhando através de nós. — Talvez tenha sido. Para ambas as causas, espero que tenha sido.

Ela estendeu a mão e tomou uma das minhas na dela, e uma da Elodie na outra. — Mas no caso de não ter sido... — De repente, minha mão estava quente na dela. Muito quente, e eu recuei, tentando puxar para trás. Eu podia sentir Elodie tentando fazer o mesmo, mas Alice nos segurava, até que nós duas estávamos fazendo pequenos sons choramingando. Finalmente o calor diminuiu e ela nos deixou ir. Eu

estudei a mão que agora estava em meu colo, pensando que seria no mínimo uma aparência vermelha, se não uma bolha, mas parecia normal.

— O que foi isso? — Elodie perguntou em uma voz trêmula.

— Um feitiço de proteção. Ele vai ajudá-la a conhecer seus inimigos, se o momento já chegou.

Elodie e eu estávamos quietas, quando nós três voamos de volta para a escola. Desta vez não houve risos satisfeitos, nenhuma sensação leve de liberdade.

Quando pousamos, Alice alcançou em volta de seu pescoço e tirou o colar que estava usando. Era justo como o que ela me deu. Elodie não o colocou imediatamente. Ela apenas olhou para ele, franzindo a testa, antes de fechar a mão em volta dele.

— Obrigada pela lição. — ela disse a Alice. Então ela olhou para mim, seu rosto ainda perturbado, e disse, — Vejo você amanhã Sophie.

— Você realmente acha que O Olho está aqui em Hecate? — Eu perguntei para Alice, assim que Elodie tinha ido para dentro.

Alice olhou para mim passando para Hecate. A enorme sombra da mansão parecia um monstro de muitos olhos adormecidos na escuridão.

— Algo está aqui. — ela disse finalmente. — Mas o quê, eu não sei. Ainda não.

Olhei novamente para a casa e sabia que Alice estava certa. Uma sombra havia caído sobre a escola e parecia ser cada vez mais apertada e mais perto de mim. Em cima, nuvens serpenteavam entre a lua crescente, e a noite tornou-se ainda mais escura. Eu temia o pensamento de andar pelos corredores escuros sozinha e até um quarto vazio.

— Você... — Eu comecei a perguntar para Alice, mas quando eu me virei, ela tinha ido embora, deixando-me calafrios e sozinha no meio da noite.

## CAPÍTULO 28



Eu imaginei que Elodie não iria querer voltar comigo para ver Alice novamente após a coisa da — ferida aberta no meu peito, deixe-me lhes mostrar— mas ela me surpreendeu ao me encontrar nas escadas na noite seguinte.

— Então, quando você conheceu Alice? — ela me perguntou em nosso caminho para baixo.

— Meados de outubro? — Eu respondi. Elodie assentiu com a cabeça, como se aquela fosse a resposta que ela esperava. — Logo depois de Chaston, então.

— Sim. — eu respondi. — O que isso tem a ver com aquilo?

Mas ela não respondeu.

Elodie veio comigo pelas próximas duas semanas. Alice pareceu não se importar com sua marcação junto a nós, e eu estava meio chocada ao descobrir que não encontrei sua presença completamente detestável também. Na verdade, comecei a suspeitar que eu poderia realmente gostar de Elodie.

Não é como se sua personalidade mudou nem nada, mas ela foi se tornando definitivamente uma Elodie mais gentil. Talvez ela estivesse apenas me usando por Alice. Quer dizer, depois de apenas um par de noites de treinamento, Elodie já poderia fazer um pequeno sofá aparecer do nada, e mudou para a magia de transporte. Não que qualquer uma de nós possa fazer ainda.

Mas eu não acho que foi apenas sobre a mágica; acho que ela estava sozinha. Anna e Chaston foram embora, e eu nunca tinha pensado sobre como elas eram as únicas pessoas que sempre conversavam com Elodie,

além de Archer. E mesmo eles pareciam estar passando menos tempo juntos. Elodie disse que estava muito ocupada com — outras coisas— para um namorado, enquanto Archer disse que estava dando-lhe algum espaço.

Archer e eu estávamos muito estranhos também. Após o baile, algo havia mudado entre nós, e a fácil camaradagem que tínhamos compartilhado durante o dever no porão havia evaporado. Agora costumávamos passar a hora inteira realmente catalogando em vez de provocando e brincando, e algumas vezes, quando eu sabia que ele não estava olhando, eu via esse aspecto realmente distante em seu rosto. Eu não sabia se ele estava pensando em Elodie, ou se, como eu, ele estava desapontado com a desconfortável distância que surgiu entre nós.

Novembro em Hecate era cinza e chuvoso, que parecia se adequar ao meu humor. Embora eu estivesse feliz que Elodie e eu estávamos nos tornando uma espécie de amigas, ela não era Jenna, e eu sentia saudades da minha amiga real. Cerca de uma semana depois que Anna havia sido atacada, Sra. Casnoff anunciou durante o jantar que o Conselho havia inocentado Byron de qualquer suspeita. Aparentemente ele tinha um álibi sólido, ele estava telepaticamente falando com alguém no Conselho naquele momento. Mas não importava quantas vezes eu perguntava a Sra. Casnoff nunca me respondia sobre onde Jenna estava ou o que estava acontecendo, e eu ficava preocupada praticamente todo o tempo.

Mamãe, sendo uma mãe, sentia que algo estava acontecendo sempre que eu ligava para ela, mas eu disse que estava inundada com as aulas. Eu não tinha mencionado nada sobre Chaston, Anna ou Jenna; teria assustado ela, e eu sabia que ela já era preocupada o bastante comigo.

Eu odiava ficar sozinha no quarto à noite, então eu comecei a passar minhas noites livres de dever no porão da biblioteca, lendo sobre conhecimento Prodígio na esperança de que pudesse encontrar algo que possa limpar Jenna. Até agora, as únicas criaturas que eu sabia que tomavam o sangue de suas vítimas eram os vampiros, demônios, e, se aquele livro era para ser acreditado, L'Occhio di Dio. Uma vez que a Sra. Casnoff já havia derrubado minha teoria L'Occhio di Dio, eu tentei encontrar livros sobre demônios. Mas parecia que todos os livros sobre

demônios em toda a biblioteca foram escrito em latim. Eu tentei pressionando minhas mãos nas páginas e dizendo — Fala— mas os livros pareciam à prova de encantos. As únicas partes que eu poderia pôr pra fora eram fatos que eu já sabia como a forma que eles tinham que ser mortos com Damonglass. Eu sinceramente esperava que não existissem demônios em Hecate, porque eu suspeitava que não poderia apenas correr até Wilianms-Sonoma para pegar alguns.

Uma noite chuvosa no final de novembro, logo após o jantar e antes que eu fosse para o porão, levei alguns dos livros para a Sra. Casnoff. Ela estava em seu escritório, escrevendo em um grande livro preto. A luz da lâmpada lançou um brilho especial ao longo da sala, e a música clássica estava tocando suavemente. Como na noite do baile, a música não estava vindo de nenhum lugar que eu pudesse ver.

Ela olhou para cima quando entrei. — Sim?

Eu segurei os livros. — Eu tinha algumas dúvidas sobre estes.

Ela franziu um pouco a testa, mas fechou seu livro e fez um gesto para me sentar.

— Há uma razão para você estar pesquisando demônios, Sophie?

— Bem, eu li que eles às vezes bebem o sangue de suas vítimas, e eu pensei, você sabe, talvez seja isso que aconteceu com Anna e Chaston.

Por um longo momento a Sra. Casnoff me estudou. Percebi que a música não estava mais tocando.

— Sophie, — ela disse. Era a primeira vez que ela me chamava assim. Sua voz estava cansada. — Eu sei o quanto você quer exonerar Jenna.

Eu sabia o que ela ia dizer. A mesma coisa que ela disse sobre O Olho. Eu me apressei. — Eu não consigo ler nenhum desses livros porque eles estão todos em Latim, mas há fotos que mostram os demônios que posam como humanos.

— Isso é verdade. Mas também é verdade que saberíamos se tal coisa estivesse no terreno da escola.

Levantei-me, batendo um dos livros em sua mesa. — Você mesma disse que a magia não é resposta para tudo! Talvez sua magia esteja quebrada. Talvez algo tenha um poder maior que o seu e está dentro.

Sra. Casnoff levantou-se da mesa, ombros puxados para trás. Havia uma carga súbita no ar, e de repente eu estava, dolorosamente, ciente que a Sra. Casnoff era muito mais que apenas uma diretora. Ela era uma bruxa extremamente poderosa. — Não levante a voz comigo, moça. Embora seja verdade que a magia não é sempre infalível, o que você está sugerindo é impossível. Sinto muito por você, mas você tem que encarar o fato que nas três semanas em que Jenna foi embora, nem você, nem Elodie, nem qualquer outro aluno desta escola foi atacado. Você fez uma má escolha para um amigo, mas não pode ser ajudada.

Eu olhei para ela, minha respiração entrando e saindo áspera, como se eu tivesse acabado de correr uma corrida.

Sra. Casnoff passou as mãos em seus cabelos, e eu vi que estavam tremendo. — Peço desculpas se pareço brusca, mas você tem que entender que os vampiros não são como nós, eles são monstros, e eu seria tola se esquecesse disso.

Sua expressão se suavizou. — Isso me dói profundamente, Sophie. Apoiei a decisão do seu pai para deixar os vampiros frequentarem esta escola. Agora eu tenho um estudante morto, dois que podem não voltar, e muitas pessoas poderosas zangadas comigo. Eu adoraria acreditar que Jenna não teve nada a ver com isso, mas a evidencia sugere fortemente o contrário.

Ela respirou fundo e apertou os livros em minhas mãos dormentes. — Você é uma amiga leal, por tentar encontrar uma maneira de inocentá-la, mas neste caso, eu temo que seus esforços sejam desperdiçados. Eu não quero você fazendo mais pesquisas sobre demônios, entendeu?

Eu não acenei a cabeça, mas ela agiu como se eu tivesse. — Agora, eu acredito que você está atrasada para seu dever no porão, então eu sugiro que você se apresse, antes que Sra. Vanderlyden venha procurar você.

Através de um filme de lágrimas, eu a vi sentar-se em sua mesa e abrir o seu livro. Eu estava zangada com ela por se recusar a admitir que poderia haver algo em Hecate que ela não sabia. Também senti uma tristeza no fundo dos ossos. Não importava o que eu encontrei, ou quais teorias, eu tentei continuar trabalhando; a explicação mais fácil era que Jenna havia matado Holly e tentado matar outros dois, de qualquer modo que fossem sempre acreditar. Qualquer outra coisa poderia significar que estavam errados ou, pior que isso, não onipotente.

As lágrimas tinham ido embora quando cheguei ao porão. Elas foram substituídas por uma dor surda constante apenas atrás dos olhos. Vandy estava me esperando na porta. Eu esperava que ela mordesse minha cabeça – talvez até literalmente – mas ela deve ter visto algo no meu rosto, porque tudo que ela fez foi grunhir, — Você está atrasada — e me deu um leve impulso em direção as escadas.

Assim que ela fechou as portas atrás de mim, Archer olhou para cima atrás de uma das prateleiras. — Aí esta você. Vandy enviou os cães do inferno atrás de você?

— Não. — Eu peguei a prancheta e fui indo para o canto mais distante do porão.

— O que? Sem uma resposta espirituosa? Nenhuma resposta padrão com o retorno de Sophie Mercer?

— Não estou me sentindo muito espirituosa neste segundo, Cross. — eu disse, meus olhos examinando as prateleiras sem ver.

— Huh— ele disse. — O que há com você?

— Vamos ver. O único amigo verdadeiro que eu tinha aqui se foi e provavelmente nunca mais vai voltar. Todo mundo está determinado a pensar que ela é um monstro e ninguém quer ouvir outras teorias.

— Que outras teorias? — ele perguntou. — Sophie, ela é uma vampira. É o que eles fazem.

— Então, você acredita nisso também?

Ele jogou seus papéis no chão. — Sim, eu acredito. Eu sei que ela era sua amiga, e que isto é uma porcaria, mas ela não é o único amigo que você tem aqui.

Eu estava com tanta raiva, eu senti como se estivesse vibrando. Atravessei a sala para estar na frente dele. — Você está dizendo que é meu amigo, Cross? Porque eu poderia jurar que você quase não falou comigo desde a noite do baile.

Ele olhou para longe, e eu podia ver os músculos da mandíbula trabalhando.

— Você está completamente estranho desde aquela noite.

— Eu? — Ele oscilou seu olhar de volta para mim. — Você é a única que não foi capaz de olhar para mim. E desculpe-me se eu achei um pouco suspeito que tão logo Elodie começou a passar tempo com você, ela de repente rompe comigo.

Eu balancei a cabeça, confusa, até que o que ele estava dizendo despertou em mim. — O que? Você acha que eu disse a Elodie o que você disse sobre querer passar o baile comigo, então ela dispensaria você e eu poderia tê-lo só para mim?

Quando ele não disse nada, eu dei-lhe um leve empurrão. — Supere você mesmo. — eu quase rosnei. Eu tentei passar por ele, mas ele me pegou pelo braço, me puxando para cima bruscamente de modo que quase me choquei com ele.

Por alguns segundos contados, nós congelamos, olhando um para o outro, respirando com dificuldade. Eu vi seus olhos escurecerem um pouco, como Jenna no dia que ela tinha visto meu sangue. Mas este era um tipo diferente de fome; um que eu sentia também.

Eu não me deixei pensar. Apenas me inclinei para frente e pressionei meus lábios nos dele.

Ele levou uma fração de segundo para responder, mas então ele fez um som quase como um rosnado baixo em sua garganta, e seus braços de repente ao meu redor, me segurando com tanta força que eu mal podia

respirar. Não é como se eu me importasse. Tudo o que importava era Archer, sua boca na minha, e seu corpo pressionando contra mim.

Eu fui beijada algumas vezes antes, mas nada como isto. Eu me senti eletrificada do topo da minha cabeça aos meus pés, e em algum lugar no fundo da minha mente eu ouvi Alice dizendo que o amor tinha um poder próprio. Ela estava certa: foi mágico.

Nos separamos para tomara fôlego. Me perguntei se eu parecia atordoada como ele, mas logo ele foi me beijando novamente e estávamos tropeçando contra as prateleiras. Eu ouvi alguma coisa cair e se espatifar no chão. Ouvi o triturar macio de vidro sob os pés conforme Archer me empurrava contra a parede.

Havia uma parte sensível de mim em algum lugar que agarrou o melhor lado e sussurrou que é melhor não desistir do meu — V-card— em um porão, mas quando as mãos de Archer deslizaram sob a minha camisa e na pele das minhas costas, eu comecei a pensar que um porão era um bom lugar tanto quanto outro qualquer.

Como se não pertencessem a mim, minhas mãos se ergueram entre nós e desabotoei os primeiros botões de sua camisa. Queria tocar sua pele da maneira que ele estava tocando a minha. Ele deve ter sentido a mesma coisa, porque ele recuou um pouco para me dar melhor acesso. Seus lábios se arrastavam dos meus até minha garganta, fechei meus olhos e inclinei minha cabeça na parede enquanto eu deslizava minhas mãos dentro de sua camisa.

Com sua boca em meu pescoço me senti tão bem que levei um tempo para perceber que minha mão esquerda estava queimando.

Minha cabeça estava pesada conforme eu levantei para olhar minhas mãos em seu peito, perto do seu coração.

E então a nevoa de desejo nublando meu cérebro deu lugar a uma onda de choque paralisante conforme eu observava uma tatuagem – um olho preto com uma íris dourada – aparecendo sob meus dedos.

## CAPÍTULO 29



No começo eu me recusei a acreditar no que estava vendo. Então Archer, percebendo como eu tinha congelado, foi para trás e olhou para baixo.

Quando ele ergueu o rosto de volta para o meu, ele estava pálido, e havia um olhar de pânico em seus olhos. Foi quando eu soube que o que eu estava vendo entre meus dedos era real: era a marca de L'Occhio di Dio. Archer era um Olho. Eu disse as palavras em minha mente, mas era como se elas não computassem. Eu sabia que devia gritar ou correr ou algo assim, mas eu não podia me mover.

— Archer falou — Sophie.

Era como se meu nome fosse a palavra código para quebrar a minha paralisia – Eu pressionei ambas as minhas mãos com força contra seu peito e o empurrei. Eu o peguei de surpresa ou eu nunca teria sido capaz de derrubá-lo. Mas ele caiu para trás, caindo em uma prateleira, jogando seu conteúdo no chão. Um líquido viscoso amarelo derramou de um dos vasos quebrados. Eu deslizei nisso enquanto eu me virava para correr.

Mas Archer já estava firmado e agarrou meu braço. Eu pensei que ele tinha dito meu nome novamente, mas eu não tinha certeza. Me virei e meu impulso afetou seu equilíbrio novamente. Enquanto ele escorregava na lama amarela, eu empurrei meu cotovelo tão forte quanto eu podia em seu peito. Ele se curvou quando o ar corria para fora de seus pulmões, e eu aproveitei isso como minha chance de bater com minha mão em seu queixo.

Manobra Número Três, pensei.

Assim como na aula de defesa.

Archer apertou a boca enquanto o sangue vermelho escoava por seus dedos. Eu senti uma vontade louca dentro de mim de rir. Eu tinha acabado de beijar aquela boca, e agora ele estava sangrando por minha causa.

Ele tentava me alcançar, mas ele estava se movendo lentamente, e eu fui capaz de ir para longe dele.

Quantas vezes nós lutamos na aula de Defesa? Estávamos apenas nos preparando para este momento? Archer tinha visto eu me esforçar para desviar seus golpes, e riu de como seria fácil me matar?

Eu me esquivei de seu alcance e corri para as escadas. Minha mente parecia estar descendo um daqueles escorregadores em espiral. Tudo o que eu conseguia pensar era que Archer tinha me beijado, Archer tinha matado a Holly, Archer tinha machucado a Chaston, Archer tinha atacado a Anna. Eu não olhei para trás, mas eu pensei que eu senti seus dedos tocarem o meu tornozelo. Corri para a porta, só para lembrar que ela estava trancada... Oh meu Deus, ela estava trancada.

Eu caí de encontro à madeira, gritando, — Vandy! — Sra. Casnoff! Alguém!

Batendo tão forte quanto eu podia na porta com os punhos, eu finalmente olhei para trás a tempo de ver Archer puxando a perna da calça para cima. Levei um minuto para descobrir que ele estava alcançando algo amarrado em sua perna.

Uma faca. Uma faca de prata, como a que havia arrancado o coração de Alice.

Meu grito tornou-se um murmúrio fraco com o medo, como algo de um pesadelo. Mas Archer não chegou perto de mim. Ele correu para a janela baixa no fundo da sala, deslizando a faca ao longo da fechadura antiga.

Eu podia ouvir as pessoas do outro lado da porta - pegadas e, eu pensei o tilintar de chaves. A fechadura da porta e a trava da janela cederam ao mesmo tempo.

Archer me olhou uma última vez enquanto eu me impulsionava contra a porta. Eu não podia ler a expressão em seu rosto, mas eu fiquei chocada ao ver que havia lágrimas em seus olhos. Então ele se virou e escorregou para fora da janela enquanto a porta se abria atrás de mim, e eu caí, com a agitação, nos braços da Vandy.

Eu sentei no sofá do escritório da Sra. Casnoff, com uma xícara de chá quente nas minhas mãos. Pelo cheiro, tinha mais do que apenas chá dentro dela, mas eu não tinha tomado nenhum gole ainda. Eu não conseguia parar de fazer meus dentes rangerem tempo suficiente para beber, mesmo a Sra. Casnoff tendo me envolvido com um tecido pesado.

Eu não sabia se algum dia eu pararia de tremer.

A Sra. Casnoff se sentou ao meu lado, acariciando meus cabelos. Foi um estranho gesto maternal dela, e era mais perturbador do que reconfortante. A Vandy estava encostada na porta, esfregando a nuca. Havia muito tempo que alguém tinha falado.

Então a Sra. Casnoff disse: — Você tem certeza que era a marca do Olho?

Foi a terceira vez que ela me perguntou, mas eu só balancei a cabeça e tentei trazer a minha xícara tremula aos meus lábios.

Ela deu um suspiro, que a fez soar como se tivesse uma centena de anos. — Mas como? — ela perguntou pela terceira vez. — Como poderia ser um dos nossos o L'Occhio di Dio?

Fechei os olhos e, finalmente, bebi. Eu estava certa: o chá foi fortificado com algum tipo de álcool. Ele bateu no meu estômago como uma onda quente, mas não fez nada para parar o tremor.

Como? Eu pensava. Como?

Tentei responder a pergunta para mim, perguntando se ele os tivesse procurado no ano passado, quando ele deixou Hecate por um tempo. Mas aquela era uma questão lógica e meu cérebro se sentia totalmente incapaz de lidar com a lógica agora.

Archer era um Olho. Archer havia tentado me matar.

Eu ficava repetindo na minha cabeça. De uma forma distante, eu me perguntava se Archer só tinha sido meu amigo, fingindo gostar de mim, para que ele tivesse chance de se aproximar. Era essa a razão pela qual ele começou a namorar Elodie?

Eu esfreguei minha mão sobre meu peito, logo acima do meu coração. Sra. Casnoff me olhava com um olhar de preocupação. — Ele machucou você?

— Não. — eu disse a ela. — Ele não me machucou.

Em nenhum lugar que você possa ver, pelo menos.

— Parece que você conseguiu dar alguns bons golpes, no entanto. — Vandy olhando para cima e apontando para a minha mão direita, que estava ficando roxa e inchada por arruinar a mandíbula de Archer.

Ergui os olhos para ela. — Sim. — eu disse categoricamente. — Obrigada por suas aulas de defesa de alta qualidade. Muito apreciada.

— Eu só não entendo. — disse a Sra. Casnoff, atordoada. — Nós deveríamos saber. Devíamos ter sido capazes de senti-lo. Ou alguém deveria ter visto sua marca.

Eu balancei minha cabeça. — Ela estava escondida. Ela só apareceu por que...

Por causa do feitiço de proteção da Alice, pensei, mas eu não queria contar sobre a Alice. — Eu fiz um feitiço de proteção sobre mim, — eu menti. Como de costume, eu menti muito mal, mas elas estavam muito abaladas para perceber. — Quando eu toquei a marca, apareceu.

Sra. Casnoff olhou para mim. — Você a tocou?

Senti meu rosto em chamas de vergonha. Como se não fosse ruim o bastante que o garoto que eu amava acabava por se revelar um assassino, agora eu seria pega por namorar na detenção.

Felizmente, o Sr. Ferguson, o professor Metamorfo, entrou, sacudindo a chuva do casaco de couro pesado. Havia um lobo irlandês enorme ao seu lado, assim como um leão de montanha de ouro. Enquanto eu olhava, o lobo ficou de pé e tornou-se Gregory Davidson, um dos

garotos mais velhos no campus. O leão da montanha era Taylor. Era a primeira vez desde que Beth lhe disse sobre o meu pai, que Taylor não estava me encarando. Na verdade, eu tinha certeza que eu vi pena nos olhos dela.

— Nenhum sinal dele, Sra. Casnoff, — Sr. Ferguson disse. — Nós procuramos pela ilha inteira.

A Sra. Casnoff suspirou. — Nenhum dos meus feitiços de monitoramento apontam algo. É como se ele desaparecesse no ar. — Ela disse massageando suas têmporas. — A questão mais premente agora é informar o Conselho que fomos infiltrados. Seu pai vai definitivamente querer ouvir isso, e então, naturalmente, os nossos feitiços de segurança terão que ser reforçados, e os outros alunos terão que ser informados sobre o ocorrido.

Sua voz vacilou na última palavra, e para meu espanto, ela deixou o rosto cair em sua mão com o que soou como um soluço.

Tirei dos ombros o manto e coloquei sobre os ombros dela.

— Vai ficar tudo bem.

Ela olhou para mim, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas. — Me desculpe Sophie. Eu deveria ter te escutado.

Apenas algumas horas atrás, as palavras da Sra. Casnoff teriam me posto na rua. Agora eu só sorri tristemente e disse: — Não se preocupe com isso. — Fiquei contente que isso significava que Jenna poderia voltar, mas aquele pedaço de felicidade foi enterrado sob uma pilha de composto de dor, tristeza, e raiva. Eu queria provar que estava certa, mas não assim.

Deixei a Sra. Casnoff, Ferguson, e Vandy planejando uma assembleia para a manhã seguinte, e me dirigi para meu quarto. Embora eu sentisse falta de Jenna, hoje eu estava realmente ansiosa para ficar sozinha.

Cal me encontrou ao pé das escadas.

— Eu estou bem. — eu disse, erguendo minha mão. — Isso vai se curar sozinho.

— Não é isso. A Sra. Casnoff não quer que você vá a nenhum lugar sozinha por agora. Não até que nós encontremos Archer.

Eu suspirei. — Então... O quê? Você vai me seguir para o meu quarto?

Ele balançou a cabeça.

— Certo. — Eu coloquei a mão sobre a madeira lisa do corrimão e tentei cansada me arrastar pelas escadas. Agora eu finalmente entendi o termo deprimido. Era exatamente assim que eu me sentia. Como se eu tivesse gripe, mas em minha alma em vez do meu corpo. Eu estava tão cansada, e tudo parecia doer. No momento que eu estava pensando em reconsiderar a minha promessa de nunca entrar em uma dessas banheiras assustadoras, ouvi a Elodie dizer, — Sophie?

Eu me virei para vê-la em pé no salão. Seu rosto estava pálido, e foi a primeira vez que eu a vi parecer diferente de bonita.

— O que está acontecendo? — ela perguntou. — Todas essas pessoas estão dizendo que Archer, tipo, te atacou no porão, ou algo assim, e eu não posso encontrá-lo em lugar algum.

Justo quando eu pensei que a dor em meu peito não poderia ficar pior, parecia que florescia uma planta espinhosa.

— Espere aqui. — disse a Cal.

Peguei a mão de Elodie e a levei para a sala de estar mais perto. Sentando ao lado dela no sofá, eu expliquei o que tinha acontecido, deixando de fora a parte de Archer e eu nos beijarmos e, principalmente, dizendo-lhe sobre a luta e a marca sobre o seu coração.

No meio, ela começou a balançar a cabeça. Lágrimas juntaram em seus olhos. Eu apenas continuei falando e vi aquelas lágrimas derramarem pelo rosto e em seu colo, deixando manchas escuras na sua saia azul.

— Isso é impossível. — disse ela, quando tinha terminado. — Archer... Não podia ter machucado ninguém. Ele...

Então ela estava chorando muito para conseguir falar, e tentei abraçá-la, apenas para ela jogar minhas mãos longe. — Espere. — disse ela, e uma pitada da velha Elodie ressurgindo. — Como você viu a sua marca?

— Eu disse, — eu disse, mas eu não conseguia olhar nos olhos dela. Olhei para a luz atrás dela em vez disso, mantendo os olhos no rosto branco da sua base. — Essa proteção mágica que Alice colocou em nós.

— Eu sei disso. — disse Elodie, fugindo de mim. — Mas por que você estava tocando o peito dele?

Ergui os olhos para os dela e tentei pensar em uma mentira plausível. Mas eu estava cansada e triste, e nada veio. Culpada, eu olhei para meu colo.

Esperei por Elodie gritar ou chorar um pouco mais, ou me bater, mas ela não fez nada disso. Ela simplesmente enxugou o rosto com as costas das mãos, levantou-se, e saiu.

## CAPÍTULO 30



Eu pensei que a notícia sobre Archer realmente incomodaria as pessoas, mas o oposto acabou sendo verdade. Em vez de se preocuparem que L'occhio di Dio tinha estado dentro da nossa escola, todos pareciam aliviados que o mistério por trás dos ataques tinham sido resolvidos e que a vida poderia finalmente voltar ao normal. Bem, normal para uma escola como Hecate, o que significava que metamorfos poderiam sair à noite outra vez, e as fadas podiam vaguear na floresta ao amanhecer e ao entardecer.

Poucos dias depois, a Sra. Casnoff me puxou de lado e me disse que Jenna voltaria, e meu pai chegaria em uma semana mais ou menos.

Eu provavelmente deveria estar animada por finalmente conhecê-lo, mas tudo o que eu sentia era nervosismo. Ele estava vindo para Hecate em sua capacidade oficial, ou porque eu era sua filha e quase fui atacada? Do que nós iríamos falar?

Liguei para minha mãe uma noite para conversar com ela sobre isso. Eu não tinha contado a ela sobre Archer. Apenas teria a deixado assustada. Eu só disse que tinha havido alguns problemas, e meu pai viria para verificá-los.

— Você vai gostar dele. — mamãe disse. — Ele é muito charmoso e muito inteligente. Eu sei que ele ficará emocionado ao vê-la.

— Então por que ele não tentou me ver antes? Quero dizer, eu entendo que quando eu era menor você não queria que saíssemos juntos. Mas e quando eu ganhei meus poderes? Você acha que ele poderia ter me visitando em algum momento.

Mamãe ficou quieta antes de finalmente dizer: — Sophie, seu pai teve a suas razões, mas são dele para lhe dizer, não minhas. Mas ele ama você. — Depois de mais uma pausa, ela perguntou: — Tem mais alguma coisa acontecendo?

— Estou realmente ocupada com a escola. — eu menti.

Eu tentei ficar feliz em ver meu pai, mas era difícil de ficar entusiástica sobre qualquer coisa. Eu sentia como se estivesse me movendo debaixo d'água, e qualquer coisa que as pessoas dissessem soava abafada e distante.

Por outro lado, eu me vi de repente popular. Eu acho que quase ser assassinada na detenção por um caçador de demônios disfarçado é tudo o que é preciso para fazer as pessoas quererem ser seus amigos. Quem diria?

Eu fiz essa piada para Taylor uma noite no jantar. Desde aquela noite na sala da Sra. Casnoff, ela tinha sido muito mais amigável comigo, agora que ela finalmente percebeu que não era uma espiã para o meu pai. Ela riu. — Eu não sabia que você era tão engraçada!

Sim, eu era uma fonte de diversão regular. Talvez porque fazer piadas significava que eu não cairia em lágrimas.

Eu vi as pessoas se reunirem em torno de Elodie e a tratarem simpaticamente, murmurando como ela deveria estar com o coração partido. Ela não estava falando comigo, e eu sentia falta dela. Parece estranho, mas eu realmente queria falar com ela sobre Archer. Ela era a única pessoa que estava sentindo a mesma coisa que eu estava.

Eu tinha parado de encontrar Alice nos bosques. A Sra. Casnoff tinha sido fiel à sua palavra e colocou cerca de uma dúzia de novos feitiços de proteção sobre a casa, de modo que o feitiço super poderoso de adormecer, mesmo sendo de Alice não funcionava mais. Eu poderia ter apenas ignorado, mas eu tinha a sensação de que era o que Elodie estava fazendo, então a deixei continuar. Quer dizer, eu tinha roubado seu namorado, mesmo que tivesse sido apenas temporariamente. Ela poderia ter a minha bisavó. Não é exatamente um trato justo, mas do jeito que as coisas andavam, foi o melhor que pude fazer.

Além disso, eu não tinha certeza se eu confiava em mim perto de Alice. Relembrando, que uma pequena parte de mim tinha gostado quando o feitiço no vestido de Elodie tinha começado a funcionar. Eu não queria machucá-la - pelo menos eu não acho que eu queria - mas definitivamente houve uma emoção em saber que eu era capaz de um feitiço como este.

Onde acabaria essa sensação?

Minha atração para o lado negro não era a única coisa que ocupava minha mente. Eu pensava naquela noite na detenção constantemente. Eu continuei vendo Archer puxar a faca. Ele teve bastante tempo para me apunhalar e executar. Então, porque não tinha feito? Eu continuei fazendo essa pergunta várias vezes em minha cabeça, mas eu não poderia chegar a um cenário que me desse à resposta que eu realmente queria que Archer não era um Olho e que tudo tinha sido um erro terrível.

Uma semana depois que Archer se foi, eu estava empoleirada no meu assento na janela, olhando pelo meu livro de Literatura Mágica. Mesmo tendo ele sido inocentado, Lord Byron não voltaria a Hecate. Eu tenho a impressão que ele disse algo muito rude para a Sra. Casnoff quando ela lhe pediu que voltasse, porque ela franziu muito os lábios quando disse que teríamos um novo professor. Acabou sendo a Vandy. Eu pensei que ela poderia ser um pouco mais agradável comigo depois que ela me resgatou de um assassino, mas além de cancelar minha punição na detenção pelo resto do semestre (as três semanas restantes - realmente muito da parte dela), ela não apresentou sinais de amolecimento. Nós já tivemos três trabalhos para ser entregues até sexta-feira, e era por isso que eu estava tentando encontrar algo no livro estúpido que me interessava medianamente.

Eu apenas comecei a ler um parágrafo sobre Christina Rossetti — E o mercado de Goblin<sup>{25}</sup> — quando um movimento no gramado me chamou a atenção. Era Elodie andando com determinação para o bosque. Eu acho que ela e Alice tinham decidido que as vassouras eram um pouco chamativas.

Eu disse a mim mesma que não estava com ciúmes, e que era muito bom que Alice não tinha feito qualquer tentativa para entrar em contato comigo nas últimas semanas. Elodie era uma melhor aluna de qualquer maneira. Olhei para o armário, onde eu tinha escondido o leão de Jenna, Bram. Eu tive que escondê-lo alguns dias depois que ela saiu porque doía demais olhar para ele. Na semana passada eu tinha pendurado o colar que Alice havia me dado em torno do pescoço de Bram por uma razão similar. Não que eu precisasse dele mais para me manter acordada de qualquer maneira.

Eu ainda estava olhando para o armário quando minha porta se abriu.

— Sentiu minha falta? — Jenna perguntou com um sorriso. Eu não sei qual de nós ficou mais chocada quando comecei a chorar.

Ela estava do outro lado do quarto em um instante, envolvendo os braços em volta de mim e levando-me a minha cama. Ela me abraçou enquanto eu chorava.

Jenna alcançou atrás dela e pegou uma caixa de lenços de papel da minha mesa.

— Aqui. — ela disse, entregando-me.

— Obrigada. — Eu funguei no meu lenço. Então eu estremei com uma profunda respiração. — Ufa. Me sinto melhor.

— Um par de semanas difícil, né?

Olhei para ela. Ela parecia melhor do que nunca. Sua pele era ainda muito pálida, mas havia uma luz rosa em seu rosto. Mesmo a sua mecha cor de rosa parecia mais brilhante.

— Será que eles te atualizaram?

Jenna assentiu. — Sim, mas eu não posso acreditar. Archer realmente não me parece com o tipo caçador de demônios secreto.

Eu assuei e limpei o nariz novamente. — Não parece a você ou a qualquer outra pessoa. Você estava com o Conselho. Eles estão assustados?

— Bastante. Pelo que eu ouvi, Archer e toda sua família desapareceram da face da terra. Ninguém sabe o que aconteceu, mas

parece bastante claro que eles estavam todos envolvidos nisso. — Jenna passou a mão pelo cabelo dela.

— É loucura pensar que ele esteve escondendo isso por todo esse tempo.

— Sim. — eu disse, olhando para minhas mãos. — É uma droga por que... — Eu suspirei.

— Você o odeia pelo que ele fez, mas sente falta dele. — Jenna terminou.

Eu olhei para ela, surpresa. — Exatamente.

Ela estendeu a mão e moveu o cabelo para o lado, revelando um par de punções azul claro logo abaixo da orelha. — Eu sei um pouco sobre se apaixonar pelo inimigo.

Com um sorriso triste, ela deixa seu cabelo cair para trás.

Me movi na cama para dar mais espaço para ela, e ambas nos deitamos sobre o meu travesseiro.

— Então me conte sobre Londres.

Jenna revirou os olhos e chutou fora os sapatos. — Eu nunca nem mesmo cheguei a Londres. O Conselho tem uma casa em Savannah eles usam quando têm coisas para fazer em Hecate. Eu só fiquei por lá, enquanto eles me perguntavam um monte de coisas, como que vampiro me transformou, e quantas vezes eu me alimento. Eu não vou mentir: era muito assustador, às vezes. Eu tinha certeza que eles trariam a Buffy, a qualquer momento para me golpear com uma estaca e agitar.

Engasguei com uma risada. — O quê?

Corando, Jenna olhou para longe e esfregou um pé em cima do outro.

— É apenas uma coisa que uma garota disse.

— Uma garota bonita? — Eu perguntei, batendo os ombros nela.

— Talvez. — disse ela, mas ela estava sorrindo de orelha a orelha. Tudo que eu pude extrair dela era que o nome da garota era Victoria, ela trabalhava para o Conselho, e ela era uma vampira também.

— Eles têm vampiros que trabalham para o Conselho?

— Sim. — disse Jenna, mais animada do que eu já vi. — Eles trabalham em todos os tipos de postos de trabalho legais, auxiliando vampiros mais jovens e atuando de segurança para VIPs do Conselho.

— Falando nisso, você não cruzou com o meu pai por acaso, cruzou?

Jenna sacudiu a cabeça. — Não, desculpe. Mas eu ouvi a Vix dizer que ele estaria aqui em alguns dias.

— Vix? — Eu perguntei, fazendo aquela coisa assustadora com a sobrancelha.

Jenna corou mais uma vez, e eu ri. — Uau, o Bram já sabe que talvez ele tenha que dividir você em breve?

— Cala a boca. — disse ela, mas ela ainda estava sorrindo. — Ei, onde está o Bram?

— Guardei ele para você. — eu disse, pulando para fora da cama e indo ao guarda-roupa. Eu pesquei Bram para fora de debaixo de alguma roupa e o atirei em Jenna. Ela o pegou com um sorriso. — Ah, Bram, como eu senti saudades.

Sua expressão mudou, e vi que aquele belo rosado de suas bochechas sumiu quando ela olhou para o leão de pelúcia. Ou, mais precisamente, o colar em volta do pescoço.

— Onde você conseguiu isso?

— O colar? Foi um presente.

— De quem? — Ela levantou o olhar para o meu, e eu vi medo real neles. Um suor incômodo formigando eclodiu na parte de trás do meu pescoço.

— Por quê? O que é isso?

Jenna estremeceu e empurrou Bram longe dela. — É uma pedra de sangue.

Atravessei a sala e peguei Bram, puxando o colar sobre a sua cabeça. A grande pedra lisa não parecia em nada com uma pedra de sangue. Não era

nem mesmo vermelha.

— É preta. — eu disse a Jenna, mostrando a ela, mas ela fugiu para trás da cabeceira.

— Isso é porque é sangue de demônio.

Tudo dentro de mim ficou completamente parado. — O quê?

Jenna enfiou a mão na blusa e tirou sua pedra de sangue. O líquido dentro estava agitado e se movendo, como se houvesse uma tempestade dentro da pequena cápsula. — Vê? — disse ela. — Há magia branca na minha pedra. Ela só reage quando a magia negra está próxima. E isso é uma coisa seriamente negra, Sophie.

Seus dedos estavam apertando o seu colar tão fortemente que os nós dos dedos estavam brancos. — Isso fez isso no dia do baile também. — disse ela, com os olhos ainda no pingente em minhas mãos. — Quando você pegou aquela sujeira. Eu deveria ter dito alguma coisa, então, mas você parecia tão feliz com o vestido, e eu pensei que magia negra não pudesse fazer algo tão bonito.

Eu estava escutando ela. Eu estava me lembrando que a Sra. Casnoff disse que ninguém sabia como Alice se tornou uma bruxa. Como ela só tinha falado comigo depois que Chaston foi atacada, como ela parecia mais viva após Anna.

E o rosto de Elodie quando Alice tinha lhe dado o colar. Elodie estava com ela agora. Eu deixei o colar cair, e a pedra rachou contra o canto da minha mesa. Uma gota de líquido negro penetrou na rachadura do chão, deixando uma marca pequena de queimadura.

Fiquei impressionada com o quão estúpida eu fui. Quão ingênua.

— Jenna, vá a Sra. Casnoff e Cal. Diga-lhes para ir para o bosque, para o túmulo de Alice e de Lucy. Ela vai saber onde é.

— Aonde você vai? — ela perguntou, mas eu não respondi. Eu apenas corri – da mesma forma que eu tinha feito na noite que eu tinha encontrado Chaston.

Eu mergulhei nas árvores com galhos arranhando meu rosto e os braços, rochas cortando meus pés. Eu estava usando apenas calças de pijama e uma camiseta, mas eu mal sentia o frio. Eu apenas corri.

Porque agora eu entendi como Alice estava corpórea, como ela tinha tanto poder, apesar de que ela deveria estar morta. Que o ritual de magia negra que Alice se envolveu, não a tinha transformado em uma bruxa: tinha a transformado em um demônio.

Você também, minha mente sussurrou. Se é isso que ela é, é isso que você é.

## CAPÍTULO 31



Eu tinha certeza que eu encontraria Elodie deitada sangrando ou talvez até mesmo morta quando cheguei ao cemitério. Então, eu fiquei chocada quando vi ela de pé ao lado de Alice, sorrindo enquanto ela desaparecia - apenas para reaparecer segundos depois, cerca de um metro de distância.

Ela finalmente tinha dominado o feitiço de transporte.

Alice me viu primeiro e ergueu a mão em saudação. Eu olhei para ela me perguntando como eu alguma vez podia pensar que ela era apenas outro fantasma. Nenhum dos fantasmas na Hecate jamais pareceu tão real, tão inteiro. Vida irradiava dela. Senti-me estúpida por não ter visto isso antes.

Me aproximei delas, o medo corria através de mim. Elodie havia parado de sorrir no instante em que me viu e agora estava encarando algum lugar sobre minha cabeça.

— Elodie. — eu disse, tinha tentado manter uma voz calma, mas eu sei que sou tão tensa e com medo como eu me sentia. — Eu acho que deveria voltar para a escola. Sra. Casnoff está procurando por você.

— Não, ela não está. — Elodie respondeu. Estendeu a mão por dentro de sua blusa e tirou seu colar. — Ele brilha sempre que alguém está procurando por mim, e me diz quem é. Viu? — O pingente estava brilhando, e eu podia fazer o meu próprio nome gravado sobre ela em ouro fosco.

— Herança de família, heim? — Perguntei a Alice.

Ela sorriu, mas eu vi algo cintilando em seus olhos. — Agora, Sophie, não seja ciumenta.

— Eu não estou com ciúmes. — eu disse muito rapidamente. — Eu só acho que Elodie e eu deveríamos voltar para a escola agora.

Mentalmente, eu estava calculando quanto tempo levaria a Sra. Casnoff e eu esperava, Cal nos tirasse daqui. Se Jenna os tinha encontrado logo depois que eu a tinha deixado, certamente eles estão apenas alguns minutos atrás de mim.

Alice franziu a testa e levantou a cabeça, farejando o ar - não havia nada remotamente humano no gesto. Senti-me começando a tremer.

— Você está com medo, Sophie. — ela disse. — Por que diabos você estaria com medo de mim?

— Eu não estou. — eu respondi, mas mais uma vez a minha voz me entregou.

O vento soprava através das árvores, as fazendo encostar uma contra as outras enviando uma estranha sombra deslizando pelo chão. Alice virou a cabeça e respirou fundo. Desta vez, sua expressão endureceu. — Você trouxe os intrusos até nós. Porque você faria uma coisa dessas, Sophie?

Ela sacudiu as mãos em direção ao bosque, e eu podia ouvir um gemido alto, como se as árvores estivessem arrancando a si mesmas e se movendo. Ela estava retardando a Sra. Casnoff e Cal, eu percebi com horror.

— Você trouxe Casnoff aqui? — Elodie perguntou, mas meus olhos estavam presos em Alice.

— Eu sei o que você é. — eu disse, minha voz um pouco mais que um sussurro. Eu esperava que Alice parecesse surpresa ou, pelo menos, com raiva, mas ela apenas sorriu novamente. De alguma forma, isso era muito mais assustador.

— Você realmente sabe? — perguntou ela.

— Um demônio.

Ela riu um baixo som gutural, e seus olhos brilharam um vermelho-púrpura.

Virei-me para Elodie. Ela parecia culpada, mas não vacilou do meu olhar.

— Você convocou um demônio. — eu disse, e ela balançou a cabeça, como se eu tivesse a acusado de tingir os cabelos, ou algo igualmente inofensivo.

— Não tivemos escolha. — ela insistiu. — Você ouviu o que a Sra. Casnoff disse: os nossos inimigos estão cada vez mais forte o tempo todo. Eu quero dizer, meu Deus, Sophie, eles transformaram um dos nossos e usou-o contra nós, tínhamos de estar preparados...

Ela disse tudo isso em um tom paciente de uma educadora infantil.

— E daí? — Eu perguntei, minha voz tremendo. — Você a deixou matar Holly? — Agora os olhos baixaram e ela disse: — Um sacrifício de sangue é a única maneira de vincular um demônio com você.

Eu queria correr para ela, bater nela, gritar, mas eu estava congelada no lugar.

Elodie me olhou com grandes e implorativos olhos.

— Não tínhamos a intenção de matar Holly. Sabíamos que precisávamos de quatro para segurar o demônio e fazê-lo aceitar nosso pedido. Mas nós tínhamos que ter sangue. Então eu fiz um feitiço do sono sobre ela e Chaston perfurou seu pescoço com um punhal. Pensávamos que podíamos parar a hemorragia antes que fosse tarde demais, mas ela apenas sangrou demais.

Eu poderia provar a bile no fundo da minha garganta. — Você poderia ter pego sangue de qualquer outro lugar. — disse. — Você tirou da sua garganta para que pudesse culpar Jenna por isso. Matar dois coelhos com uma cajadada só, né?

Eu fui. — Você sabia que você matou Holly, mas você deixou que todos pensassem que foi Jenna. Você me fez pensar se tinha sido ela.

— Eu pensei que tinha sido ela quem atacou Chaston e Anna. — Elodie disse, uma lágrima escorrendo pelo rosto. — Nós apenas pensamos

que o ritual tinha saído pela culatra. Nunca vi Alice antes daquela noite com você, eu juro.

Agora eu olhei para Alice. — Por que você não apareceu para elas?

Alice deu de ombros. — Elas não valiam o meu tempo. Elas me tiraram do inferno, mas eu não senti a necessidade de atender três estudantes.

Ela levantou uma mão, e puxou Elodie.

— Eu me perguntava por que demorou tanto tempo para você descobrir isso. — Alice disse, ainda olhando para mim. — Você deveria ser uma menina tão brilhante, Sophie, e ainda assim você não poderia dizer a diferença entre um fantasma e um demônio? Ou tem algo mais?

Ela virou a mão um pouco para a esquerda, e Elodie gritou quando voou para o lado, caindo como uma pilha contra o muro do cemitério. Ela ficou imóvel, depois disso, mas eu não sabia se ela tinha sido nocauteada ou se Alice estava usando magia para impedi-la de se mover.

— Você sabe o que eu penso, Sophie? Eu acho que você sabia o que eu era, mas você não queria enfrentá-lo. Porque se eu sou um demônio, então o que isso faz de você?

Meu corpo todo tremia agora. Eu queria tapar os ouvidos para bloquear o que ela estava dizendo. Porque ela estava certa. Eu sabia que havia algo estranho nela, mas eu não quis questioná-lo porque eu gostava dela. Eu gostava do poder que ela tinha me dado.

— Eu esperei por você por tanto tempo, Sophie. — Alice disse, e agora ela parecia como sempre - apenas uma garota da minha idade. — Quando essas patéticas desculpas para bruxas negras fizeram sua magia de invocação, eu agarrei meu caminho através de uma horda de demônios para ser aquela que viesse. Na esperança de que eu poderia encontrá-la.

O sangue corria em meus ouvidos, batendo em minhas têmporas.

— Mas por quê? — Sussurrei através dos meus dentes batendo.

Seu sorriso era lindo e terrível. Seus olhos irradiavam tão brilhantes como uma fornalha. — Porque nós somos uma família.

Então eu fui atirada para trás, minhas costas batendo dolorosamente contra uma árvore, a casca raspava através da minha camisa. Eu tentei me mover, mas minhas pernas estavam pesadas e inúteis.

— Peço desculpas por isso, — ela disse, movendo-se para Elodie, — mas eu não posso ter você no caminho agora.

Ela se ajoelhou ao lado Elodie enquanto estava impotente e paralisada. Tão suavemente como uma mãe com um bebê, Alice levantou a cabeça de Elodie em seu colo. Seus olhos desfocados e meio fechados, Elodie rolou a cabeça para um lado quando Alice acariciou sua têmpora. Então Alice levou a mão ao pescoço de Elodie.

Duas garras finas saiam de seus dedos, iluminado pela luz da lua.

Elodie mal vacilou quando as garras furavam seu pescoço, mas eu gritei.

Quando Alice abaixou a boca para beber, eu fechei os olhos.

Eu não sabia quanto tempo tinha passado antes que eu pudesse de repente me mexer de novo - mas quando eu finalmente me levantei, Alice estava na minha frente, e Elodie deitada, muito pálida e muito quieta, contra os portões do cemitério.

Corri para ela, e Alice não tentou me parar.

Ajoelhada ao lado de Elodie, eu senti a terra úmida debaixo de nós. O rosto de Elodie estava frio debaixo da minha, mas seus olhos ainda estavam semiabertos, e eu podia ouvir sua respiração superficial.

As feridas em seu pescoço estavam vermelhas e em carne viva, o resto dela estava muito branco. Nossos olhos se encontraram e seus lábios se moveram, como se ela estivesse tentando dizer algo.

— Sinto muito. — eu sussurrei. — Eu sinto muito, por tudo.

Ela piscou uma vez, e seus lábios se moveram de novo. Mão.

Pensando que ela queria que eu segurasse sua mão, me abaixei e peguei sua mão esquerda na minha.

Ela deu um suspiro profundo, e eu senti uma vibração baixa, como uma corrente de baixa tensão.

Eu senti a sua magia se estabelecendo em mim, como ela tinha descrito. Me senti suave e fria, como a neve. Então, sua mão escorregou da minha, e ela ficou muito quieta. Eu ouvi Alice rir. Eu virei para vê-la girando em círculo, a saia se estendendo para os lados. — Devo dizer, de todos os presentes que você poderia ter me dado, esse foi o melhor.

Lentamente, levantei-me. — Presente?

Alice parou de rodopiar, mas ela ainda estava rindo. — Naquela noite, você a trouxe com você, eu tinha certeza que você tinha descoberto aquilo que eu realmente era. Era como se você a trouxesse para mim e me salvasse do risco de ser pega nessa escola horrível.

A mágica que Elodie tinha passado para mim ainda zumbia nas minhas veias, mas não tinha ideia do que fazer com ela. Eu sabia que não era páreo para Alice, mesmo se nós compartilhássemos o mesmo tipo de poder. Ela teve muito mais tempo para usá-lo, e eu não precisava adivinhar que sua temporada no inferno havia lhe ensinado alguns truques.

Assim, a única coisa que eu tinha ao meu favor eram os poucos parágrafos que eu podia me lembrar dos livros de demônios eu tinha lido, e pura, limpa raiva. Alice estava rindo de novo, bêbada da mágica do sangue de Elodie. — Agora que eu recuperei minha força total, vamos ser imparáveis, Sophie. Nada vai estar fora do nosso alcance.

Mas eu não a estava ouvindo. Eu estava olhando para a estátua do anjo e a espada preta em suas mãos. Pedra preta.

Damonglass.

Em Defesa, a Vandy estava sempre falando que todo mundo tinha uma fraqueza, e eu sabia qual era a de Alice.

Eu.

— Quebre. — murmurei, e com um forte estalo, a espada se partiu na metade. A pedra irregular pousou na grama em frente a mim. Eu segurei mesmo quando isso queimou e suas bordas cortaram minha mão. Era mais pesado do que eu imaginei que seria, e eu esperava ser capaz de levantar bem alto o suficiente para fazer o que eu tinha que fazer.

Alice se virou e me viu segurando o caco, mas ela não parecia assustada, apenas confusa. — O que você está fazendo, Sophie?

Ela estava de pé cerca de dez metros de mim. Eu sabia que se eu corresse para ela, ela iria me jogar contra uma árvore como um inseto. Mas ela estava tão tonta e não achava que eu fosse machucá-la. Afinal, éramos uma família.

Fechei meus olhos e me concentrei, chamando meu próprio poder e a magia que Elodie tinha me dado. Um vento feroz chicoteou em torno de mim, um vento tão frio que tirou meu fôlego. Meu sangue diminuiu em minhas veias, mesmo que meu coração disparasse.

Eu abri meus olhos para me encontrar em frente a Alice.

Seus olhos se arregalaram, mas não com medo ou surpresa. Com prazer.

— Você fez isso! — ela disse com entusiasmo, como se estivéssemos no meu recital de balé.

— Sim. Eu fiz.

E então eu ergui o pedaço da Damonglass e cortei seu pescoço.

## CAPÍTULO 32



— Então acontece que eu sou um demônio. — disse a Jenna na tarde seguinte.

Estávamos sentadas no nosso quarto, ou, mais exatamente, ela estava sentada. Eu ainda estava na cama, onde tinha estado desde que Cal e Sra. Casnoff tinham me arrastado de volta à Hecate. Cal tinha sido capaz de reparar a maior parte dos danos causados em meus pés pela louca corrida descalça pela floresta, mas a minha mão era outra história.

Olhei para baixo. Minha mão esquerda estava bem, mas a direita tinha três talhos longos em meus dedos, palma, e no resto da minha mão. Eles estavam enrugados e feios, as bordas de cada corte estavam em um vívido vermelho-arroxeadado. Cal tinha feito o melhor que podia para curá-las, mas o vidro do demônio tinha feito muito dano. Eu provavelmente sempre terei as cicatrizes.

Ou talvez Cal simplesmente não tinha muita magia sobrando depois de tentar reviver Elodie. Ele e Sra. Casnoff entraram na clareira apenas momentos depois que eu cortara a cabeça de Alice e vi seu corpo dissolver em sujeira. Cal tinha corrido para Elodie imediatamente, mas todos nós já sabíamos, que era tarde demais. Anna me disse que Cal não podia ressuscitar os mortos, mas ele já havia tentado essa noite. Somente quando era óbvio que Elodie se fora ele se virou para mim e tirou a lâmina da minha mão.

No caminho de volta para a escola, eu estava muito fora de mim, mas lembro-me da Sra. Casnoff me dizendo que o corpo de Alice tinha sido enterrado no cemitério, junto com alguns outros demônios. É por isso que o anjo estava segurando o vidro do demônio - apenas no caso de algum deles conseguisse sair.

— Vocês pessoas, estão mais preparadas do que Garotas Escoteiras. — eu murmurei. Então, eu desmaiei.

— Eu sempre pensei que você era muito má. Eu só nunca quis dizer nada. — disse Jenna agora. Sua voz era leve, mas seus olhos estavam tristes quando olhou para minha mão.

Eu tinha conseguido mais da história da Sra. Casnoff naquela noite. Ela não mentiu quando me contou que Alice tinha sido alterada por meio de um ritual de magia negra. Ela apenas esqueceu de me dizer que o ritual de Alice foi um feitiço de convocação, destinada a trazer um demônio e ele fazer o que você mandar.

Eu não tinha ideia do porque qualquer um poderia precisar de um demônio. Recados? Tarefas gerais do mal que precisava ser feito em casa?

Mas demônios são complicados, e assim ao invés de se transformar no garoto faz tudo de Alice, ele havia roubado sua alma e fez dela um monstro. Desde que ela estava grávida na época, seu bebê havia sido um demônio também. Lucy tinha casado com um ser humano, por isso meu pai era meio demônio, fazendo-me apenas um quarto demônio.

— Mas, — Sra. Casnoff tinha me dito enquanto Cal estava tentando curar a minha mão, — mesmo uma quantidade diluída de sangue de demônio pode resultar em um enorme poder.

— Ótimo. — eu respondi, a minha mão pegando fogo quando a magia branca de Cal correu sobre ela.

Sra. Casnoff já sabia o que eu realmente era há algum tempo, é claro. É por isso que ela não tinha sido capaz de perceber Alice. Ela pensou que só estava pegando as minhas vibrações de demônio.

— Então o que acontece agora? — Jenna perguntou, saindo de sua cama para sentar-se cautelosamente na borda da minha. — E sobre Archer e seu pai?

Eu me mexi, estremeendo quando a minha mão esbarrou contra a minha perna. — Eu não ouvi nada sobre Archer, além do que você me contou como ele e sua família sumiram da face da terra. Aparentemente, há um grande grupo de feiticeiros caçando por ele.

E o que fariam quando o pegassem...? Eu não quero pensar sobre isso.

— Cal acha que ele e sua família provavelmente fugiram para a Itália. — eu continuei, tentando ignorar a dor em meu coração. — Já que é onde O Olho é baseado, parece como uma aposta segura.

Para minha surpresa, Jenna abanou a cabeça. — Eu não sei. Algo que eu ouvi em Savannah. Algumas bruxas estavam falando sobre o contingente L'Occhio di Dio em Londres. Há já alguns avistamentos de um cara novo com eles. Moreno, Jovem.

Poderia ser ele.

Meu peito se apertou.

— Por que ele iria para lá? Ele estaria bem debaixo do nariz do Conselho.

Ela encolheu os ombros. — Esconder-se à vista de todos? Eu só espero que eles o peguem.

— Espero que peguem todos eles. — Seus olhos estavam frios quando disse isso, e um arrepio percorreu-me.

— Quanto ao meu pai, eu realmente não sei. O Conselho sempre soube que ele era meio demônio, mas eu acho que desde que ele nunca tentou comer a cara de ninguém e é super poderoso para demitirem, eles decidiram que era certo fazê-lo o Chefe, pelo tempo que nenhum outro prodígio descobrir o que ele realmente é.

— E a Sra. Casnoff sabia também?

— Todos os professores sabiam. Eles trabalham para o Conselho.

Jenna chegou e começou a enrolar sua faixa rosa.

— Então você não é uma bruxa. — ela disse. Não era uma pergunta. Agora meu estremecimento não tinha nada a ver com a minha mão.

Eu não era uma bruxa. Eu nunca tinha sido. Sra. Casnoff tinha explicado que os poderes dos demônios são muito semelhantes aos dos bruxos das trevas que é fácil para um demônio se — passar — por uma bruxa, contanto que ele não faça nenhuma loucura, como... bem, como beber o sangue de um bando de bruxas para se fazer mais forte. Eu gostava

de pensar em mim como uma bruxa. Era muito mais agradável do que demônio. Demônio significa monstro para mim.

Jenna, de repente se aproximou e começou a arranhar o topo da minha cabeça. — O que você está fazendo?

— Eu estava vendo se você tem chifres por baixo de todo esse cabelo, — ela disse rindo.

Eu golpeei a mão, mas não podia deixar de sorrir de volta. — Estou tão feliz que minha monstruosidade te diverte, Jenna.

Ela parou de brincar com meus cabelos e passou um braço sobre meu ombro. — Ei, falando de um monstro para outro, eu posso lhe dizer que não é tão ruim. Pelo menos podemos ser loucas juntas.

Eu me virei e deixei minha cabeça em seu ombro. — Obrigada. — eu disse suavemente, e ela me deu um aperto em retorno.

Houve uma batida suave na porta, e nós duas olhamos para cima. — É provavelmente Sra. Casnoff. — eu disse. — Ela está me checando, tipo, cinco vezes já hoje.

O que eu não disse a Jenna foi que a última vez que tínhamos falado, eu perguntei a Sra. Casnoff o que tudo isso significava para mim.

— Isso significa que você será sempre incrivelmente poderosa, Sophie. — ela respondeu. — Isso significa que, como seu pai, você deverá usar esse poder a serviço do Conselho.

— Então, eu tenho um destino. — eu disse. — Merda.

Sra. Casnoff sorriu e afagou minha mão. — É um destino glorioso, Sophie. A maioria das bruxas mataria para ter o seu poder. Alguns mataram.

Eu só balancei a cabeça, porque não poderia lhe dizer como eu realmente me sentia: eu não quero ser Sophie, a Grande e Terrível. Esse tipo de coisa deveria pertencer às meninas como Elodie, as meninas que eram bonitas e ambiciosas. Eu estava apenas em: engraçada, e com certeza, inteligente, mas não uma líder.

Sentada ali naquela noite com a Sra. Casnoff, Cal ainda segurando minha mão, embora pensasse que toda a magia estava fora dele, eu fiz a pergunta que tinha estado se movimentando em meu cérebro.

— Eu sou perigosa? Como Alice?

Sra. Casnoff encontrou meus olhos e disse: — Sim, Sophie, você é. Você sempre será. Alguns híbridos demônios, como seu pai, é capaz de passar anos sem qualquer incidente, embora ele seja acompanhado por um membro do Conselho em todos os momentos só para ser cauteloso. Outros, como sua avó Lucy, não têm tanta sorte.

— O que aconteceu?

Ela olhou e disse, muito calmamente, — L'Occhio di Dio matou sua avó, Sophie, mas com uma boa razão. Apesar de viver 30 anos sem nunca prejudicar uma alma viva, algo... algo que lhe aconteceu uma noite, e ela voltou a sua verdadeira natureza.

Ela respirou fundo e disse: — Ela matou o seu avô.

Não havia nenhum som por um longo tempo até que eu perguntei: — Então, o que poderia acontecer a mim? Eu simplesmente poderia escorregar um dia e o demônio sairia sobre qualquer pessoa que estiver comigo?

E quando disse isso, tudo o que eu tinha sido capaz de ver era a minha mãe deitada sangrando e quebrada a meus pés. Meu estômago rolou e eu senti o gosto de bile.

— É uma possibilidade. — respondeu a Sra. Casnoff.

E então eu perguntei à Sra. Casnoff se havia uma maneira de parar de deixar de ser um demônio - se eu alguma vez pudesse voltar ao normal.

Ela me estudou por um longo tempo, antes de dizer: — Há a Remoção. Mas isso certamente quase a mataria.

Sua resposta ainda estava sentada como uma pedra em meu peito. A remoção poderia me matar.

Isso provavelmente iria me matar.

Mas se eu vivesse o resto da minha vida com uma parte demônio, eu poderia matar alguém. Alguém que eu amava.

A porta se abriu, mas não era a Sra. Casnoff de pé lá. Era a minha mãe.

— Mãe! — Eu chorei, saltando para fora da minha cama e jogando meus braços em torno dela. Eu podia sentir suas lágrimas quando ela enterrou seu rosto no meu cabelo, então eu a abracei ainda mais apertado e respirei seu perfume familiar.

Quando nos separamos, minha mãe tentou sorrir para mim, e estendeu a mão para tirar as minhas mãos. Eu não consegui reter um suave grito de dor e ela olhou para baixo.

Eu pensei que mamãe ia chorar novamente, quando viu a minha mão, mas ela simplesmente levantou-a aos lábios e beijou a palma da mão, igual quando eu tinha três anos e tinha um joelho esfolado.

— Sophie. — disse mamãe, alisando meu cabelo para longe do meu rosto, — Eu vim para te levar para casa, está bem, querida?

Olhei para trás por cima do meu ombro, Jenna, que estava arduamente tentando realmente nos ignorar, mas eu vi o flash de mágoa em seu rosto. Se eu fosse embora, Jenna não teria ninguém. Tanta coisa para sermos loucas juntos.

Eu respirei fundo e voltei para a minha mãe. Eu não sabia se eu seria forte o suficiente para olhar em seus olhos e dizer a ela o que eu tinha a dizer, o que eu sabia que tinha que fazer logo depois que a Sra. Casnoff me tinha dado sua resposta.

Então, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, eu vi Elodie andar pela minha porta.

Me apressando, meu coração na minha garganta, eu me perguntava se Cal a tinha salvo depois de tudo. Talvez ela se recuperava na escola o tempo todo, e eles simplesmente não tinham me dito.

A sala estava vazia, exceto por ela, e ela estava de costas para mim. — Elodie! — Eu gritei, correndo até ela. Mas ela não olhou para mim, e eu percebi que eu estava olhando através dela.

Ela seguiu em frente, parando nas portas como se estivesse procurando alguém - apenas outro fantasma Hecate preso aqui para sempre. Eu sabia que ela merecia, de certa forma. Ela e suas amigas tinham convocado um demônio e pagaram o preço.

Eu fiquei olhando-a por um longo tempo, até que ela finalmente desapareceu na luz do sol da tarde. Nós nunca realmente fomos amigas, mas ela havia me dado a última e pequena magia que tinha dentro dela para que eu pudesse derrotar Alice, e eu nunca esquecerei isso.

E no final, isso de estar vendo Elodie que me deu força para virar a minha mãe e dizer: — Eu não estou indo para casa. Eu estou indo para Londres, e eu estou indo passar pela Remoção.

## SOBRE A AUTORA



Nascida em 23 de novembro de 1979, Rachel Hawkins é uma ex-professora formada pela Universidade de Auburn, no Alabama. Ela deixou o magistério para terminar de escrever e lançar seu primeiro livro, Hex Hall. Que se saiba, Rachel não é uma bruxa, embora alguns dos antigos alunos possam discordar.

# Star Books Digital



{1} Tafetá é um tecido fino e acetinado feito de lã, seda ou sintéticos.

{2} Fabricante de malas e bolsas na segunda metade do século XIX, em Paris. Atualmente é uma famosa marca de artigos de luxo de renome internacional.

{3} Albert Camus foi um escritor e filósofo francês nascido na Argélia.

{4} Ela se refere à expressão – Isto é um saco – que no original é – That sucks. – No caso o que ela se refere como trocadilho é o “suck” que significa “chupar” e tem todo aquele negócio de Jena ser um vampiro.

{5} Chartreuse – Sofá sem apoio nas costas.

{6} Lord Byron: foi um destacado poeta britânico e uma das figuras mais influentes do Romantismo. Ele é famoso pelas suas obras-primas, tais como Peregrinação de Childe Harold e Don Juan. Esse último permaneceu inacabado devido à sua morte iminente. Byron é considerado como um dos maiores poetas europeus.

{7} She Walks in Beauty, é um dos poemas do Lord Byron.

{8} A gadanha é uma ferramenta utilizada na agricultura para ceifar cereais ou para o corte de erva.

{9} O forcado é um instrumento utilizado na agricultura e na jardinagem constituído por um cabo longo de madeira, com dois ou três dentes compridos na ponta. Como um tridente.

{10} Jack-in-the-box é um brinquedo que exteriormente consiste em uma caixa com uma manivela. Quando se gira a manivela, uma música toca. No final da música a tampa da caixa se abre e um palhaço pula de dentro.

{11} Masterpiece Theatre é uma série dramática de televisão produzida por um canal aberto de Boston.

{12} Kumbaya, uma canção espiritual tradicional dos Gullahs afro-americanos (a palavra significa "Vem até aqui"), sendo uma das mais conhecidas canções folk dos anos 60.

{13} Tipo de uva.

{14} Twinkies são bolinhos muito famosos nos Estados Unidos.

[{15}](#) Damonglass – Vidros Demoníacos – Aqui ele fala a respeito da espada, a única forma de matar um demônio.

[{16}](#) Aqui ela quis fazer uma brincadeira: witches (bruxas) e bitches (cadelas) têm pronuncia parecida.

[{17}](#) Música da Pocahontas.

[{18}](#) Permafrost é um tipo de solo encontrado no ártico. É constituído por terra, gelo e rochas permanentemente congelados.

[{19}](#) Miyagi: o mestre dos filmes Karet Kid.

[{20}](#) Marca de produtos de beleza.

[{21}](#) New Age: fusão de ensinios metafísicos de influência oriental, de linhas teológicas, de crenças espiritualistas, animistas e paracientíficas, com uma proposta de um novo modelo de consciência moral, psicológica e social além de integração e simbiose com o meio envolvente, a Natureza e até o Cosmos.

[{22}](#) Neener: expressão utilizada nos anos 40 para ridicularizar, para provocar.

[{23}](#) É um personagem do programa infantil Sesame Street, bem como de sua versão Brasileira intitulada Vila Sésamo.

[{24}](#) Aqui ela quer fazer uma brincadeira chamando o lugar do encontro de arrepiante, assustador (creepy = arrepiante)

[{25}](#) Goblins são criaturas geralmente verdes que se assemelham a duendes. Fazem parte do folclore nórdico, nas lendas eles vivem fazendo brincadeiras de mau gosto.